



# Café com açúcar

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa  
Sandra R. Molina

Accacio Nogueira Adolfo Bianchi Agenor Barbosa Al  
Lunardelli Alexandre Silva Altino Arantes Alzira M  
Osório Diniz Junqueira Ana Schmidt Analecto Ar  
Correa da Costa Antonio de Mendonça Uchôa Filho A  
Antonio Joaquim de Moura Andrade Antonio Lob  
Torquato Fortes Armando Álvares Penteado Arrió A  
Auguste-Marie Taunay Augustin François César Pr  
Zaluar Augusto Ribeiro de Loyolla Balzac Barão de  
Barão de Joatinga Barão de Ribeiro Barbosa Barcel  
Mamede Bernard Gregoire Bernardo Clemente Pint  
Desmoulins Campos Salles Carlos Carlos Dulby Carl  
Célia de Bondezan de Oliveira Célia Pousoni Cerva  
Conde de Scey Constância Costinha D. João V D. João  
Campos Diego Angeli Diego Antonio Feijó Doca Bor  
de Macedo Edgar Degas Emerenciano Alvez da Cunh  
Etelvina Eugênia Eugenio Belloti Eurico Gaspar Du  
Flavio de Mendonça Uchôa Floriano Francescari  
Cassoulet Francisco da Cunha Junqueira Francisco  
Leitão Francisco Marquês Inglês de Souza Francisco  
Diniz Junqueira Francisco Pereira Barreto Francis  
Junqueira Gabriel Mathieu de Clieu Gabriel Orla  
Geremia Lunardelli Gertrudes Rauskolb Schmidt Ge  
Monteiro Goethe Grandejean de Montigny Gui  
Toulouse-Lautrec Henrique Dumont Henrique Luiz  
da Fonseca Hyppolito Pujol Ignácio Penteado Inglês  
Davez J.J. Machado de Oliveira Jacob Jacob Schmidt  
Debret João João Alves Meira Júnior João An

rtine Kolh Alberto Santos Dumont Albina Furlanetto  
Americo Baptista da Costa Américo Brasiliense Ana  
France Angelo Festucci Antônio Carbella Antonio  
o Diederichsen Antônio Henrique de Lima (Pardinho)  
onio Manuel de Melo Castro e Mendonça Antônio  
Diederichsen Arthur Schmidt Assis Chateaubriand  
çal de Saint-Hilaire Augusto Comte Augusto Emílio  
r Valim Barão de Almeida Valim Barão de Bananal  
onesa de Rouan Barreto Bento de Paula Souza Bento  
ardo de Lorena Braz Carneiro Leão Calvino Camille  
arreirinho Carvalho Castlereagh Catarina de Médici  
hiquinho Clemente VIII Colombo Conde de Gestas  
Pedro I D. Pedro II Danton David Harvey Deus Dias  
mingos Innechi Domingos Moitinho Duarte Ribeiro  
ácio Pessoa Ermínia Viera Zanutin Ernesto Schmidt  
io Barreto Faria Fernanda Fernando Costa Ferreira  
sco Matarazzo Francisca Silveira do Val Francisco  
elo Palheta Francisco Ferdinando Francisco Gomes  
miano Junqueira (Coronel Quito) Francisco Orlando  
amidt Frederico Junqueira Gabriel Diniz de Souza  
ixeira Junqueira Gavriolo Princip George Canning  
s Schmidt (filha) Getúlio Vargas Gildo Faustino Goés  
e Schmidt Gustave Eiffel Haussman Henri de  
vedo Marques Henrique VIII Henry Drives Hermes  
za Iria Alves Ferreira Isabel Isidoro Dias Lopes J. A  
acob Schmidt (filho) Jacques Le Breton Jean Baptiste  
Apolinário da Silveira João da Maia da Gama



# Café

com açúcar

2ª Edição



# Café com açúcar

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa  
Sandra R. Molina

ORGANIZAÇÃO • Dulce Neves e Luciana Rodrigues  
PESQUISA • Helena de Oliveira Rosa  
PREFÁCIO • Luiz Octavio Junqueira Figueiredo  
REVISÃO • Eva Barbosa  
PROJETO GRÁFICO • Rita Corrêa  
FOTOGRAFIA DE CAPA • Floortje/istockphoto.com  
IMPRESSÃO • São Francisco Gráfica e Editora

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C129

Café com Açúcar / Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa, Sandra  
R. Molina - 2ª ed. Ribeirão Preto, SP: Fundação do Livro e  
Leitura de Ribeirão Preto, 2018.

ISBN 978-85-54168-00-1

1. História. 2. Café. 3. Cana-de-açúcar. 4. Cafeicultura 5. História do  
Café. I. ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. II. MOLINA, Sandra R. III.  
Título: Café com Açúcar.

CDD 633.73

Esta edição conta com o patrocínio da Usina Alta Mogiana e com o apoio da  
Lei de Incentivo Cultural, do Ministério da Cultura.  
Lei 8.313, de 23 de dezembro de 1991

Todos os direitos desta edição estão reservados e protegidos pela Lei 9.610/98 à

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO  
Rua Professor Mariano Siqueira, 81, Jd. América | Ribeirão Preto | SP  
(16) 3911.1050  
[www.fundacaodolivroeleitura.com](http://www.fundacaodolivroeleitura.com)  
[contato@fundacaodolivroeleitura.com.br](mailto:contato@fundacaodolivroeleitura.com.br)

# Cronologia do Café

1475

## PRIMEIRA CAFETERIA DA HISTÓRIA

É fundado o Café Kiva Han, considerado como a primeira cafeteria da história, instalada em Constantinopla. É atribuído aos turcos o hábito cotidiano de tomar café.

1510

## O CAFÉ CHEGA AO CAIRO, EGITO, E EM MECA, NO MUNDO ÁRABE

1663

## CAFÉ NO MARANHÃO

Já se tem conhecimento da existência do café no Maranhão.

1727

## FRANCISCO DE MELO PALHETA E O CAFÉ

Francisco de Melo Palheta introduz as primeiras mudas de café no Pará.

1822

## O CAFÉ SUPERA A CANA

O café supera a cana-de-açúcar como produção agrícola no Brasil.

1836

## PRIMEIRAS PRODUÇÕES DE CAFÉ NO NORDESTE PAULISTA

Em 1836, foram plantados os primeiros pés de café na antiga vila de Franca. Em São Simão, os primeiros pés de café começaram a ser plantados em 1840.

1850

## FIM DO TRÁFICO NEGREIRO

1868

## O CAFÉ CHEGA A RIBEIRÃO PRETO

Na década de 1860, os primeiros pés de café chegam a Ribeirão Preto.

1872

## FUNDAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO MOGIANA

A construção da estrada Mogiana visava a atender a região do nordeste paulista, que até o momento se encontrava à margem da economia do café.

1875

## GABRIEL DINIZ DE SOUZA JUNQUEIRA JÁ POSSUI DESTACADA PRODUÇÃO DE CAFÉ EM RIBEIRÃO PRETO

Gabriel Diniz de Souza Junqueira já possuía 50 mil pés de café em Ribeirão Preto, sendo que outros membros da família também se dedicaram a cafeicultura.

1876

PEREIRA BARRETO COLETA  
AMOSTRAS DO SOLO DA REGIÃO  
DE RIBEIRÃO PRETO

Em janeiro, Luíz Pereira Barreto coletou amostras da terra da região de Ribeirão Preto e as mandou para análise na Europa, e depois publicou os resultados de sua pesquisa no Brasil.

O CAFÉ BOURBON NA REGIÃO  
DE RIBEIRÃO PRETO

Em novembro, Pereira Barreto trouxe consigo o café Bourbon e 60 escravos para desmatar a terra e plantar seu primeiro cafeeiro. Rodrigo, irmão de Luiz Pereira Barreto, foi quem introduziu em sua fazenda, em Cravinhos, o café Bourbon.

1877

MARTINHO PRADO JÚNIOR  
EXPLORA A REGIÃO E ESCREVE  
ARTIGOS SOBRE O POTENCIAL  
DO SOLO

Depois de explorar a região, em 1877, Martinho Prado escreveu artigos sobre o potencial do solo da região de Ribeirão Preto para o cultivo do café.

22 de dezembro de 1878

O CAFÉ ENTUSIASMA OS  
POLÍTICOS LOCAIS

Os vereadores da Câmara Municipal de Ribeirão Preto demonstravam grande entusiasmo ao tratar do tema café, acreditando nas possibilidades do novo cultivo.

1883

MOGIANA CHEGA A RIBEIRÃO  
PRETO

Inauguração da Linha Férrea, pela Companhia Mogiana, que ligava Ribeirão Preto, Campinas e São Paulo. A concessão havia sido conseguida em 1880.

1886

D.PEDRO II E SUA MULHER,  
DONA TERESA CRISTINA,  
VISITAM RIBEIRÃO PRETO

O imperador e sua esposa chegaram pela Mogiana e a recepção ocorreu no próprio local. Ficaram hospedados na Rua General Osorio, 554.

1890

O PRIMEIRO REI DO CAFÉ:  
HENRIQUE DUMONT

Henrique Dumont é o maior produtor de café, produzindo 50 mil arrobas na Fazenda Arindiúva. Em segundo lugar, estava Manoel de Souza Menezes, com 20 mil arrobas, na Fazenda Tamanduá e, por fim, o terceiro era Martinho Prado Júnior, com 17 mil arrobas, que foram produzidas nas Fazendas Albertina e Guatapará.

FRANCISCO SCHMIDT CHEGA A  
RIBEIRÃO PRETO E COMPRA A  
FAZENDA MONTE ALEGRE

Francisco Schmidt, que comprou a propriedade, pagou exatos 600 contos de réis, em 1890, em valores nominais ao antigo proprietário: João Franco de Moraes Octávio.

1897

#### O CAFÉ CONSTRÓI TEATRO

Nesse ano, foi inaugurado o Theatro Carlos Gomes. Com o investimento do cafeicultor Francisco Schmidt e outros é construído um dos maiores teatros do País na época.

1901

#### GRANDE CONTINGENTE DE IMIGRANTES ITALIANOS EM RIBEIRÃO PRETO

“De um total de 6.297 trabalhadores que chegaram ao município de Ribeirão Preto no ano de 1901, 5.341 (84,4% eram de nacionalidade italiana, a maioria da região do Vêneto, 42,4% e da Toscana, 33,7% (CALSANI, 2014, p. 140))”.

1901

#### CRIAÇÃO DA CASA COMISSÁRIA JUNQUEIRA, GUIMARÃES, LEITÃO E CIA.

Foi fundada por um grupo de fazendeiros: coronel José Frauzino Junqueira Netto e coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira, de Orlandia; Dr. Antônio Torquato Fortes, José Manuel de Azevedo Marques e capitão Henrique Luiz de Azevedo Marques, de Nuporanga; Dr. Gabriel Orlando Texeira Junqueira, de Conquista; coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, de Ribeirão Preto; Francisco Gomes Leitão, de Cravinhos; e Francisco Marcos Inglês de Souza, de Itapira. Depois, a casa comissária passou a ser dirigida por José Mário Junqueira Netto e passou a se chamar Casa Comissária Junqueira, Netto & Cia.

1901 - 1902

#### O CAFÉ ESTÁ EM TODAS AS PARTES

O número de cafeicultores chega a 256 dos 265 estabelecimentos agrícolas de Ribeirão Preto.

4 de novembro de 1903

#### O CAFÉ DA REGIÃO AJUDA A DAR ASAS PARA SANTOS DUMONT

A Câmara Municipal aprova a lei 100, que concede subsídio de um conto de réis para Santos Dumont.

1904 - 1905

#### RIBEIRÃO TORNA-SE A MAIOR PRODUTORA

A colheita no município foi superior à de suas duas principais concorrentes, ou seja, Campinas, com 1.355 mil arrobas e Jaú com 1468. O café, em Ribeirão Preto, suplantava as outras atividades agrícolas e gerava para a sua colheita um valor superior a oito mil contos de réis.

1908

#### CHEGADA DOS IMIGRANTES JAPONESES A RIBEIRÃO PRETO

Trazidos pelas linhas de ferro da Mogiana, era um total de 52 famílias, contabilizando 210 pessoas, e vindos das províncias de Fukushima, Kumanoto e Hiroshima.

1913

#### LE ROI DU CAFÉ

Francisco Schmidt foi reconhecido como o maior produtor de café do Brasil e do mundo, recebendo o título de Rei do Café.

1918

#### GRANDE GEADA DEIXA CAFÉ TORRADO

Uma geada, no ano de 1918, reduziu a produção de café, que mantinha uma média superior a dois milhões de arrobas, em 1917-1918 para apenas 560 mil arrobas, em 1919-1920.

1920 - 1929

#### NOVAS ÁREAS PARA O CAFÉ

Áreas como Jaú e Pirajaú começam a apresentar grandes volumes de produção cafeeira.

1924

#### MORRE O REI DO CAFÉ FRANCISCO SCHMIDT

Francisco Schmidt faleceu em 18 de maio e logo depois foi feita uma homenagem ao cafeeicultor na Câmara Municipal.

1927

#### O CAFÉ TEM UM NOVO REI

Geremia Lunardelli é consagrado como o maior produtor de café do Brasil.

1940

#### O CAFÉ AINDA É FORTE

No censo de 1940, registrou-se 193 estabelecimentos plantadores de café, que produziam 440.267 arrobas do produto no município de Ribeirão Preto. Entre os anos de 1940 e 1950, a cafeeicultura se expande para a região de Londrina, no Paraná.

1962

#### MORRE O ÚLTIMO REI DO CAFÉ

Geremia Lunardelli falece em 9 de maio de 1963, com 76 anos de idade.

1998

#### BOLSA OFICIAL DE CAFÉ VIRA MUSEU

É criado o Museu do Café de Santos no prédio da antiga Bolsa Oficial de Café.

2016

#### BRASIL: MAIOR PRODUTOR DE CAFÉ DO MUNDO

O Brasil ainda é o maior produtor de café do mundo e seu produto é consumido por 127 países.

# Prefácio

*QUERO ENFATIZAR, INICIALMENTE, A GRANDE HONRA COM QUE RECEBI O CONVITE* para prefaciар esta magnífica façanha literária, que retrata e atualiza, com irretocável estilo, a influência das culturas cafeeira e canavieira sobre a história econômica, política e cultural do Brasil, com destaque para a cidade de Ribeirão Preto, a partir de sua fundação, em 1856, até a atualidade.

A obra que acaba de sair do prelo é, indubitavelmente, detentora de predicados que a qualificam como imperdível, pois cativa o leitor do início ao fim. Dotada de clareza e didática ímpares, elegância no estilo e robustez nas pesquisas bibliográfica e historiográfica da presença do café e da cana-de-açúcar em Ribeirão Preto, o compêndio foi dividido estrategicamente

em dois livros — este *primeiro volume*, com foco na cafeicultura, complementado pelo *segundo volume*, que enfatiza a cultura canavieira.

O presente volume inicia-se com breve perspectiva histórica do café, sua introdução no Brasil e na fértil terra roxa de região de Ribeirão Preto, fomentando, outrossim, importantes ramos de negócio, como os setores comercial, bancário, siderúrgico e industrial, gerando riqueza e renda e transformando fazendas em pequenas cidades.

O texto cuidou também de pontuar a atuação de imigrantes que muito contribuíram para o desenvolvimento regional.

Em capítulo apartado, foi retratado o protagonismo de famílias proeminentes, como as de **Francisco Schmidt** (o Rei do Café), **Antônio Diederichsen**, **Joaquim da Cunha Diniz Junqueira** (Quinzinho da Cunha) e **Henrique Dumont**, entre outras, traçando interessante paralelo entre o café e o poder político-econômico em Ribeirão Preto e região, da qual, aliás, saiu o célebre **Santos Dumont**.

A *belle époque* da Ribeirão Preto de outrora transformou-a em destacadíssimo centro cultural, político e econômico; a cidade recebia a visita de celebridades em seus teatros e casas de espetáculo, influenciando, até mesmo, na escolha de Presidente da República.

Todavia, com o *crash* de 1929, da Bolsa de Valores de Nova York, a cidade e região mergulharam em crise profunda, quando então foram introduzidas novas culturas agrícolas e ampliadas as áreas de comércio e educação, em especial, com a instalação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), em 1952, nas terras de Fazenda Monte Alegre, então pertencente ao Rei do Café, **Francisco Schmidt**.

Dessa forma, chegamos em 1975, com a criação do Programa Nacional do Álcool (Proálcool - de apoio à produção de etanol —, para enfrentar o abrupto aumento de preços do petróleo no mercado internacional).

Iniciava-se um novo ciclo – o da cana-de-açúcar, para a produção de açúcar, etanol e energia elétrica.

*Luiz Octavio Junqueira Figueiredo*

# Sumário

<i>INTRODUÇÃO</i> _____	17
<i>DAS FLORES COM AROMA DE JASMIM E CEREJAS COMO FRUTOS: AS ORIGENS DO CONSUMO DA COFFEA ARÁBICA</i> _____	21
<i>DE COMO LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO... OU A AVENTURA QUE TROUXE O CAFÉ PARA O BRASIL</i> _____	37
<i>E O CAFÉ CHEGA A SÃO VICENTE: TERRA DOS AVENTUREIROS INDOMÁVEIS QUE EXIGEM EXPLICAÇÃO</i> _____	55
<i>DAS FLORES DO CAFÉ AOS GRÃOS COLHIDOS POR BRAÇOS CATIVOS E IMIGRANTES ILUDIDOS: CADA QUAL COM SEUS SONHOS DE LIBERDADE</i> _____	67
<i>A TERRA-CHÃO DA BOCA DO SERTÃO</i> _____	91

<i>MESTIÇO NAS TERRAS PAULISTAS: O BOURBON</i> _____	99
<i>ASAS DE DUMONT</i> _____	117
<i>EMPREENDEDORISMO EM TEMPOS DE CAFÉ</i> _____	131
<i>O MUNDO NOS GRÃOS DO CAFÉ</i> _____	143
<i>SOB O FIO DE BIGODE DO CORONEL</i> _____	151
<i>A ESTRADA DOS CAFEZAIS É DE FERRO</i> _____	163
<i>O CAFÉ DE SAIAS</i> _____	177
<i>A CRISE COROA O ÚLTIMO REI</i> _____	189
<i>O CAFÉ VIRA HISTÓRIA</i> _____	209
<i>ÚLTIMAS PALAVRAS AO LEITOR</i> _____	219
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i> _____	222
<i>REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS</i> _____	239

# Introdução

*UMA HISTÓRIA DE MUITAS CORES.* Começa com o vermelho da terra, que tinga a sola dos pés, encarde a roupa e enferruja o nariz. Nas leiras cavadas pelo arado, puxado primeiro pelo animal e depois pelo trator, misturam-se torrões compactos.

De súbito, rompe a vida, que surge do inanimado da terra rubra e faz-se verde em um pequeno pé de planta. No início, brota acanhada, magra, tateando o ar em seu entorno e almejando o azul vibrante do céu. Lá em cima, paira o gavião, com suas asas longas e porte imponente. Olha para baixo e nota que o brotinho é só potência. Nele, acumulam-se expectativas de trabalho, renda, grandes safras e, principalmente, encontros.

Quatro anos e a planta toma forma. Fica viçosa. Ostenta um verde tipicamente dela. Agora já tem nome: cafeeiro. Então, chega a primavera e com ela as primeiras chuvas, depois de longa estiagem. Aqui e acolá, o mar verde é pintado de branco.

*Meu cafezal em flor, quanta flor meu cafezal!*<sup>1</sup>

É a florada!

Um lindo véu de branca renda, que se entende sobre a fazenda, igual a um manto nupcial. Quem passa pela estrada, sozinho, ou de mãos dadas, fica todo perfumado pela flor do cafezal. Mas, um dia passa a noite fresca, e vem o sol ardente e bruto. Como um ciclo, passa o tempo em que a vida é toda encanto. Murcham e morrem as seis pétalas e nasce o fruto, no lugar de cada flor.

O véu de branca renda se tingem de vermelho. Chega a hora da colheita. Seco, batido, peneirado, desnudado pelo suor do trabalho, nasce o negro amargo que chega à boca rosa da dama e ao bigode castanho do cavalheiro.

Enquanto isso, lá na roça, o ciclo volta ao começo. Como um refrão de música que se repete, novamente...

*Meu cafezal em flor, quanta flor meu cafezal!*

E nesse ritmo lá se vão mais de duzentos anos de um tear de fios que tecem a trama da história do café no Brasil. Clandestino, primeiro foi estrangeiro que veio de longe. Deitado nas terras férteis fluminenses adaptou-se e gerou riqueza com os braços fortes e sofridos dos escravos.

Planta faminta, teve fome de terra nova. Subiu a serra. Serpenteou pelo Paraíba, beijando Bananal, Resende e Aparecida. Chegou a Campinas e lá fez morada. Naturalizou-se como mestiço da terra com nome francês: Bourbon. Apeou do burro na boca do sertão e selou paixão com o chão da cor de seu fruto. Na região de Ribeirão Preto, pelos braços bronzeados dos imigrantes, se fez a alquimia.

O café virou aço, virou teatro, virou cerveja e, até música, virou.

---

<sup>1</sup>Introdução inspirada na canção Flor do Cafezal, de Luiz Carlos Paraná, eternizada na voz da dupla Cascatinha e Inhana, em 1967.

Veio a geada e depois a crise. Pé por pé, foram sendo arrancados, os cafeeiros. Nas terras onde tudo era grão vermelho, a cana-de-açúcar cresceu e, aos poucos, ganhou espaço, herdando a fome de terra do seu companheiro.

Então, seguiu viagem. Saltou o rio Grande e ganhou Minas, que antes eram tantas e gerais. Não contente, o conquistador chegou ao Paraná, ao Mato Grosso, ao Espírito Santo e a tantas outras paragens, tornando-se rei da *terra brasilis*.

E é essa a história que convidamos o leitor a ler, ou, melhor, a degustar. Sem medo, soltamos as amarras que aprisionam o sentimento e escrevemos emoção, não palavras.



# Das flores com aroma de jasmim e cerejas como frutos: as origens do consumo da coffeea arábica

*MUITAS SÃO AS IMAGENS E OS SENTIMENTOS* que envolvem o café. Algumas frases são reveladoras, independentemente da autoria, uma vez que caíram no gosto popular:

*Café primeiro, problemas depois. Ou, a necessidade básica do coração humano, durante uma grande crise, é uma boa xícara de café quente. Ou, ainda, o café deve ser negro como o diabo, quente como o inferno e doce como o amor.*

Ou, finalmente:

*A amizade é como café, uma vez frio, nunca mais volta ao seu tamanho original, mesmo aquecido.*

Contudo, um ditado ancestral, que diz mais ou menos assim: *Segure uma xícara de café e tenha a história nas mãos*, é lapidar.<sup>2</sup>Sua trajetória desde

---

<sup>2</sup>Estas primeiras páginas foram inspiradas nas pesquisas de: MARTINS, Ana Luiza. *História do café*. Editora Contexto, 2012 e STANDAGE, Tom. *História do mundo em 6 copos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, duas obras muito oportunas sobre o café.

a descoberta, até sua consolidação em território brasileiro, transformando nosso País em liderança no mercado mundial, por muito tempo, poderia bem ter sido criada por **Voltaire**, nos moldes de suas *Cartas Persas* ou seu *Cândido*, tal a quantidade de peripécias e personagens envolvidos. Muitas são uma mistura tão sofisticada de realidade com fantasia que o desejo de submergir no imaginário é quase irresistível. E uma delas começa mais ou menos assim...

Era uma vez na Etiópia, um país localizado no chamado Chifre da África e que, no século XXI, faz limite com a Eritreia, ao norte; com o Djibuti, a nordeste; com a Somália, a leste; com o Sudão, a oeste; e, finalmente, com o Quênia, ao sul. Esse país, que hoje povoa os jornais com trágicas notícias de secas periódicas e população subnutrida, ocupa a região com a mais antiga marcação da presença humana<sup>3</sup>.

Ali, no deserto Awash, sua região central, foi encontrada **Lucy**, o espécime humano mais antigo de que se tem notícia na história da nossa trajetória evolucionária, com cerca de 3,2 milhões de anos, e que derrubou as teorias eugênicas de pseudo superioridade branca, uma vez que comprovou a origem do Homem na África.

Essa mesma Etiópia habitou o imaginário dos aficionados nas riquezas e mistérios do Oriente, uma vez que foi governada pela **rainha de Sabá**, uma líder amada e temida por seu povo, famosa pela beleza, virtude e, finalmente, pela riqueza em que vivia. Curiosa com as notícias sobre o reinado do **rei Salomão**, o teria visitado, permanecendo entre os judeus por alguns meses, tempo em que se envolveu em intenso romance com o mencionado rei e engravidado. O filho dessa relação, **Menelik**, teria governado o país por muitos anos<sup>4</sup>.

Pois bem, na região específica de Kafa, no interior da Etiópia, cujo solo era fértil em campos e pastagens, segundo a tradição, também descrita em alguns manuscritos iemenitas de 575 d.C., um pastor de cabras, **Kaldi**, em

---

<sup>3</sup>Sobre a Etiópia: História geral da África, IV: África do século XII ao XVI / editado por Djibril Tamsir Niane. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

<sup>4</sup>Uma breve discussão sobre essa tradição oral contida na Bíblia, descrita por Flávio Josefo, na Antiguidade, e como se apresentou na literatura, pode ser encontrada em: SOUZA NETO, José Maria Gomes de; MELO, Marcos José de. Literatura africana antiga: essa ilustre desconhecida. Eutomia, ISSN: 1982-6850, v. 1, n. 6.

um dia mais tranquilo de trabalho, recostou-se em um pequeno arbusto e se pôs a observar seu rebanho. Ficou por horas nessa tarefa, quando notou que alguns animais ficavam excitados e alegres após consumir algumas frutinhas marrom-avermelhadas espalhadas ao pé de uma árvore. Essa árvore-arbusto, um cafeeiro selvagem, era e ainda é comum nessa província etíope. Curioso, resolveu prová-las, comprovando seu poder estimulante. Informado pelo pastor da descoberta, o curioso líder religioso local desenvolveu a primeira forma de preparo, secando as frutinhas e posteriormente fervendo os grãos. Alguns autores explicam ainda que, em geral, os etíopes utilizavam sua polpa doce como fruta *in natura* ou a misturavam na banha para as refeições.

Esta história seria suficiente para entender a já mencionada posição ocupada pelo café no imaginário popular. Entretanto, outra tradição atribui a **Omar**, um sentenciado condenado a vagar e morrer de fome no deserto próximo à cidade de Mocha, localizada no Iêmen, um país do Oriente Médio distante cerca de 1.125 quilômetros da Etiópia, a descoberta do café. Segundo consta, sedento e faminto, ele teria tido uma visão que o conduziu até a planta. Experimentou, então, o fruto que o munuiu de energia o suficiente para voltar vivo à mencionada cidade. Ali, sua pena foi comutada em função do milagre de sua sobrevivência ser atribuído ao desejo divino. Não se sabe ao certo, mas talvez, em função dessa tradição, a fruta tenha recebido o nome de *kahwah* ou *cahue*, “força” em árabe.

A tradição popular também atribui, ao Iêmen, o lugar onde a bebida assumiu sua forma clássica de preparação e foi incorporada ao gosto popular. Nessa região, localizavam-se as primeiras plantações, que se desenvolveram até o século XIV. Os pés eram cultivados com auxílio de irrigação, o que garantiu por muitos anos, ao Iêmen, o monopólio do produto. Apenas por volta do ano 1000 é que as frutinhas passariam pelo processo de infusão e a bebida seria utilizada para fins medicinais.

Ali, para alguns, ainda no século XIV, e, para outros, no século XV, um intelectual e religioso chamado **Muhammad al-Dhabhani** desenvolveu a torrefação transformando a bebida, que passou a ser usada, em especial, pelos dervixes, sacerdotes muçulmanos da corrente sufista do islamismo, fundamentada na contemplação e fortemente envolvida pelo misticismo. Muitos utilizavam o café para se manter despertos e concentrados em suas atividades ritualísticas.

Amplamente divulgado, por volta de 1510, o café chegou ao Cairo, no Egito e em Meca, cidade rica, poderosa por seu comércio e considerada sagrada pelo Islamismo, em direção a qual todo muçulmano deve rezar seis vezes ao dia e localizada na Arábia Saudita. Por suas ruas movimentadas, povoadas de peregrinos e viajantes de todas as partes do mundo então conhecido, o café era vendido por ambulantes com grandes recipientes ou poderia ser encontrado nas primeiras ancestrais cafeterias. Era uma alternativa interessante às tabernas, como espaço de sociabilidade, uma vez que a ingestão do vinho ou qualquer outra bebida alcoólica era proibida para os muçulmanos, fossem eles de qualquer das vertentes oriundas do Alcorão e do Sunna.

Assim, por volta de 1511, essas cafeterias tornaram-se espaço para encontros entre comerciantes e intelectuais, que passavam muitas horas consumindo, conversando, refletindo, trocando ideias... Então... Ideias são sempre ameaçadoras... Elas podem ser mais poderosas do que muitos exércitos... De fato, no século XXI, como no XVI, elas comandam para onde se encaminham os exércitos!

Um pouco por essa razão e outro tanto por causa das substâncias excitantes do café, que o colocaria no mesmo patamar do vinho, ou seja, banido da lei religiosa, é que algumas autoridades sacerdotais se organizaram e exigiram que o governador **Kahir Beg** banisse a frutinha poderosa.

Este, por sua vez, procurando uma saída pretensamente neutra para a situação, resolveu levar o café a julgamento público!

Se ousarmos imaginar, a cena pode ter sido assim...

A sala das audiências, a mais requintada de seu imenso palácio, era toda revestida de mármore, seda e brocados. No ar, um leve aroma dos luxuosos difusores queimando os sofisticados óleos essenciais de cravo, canela, olíbano, oliva, entre outros. Decorada com objetos preciosos oferecidos pelos peregrinos que por aquela cidade passavam, agradecidos após a finalização de um dos principais mandamentos de sua religião, recebeu o governador, acomodado em seu trono. De um lado, estava um grupo de especialistas nas letras da lei; de outro, um grupo de sacerdotes de aspecto grave, todos com muitas barbas e notório saber evidenciado pelos cabelos brancos. À frente do grupo, um imenso bule de prata, inteiramente trabalhado pelos ourives, com o cuidado e esmero pelo qual o Oriente se notabilizou e que carregava

em seu interior a bebida perigosa que poderia causar discórdia entre povos de origem tribal arduamente unidos pela fé de **Maomé**.

Após muita discussão a sentença foi a de que o café era perigoso e sua comercialização e ingestão deveriam ser proibidas. A partir de então, e por certo tempo, a caça às bruxas foi empreendida. Pelas ruas de Meca, soldados do governador invadiam as cafeterias, apreendiam e queimavam o grão. Comerciantes e consumidores resistentes eram espancados e alguns aprisionados. Tal estado de coisas acalmou os sacerdotes tradicionalistas, mas incomodava uma parcela de mercadores que via na comercialização do café um excelente negócio. Isso porque, desde a sua descoberta e durante o século XVI, a bebida possuía excelente potencial para produção e exportação. Tanto que, por volta de 1520, a região de Moka tornou-se de suma importância para esse produto e seu porto, um dos mais importantes do mundo árabe, para sua exportação.

As reclamações eram muitas e chegaram até o Cairo, onde o sultão, mais estratégico que o governador, mandou executar **Kahir Beg**, e decretou a bebida sagrada. Tão sagrada que, no século XVI, na Turquia, uma esposa poderia se divorciar, caso seu marido não a provesse de sua cota doméstica de café!

## A bebida é boa... Enganemos o diabo!

As confusões e contestações sobre a frutinha não terminaram com a execução do governador. Mesmo tendo sido absolvido em uma espécie de tribunal superior, beber café naquela época nunca foi simplesmente beber café... Entre os islâmicos, as cafeterias continuavam sendo um problema, pelo café que era excitante, pelas conversas, intrigas e debates políticos que o ambiente propiciava e, finalmente, por que também ali, em meio ao burburinho da conversa e os diversos narguilés, jogavam-se xadrez e gamão, uma prática moralmente duvidosa para os princípios religiosos.

Alguns autores explicam que, em determinadas épocas, as cafeterias eram perseguidas, mas a proibição não se sustentava, porque, a rigor, nenhuma lei religiosa havia sido rompida. No século XVII, elas já eram fato consumado. Tanto que os viajantes que por ali passavam, rapidamente, aprendiam que, se

desejassem informações e notícias recentes, poderiam certamente conseguí-las nesses lugares. Na Turquia, em especial na ancestral Constantinopla, é possível datar em 1475 a presença da considerada primeira cafeteria da história, o café Kiva Han, e atribui-se a eles, os turcos, a difusão do hábito de tomar café cotidianamente. Posteriormente, tais espaços passaram a ser conhecidos por Kaveh Kanes. Eram famosos por seu luxo e sofisticação e pela frequência exclusivamente masculina. Na sequência, vieram as cafeterias em Meca, Cairo e Damasco. Segundo a tradição, o hábito de tomar café com açúcar foi iniciado nas cafeterias do Cairo!

Não obstante as perseguições e liberações, o café manteve-se e até impostos foram criados sobre ele, tal a capacidade de difusão e reverberação financeira no mundo árabe, tornando-se fonte poderosa de renda para os países.

Para se transformar em uma planta, o grão do café precisava estar envolto em uma película, chamada, na época, *pergaminho*, para produzir. Assim, os árabes, ciosos de seu monopólio sobre a *coffea arabica*, só autorizavam a saída da semente/grão após a certeza da retirada do mencionado *pergaminho*. Fazendo assim, mantiveram sua exclusividade por largo tempo<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>“A forma mais utilizada para a propagação do cafeeiro é por mudas provenientes de sementes. A semente é plana, convexa, elíptica ou oval, sulcada na face plana, sendo constituída por embrião, endosperma e um envoltório, representado por uma ‘película prateada’, ou espermoderma, constituída por células esclerenquimatosas (Dedecca, 1957, 1958; Huxley, 1965; Zamora e Soto, 1976; citados por Rena e Maestri, 1986). Sementes de cafeeiro apresentam germinação lenta, aumentando consideravelmente o período de formação das mudas, além de apresentarem baixa longevidade. [...] A causa da germinação lenta ainda não foi elucidada. Há evidências de que a presença do endocarpo (*pergaminho*) na semente exerça influência na sua germinação, por impedir a absorção de água e O<sub>2</sub> pela semente (Bendanã, 1952; Válio, 1980). No entanto, alguns autores verificaram que fragmentos de *pergaminho* misturados às sementes inibem a germinação e que a difusão de gases e água é um fator secundário (Velzco; Gutierrez, 1974). Válio (1976) observou que no solo o *pergaminho* é rapidamente decomposto pela flora microbiana, ocorrendo a germinação, e que em meio asséptico a presença do *pergaminho* inibe a germinação. Segundo o mesmo autor, essa inibição não se deve à insuficiência na absorção de água, mas sim a algum mecanismo de resistência imposto pelo *pergaminho* sobre o desenvolvimento do embrião. A remoção do *pergaminho*, aliada ao aumento da temperatura até 30°C, propicia a germinação em períodos menores (Rena; Maestri, 1986).” PEREIRA, Carlos Eduardo et al. *Determinação de inibidores da germinação no espermoderma de sementes de café*. 2001, p. 91-92. Adaptado. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/handle/123456789/1178>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

Se, por um lado, os árabes controlavam o processo de plantio, por outro, possuíam interesse em que o grão para o preparo da bebida fosse difundido e comercializado o mais amplamente possível. Quanto maior o número de apreciadores da bebida, maior os ganhos comerciais com exportação. E foi exatamente o que aconteceu logo após o domínio do processo de torrefação e moagem. À época, muitos eram os viajantes e caravanas que passavam pela região em busca de especiarias e produtos exóticos que alimentassem a curiosidade dos europeus renascentistas e que ingressavam pelos portos das cidades-estados italianas. Com o café, não foi diferente. Muitos mercadores o transportavam pelo porto de Veneza e o revendiam nas feiras e cidades, com o epíteto de “licor do oriente”, o que o tornava mais atrativo!

Mas o século XVI não era para os fracos...

A Europa desse período era um continente em convulsão. O olhar do Homem para o mundo e para si mesmo estava em crise com as propostas dos pensadores do Renascimento. Para além da apropriação das chamadas línguas vulgares e nacionais e das implicações políticas dela decorrentes, uma nova estética de compreensão do que era o belo estava em curso. Incrível como um mesmo século conseguiu reunir tanto brilhantismo, sensibilidade e estratégia. Senão, vejamos, foi o tempo de **Maquiavel, Henrique VIII, Carlos V, Catarina de Médici, Michelangelo, Shakespeare, Cervantes** e tantos outros...<sup>6</sup>

Mas era também a Europa da tragédia da fome, das doenças e guerras localizadas. Da crise da Igreja Católica, da Reforma de **Lutero, Calvino** e **John Huss**, buscando maior proximidade entre Homem e Divindade; dos príncipes e reis se questionando se não poderiam se fortalecer ainda mais sem necessariamente manter a parceria com a instituição milenar.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Sobre esse período, existem obras de referência. Entre elas: BURCKHARDT, Jacob (1818-1897). *A cultura do renascimento na Itália: um ensaio*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991. BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada*, 3: da renascença ao século das luzes, São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v. 1 e 2, 1990.

<sup>7</sup>Acerca desse processo histórico, um texto interessante é o de MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As reformas religiosas na Europa moderna. Notas para um debate historiográfico. *Varia História*, v. 23, n. 37, p. 130-150, 2007 e DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, entre outros.

Era ainda a Europa da Contrarreforma de **Leão X**, da excomunhão, do Concílio de Trento e da retomada da Inquisição e da censura, que condenava e incinerava qualquer livro que falasse da beleza e liberdade do pensamento humano.

Nesse universo é que se insere o café. Logo de início, sofreu oposição da Igreja e do clero católico que o identificavam com os islâmicos, então já famosos por adotar essa bebida estimulante como hábito cotidiano. E sua associação aos infiéis muçulmanos não era pouca coisa, ou resmungo sem importância, quando lembramos que a última batalha da Guerra de Reconquista que os expulsara definitivamente da Espanha, em particular, e da Europa, havia ocorrido há poucos anos, em 1492, com a Conquista de Granada e no mesmo ano em que **Colombo** chegou à América.

Essa sombra sobre o café se estendeu até o século XVII, quando um grupo de chamados “homens de bem” pediram que o papa **Clemente VIII** se posicionasse quanto à questão. Para muitos, a bebida cristã por excelência era o vinho! Afinal estava nas escrituras!

Julgamento da frutinha mais uma vez...

O papa considerou, avaliou e não quis se manifestar, antes de provar a bebida, o que foi providenciado, não por acaso, por um mercador veneziano. A tradição relata que ficou maravilhado com o aroma e sabor e, pouco antes de morrer, em 1605, aprovou o consumo pelos cristãos. Na ocasião, teria dito:

*- Bem, esta bebida de satanás é tão deliciosa que seria um pecado deixar que somente os infiéis a utilizem. Enganemos satanás batizando-a!*

## Gente, Café e Ideias

As disputas travadas na Inglaterra e Itália sobre a pertinência ou não do café, replicaram-se na Alemanha, Holanda e França e dela participavam intelectuais, cientistas, religiosos e políticos. Na Alemanha, por exemplo, **Johann Sebastian Bach** chegou a compor a Cantata do Café, ironizando o absurdo da polêmica.

Contudo, para além dos debates e independentemente do beneplácito fornecido pelo papa, o café já era fato e a melhor aferição de tal realidade eram as diversas cafeterias espalhadas pelos países europeus. Descritas por diversos estudiosos como um palco de novidades, por excelência, eram uma espécie de espaço privilegiado para acesso de informações as mais diversas, mesmo que nem sempre confiáveis...

Na Inglaterra da Revolução Gloriosa, durante o século XVII, e parcialmente Puritana, as cafeterias também eram conhecidas como *coffeehouses*. Ali se reuniam altos comerciantes, banqueiros, políticos e intelectuais, e eram espaços de liberdade de expressão, de intrigas e debates políticos. Além disso, mantinham uma aura de maior respeitabilidade do que as tradicionais tabernas do populacho. De todo modo, as cafeterias eram divididas e reconhecidas pela natureza de seus frequentadores. Havia os cafés dos debates dos políticos, religiosos, intelectuais e mercadores, por exemplo. Vedadas à presença feminina, ainda assim eram espaços mais democráticos em uma sociedade marcada pelos títulos honoríficos.

O primeiro café da Europa ocidental foi aberto na cidade universitária de Oxford por um libanês chamado **Jacob**. Gerou certa contestação da parte de críticos que entendiam que tais espaços poderiam incentivar o ócio afastando os estudantes de seu foco: o conhecimento<sup>8</sup>. Outros os chamavam *universidade dos centavos*, pois, pelo preço de uma xícara de café, qualquer um poderia se sentir um acadêmico, participando livremente dos debates mais diversos.

Mas os comerciantes de vinhos e taberneiros não estavam muito satisfeitos com tamanha concorrência, se associando aos médicos e outros críticos da bebida. Para além do mote financeiro, as censuras eram diversas e residiam, mais uma vez, nas propriedades excitantes que poderiam envenenar o ser humano na medida em que propiciavam impotência e fraqueza. Ou então no gosto da bebida, associada por muitos a algo como um *xarope de fuligem*, isso porque a taxação do café era realizada com a bebida preparada, fazendo com que fosse vendido requentado.

Além disso, em tempos de transição para um futuro capitalismo industrial, o café na época era considerado também uma espécie de droga

---

<sup>8</sup>STANDAGE, Tom. Op. cit.

que, por seus elementos excitantes, poderia auxiliar na ampliação das horas diárias trabalhadas<sup>9</sup>.

Mas, para muitos, havia a inquietação com a quantidade de horas perdidas pelos homens nesses cafés, o que poderia levar à perda de tempo e ao ócio pernicioso. Nesse caso específico, havia ainda uma grande preocupação das mulheres londrinas, descrita em um folheto de nome *A Petição das Mulheres contra o café – apresentando à consideração do público as grandes inconveniências que se acumulam para o sexo feminino a partir do uso excessivo da bebida seca e debilitante*. Segundo o panfleto, seus maridos tomavam tanto café e ficavam tanto tempo nas cafeterias, proibidas à presença feminina, que tendiam a ficar estéreis, *colocando a raça inteira em perigo de extinção!*<sup>10</sup>

Se as cafeterias foram importante local de sociabilidade na Inglaterra, na França não foi diferente. Ao longo do tempo, os cafés franceses povoaram a imaginação de literatos e pessoas comuns, ao redor do mundo. Por volta de fins do século XVIII, só na cidade de Paris, havia cerca de 600 cafés.<sup>11</sup>

Os mais sofisticados, decorados com muita iluminação, livros, mesas com tampo de mármore, onde o café, *infiel* em sua origem, poderia ser saboreado pelos chamados *homens de bem* em uma refinada xícara de porcelana chinesa e acompanhado de elaborados quitutes de chocolate, substância sedutora vinda das Américas na parceria de pequenas taças de cristal contendo licores preciosos.

Essa primitiva globalização gastronômica se repetia também nos cafés mais populares. Ali, o transeunte encontrava refúgio das ruas estreitas, movimentadas e enlameadas da Paris pré-**Haussman**. Quando transpunha a porta rústica, encontrava uma iluminação frágil que se misturava a uma espécie de neblina causada pela fumaça do tabaco, também vindo das Américas, e que envolvia os balcões e bancos de madeira.

Neles, as pessoas se informavam não só das mais recentes novidades políticas, mas também ironizavam com comentários sarcásticos e, não

---

<sup>9</sup>TAVARES, Estela Lutero Alves et al. *A questão do café commodity e sua preciação: o “C Market” e a classificação, remuneração e qualidade do café*. 2002.

<sup>10</sup>STANDAGE, Tom. Op. cit, p. 114 -115.

<sup>11</sup>CORTEZ, Glauco Rodrigues. *Os cafés como espaços de comunicação. Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 5, n. 2, p. 187-196, 2008.

poucas vezes, maliciosos, a vida pessoal dos nobres e privilegiados. Ficavam sabendo de ofertas de trabalho e daquele fulano, sabe, aquele? Aquele que sempre estava por ali, sentado à mesa do canto, perto da janela? Então... Cansado de tanta miséria na capital, escolheu tentar a sorte e fazer a vida em uma das colônias francesas na Ásia ou América.

Todos ali conversavam muito! Alguns intelectuais mais exaltados se levantavam e liam seus libelos contra o algoz que lhe fosse mais inspirador ou conveniente. Por vezes, o assunto era o governo injusto deste ou daquele rei; outras, era um desabafo contra a vontade divina que ceifava vidas em meio à fome e a doença ou poderia ser uma singela elegia a um amor desfeito. Quando em vez, os ânimos se exaltavam e alguma briga ocorria. Mas não se pense que não havia norma de conduta naquela aparente confusão! Geralmente, o dono do café deixava claro para todo frequentador as regras da casa!

Nos cafés franceses, reverberavam a busca pela razão dos iluministas, a inspiração literária, a apropriação cultural de outras regiões do planeta e, principalmente, a dor das desigualdades que tanto maltratavam mais de 27 milhões de pessoas em fins do século XVIII!

O Café Procope, o mais antigo, fundado em 1688, e ainda hoje em funcionamento, por exemplo, foi um centro intelectual entre os séculos XVIII e XIX.<sup>12</sup> Ali, **Voltaire e Rousseau**, que tinham mesas reservadas, pensaram em um mundo possível entre um e outro gole de café. **Danton, Marat e Robespierre** possivelmente tramaram uma França diferente naquelas mesas... Quem sabe **La Fontaine** não tenha se inspirado em algum frequentador, para personagem de suas fábulas?! Por ali também passaram **Balzac, Victor Hugo, Anatole France** ...

Ah! Quem sabe se não foi também nas mesas desse café que **Napoleão** leu *O Príncipe*, de **Maquiavel**, anotando ao lado dos parágrafos, o que poderia fazer quando a França fosse sua e ele finalmente se igualasse ao seu ídolo **Júlio Cesar**?! Dizem que, de tão apaixonado pela bebida, escreveu:

*O café, forte e abundante, desperta-me. Dá-me calor, uma força invulgar, uma dor não sem prazer. Prefiro sofrer a ser insensível.*

---

<sup>12</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. cit., p. 34.

E finalmente quando derrotado e aprisionado em Elba ou, depois, em Santa Helena, tenha retomado seu mesmo exemplar, e entre uma xícara e outra, refeito suas anotações, registrando o que deu certo ou não dos conselhos do velho italiano renascentista...

O Procope era referência, sim! Mas não era o único! O Bourette era espaço dos literatos, o Anglais para os amantes dos deuses do teatro, no Alexandre se encontravam os músicos e nos Parnasse e Foy, os políticos e intelectuais.

Aliás, naqueles dias de 1789, as coisas estavam tensas, na capital francesa. O país mergulhara em profunda crise. A inépcia administrativa de Luís XVI, associada às péssimas colheitas e a um inverno rigoroso, matava a população francesa. Nas ruas, o clima era de revolta. Desde junho, após finalmente a autorização real, os Estados Gerais estavam reunidos. Embora o pretexto fosse encontrar uma saída para a França, as disputas entre Clero, Nobreza e Burguesia não encontravam um termo.

No dia 12 de julho, as coisas não iam bem... O preço do pão estava impossível e venciam o prazo para que as famílias pagassem seus aluguéis e dívidas. No Café Foy, **Camille Desmoulins** irrompeu as portas com tamanha ansiedade e violência que todos os clientes pararam de conversar voltando sua atenção para aquele jurista, aprendiz de político e, pelo menos naquele momento, ainda amigo do também talentoso, porém estranho, **Robespierre**. Ser gago não constituía uma questão, uma vez que era reconhecido por todos como brilhante orador.

Pois bem, enquanto pedia uma xícara de café para se esquentar, embora fosse verão, aqueles dias estavam mais frios, sua indignação foi crescendo enquanto gritava para todos que o ministro **Necker**, sobre quem muitos depositavam a esperança de que resolvesse as finanças da França, havia sido demitido o que, no limite, representava uma retomada absolutista! Então... Ao que parece, após terminar seu discurso, e sua xícara de café, subiu sobre a mesa, enfiou suas duas pistolas no casaco e conclamou os franceses ali presentes: *Às Armas! Às Armas!*<sup>13</sup>.

Alguns dizem que esse chamado ressoou pelas ruas de Paris levando os populares a investirem primeiro contra um arsenal real localizado no

---

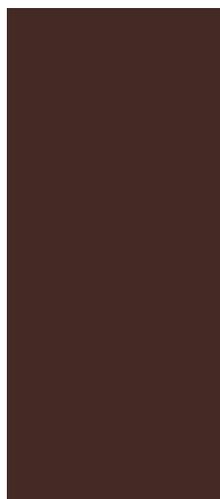
<sup>13</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. cit.

Antigo Hospital Militar dos Inválidos em 13 de julho e, depois de armados, no ataque à Bastilha, no dia 14, marcando o início da Revolução Francesa.

Outros autores, menos apaixonados pelo café, dizem que esse chamamento ocorrera ao ar livre, mais especificamente nos jardins do Palais- Royal. Pensando bem, tal versão parece até mais articulada para uma revolução... Mas, por estas páginas, preferimos ficar ao lado da xícara de café que observou toda a correria e que foi deixada de lado não apenas por **Camille**, mas também por todos os outros clientes e garçons que atenderam à conclamação saindo rua afora para fazer a Revolução!

Ao que se sabe, a Itália não teve uma revolução iniciada em meio a um café, o que não significa menor importância desses espaços no país. Para começar, ali, assim como em todo o Oriente Médio, o primeiro país importador do produto na Europa, convivia com a figura dos *caffetiéri*, que andavam pelas ruas movimentadas disputando prováveis clientes com os vendedores de chá e limonada.

Na cidade de Veneza, por exemplo, desde 1683, já se tinha notícias de cafeterias. No século XVIII, mais especificamente por volta de 1720, foi inaugurado o Caffé Florian, de propriedade de **Floriano Francescari**<sup>14</sup>. Famoso por seu *cappuccino*, continua, ainda hoje, em pleno funcionamento, na Piazza San Marco, tendo sido frequentado por intelectuais e literatos



<sup>14</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. cit.

tanto quanto os cafés franceses. Entre seus clientes, estavam **Lord Byron, Goethe, Marcel Proust, Rousseau e Stravinsky**. Também na cidade eterna, Roma, o **Café Greco** ocupa parte importante da memória italiana, a ponto de ter sido inspiração para *A Crônica do Café Greco*, de **Diego Angeli**. Por ali passaram **Mendelssohn, Rossetti, Liszt e Toscanini** e, no século XXI, configura como monumento tombado como patrimônio nacional.

## Da Europa para a América!

Como se vê, para além das contendas sobre o consumo, a bebida transformou-se em excelente negócio, cuidado e protegido ciosamente pelos reinos árabes até o século XVII, uma vez que mantinham o controle sanitário, de sorte a não exportar a semente com o *pergaminho*, como já mencionado.

Por outro lado, os comerciantes europeus começaram a utilizar a lógica ancestral do comércio, buscando alternativas para conseguir aclimatar a planta e fazer o café produzir, longe dos olhos árabes. No final do século XVII, mais especificamente em 1616, segundo alguns autores, marinheiros holandeses conseguiram roubar pedaços de um cafeeiro de Moka que foi levado e cultivado cuidadosamente em estufa na cidade de Amsterdã, na Holanda.

A ser real essa versão, é possível associar o café a um dos primeiros casos de biopirataria de que se tem notícia! Com a tecnologia e o suporte da Companhia Holandesa das Índias Orientais na Batavia, algumas mudas foram instaladas em Java, atual Indonésia e sua produção encaminhada diretamente para o Porto de Roterdã, quebrando o monopólio oriental sobre o produto. Posteriormente, os batavos ainda introduziram a frutinha vermelho-amarronzada no Ceilão, conhecido hoje como Sri Lanka, Indonésia, Sumatra, Timor, Bali, Malabar e Celebes. O centro difusor de toda a produção decorrente de tais regiões era Amsterdã<sup>15</sup>.

No século XVII, o café chegou à França por Marselha, pelas mãos de mercadores que comercializavam com o Oriente, e no século XVIII entraram definitivamente no mercado. Ali, a bebida ganhou a aura de

---

<sup>15</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op cit., p. 29.

exótica, preciosa e sofisticada. E, no século seguinte, foi a vez dos franceses sofrerem com outro episódio de biopirataria. Em uma visita oficial de holandeses à corte de **Luiz XIV**, em 1714, o rei foi presenteado com uma muda de café. Pouco interessado no mimo, mandou que o recolhessem no Jardim das Plantas, uma espécie de jardim botânico, onde apenas alguns poucos súditos de confiança tinha acesso.

Um ano depois, o rei faleceu, obrigando uma criança de cinco anos a assumir o trono de uma das nações mais poderosas da Europa, com o título de **Luiz XV**. Óbvio que, em um contexto turbulento governado por regentes até a coroação real, compreensivelmente, a planta ficou esquecida por longos anos.

Ocorre que um francês estava muito interessado no presente do falecido rei.<sup>16</sup> Segundo consta, um oficial chamado **Gabriel Mathieu de Clieu**, designado para a Ilha da Martinica, tinha um sonho. Ficar rico com o café nas Índias Ocidentais, que conhecemos hoje como América. Mas roubar um cafeeiro do jardim real, em pleno absolutismo de origem divina, era praticamente suicídio.<sup>17</sup>

Esperto, **Clieu** usou seus contatos. Em suas memórias, conta que se aproximou de uma bela jovem aristocrata e pediu que ela intercedesse junto a um dos médicos reais, pedindo um pedaço do cafeeiro real, que foi alojado em uma caixa de vidro e levado com cuidado pelo ambicioso oficial para dentro do navio que o levaria a Martinica. Desnecessário mencionar

---

<sup>16</sup>Existe outra cronologia sobre o café, na França, entre os pesquisadores. Uma das primeiras experiências desse país foi seu cultivo na antiga ilha Bourbon, hoje ilha Reunião e que, em 1715, passou a ser cultivado em escala comercial, o que possibilitou a participação da França no mercado internacional desse produto. Ver: MARTINS, Ana Luiza. Op cit., p. 30 e ORMOND, José Geraldo Pacheco; PAULA, Sergio Roberto Lima de; FAVERET FILHO, Paulo de Sá Campello. Café: (re)conquista dos mercados. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 10, p. 3-55, 1999, por exemplo.

<sup>17</sup>Esse modelo de Estado Absoluto foi amplamente incorporado pela monarquia francesa e tem como fundamento teórico Jean Bodin (1529/1530-1596). Segundo Bittar, a definição de soberania e poder real do mencionado filósofo pressupunha que nada pudesse se opor a ela, exceto as leis naturais e as leis divinas. Barros (2001, p. 248), explica: “Mas entre o poder do sobrenome e a obediência às leis divinas e naturais não existe um intermediário que tenha o direito de exigir seu cumprimento. Nenhum agente social pode obrigar o soberano a respeitá-las. De fato, elas não são dotadas de eficácia legal, pois não exercem coerção jurídica sobre o soberano”. In: BITTAR, Eduardo C. B. Curso de filosofia política. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2011, p. 151.

que logo a caixa se quebrou o que levou nosso aventureiro a procurar os serviços de um carpinteiro na primeira parada da viagem.<sup>18</sup>

Mas a aventura não parou por aí. Durante o trajeto, a calma veio juntamente com o racionamento de água. Clieu não pensou duas vezes e passou a dividir sua ração com a muda, a fim de que não percesse. Finalmente, quando em terra, plantou a muda em seu jardim, garantindo sua segurança e invisibilidade cercado-a com espinheiros.

Ainda segundo a tradição, uma vez consolidada a planta, passou a distribuir mudas aos amigos, exportando também para São Domingos e Guadalupe. Mas, em 1726, já contava com duas mil árvores! Outras plantas descendentes da muda de Clieu foram inseridas em Cuba, Costa Rica e Venezuela. É provável que antes de Clieu, já havia cafeeiros no Haiti e Santo Domingos e que, entre 1750 e 1769, foram plantados na Guatemala. É possível, ainda, que, em 1730, já houvesse café na Jamaica; em 1755, em Porto Rico; em 1779, na Costa Rica; e, finalmente, em 1790. Mas, não se sabe ao certo...<sup>19</sup>

De nossa parte, gostamos de pensar que o sonho de grandeza de Clieu concretizou-se com a ajuda da frutinha vermelho-amarronzada associada à sua inventividade. Dizem as más ou boas línguas que, de tão famoso, foi recebido na corte de Luiz XV, mais atento à bebida do que seu bisavô Luiz XIV, com quem esse episódio começou. Ah! Dizem também... As boas e más línguas, que ele ganhou, como homenagem, uma estátua no Jardim Botânico da Martinica!

Como se vê, falar de café não significa apenas tratar de uma cultura agrícola secular. Falar de café é falar de sonho. É falar de gente que envelheceu e envelhece sob o sol, plantando, colhendo, secando a semente, pedindo aos céus para que Deus ou Alá proteja e traga o sustento para sua mesa. Gente que o negociava através dos navios que aportavam em Veneza no século XVI e ainda o faz por meio da internet no mercado internacional. Gente que bebia e bebe, transformando o café em um espaço de sociabilidade, com o pão com manteiga, antes da lida cotidiana ou nos salões mais sofisticados, exercitando a razão e a retórica. Gente, como o real ou fantasioso Clieu, que dividiu sua própria água com a única muda plantada na Martinica e que, perseguindo um sonho, trouxe o café para a América!

---

<sup>19</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. Pequena história do café no Brasil. DNC, 1945, p. 25.

<sup>18</sup>TAVARES, Estela Lutero Alves et al. Op. cit.

# De como ladrão que rouba ladrão... Ou a aventura que trouxe o café para o Brasil

*DESCRITO POR MEMORIALISTAS COMO UM VERDADEIRO HERÓI ROMÂNTICO*, **Francisco de Melo Palheta** introduziu as primeiras sementes no Pará em 1727, embora já se tivesse conhecimento dessa planta, no Maranhão, desde 1663. No *Discurso sobre os Gêneros de Comércio que há no Maranhão*, o diplomata português **Duarte Ribeiro de Macedo**, que integrava a corte de **Luís XI**, já mencionava o café entre os 37 produtos daquele estado<sup>20</sup>.

Importa notar que a trajetória inicial do café está inserida na lógica capitalista de exploração da colônia Brasil e ocupação de suas fronteiras. Assim, nas primeiras décadas do século XVIII, a preocupação da metrópole portuguesa no norte da colônia era com a fragilidade das fronteiras entre Maranhão, Grão Pará e Guiana Francesa.

---

<sup>20</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op cit., p. 40.

Em 1722, logo que assumiu o posto de capitão general naquela região, **João da Maia da Gama** empreendeu, entre os anos de 1723 e 1728, quatro grandes expedições naquela região. Em uma delas, o paraense mazomba, branco filho de portugueses nascido no Brasil, **Francisco de Melo Palheta**, foi incumbido de visitar as fronteiras do rio Oiapoque com a Guiana Francesa.<sup>21</sup> Havia rumores de que o governador daquela possessão francesa estaria desrespeitando o Tratado de Utrecht, de 1713, arrancando, inclusive, o escudo português que ali, nas proximidades do mencionado rio Oiapoque, delimitava as divisas lusas e francesas.<sup>22</sup>

Mas, segundo a documentação descrita, para além da questão fronteiriça, havia a intenção da biopirataria, por parte do governo português<sup>23</sup>. Não é possível, dada a natureza deste texto, rastrear se o nosso conhecido **Monsieur Clieu** conseguiu fazer com que as descendentes de sua muda de café roubada do jardim real francês chegassem à Guiana Francesa. Alguns dizem que um vagabundo, **Mourgues** era seu nome, que vivia pelas ruas de Caiena e havia fugido do Suriname, foi levado até o governador da Guiana. Em troca do perdão, ofereceu algumas sementes de café contrabandeadas da colônia holandesa e que foram plantadas próximas à Caiena. Independentemente de ser resultado da aventura de **Clieu**, ou de **Mourgues**, o fato é que já se sabia da qualidade e adaptabilidade do café produzido nessa colônia<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup>Esse tipo de aventura não era desconhecido de Palheta: “Em 1709, obtinha Palheta uma sesmaria no rio Ubatuba. Em 1722, já sargento-mor, chefiou uma grande jornada de exploração fluvial, de que há extenso relato publicado, em 1884, por Capistrano de Abreu. Saiu de Belém a 11 de novembro de 1722, subiu o Rio Mar até a foz do Madeira e este enorme afluente até as terras hoje bolivianas. Visitou as missões jesuíticas ribeirinhas do Mamoré e, a 12 de setembro de 1723, aportou, novamente, em Belém” (TAUNAY, Afonso d’Escragnoille. Op. cit., p. 27).

<sup>22</sup>Esses Tratados de Utrecht encerraram a Guerra de Sucessão espanhola que envolveu diversos países europeus, como: Espanha, França, Inglaterra, Holanda e Portugal, entre outros. Para o assunto deste livro, nos interessa saber que esses tratados restabeleciam o domínio português sobre as terras entre os rios Amazonas e Oiapoque. Essa disputa franco-portuguesa, posteriormente, ficou conhecida como Questão do Amapá e foi solucionada em 1900 por meio de arbitragem internacional. O documento que fechou a discussão é conhecido como laudo arbitral de Berna (FURTADO, Júnia Ferreira. Guerra, diplomacia e mapas: a guerra da sucessão espanhola, o tratado de Utrecht e a América portuguesa na cartografia de d’Anville. *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 12, n. 23, p. 66-83, 2011).

<sup>23</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. cit., p. 42.

<sup>24</sup>TAUNAY, Afonso d’Escragnoille. Op. cit., p. 24 e 25.

Isso importa, pois, no documento/regimento que destacava **Palheta** para a missão, constava de forma clara a intenção de apropriação portuguesa. Era mais ou menos assim: se tiver a oportunidade de entrar em alguma roça, jardim ou quintal, com o pretexto de provar alguma fruta e notar a existência de pés de café, veja se consegue esconder alguns grãos disfarçadamente sem que os franceses percebam e mande rapidamente seu imediato para nossa parte da fronteira.

Não se tratava de demanda simples, pois os franceses faziam ali na Guiana o que os árabes faziam no início desta nossa história. Fiscalizavam e vigiavam rigorosamente, a fim de que não saíssem de suas fronteiras grãos com o mencionado pergaminho. Assim impediam que eles germinassem em terras estrangeiras...

Mas a inventividade, o espírito aventureiro e galanteador do capitão-tenente da guarda-costa, **Palheta**, foram essenciais! Comportou-se, segundo consta, como em um romance de capa e espada!

Foi assim...

Teria se aproximado da esposa do governador de Caiena, com quem tomou a primeira xícara de café da sua vida! Pouco tempo depois, **madame d'Orvilliers**, seduzida pelo aventureiro português, havia doado cordialmente algumas sementes de café. Além das sementes mencionadas, **Palheta** retornou ao Brasil com alguns pés de café.<sup>25</sup>

Seus biógrafos o descrevem como um dos grandes nomes da capitania do Pará. Após sua aventura na Guiana, chegou a ter mais de mil pés de café trabalhados por cerca de cem casais de escravos solicitados ao governo metropolitano. Com este que, por muitos, é considerado o primeiro cafeicultor do Brasil, já se iniciava a trágica, porém necessária, dos pontos de vista econômico e produtivo, parceria entre café e escravidão, que se arrastou até maio de 1888.

---

<sup>25</sup>O capitão-tenente também se notabilizou pelas expedições pelas quais foi incumbido pelo governador como a busca de minas de prata, nas fronteiras entre Pará e Peru, por exemplo. Sobre a saga de Palheta e o café, Martins (2012), com propriedade, reflete que não se tratava de uma muda de qualquer planta ou droga preciosa apenas. Palheta trouxe consigo o destino do País implantado para os dois próximos séculos.

Após o Pará, o café passou a ser produzido no Maranhão, sendo inclusive exportado para a corte de D. João V. Para muitos, nossa primeira exportação do produto se deu em 1703. Destino: Lisboa. Valor: 7 libras.

Acreditando no produto, o governo metropolitano o isentou da cobrança de impostos. Mas o efeito não foi o desejado. Estávamos no século XVIII, quando o ouro e as drogas do sertão eram muito mais sedutores que a frutinha vermelha da Etiópia. Assim, em função do pouco interesse, o café se manteve, mas de forma incipiente, no Norte e Nordeste do Brasil.

Quem notasse as ralas plantações do Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Bahia, não imaginaria que, ao longo do século XIX, o café ocuparia lugar de primeira importância em nossa pauta de exportações. Isso porque, até os oitocentos, o chá ainda se manteria como a bebida por excelência, nas mesas, uma vez que o café ainda não possuía um inicial apelo econômico. Assim, por tratar-se de uma planta sofisticada e exótica, que era cultivada nos jardins e quintais, transformou-se em um charmoso presente, um mimo!

Contudo, ao longo dos séculos XVIII e XIX, progressivamente, as plantações de café foram migrando para o Sul... Na sequência, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina, se transformando em negócio de excelência que acompanhava as transformações políticas e sociais vividas pela terra da Santa Cruz.

## O café se transforma em negócio de gente grande...

Quando se observa o contexto político-econômico em que o café aportou, no Brasil, nota-se que, em breve análise, era complexo. Nas últimas décadas do século XVIII, o esplendor do Império Ultramarino Português já havia empalidecido, em função do esgotamento dos minérios preciosos, da concorrência do açúcar com a beterraba e da proximidade relativamente tóxica da grande potência Inglaterra. Tal proximidade pode ser explicitada

de maneira inequívoca no tratado de Methuen, de 1703, firmado entre Portugal e Inglaterra, que nessa época já dava seus primeiros passos para a industrialização e para a construção da chamada *Pax Britannica*<sup>26</sup>.

A pobreza cercava Portugal e seus domínios...

Nesse contexto, o desembargador do Maranhão, **João Alberto Castelo Branco**, chegou em 1760 à cidade do Rio de Janeiro, futura capital da Colônia. Já havia servido à Coroa portuguesa, na Índia e como membro do Conselho Ultramarino. Na qualidade de chanceler da relação nomeado, trouxe consigo, quando do desembarque, uma série de mudas, de Belém, da tal da *coffea arabica*. Entendia que, se em todo mundo o seu consumo era crescente, o Brasil deveria fazer parte do processo!

Por causa dessa perspectiva do chanceler, é possível pensar que o início do café no Sudeste, em especial no Rio de Janeiro, de certa forma, foi urbano. Quem, no século XXI, andava pelos caminhos pós-reforma de **Pereira Passos**, no início do século XX, não imaginava a cidade de ruas estreitas e enlameadas onde os transeuntes precisavam dividir espaço entre si<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup>O Tratado Methuen, firmado em 1703, e que durou até 1836, foi celebrado entre Portugal e Inglaterra. Também conhecido como Tratado de Panos e Vinhos, porque possibilitou que Portugal abrisse seus portos a todos os produtos ingleses enquanto, em contrapartida, venderia aos britânicos os seus vinhos, apenas. Sobre o tratado e a proximidade Portugal-Inglaterra, Ricupero explica: “Na passagem do século XVIII para o XIX, Portugal seguia firmemente subordinado à relação assimétrica que estabelecera sua aliada, desde tempos remotos. Visando, no início, a defesa contra a Espanha durante as quase três décadas de hostilidades desencadeadas pela ruptura da União Ibérica (1640), a aliança se consubstanciara nos tratados complementares de 1642, 1654 e 1661 (a Espanha só reconheceria a independência portuguesa em 1668). Ampliada e consolidada pelo Tratado de Methuen (1703), a incontestável predominância britânica no intercâmbio comercial bilateral e nos assuntos políticos e de defesa acentuara de maneira crescente a desigualdade intrínseca do relacionamento, apesar das tentativas posteriores de reação, em especial sob a direção do Marquês de Pombal” (RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017. Sobre o processo de construção da Hegemonia Britânica ver: HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções (1789-1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 2012, e \_\_\_\_\_. *A era dos impérios (1875- 1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. LESSA, Antônio Carlos. *História das relações internacionais: a pax britânica e o mundo do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>27</sup>Excelente análise sobre o processo de domesticação de corpos por meio da reforma arquitetônica do Rio de Janeiro, que gerou o movimento do bota-abaixo e a Revolta da Vacina pode ser verificada em: SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. Editora Cosac Naify, 2014 e DE AZEVEDO, André Nunes. *A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana*. Revista Rio de Janeiro, n. 10, p. 39, 2003.

As senhoras mais sofisticadas iam e voltavam das missas esbarrando em ambulantes oferecendo os mais diversos artigos, ou procurando se afastar da gatinha, em suas liteiras, ou charretes, bem conduzidas pelos negros cativos. Os *homens bons*, muito preocupados em manter o vínculo entre o poder fundiário e o político, vinham das sessões na câmara municipal e viam, mas não enxergavam, os escravos que carregavam excrementos das casas para determinados monturos, o que muito contribuía para um odor desagradável, especialmente em algumas esquinas<sup>28</sup>.

Por entre as ruas sujas, habitadas por cachorros, mulas, porcos e galinhas, outros cativos buscavam água, ou iam até o chafariz lavar roupa e escutar as novidades trazidas pelos tropeiros. Ali, se misturavam com os escravos e libertos barbeiros que aparavam barbas e cabelos, arrancavam dentes e faziam pequenas sangrias, de acordo com a necessidade do freguês.

Havia também o movimento dos chamados livres pobres, que vendiam sua produção de hortaliças, ou um artesanato produzido em esquema doméstico, envolvendo a mão de obra de companheiras e filhos, ou, ainda, procuravam um trabalho eventual, o famoso bico, para garantir a alimentação do dia. Na confusão visual e olfativa das ruas do Rio de Janeiro, nossa sociedade, marcada desde o início pela desigualdade da escravidão e miséria, de um lado, e de outro pela opulência dos senhores, garantiam certa trégua promovida pela geografia e pela arquitetura ancestral.

Nesse cenário, as primeiras mudas distribuídas foram direcionadas para grupos ou pessoas que tinham suas propriedades em pleno espaço urbano, na Rio de Janeiro colonial. As enviadas para as monjas carmelitas, do Convento de Santa Teresa, se transformaram em cafezal que, de acordo com os memorialistas, ficava na cerca do convento, por exemplo.

Já o holandês **João Hoppmann** recebeu algumas que plantou em sua chácara, bem na região central da cidade, especificamente onde hoje é a Rua São Cristóvão. Os frades capuchinhos também foram presenteados e o cafezal deles se formou na propriedade que ficava na rua hoje conhecida como Evaristo da Veiga. Finalmente, o próprio **Chanceler João Alberto**

---

<sup>28</sup>Uma discussão interessante sobre a construção da cidade do Rio de Janeiro no século XVIII consta em: GAGLIARDO, Vinicius Cranek. O Rio de Janeiro dos Vice-Reis: uma cidade em desordem. *Vozes, Pretérito & Devir: Revista de História da Uespi*, v. 2, n. 1, p. 188-202, 2013.

**Castelo Branco** plantou algumas mudinhas em sua casa, no morro de Santo Antônio<sup>29</sup>.

E, como sempre... Uma mudinha passou para outro, que passou para outro, e logo, era o Vale Fluminense, o espaço de irradiação da frutinha vermelha amarronzada. Começava a vitoriosa saga do café no Sudeste brasileiro, e disso já sabemos, pois, pelos idos de 1802, se tratavam, na documentação cartorial, de registros de compra e venda de cafezais<sup>30</sup>.

Embora, na Europa e nos Estados Unidos do XVIII, houvesse se ampliado a frequência do café às mesas e aumentado a demanda de mercado, em especial após a revolução do Haiti, em 1789, variável de caráter político-econômica que elevou o preço internacional do produto, ainda assim, a aceitação do café não foi imediata<sup>31</sup>.

A cultura contava com a resistência dos açucareiros apegados ao poder representado por esse gênero presente desde os primeiros séculos de colonização. Martins descreve uma de suas reações, logo após uma reunião convocada pelo Vice-Rei:

*- Nos mandou chamar a uns poucos, de Irajá, de Saquarema, de Suruí, do Campo Grande, de toda a parte. Fomos à sala, cuidando que era alguma coisa; e sai-se de lá o homem, com um açafatinho de frutas vermelhas pequenas, e entra a dar uma meia dúzia a cada um, para que fôssemos plantar, que era coisa muito boa, muita riqueza, para mandarmos para o Reino. Ora! Vamos agora plantar frutinhas e doidices da cabeça do Vice-Rei! Eu, logo embaixo do palácio mesmo, botei as minhas fora; tomara eu plantar cana; que me importa cá do café! Todos se agonizaram de ser chamados lá de suas casas para virem buscar uma asneira, para plantarem uma coisa que não presta para nada! Se o Vice-Rei gosta de café, ele que o plante! Não diz que plantou tanta coisa no Passeio Público? Pois plante lá o café, e quando for para Lisboa, carregue! Não se precisa cá dele: o que nos faz conta é açúcar. No meu engenho então, que dá canas, que eu nem tenho tempo de moer! Não quero outra coisa, nem mandiocas. Com açúcar se compra farinha<sup>32</sup>.*

---

<sup>29</sup>MARTINS, Ana Luiza, Op. cit.

<sup>30</sup>Idem.

<sup>31</sup>Sobre o processo revolucionário no Haiti ver: JAMES, C. L. R. Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

<sup>32</sup>MARTINS, Ana Luiza, Op. Cit., p. 51.

E com farinha se alimentavam escravos!

A questão é que os senhores do açúcar hesitavam em abandonar um modo de vida e economia que passava por transformações profundas... A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, se espalhava pela Europa reorganizando as cadeias produtivas e originando diferentes demandas para a produção de gêneros e matérias-primas das chamadas regiões auxiliares do capitalismo mercantil<sup>33</sup>.

Nesse sentido, a situação econômica, para Portugal e Brasil, era difícil e o café merecia ser cultivado! Assim, progressivamente, foi contando com maior empenho metropolitano, o que não significava que houvesse um projeto estruturado e organizado como política de Estado para sua implantação. Tratava-se mais de posicionamentos localizados de uma autoridade ou outra. O vice-rei **marquês de Lavradio**, na década de 1770, por exemplo, chegou a liberar do serviço militar quem provasse ter plantado e cultivado mudas de café!

Além disso, quando comparado à cana, as vantagens eram inúmeras! Sua plantação durava mais tempo que a da cana-de-açúcar, que carecia de replantio a cada três anos, e para sua manipulação não eram necessárias moendas, caldeiras ou aparato para cozimento. Acrescia a tais benefícios o clima e solo favoráveis no Brasil e a grande quantidade de mão de obra. Do ponto de vista estrutural, também era vantajosa, uma vez que os antigos engenhos poderiam ser readaptados para o café, envolvendo poucos gastos para o início da cultura<sup>34</sup>.

Além disso, no Brasil, havia uma quantidade de investimento de capital ociosa, em função da decadência de Minas Gerais. Antigos mineradores, comerciantes do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas além de tropeiros, e atacadistas urbanos paulatinamente se interessaram pela cultura.

Finalmente, até os plantadores de cana entenderam o contexto, na década de 1790, e aos poucos foram se aproximando do café!

---

<sup>33</sup>A obra magistral de Eric Hobsbawm, *A Era das Revoluções*, explica sequencialmente como a Revolução Inglesa e a Industrial impactaram as relações entre os países europeus e deles com os continentes africano, americano e asiático, criando as condições para a Revolução Americana e, finalmente, a Revolução Francesa. HOBBSAWM, Eric. Op. Cit.

<sup>34</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p. 52-53.

Embora, como já mencionado, a cultura tenha se aproveitado da adaptação da planta, da facilidade do cultivo e incentivos oficiais, não se tratou de um projeto pensado e refletido, era mais uma tábua de salvação para o momento, aproveitando as variáveis favoráveis no mercado internacional<sup>35</sup>.

Em paralelo ao avanço da cultura cafeeira, a Europa, o mercado consumidor por excelência, entrava em guerra. O sonho de hegemonia napoleônico invadia países, destroçava fronteiras e derrubava dinastias<sup>36</sup>.

Para a Coroa Portuguesa, a saída encontrada, quando observado todo o seu império ultramarino, foi o deslocamento para a principal Colônia, à época: o Brasil. Para os destinos do Brasil, esse episódio foi fundamental e, para o café, não foi diferente, pois a partir de então seria conhecido como um dos grandes no cultivo dessa iguaria<sup>37</sup>.

Contudo, importa salientar que, entre decidir partir de Lisboa, em 29 de novembro de 1807, e chegar à cidade do Rio de Janeiro, nova capital do Império Português, em 7 de março de 1808, muita confusão aconteceu! Para além das considerações políticas e estratégicas que poderiam ser descritas, mas que este texto não comporta, havia também a logística do processo. Ou seja, a decisão, desde seu princípio, foi atabalhoada pelas próprias circunstâncias da guerra já que as tropas francesas, com cerca de 26 mil homens do general **Junot**, auxiliadas por milhares de soldados espanhóis, invadiram Lisboa em 30 de novembro de 1807, segundo alguns autores, às 9 da manhã, portanto no dia seguinte à partida da Família Real<sup>38</sup>.

Agora... o paciente leitor consegue imaginar a cena?

---

<sup>35</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p. 52-53.

<sup>36</sup>Sobre o período napoleônico e a decorrente reestruturação do sistema internacional de Estados pós Congresso de Viena (1814-1815) ver: HOBBSBAMM, Eric. *A era das revoluções (1789-1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 2012. GOMES, Nancy; ESTEVES, Herminio. *O Congresso de Viena. JANUS 2008 - O que está a mudar no trabalho humano*, 2008. BASILIO, Romario Sampaio. *A diplomacia portuguesa no Congresso de Viena (1815): a trajetória do primeiro duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein. Outros Tempos –Pesquisa em Foco - História*, v. 12, n. 20, 2015. CRONIN, Vincent. *Napoleão: uma vida*. Barueri: Amarelis, 2013.

<sup>37</sup>A ideia de transferência da capital do Império Colonial não era estranha. Desde o período pombalino, já se discutia, de forma discreta, essa possibilidade. MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. Paz e terra, 1996.

<sup>38</sup>SANTOS, José Mário Fidalgo dos. *Lisboa e a Invasão de Junot: população, periódicos e panfletos (1807-1808)*. 2014. Tese (Doutorado).

O transporte: cerca de 32 barcos de guerra e por volta de 30 navios mercantes, que envolviam desde as desgastadas embarcações lusas até as sofisticadas máquinas de guerra britânicas. Embarcados: cerca de 15 mil nobres, com seus acompanhantes plebeus, além de burocratas e funcionários públicos, sem esquecer os oportunistas de última hora que se aproveitaram da confusão. Exceção feita aos empregados auxiliares, todos, em geral, pouco acostumados com a realidade mais dura e muito, mas muito afeiçoados às benesses da vida luxuosa garantida por seu título na realidade de um Antigo Regime que a Coroa Portuguesa ainda insistia em manter.

Pois bem, essa era a população refugiada, que se achava em péssimas condições de transporte que chegava a ser, após alguns dias, insalubre<sup>39</sup>. A travessia: cerca de um mês ou pouco mais. Alimentação: carne salgada, biscoitos, todos contaminados após algum tempo. Como alguns animais vivos foram também embarcados para produzir leite e ovos para os mais nobres, é possível inferir as condições sanitárias após algum tempo, o que facilitou a infestação de ratos e piolhos, sem contar as doenças decorrentes, entre as quais os distúrbios gastrointestinais.

Como se vê, longa é a distância das memórias mais luminosas e generosas para com uma aproximação mais real daquele universo...

Mas não terminamos aí, pois que, para nossa história do café, mais suave que sisudamente acadêmica, importa entender quanto é importante a vinda dessas pessoas estranhas e, no entanto, tão fundamentais para os caminhos de nosso país. Na sequência, notamos que, em 1808, com a chegada da Família Real em Salvador, a primeira medida foi tomada produzindo a Abertura dos Portos às Nações Amigas e ampliando o espaço de comercialização da nova cultura em ascensão, ainda que, de fato, naquele momento, a Inglaterra fosse nossa nação amiga mais relevante<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup>Existe profunda discussão sobre este número que alguns descrevem estar entre 6 e 15 mil pessoas. Para o que toca a este livro, aceitamos o posicionamento de MALERBA, Jurandir. Sobre o tamanho da comitiva. *Acervo*, v. 21, n. 1 jan./jun., p. 47-62, 2011.

<sup>40</sup> [...] promulgação da Carta Régia de 28 de Janeiro de 1808, o acto escrito que formalmente inaugura a presença do Príncipe Regente no Brasil. Mal tinha aportado na Bahia, decorridos sete escassos dias de restabelecimento após demorada travessia atlântica, D. João anuncia à chegada que trazia novidades. O documento é curto e directo. Explica a motivação por necessidade de abastecimento e de animação da vida económica, promete

Então... caminhemos mais um pouco... Saída de Salvador, a comitiva refugiada foi conduzida para o Rio de Janeiro.

Pois bem, imagine agora o quadro inusitado que se desenhou na região do cais do porto da cidade do Rio de Janeiro quando toda essa população, apinhada nos conveses dos navios que atracavam, foi observada pelos transeuntes da região entre o largo do Paço, a Igreja do Carmo, perto do passeio público e o Arco do Teles.

Após os festejos iniciais, o impacto dessa chegada foi imenso!

Para os coloniais, construções como Aqueduto da Carioca ou Arcos da Lapa, o Paço dos Vice-Reis (futuro Paço Real) e Igrejas suntuosas, como a de Nossa Senhora do Carmo, demonstravam quanto a cidade do Rio de Janeiro tinha todas as qualidades para se transformar em sede do Império Português. Para os exilados, a meta, uma vez instalados, era promover a civilização entre os boçais. Para além das transformações arquitetônicas fundamentais, o príncipe regente colocou imediatamente a máquina administrativa em ação.

Criou ministérios, secretarias e o Banco do Brasil. Desapropriou alguns milhares de residências para presentear os companheiros de exílio, além de empreender novas construções. Lojas mais sofisticadas foram abertas, diplomatas passaram a circular pelas ruas da cidade, a iluminação passou a ser melhor cuidada. Também foi responsável pela criação do Arquivo Central, Imprensa Régia, Biblioteca Real, escolas e faculdades, Observatório Astronômico e Jardim Botânico<sup>41</sup>.

---

enquadramento global para breve, autoriza tratamento igual para embarcações nacionais e das nações amigas, diminui os direitos de entrada de 30 para 24% (com exceção de vinhos, aguardentes e azeites que duplicavam tais direitos), autoriza a saída para portos nacionais e estrangeiros de quaisquer produtos provenientes de território brasileiro (com exceção do pau-brasil, cuja saída se declarava proibida) e declara sem efeito todas as leis que impediam «neste Estado do Brasil o recíproco comércio e navegação»." CARDOSO, José Luís. A abertura dos portos do Brasil em 1808: dos factos à doutrina. *Ler História*, n. 54, p. 9-31, 2008.

<sup>41</sup>SCHULTZ, Kirsten. Perfeita civilização: a transferência da corte, a escravidão e o desejo de metropolizar uma capital colonial. Rio de Janeiro, 1808-1821. *Tempo*, v. 12, n. 24, 2008. CASTRO, Giovanna Milanez de. *Serviço e celebração nos trópicos: a Casa Real portuguesa no Rio de Janeiro do período joanino*. Campinas, 2016. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Unicamp.

Ah! Imprescindível notar a vinda da Missão Francesa, por volta de 1816, e responsável pela Imperial Academia e Escola de Belas Artes. Quem os visse chegando com pompa e circunstância, imaginaria que foram convidados e que haviam tido o desprendimento de virem para estas terras. Mas as boas, ou más línguas, murmuravam, pelos corredores do Paço Real, que muitos dos seus integrantes eram artistas que, de uma ou outra forma, apoiaram o sonho de grandeza napoleônico e que, uma vez desfeito, passavam por maus bocados no território francês, ameaçados de perseguições políticas e econômicas. A missão, chefiada pelo ex-diretor da Academia Francesa de Belas-Artes, **Jacques Le Breton**, contava com pintores, arquitetos, escultores, músicos, artesãos e uma equipe de técnicos, como carpinteiros, ferreiros e mecânicos, por exemplo. Foram notabilizados por essa missão e as obras dela decorrentes: **Jean Baptiste Debret**, **Johan Moritz Rugendas**, os irmãos **Auguste-Marie Taunay**, e **Nicolas-Antoine Taunay**, que fez experiências com a lavoura de café, e **Grandejean de Montigny**, entre outros<sup>42</sup>.

Quem não fosse atento aos detalhes, rapidamente imaginaria o quanto a “civilização” passou a circular pelas ruas, mercados e salões brasileiros! Bastava não notar o tronco para castigo aos escravos, o mercado de peças cativas recém-traficadas, conhecido como Valongo, e a miséria que desde sempre assolava os livres pobres na capital do Império Ultramarino português!

Aspecto importante no processo foram os Tratados de Aliança Amizade e Navegação de 1810 que, entre outros aspectos, bem alinhava a questão tarifária aos interesses ingleses<sup>43</sup>. Finalmente, com **Napoleão** derrotado e a Europa tentando se reordenar por meio do Congresso de Viena, que deu nova configuração ao Sistema Internacional de Estados, em 1815, o Brasil foi elevado à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves, rompendo a nossa situação de colônia para as demais nações, embora internamente muito se mantivesse como dantes<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup>TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a Missão Artística Francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. *Plural (São Paulo. Online)*, v. 14, p. 9-32, 2007.

<sup>43</sup>RICUPERO, Rubens. O Brasil no mundo. In: SILVA, Alberto da Costa e (Org.) Crise colonial e independência (1808-1830). Rio de Janeiro: Mapfre, Objetiva, 2014. História do Brasil Nação: 1808-2010, v.1. NEVES ALVES, Francisco das. A questão da dependência nas relações internacionais: a gênese da preeminência britânica no Brasil. *BIBLOS*, v. 17, p. 71-85, 2008.

<sup>44</sup>RICUPERO, Rubens. Op. Cit. HERMANN, Jacqueline. O rei da América: notas sobre a aclamação tardia de D. João VI no Brasil. *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 8, n. 15, p. 124-158, 2007.

E o café? Excelente pergunta!

Nesse universo, o café, um tradicional presente, passou a ser distribuído pelo próprio **D. João VI**, que usava mudas de sementes importadas de Moçambique. Da cidade do Rio de Janeiro, progressivamente, o café avançou para toda a província envolvendo a Baixada e o Vale do Paraíba Fluminense, em especial, implantado em Vassouras, Valença, Barra Mansa e Resende. Além disso, seguiu para a Zona da Mata Mineira, onde, entre outros, alguns nobres, exilados de Portugal em 1808, receberam terras. Foram agraciados com tais agrados: **Bernardo Clemente Pinto** (conde de Nova Friburgo), **Braz Carneiro Leão** (marquês de Baependy) e seu irmão, **José Inácio Nogueira da Gama**, que, posteriormente, se tornariam grandes e reconhecidos cafeicultores <sup>45</sup>.

O aprendizado sobre como lidar com o café foi progressivo, no Brasil. Nesse sentido, o processo da cafeicultura deveu muito à experiência estrangeira. Muitos replicaram, em nossas terras, a experiência adquirida no trato com essa natureza de agricultura em outras regiões do Oriente ou da América. Esse foi o caso de **Louis François Lecesne**. Francês nascido em 1759, na Normandia, adquiriu experiência com a cafeicultura no Haiti e Cuba. Aprendeu novas técnicas de produção em Santo Domingos, de onde fugiu durante a Revolução de Toussaint Louverture <sup>46</sup>, e chegou a possuir cerca de 60 mil pés de café, em 1823, quando faleceu, no Rio de Janeiro <sup>47</sup>.

Assim como o eficiente **Lecesne**, um pequeno grupo de nobres franceses, que aqui ficaram após a Missão Francesa, se concentrou na região da Tijuca, no Alto da Boa Vista e Cascatinha, onde clareiras já haviam sido abertas para a exploração do chá trazido pelos chineses e, posteriormente, para o café. Ali estavam a **baronesa de Rouan**, **Nicolau Antonio Taunay** e toda a sua família; o **príncipe de Montbéliard**; o **conde de Scey**, o **conde de Gestas** e **madame de Roquefeuil**, todos muito próximos do imperador **D. Pedro I** e da imperatriz **Leopoldina** <sup>48</sup>.

---

<sup>45</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p.55.

<sup>46</sup>Sobre o processo revolucionário no Haiti, ver: JAMES, C. L. R. Op. Cit.

<sup>47</sup>MARQUESE, Rafael de Bivar et al. A ilustração luso-brasileira e a circulação dos saberes escravistas caribenhos: a montagem da cafeicultura brasileira em perspectiva comparada. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 16, n. 4, p. 855-880, 2009.

<sup>48</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p. 56/57.

Ainda assim, para além dos incentivos oficiais, ou pequenos empreendimentos localizados, por muito tempo, o café conviveu com pequenas lavouras de chá e imensos canaviais. Apenas após 1822, acabou ultrapassando a cana.

O contexto mencionado, de certa forma, surtiu efeito principalmente porque a cultura do café passou a ser altamente lucrativa e rápida. Quando comparados os resultados para a exportação, observam-se os seguintes números: 1800: 13 sacas de café exportadas; 1808: 8 mil sacas; 1810: 66 mil sacas; 1820: 97 mil sacas; e 1830: primeiro lugar de nossa balança comercial!<sup>49</sup> Quanto ao valor, em 1817, por exemplo, a arroba para a exportação era 4.000 réis; em 1821, subiu para 6.800 réis; e 1822 se estabilizou em 5.300 réis, o que também era uma quantia razoável.<sup>50</sup> E os destinos iniciais, segundo o viajante **John Luccock**, que morou de 1808 a 1818 no Brasil, eram: Estados Unidos, Cuba, Rio da Prata, norte da Europa, Portugal e Chile, principalmente<sup>51</sup>.

Como se vê, o café tornou-se fundamental para o Brasil recém-independente e em sérias condições financeiras, geradas, entre outros aspectos, pelas negociações de nosso processo de reconhecimento internacional. Nossa receita era de cerca de 3.802 contos, enquanto nossa despesa somava 4.702 contos. Por outro lado, só na região fluminense, os impostos arrecadados geravam 6.580 contos.

Enquanto isso, **D. Pedro I** rapidamente perdeu sua aura de herói, transformando-se no governante que poderia ter sido, mas não foi no imaginário nacional de então! Deixou: uma Constituição estranha que flertava simultaneamente com o liberalismo e com o absolutismo; legou a humilhação da derrota para nossos vizinhos na Guerra Cisplatina; abandonou os súditos brasileiros em meio à frustração e uma crise de desvalorização da moeda nacional; e foi para Portugal se transformar em **D. Pedro IV!**

---

<sup>49</sup>LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer et al. Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 - resultados preliminares. *Revista Brasileira de Economia*, v. 25, n. 4, p. 235-266, 1971. MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit.

<sup>50</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. Op. Cit., p. 50.

<sup>51</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. Op. Cit., p. 39. LUCCOCK, John; SILVA RODRIQUES, Milton da. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Livraria Itatiaia Editora, 1975.

Ah! Deixou também uma grande confusão para os senadores e deputados que, além de ter que pensar em como restaurar nossas finanças, precisavam estabilizar politicamente o País, evitando inclusive a fragmentação territorial e assegurando que o período regencial se mantivesse tempo suficiente para a garantir a coroa de uma criança, então, com cinco anos de idade.

Assim, o Primeiro Reinado deu lugar à Regência, que deu espaço ao Segundo Reinado... E não se pense que não houve choro e sangue no processo! Mas, segundo alguns, o Brasil finalmente se tornou independente... Em muitos aspectos, já não pensava como colônia e o café, bom, o café, em certa medida, foi parceiro em todas as transformações!

Para além do porto do Rio de Janeiro, na capital do País, havia outros portos vitais também e, entre eles, estavam: Paraty, Angra dos Reis, Mambucaba, Jurumirim, Mangaratiba, Ariró, Ubatuba, São Sebastião e Caraguatatuba. Além deles, ainda havia os portos fluviais e as estradas, todos fundamentais à logística de escoamento da produção. Assim, o café deu vida e prosperidade às cidades, aos povoados, portos e vilarejos por onde as tropas de mulas e depois os trilhos do trem passaram<sup>52</sup>.

Alguns anos depois, mesmo que as comunicações fossem incipientes e o território fluminense se revelasse complexo para a logística do produto, para além do empenho das administrações provinciais, ainda assim, as safras evoluíram sobremaneira. A de 1836-1837, gerou 2.321.710 arrobas; a de, 1839-1849, produziu 4.547.312, chegando a 7.535.844 nos anos de 1851-1852<sup>53</sup>.

Tais números atestam dois processos simultâneos: a construção do apogeu financeiro e, conseqüentemente, político, dos cafeicultores fluminenses e depois mineiros e paulistas e, por outro lado, a radicalização do processo de escravidão.

Taunay explica que a Presidência da Província do Rio de Janeiro, nos idos de 1859, era considerada quase uma pasta ministerial do Império. Em especial na safra de 1858-1859, a produção fluminense havia alcançado cerca

---

<sup>52</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p. 62.

<sup>53</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragno. Op. Cit., p. 51.

de quase 8 milhões de arrobas, o que perfazia 78,41% da produção nacional, enquanto São Paulo alcançava, no mesmo ano, 12,13% e Minas, 7,78% <sup>54</sup>.

O problema é que, cada vez mais necessitada de braços, essa cultura sofria com o fim do tráfico transatlântico, imposto pela Lei de 1850 <sup>55</sup>. A saída imediata foi o tráfico interprovincial de cativos vindos do Norte, em geral das fazendas açucareiras em decadência.

Além da questão da mão de obra, outra ameaça se aproximava do então sonhado futuro luminoso para o café no Brasil. Entre 1860 e 1862, algumas pragas apareceram e impactaram profundamente a produção fluminense e de parte de São Paulo. Primeiro, foram as *miríades* de um *microlepidóptero* devorador da vestimenta dos cafeeiros, a *Elachista coffeela*. Depois a praga da borboletinha dos cafezais ou bicho de folha.

Uma comissão técnica foi criada pelo Ministério da Agricultura e, após relatórios fundamentados, concluíram que tais pragas já haviam feito vítima, os cafezais das Antilhas. Os cafezais foram despidos de sua folhagem e após certo tempo a produção foi retomada; contudo, no território fluminense, ela não mais atingiu sua antiga cifra de produção.

Mas a queda da produção no Rio de Janeiro e Vale do Paraíba não pode ser atribuída apenas às pragas. Alguns autores são recorrentes em mencionar as imagens oitocentistas das imensas plantações de café de alto a baixo dos morros, o que, por si, já caracteriza um padrão predatório da terra. Para algumas análises, talvez por ignorância técnica, ou por uma questão de visualização do trabalho escravo, hoje se sabe que essa forma de exploração agrícola para o café causou a exaustão da terra, provocando em pouco tempo erosão e destruição.

---

<sup>54</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragolle. Op. Cit., p. 521.

<sup>55</sup>Trata-se da Lei Eusébio de Queiróz, que proibia o tráfico transatlântico de escravos e que, portanto, impactava sobremaneira o fornecimento de mão de obra para a agricultura brasileira e, em especial, a cafeicultura. Há extensa discussão com excelentes trabalhos sobre esta lei e suas decorrências. Entre os excelentes trabalhos: RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. PARRON, Tâmis. **A política da escravidão no império do Brasil (1826-1865)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. Entre outros.

A relativa rapidez do ciclo cafeeiro, no Rio de Janeiro e Vale do Paraíba, e seu avanço para o interior profundo das terras paulistas, não excluem, contudo, a memória do esplendor e fausto através dos quais as fazendas dessa região foram notabilizadas. Em se tratando do Vale do Paraíba, a riqueza esteve presente. A cidade de Bananal, por exemplo, foi, em 1854, a maior produtora de café do Brasil!

E, nesse sentido, como mencionado em outro momento deste livro, o café tem o poder de ser cercado por estórias e histórias maravilhosas! Por exemplo, a nobreza cafeeicultora para Bananal, que, segundo a tradição, era inúmera, mas que, de fato, se resumia a três viscondes, entendidos como **Ariró, Aguiar Toledo, São Laurindo**, e cinco barões: **Joatinga, Bananal, Ribeiro Barbosa, Almeida Valim, Aguiar Valim**. Dessa região, o povo conta que havia um comendador, chamado **Domingos Moitinho**, que cunhava suas próprias moedas de ouro para que circulassem nos arredores de suas propriedades!

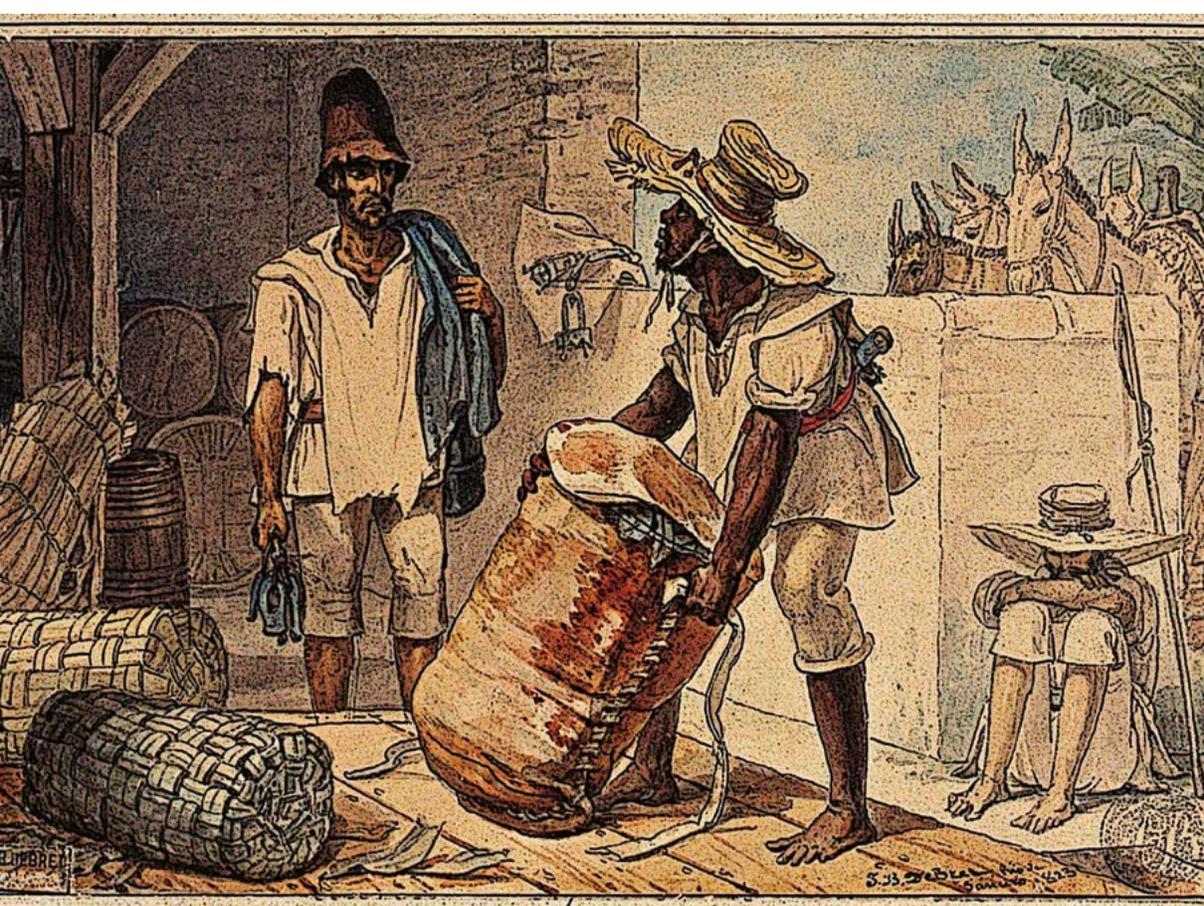
Ah! O povo conta também que havia um tal de comendador **Manuel de Aguiar Valim**, proprietário da fazenda Resgate, que alcançou uma fortuna equivalente a 1% de toda a moeda do País e que incluía ouro, prata, diamantes e títulos da dívida pública nacional e norte-americana. A lenda diz que, um dia, acordou animado e com vontade de deixar um legado para seu país e que o fizera saldando as dívidas do império com os britânicos.<sup>56</sup> Infelizmente não há comprovação de que o tenha feito. Mas, de todo modo, ele deixou um importante legado, a sede da fazenda Resgate, hoje tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Talvez o mote popular tenha se aplicado ao café no Rio de Janeiro: Avô rico, Filho nobre, Neto pobre! Talvez a ausência de percepção a respeito das mudanças internacionais, ou por não cuidar da terra, ou por não melhorar a tecnologia, ou, ainda, por não visualizar o fim do processo escravocrata... Talvez o apagar das luzes para o café carioca tenha sido um pouco de tudo isso, talvez não. Quem sabe?

Chegava a vez de São Paulo tentar fazer diferente. Ou não...

---

<sup>56</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p. 64.



# E o café chega a São Vicente: Terra dos aventureiros indomáveis que exigem explicação

*O QUE SE CONHECE HOJE COMO ESTADO DE SÃO PAULO, famoso por sua riqueza, tecnologia, seu agronegócio e por ser polo de desenvolvimento na indústria, saúde e conhecimento acadêmico, nem sempre foi assim. Alguns estudiosos explicam que, por volta de 1709, a Capitania de São Paulo envolvia desde o território de São Paulo, passando por Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, chegando até o Rio Grande do Sul e a Colônia do Sacramento, que, após*

as definições decorrentes do Tratado de Madri de 1750, hoje se localiza em território uruguaio<sup>57</sup>.

Em 1720, uma parte dessa vasta extensão foi desmembrada e se transformou na Capitania das Minas Gerais. Em seguida, em 1738, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (ilha e costa) foram anexadas à Capitania do Rio de Janeiro. Logo em 1748, foi a vez de Cuiabá e Goiás serem apartadas de São Paulo. Aliás, entre 1748 até 1765, a Capitania de São Paulo havia sido extinta e subordinada também ao Rio de Janeiro, e sua administração realizada pelo comandante da fortaleza de Santos. Apenas em 1765 foi constituído novo governo em São Paulo, que recuperaria sua autonomia<sup>58</sup>.

A penúria paulista, no século XVIII, era evidente<sup>59</sup>. O ouro não migrou do campo dos sonhos para a realidade, como muitos esperavam e as poucas minas já se haviam esgotado há tempos...

**Paulo da Silva Prado**, ou apenas Paulo Prado, um misto de cafeicultor paulista, empresário e mecenas de fins do século XIX, e que viveu intensamente a cultura das primeiras décadas do século XX, no Brasil, descrevia assim o olhar de uma autoridade metropolitana sobre os desconfiados paulistas de então:

*Dispersos, escondidos pelas roças, procurando a solidão no seu amuo característico, viviam de canjica, pinhão e içá torrado. “Si alguém, fazendo viagem encontrava por acaso um destes, ou lhe fogue ou fica tão assustado*

---

<sup>57</sup>Para este Tratado, as “negociações partiram do pressuposto, expresso no preâmbulo, de que, violado pelos Espanhóis na Ásia (Filipinas) e pelos portugueses na América, o Tratado de Tordesilhas não podia servir como base adequada para delimitar os territórios das colônias. Em substituição ao tratado, às bulas papais e a outros títulos, convencionou-se adotar, como critério básico, o princípio, transplantado do Direito Romano Privado, segundo o qual cada parte conservaria a que possuía. Tal princípio (uti possidetis, às vezes denominado uti possidetis de facto) constituiria a regra geral, ressalvada as exceções especiais (permuta de Colônia pelas Missões do Uruguai, por exemplo). [...] O dispositivo fundamental do tratado, e, para a Espanha, sua razão de ser, consistiu na permuta entre a Colônia do Sacramento (os castelhanos, de fato, chamavam o documento de “tratado de permuta”), a ser entregue por Portugal, e as Missões do Uruguai, cujos habitantes guaranis seriam obrigados a retirar-se para territórios castelhanos” (RICUPERO, Rubens. Op. Cit., p. 60).

<sup>58</sup>MOTTA, José Flávio. **Corpos escravos vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)**. Annablume, 1999.

<sup>59</sup>MILLIET, Op. Cit., 1941.

*e preocupado que nem o chapéu lhe tira e se lhe diz a mínima palavra desconfia e 'mata logo'* <sup>60</sup>.

Aos viajantes europeus que visitavam estas terras, ou por aqui passavam a caminho de outras regiões da Colônia, o interesse era relativo à botânica, zoologia, mineralogia, etnografia. *São Paulo era dentro do Brasil do Norte, opulento e mesclado, uma terra inesperadamente branca, de homens austeros e rudes, de aventureiros indomáveis a exigirem uma explicação*<sup>61</sup>.

Desde meados dos setecentos, os bandeirantes tentavam se adaptar à agricultura e, nesse sentido, a cana-de-açúcar parecia ser a única possibilidade mais efetiva <sup>62</sup>. Do café, não se tratava com seriedade, naqueles tempos, na região que um dia havia sido a capitania de São Vicente. Em 1796, o porto de Santos exportou apenas 2,5% do total da colônia e o navio Nossa Senhora do Carmo Leão, em 1798, levava consigo de São Paulo o montante de sete sacas de café! <sup>63</sup>

Tal indigência era de público conhecimento até para além do Atlântico, por entre os corredores dos castelos da corte portuguesa. O próprio **d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão**, 4º Morgado de Mateus, alocado no cargo de governador da capitania recém-autônoma, no período entre 1765 e 1775, deixava clara a sua percepção sobre a realidade local e os paulistas na correspondência com o soberano português. Sobre os povoados, achava-os insignificantes, quanto às cidades maiores, sua opinião não era diferente.

*Eram falhas de gente e sem nenhum modo de ganhar a vida, os campos incultos, tudo coberto de mata brava, a lavoura em mau método; só se planta em mato virgem, pelo pouco que custa e pela repugnância que têm de se sujeitarem ao maior trabalho de cultivarem os campos como nesse reino. Apenas colhe cada um para seu sustento próprio, muito pouco sobeja para*

---

<sup>60</sup>PRADO, Paulo (1869-1943). *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Ibrasa, 1981, p.107.

<sup>61</sup>MILLIET, Sergio. Op. Cit., p.15.

<sup>62</sup>Existe extensa bibliografia que discute a aludida penúria paulista. Para este livro, entendemos que havia uma preocupação com o mercado interno e o abastecimento das regiões vizinhas garantido pelo território paulista. Contudo, a partir de um olhar mais atento para o açúcar e, posteriormente, o café, foi possível inserir a mencionada região no processo de exportação mais amplo vivenciado pela Colônia.

<sup>63</sup>MILLIET, Sergio. Op. Cit., p. 13.

*vender ao público. Ninguém trata de aproveitar os efeitos do país, por cuja causa se acha o povo reduzido a mais lastimosa pobreza*<sup>64</sup>.

Embora a decadência paulista dos primórdios do setecentos fosse evidente, segundo alguns autores, foi justamente a partir do mencionado governador que houve um movimento no sentido de emersão da pobreza crônica. A lavoura canavieira, por exemplo, recebeu renovados incentivos quanto ao processo de produção/exportação para o mercado mundial se ampliando por diversas áreas paulistas. Contudo, importa mencionar que, para muitos, o foco canavieiro estava nas regiões de Sorocaba, Piracicaba, Mogi-Guaçu e Jundiá <sup>65</sup>. Movimento que se consolida no governo de **Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça** (1797-1802) e que é chamado de renascimento da agricultura colonial brasileira. Entre as razões para tal processo, pode ser mencionada a decadência das áreas mineradoras e, a partir de 1808, a presença da Família Real. Nesse renascimento, o café já se destacava na companhia do açúcar, algodão e do arroz. Aliás, quando se observa as análises sobre a região que liga Rio de Janeiro e São Paulo, é evidente a estreita convivência entre cana e café.

Lendo uma coisa, lendo outra, e como bom caipira desconfiando de uma fonte e outra, procurando um pouco mais aqui e outro bocado acolá, compreendemos que grande parte dos que se propuseram a estudar o café não conseguem definir a data precisa da chegada da danada da frutinha nas terras paulistas...

Uma versão apoiada em documentação de época assinala que, em carta de 1787, o juiz, de Fora de Santos, **Dr. João Antonio Apolinário da Silveira**, ao ministro metropolitano **Martinho Melo e Castro**, relatava seus esforços em incentivar ao plantio do café os lavradores santistas, como forma de combate à decadência em que se achava a vila. Por volta de 1795, já se observava uma remessa do produto enviada pelo marechal **Arouche** ao seu irmão, em Lisboa. E em 1797, o capitão-general **Bernardo de Lorena** afirmava, quando da transmissão de seu cargo para **Antonio**

---

<sup>64</sup>PRADO, Paulo (1869-1943). Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Ibrasa, 1981, p. 14.

<sup>65</sup>Ver: PRADO JR, Caio. Formação do Brasil contemporâneo. Companhia das Letras, 2011 e PETRONE, Maria Thereza Schorer. A lavoura canavieira em São Paulo: 1765-1851. Difusão Europeia do Livro, 1968.

**Manuel de Melo Castro e Mendonça:** na vila de Santos, havia muito café, da melhor qualidade<sup>66</sup>.

Outra linha acredita que o capitão-general **Antonio de Melo Castro e Mendonça** passou a promover a expansão da cafeicultura por toda a Capitania... Conta-se que, certa vez, presenteou seu amigo, sargento-mor **Raimundo Alves dos Santos Prado** com algumas mudinhas que foram plantadas em Jundiaí. Se ele soubesse... Segundo alguns, todo o cafezal do Oeste Paulista delas descendia.

O que entendemos então é que o café chegou às últimas décadas do século XVIII à Província de São Paulo que, em geral, tinha como função o abastecimento das províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro, em meio às culturas de subsistência focadas para o provimento do mercado interno. Ou seja, no primeiro momento, as plantações de café conviviam com feijão, arroz, mandioca, milho, açúcar, cachaça e porcos.

Mas, talvez por isso, em função do intenso tráfico de mulas conduzidas pelos tropeiros e a navegação de cabotagem, a logística tenha sido fundamental para seu crescimento por estas terras <sup>67</sup>.

Além disso, uma lavoura de café, em média, levava poucos anos para produzir e os agricultores paulistas, inicialmente, não tinham muito capital disponível. A possibilidade que se apresentava era que sobrasse das outras culturas de subsistência ou como decorrência pouco importante da cultura da cana nos engenhos paulistas.

Quando comparada à movimentação de implantação do café nas outras regiões, ao que parece, São Paulo não ofereceu muita resistência. Talvez pela observação sobre o que se passava na província vizinha do Rio de Janeiro ou então em função da valorização do produto no mercado mundial.

Já em 1803, existem relatos de algum café em Parnaíba e Itu. Na sequência, por volta de 1807 ou 1809, em Campinas, e no ano de 1808, em São Paulo. Nessa mesma época, há menção de muita produção saindo de São Sebastião e Ubatuba. E, em 1810, o desembargador **Veloso** contava ao então príncipe regente **D. João** que São Paulo muito poderia contribuir

---

<sup>66</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. Op. Cit., p.41 e 42.

<sup>67</sup>MARTIN, Ana Luiza. Op. Cit., p. 65.

para a riqueza do Reino, produzindo café, ao lado de outras culturas, como açúcar, aguardente, fumo e cacau <sup>68</sup>.

Uma vez acolhida em terras paulistas, o roteiro teria sido mais ou menos assim: partindo da cidade do Rio de Janeiro e de lá seguindo para São Gonçalo, Baixada Fluminense, até Campos, e, posteriormente, Cantagalo, Madalena, Rezende, Zona da Mata Mineira, Vale do Paraíba, São Sebastião e Ubatuba e, finalmente, os chamados chapadões paulistas, onde se fortaleceu e avançou para o norte e oeste<sup>69</sup>.

Martins explica que essa localização norte e oeste é uma construção histórica! Ou seja, quando pensamos *oeste*, temos que ter como referência o Vale do Paraíba. Assim, o café que se expandiu a partir de Campinas, de fato, estava na região leste e seguia para o sentido norte. Ou seja: *este oeste histórico corresponde, de certa forma, ao Leste e ao Nordeste geográficos. O vale do Paraíba, localizado no Sudeste, era chamado de norte, pelo avanço progressivo dos cafezais no sentido sul, a partir da província do Rio de Janeiro, para depois contornar para o oeste. Assim sendo, o oeste antigo corresponde às regiões de Campinas, Limeira, Rio Claro, Araras, Descalvado e Casa Branca. O oeste novo, às regiões de Ribeirão Preto, Pinhal, São João da Boa Vista, Casa Branca, São Simão, Cajuru, Batatais e Franca.*<sup>70</sup> Nesse movimento relativo ao século XIX, a imagem da onda verde, que a partir dos morros do Rio de Janeiro seguiu continuamente na direção oeste e norte, em sequência aparentemente ininterrupta, precisa ser vista com cuidado<sup>71</sup>.

Mas, ainda dentro desse circuito e de maneira mais detalhada, a ocupação na Província, e posterior Estado de São Paulo, seguiria ao norte e litoral, inicialmente envolvendo os municípios de: Aparecida, Areias, Bananal, Buquira, Caçapava, Cachoeira, Caraguatatuba, Cruzeiro, Cunha, Guararema, Guaratinguetá, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Jataí, Lagoinha, Lorena, Mogi das

---

<sup>68</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. Op. Cit., p. 43.

<sup>69</sup>O percurso do café na província de São Paulo foi do Vale do Paraíba paulista, passando por Areias, distrito da Vila de Lorena. Seguiu então para São José do Barreiro, Bananal e Silveiras, passando por Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Caçapava, Taubaté e Jacareí (MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p. 61 e 66).

<sup>70</sup>"O oeste é o ponto cardial do agricultor, o horizonte para o qual ele se dirige e que recua sempre e sempre até perder-se no norte do Paraná, onde, desde alguns anos, se vêm instalando as primeiras fazendas ainda tributárias das estradas de ferro paulistas" (MILLIET, Sergio. Op. Cit., p. 21).

<sup>71</sup>MARTINS, Ana Luiza. Op. Cit., p. 82 e 83.

Cruzes, Natividade, Paraibuna, Pindamonhangaba, Pinheiros, Piquete, Queluz, Redenção, Salesópolis, Santa Branca, Santa Isabel, São Bento, São José dos Campos, São José do Barreiro, São Luiz do Paraitinga, São Sebastião, Silveiras, Taubaté, Tremembé, Ubatuba e Vila Bela.

Para cidades que ficavam nessa região primeira, com maior ligação entre fluminenses e paulistas, a consolidação do café produzia alguns aspectos interessantes. Um deles residia na complexa relação entre onde se adequavam administrativamente e o que desejavam seus latifundiários tanto nos fins do século XVIII quanto no XIX, o que gerava uma disputa entre São Paulo e Rio de Janeiro. Em se tratando de Bananal, por exemplo, a maior renda da província de São Paulo em 1864, com 36:485\$951, enquanto a Capital obteve 26:804\$000, Santos 21:355\$000 e Campinas 17:767\$000, era recorrente a discussão sobre o desejo de ser incorporada ao Rio de Janeiro, entre outros aspectos, porque grande parte de sua produção era escoada pelo porto de Angra dos Reis <sup>72</sup>.

Essa crise de identidade local, não era amuo sem importância. O viajante **Augusto Emílio Zaluar** descreveu esse mal-estar coletivo. Dizia ele:

*quem pisa pela primeira vez o território da província de S. Paulo, e entra na cidade do Bananal, pensa naturalmente encontrar logo nos hábitos e costumes desta povoação um caráter diferente do da província do Rio de Janeiro; mas é um engano. O Bananal, pela posição topográfica, as relações do comércio, a natureza de sua cultura, a Índole e usos da população, suas conveniências administrativas e econômicas, e finalmente o desejo constante de seus habitantes, seja qual for a sua cor política, de fazerem parte da província do Rio, está por assim dizer como isolado e deslocado nos limites de uma divisão territorial que não lhe oferece comodidade de natureza alguma, dificultando-lhe antes e tolhendo-lhe a marcha regular e a ordem do seu expediente oficial e de seu movimento industrial e agrícola. Esta justa aspiração de um município, inteiro, que tão poderosas razões parecem justificar, tem sido mais de uma vez manifestada pelas discussões da imprensa e da tribuna parlamentar, e corroborada com as representações da câmara municipal, expressão franca da vontade coletiva do povo, sem que até agora os altos poderes do estado tenham dado solução satisfatória a uma reclamação que ninguém deixará de reconhecer de grande utilidade para a*

---

<sup>72</sup>MOTTA, José Flávio. Op. Cit., p. 54-55.

*boa administração do país, e de muita conveniência para o desenvolvimento e regularidade dos interesses e negócios locais*<sup>73</sup>.

Mas, para além dessa região inicial, posteriormente ocupou a chamada zona central que, segundo alguns, cronologicamente seria a segunda cultivada antes do avanço do café para a região da Mogiana: Capital, Piracaia, Bragança, Campinas, Piracicaba, Itapetininga, Piedade, Una, Angatuba, Anhembi, Araçariguama, Atibaia, Bofete, Bragança, Cabreúva, Campo Largo, Conchas, Capivari, Cotia, Guarei, Indaiatuba, Itapetininga, Itatiba, Itu, Joanópolis, Jundiá, Juqueri, Laranjal, Monte Mor, Nazaré, Parnaíba, Pereiras, Piedade, Piracaia, Piracicaba, Porangaba, Porto Feliz, Rio das Pedras, Salto, Santa Bárbara, São Pedro, São Roque, Sarapuí, Sorocaba, Tatuí, Tietê e a antiga Vila Americana.

Em 1854, o café já se achava instalado em toda a região central de São Paulo, com maior concentração em Campinas, Bragança, Itu e Jundiá<sup>74</sup>. Já em 1855, o então presidente da Província de São Paulo, conselheiro **José Antonio Saraiva**, utilizando-se das informações do brigadeiro **J. J. Machado de Oliveira**, informava em seu relatório anual que a colheita paulista havia atingido 4.338.256 arrobas, o que significava que aumentou oito vezes em um período de 20 anos. Eram 2.600 as fazendas de café, enquanto as de açúcar não passavam de 667. Embora os municípios do norte paulista ainda fossem o carro-chefe, já se avistava Campinas, com o que denominava *transformação prodigiosa*, em quarto lugar, e Limeira, em nono lugar, no *ranking* dos treze municípios que produziam mais de cem mil arrobas de café<sup>75</sup>.

A exuberância econômica de Campinas, que produzia café, além de algodão e açúcar, era festejada. Sua riqueza havia impactado a demografia, uma vez que a população alcançou 769 mil habitantes. Entre as causas para essa posição, estava a excelência de suas terras, que garantiu que se mantivesse imune inclusive durante o processo de expansão do café para o chamado sertão<sup>76</sup>.

---

<sup>73</sup>TAUNAY, Affonso de Escragnolle. *Historia do café no Brasil*. Volume terceiro: no Brasil imperial, 1822-1872 (Tomo I), 1939, p. 329.

<sup>74</sup>MILLIET, Sergio. Op. Cit., p. 44.

<sup>75</sup>TAUNAY, Afonso d'Escragnolle, Op. Cit, 1945, p. 54-55.

<sup>76</sup>MILLIET, Sergio. Op. Cit., p. 46.

Para além dessa região central, onde se localizava Campinas, seguia a sequência os municípios que, de uma ou outra forma, estavam ligados à Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, partindo de Campinas: Amparo, Altinópolis, Batatais, Brodowski, Caconde, Cajuru, Casa Branca, Cravinhos, Espírito Santo do Pinhal, Franca, Guará, Igarapava, Itapira, Ituverava, Jardinópolis, Mogi-Mirim, Mogi-Guassu, Mococa, Nuporanga, Orlandia, Patrocínio do Sapucaí, Pedregulho, Pedreira, Ribeirão Preto, Sertãozinho, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo, São Joaquim, São Simão, Santo Antônio da Alegria, Santa Rosa, Serra Azul, Serra Negra, Socorro, Tambaú, Tapiratiba e Vargem Grande.

Depois, os municípios ligados à Estrada de Ferro Paulista, entre os quais estavam: Anápolis, Araras, Araraquara, Barretos, Bebedouro, Cajobi, Colina, Descalvado, Guairá. Guariba, Jaboticabal, Leme, Limeira, Monte Azul, Olímpia, Palmeiras, Pirassununga, Pitangueiras, Porto Ferreira, Rio Claro, São Carlos, Santa Cruz da Conceição, Santa Rita do Passa Quatro e Viradouro.

Uma quinta etapa de expansão migrou para a conhecida região araraquarense, também ligada aos caminhos do trem, e que envolvia os municípios de: Ariranha, Barra Bonita, Bariri, Bica de Pedra, Boa Esperança, Borborema, Brotas, Catanduva, Cedral, Dourado, Dois Córregos, Ibirá, Itápolis, Inácio, Uchoa, Jaú, José Bonifácio, Matão, Mineiros, Mirassol, Monte Alto, Monte Aprazível, Mundo Novo, Nova Granada. Novo Horizonte, Pederneiras, Pindorama, Potirendaba, Ribeirão Bonito, São José do Rio Preto, São João da Bocaina, Santa Adélia, Tabapuã, Tabatinga, Tanabi, Taquaritinga e Torrinha.

A sexta etapa envolveu a zona dos municípios tributários das Estradas de Ferro Noroeste do Brasil e Alta Paulista: Araçatuba, Avaí, Avanhandava, Bauru, Cafelândia, Birigui, Coroados, Duartina, Gália, Garça, Glicério, Iacanga, Lins, Marília, Penápolis, Pirajuí, Piratininga, Presidente Alves e Promissão.

Finalmente, o café migrou para os municípios associados à Sorocabana, sendo eles: Botucatu; Agudos, Assis, Avaré, Bernardino de Campos, Bocaiúva, Botucatu, Campos Novos, Cândido Mota, Cerqueira César, Chavantes, Conceição do Monte Alegre, Espírito Santo do Turvo, Fatura, Ipaussú, Itatinga, Lençóis, Maracá, Óleo, Ourinho, Palmital, Paraguaçu,

Pirajú, Platina, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Salto Grande, Santa Bárbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, São Manuel, São Pedro do Turvo e Santo Anastácio <sup>77</sup>.

Como se vê... Muitos caminhos, muitas cidades, muitos trilhos de trem e muitas vidas transformadas pela cultura do café...

Mas nem tudo foi ocupação territorial, criação de novas fazendas, readequação de velhos engenhos e fundação de novos-velhos núcleos urbanos com a chegada de novos serviços e diferentes demandas de consumo. Enfim, nem tudo foi a beleza das plantações! E dizem as boas e más línguas que eram lindas, a se perder a vista, de tão extensas...

Por volta da década de 1860, os problemas no Vale do Paraíba paulista começaram a aparecer. Era o chamado *mal dos cafezais*, inicialmente causado pelo excessivo desmatamento no entorno e o cansaço da terra. Para além da exaustão mencionada, por volta de 1878, um Relatório do Presidente da Câmara Municipal de Bananal, **José de Magalhães Couto**, detalhava mais o processo explicando que alguns fazendeiros já haviam compreendido a necessidade de se alterar a semente do café recebido para as primeiras plantações, uma vez que já estavam degeneradas. Ou seja, o arábico, o java, o murta, o amarelo e o egípcio não rendiam mais como antes e algumas tentativas foram feitas com a semente maragogipe e libéria. Além disso, havia as pragas, como, por exemplo, o *elachiste*, inseto das flores; a formiga saúva; e a *herva de passarinho* <sup>78</sup>.

Outra questão menos biológica e mais capitalista era parte do processo de decadência que se instalava. Tratava-se da dependência progressiva dos cafeicultores, que antes se financiavam com capital próprio, e que, progressivamente, passaram às mãos dos chamados comissários e, posteriormente, de bancos, como o do Brasil e o de Crédito Real de São Paulo, para garantir a continuidade de suas lavouras.

Você acredita, caro leitor, que pelos idos de 1883, cerca de 1.032 fazendas de café, dentre as mais importantes e produtivas do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, estavam hipotecadas?!

---

<sup>77</sup>MILLIET, Op. Cit., 1941, p. 10-12.

<sup>78</sup>COELHO, Lucinda Coutinho de Mello. *Ensaio socioeconômico de áreas valeparaibanas*. Rio de Janeiro: Asa Artes Gráficas, 1984, p. 64-65, In: MOTTA, José Flávio. Op. Cit. p. 58-59.

Para que nossos cérebros do século XXI tenham uma ideia do tamanho e significado do problema, doze delas estavam localizadas na já mencionada cidade de Bananal. Ocupavam 5.706 hectares, com 1.877.000 pés de café e 688 escravos, somando uma dívida de 1:406:232\$000!<sup>79</sup>

Mas, para além dos problemas de naturezas técnica e capitalista, a tragédia do café, nessas regiões, também se relacionava a um hábito pouco ortodoxo e mais comum do que as tradicionais famílias admitiam: o jogo!

Em 1880, o viajante **Van Delden Laërne**, em 1885, dizia que:

*gradualmente os fazendeiros começaram a levantar mais dinheiro de seus agentes do que poderiam cobrir através das consignações de café. Os ricos retornos propiciados pela agricultura induziram os fazendeiros a gastar grandes somas com suas famílias e no jogo. Especialmente esta última paixão contribuiu largamente para mergulhar o fazendeiro em sua situação de dependência. Por essa via os comissários, de agentes dos agricultores, tornaram-se seus banqueiros<sup>80</sup>.*

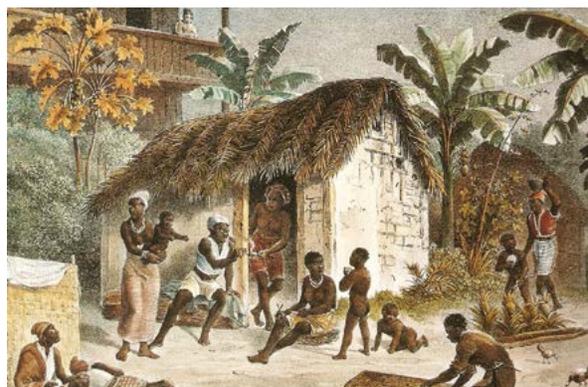
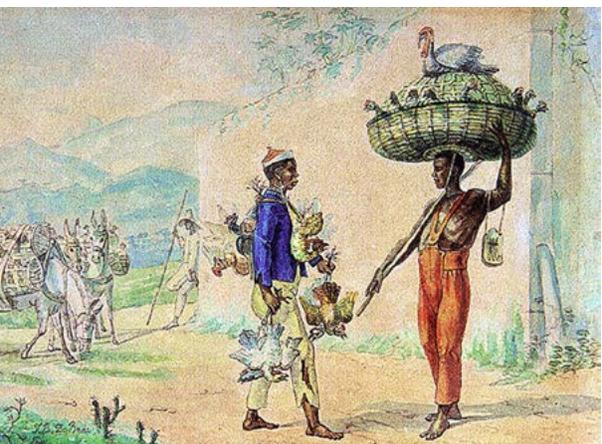
E novamente, como se vê, paciente leitor... Muitos caminhos, muitas cidades, muitos trilhos de trem, muitas vidas transformadas e muitas cidades mortas deixadas pelo caminho abandonadas pela cultura do café que avançava sempre...

Assim, decorrência desse processo, a partir de 1890, e em paralelo ao avanço dos trilhos do trem, iniciado na década de 1850, o café começou sua marcha para o oeste.

---

<sup>79</sup>MOTA, José Flávio. Op. Cit., p. 61.

<sup>80</sup>LAERNE VAN DELDEN C. F. Brazil and Java: Report on Coffee Culture in America, Asia and Africa to H. E. the Minister of the Colonies, London, W. H. In: MOTA, José Flávio. Op. Cit., p. 60 e MELO, Hildete Pereira. A zona rio cafeeira: uma expansão pioneira. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*. Taubaté, SP, v. 4, n. 3, p. 49-82, 2008.



# Das flores do café aos grãos colhidos por braços cativos e imigrantes iludidos: cada qual com seus sonhos de liberdade

QUANDO OLHAMOS PARA OS JORNAIS BRASILEIROS DO SÉCULO XIX, encontramos anúncios como o sapólio *valiosíssimo para lavar pratos e limpar todas as qualidades de utensílios de cozinha!* Ah! E tem também o elixir Prompto Allivio de Radway, que *curava inflamação de garganta, tosse, rouquidão, angina, coup, cólica biliosa, inflamação de entranhas, do estômago, dos pulmões, de fígado e rins, febre, nevralgia, dor nas costas, reumatismo, torceduras, dor de cabeça, de dente e de ouvidos, câimbras, espasmos, ataques nervosos e gotta, bem como diarreia, cholera morbus e dysenteria* e que era indicado especialmente para fazendeiros e viajantes que viviam ou passavam por lugares onde médicos e atendimento especializado, em geral, eram ausentes<sup>81</sup>.

---

<sup>81</sup>GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Roseane de Andrade (Orgs.) *E os preços eram commodos...*: Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 2000, p.196, 205, 207, 281-282. Adaptado.

Pois bem, entre um e outro, lendo um bocadinho mais, encontramos este aqui: *no dia 17 de Fevereiro de 1809 pelas 10 horas da manhã, se perdeu hum Moleque na Praia do Peixe, o qual terá 15 annos de idade; chama-se Matheus, he de Nação Cabundá, com calças de Amiagem, e Camiza de pano de linho; ignora a lingoa Portuguesa por ser comprado dias antes no Valongo: Quem delle souber, vá falar com João Pereira da Silva, morador na Rua da Ajuda 52 ao pé do Coronel Antonio Correa da Costa; e delle receberá boas alviçaras.* Ou, ainda, em 17 de julho de 1870, fugio o escravo **Anacleto**, creoulo, representando a idade de 30 a 35 annos, com os seguintes signaes: altura mediana, côr fula, corpo delgado, rosto comprido e um pouco entortado, boca regular e falta de 2 ou 3 dentes da parte de cima, um signal de cada lado das maçans do rosto, cabello cortado rente; a entrada da testa do lado esquerdo é maior do que a do lado direito, fala manso mostrando humildade. Sabe lêr e escrever e costuma inculcar-se forro e voluntário da pátria. Levou vestido paletot e calça de casimira preta com pouco uso e uma trouxa de roupa com calças e paletots brancos. Usa também de bigode e barba rapada. Quem o prender e trouxer em campinas e pozer na Cadêa receberá de gratificação 100\$000 do senhor **Joaquim Candido Thevenar**<sup>82</sup>.

Desconfortável ler coisas assim, não é?

Mas tratar do café significa mencionar que foi uma cultura que, se por um lado, trouxe avanços tecnológicos e riqueza, por outro, carregou em si a marca do desmatamento irracional de nossas florestas, que hoje sabemos, em parte, causou o empobrecimento do solo e a decadência de muitas regiões. Para além do impacto ambiental, o café, como a cana antes, o algodão e o ouro, foram também permeados pela exploração do trabalho escravo e, em especial nos fins do século XIX, do trabalho imigrante.<sup>83</sup> Esse era o outro lado da moeda... Não apenas seu sangue e suas lágrimas auxiliaram a semear as plantações, mas também seus sonhos de liberdade e de grandeza nesta terra de meu Deus!

<sup>82</sup>Guedes; Berlinck (Orgs.) Op. cit., p.196, 205, 207, 281-282. Adaptado.

<sup>83</sup>“Nos séculos que se seguiram ao colapso do Império romano, a escravidão não desapareceu por completo na Europa ocidental e mediterrânea. No entanto, no decorrer da Baixa Idade Média, a escravidão como sistema de trabalho deixou de existir no Ocidente europeu, excetuando-se os países do Mediterrâneo, isto é, das penínsulas Ibérica e Itálica. Mesmo aí, ela foi, nos séculos XIV e XV, tão somente uma instituição urbana, com importância limitada no conjunto da economia; o emprego em larga escala de cativos na produção agrícola havia se

Eram outros tempos em que ninguém pensava em falar que o ser humano tinha direitos e menos ainda ousava imaginar que o Estado devia qualidade de vida e dignidade a quem vivesse em seu território! Naqueles tempos, era outra a sensibilidade de quem mandava e de quem obedecia em uma nação que buscava entender qual sua identidade nessas terras tão diversas e imensas! Felizmente, nosso olhar brasileiro de século XXI se choca com aquela realidade e luta para que ela seja banida de vez por todas desta *terra brasilis*!

Assim, seria impossível escrever um livro sobre o café sem mencionar um ponto nevrálgico de sua existência, os braços que manejavam as plantações! Contudo, sabemos quanto as discussões sobre o tema são demasiado profundas e longe está nossa intenção de contemplá-las aqui.

Faremos, então, breve relato dos caminhos percorridos para esse pilar tão fundamental ao sucesso do café em terras brasileiras. Mas... com tanto que já foi produzido, por onde começar?

Um primeiro caminho pode ser explicar a você, leitor, que, para a quantidade de exportação da colônia Brasil, associada ao pouco desenvolvimento tecnológico de então, era de fundamental importância a importação de muitos, muitos, mas muitos braços mesmo, para conduzir a produção! Assim, o primeiro ponto a ser tratado é a necessidade do Tráfico Transatlântico ou Tráfico Internacional ou simplesmente Tráfico Negroiro<sup>84</sup>.

Alguns autores afirmam que, entre os séculos XVI e XIX, por volta de 10 e 12 milhões de almas migraram forçosamente da África para a América e que, desse total, entre 40% e 43%, ou seja, 5.848.266 africanos desembarcaram em portos brasileiros. O segundo local de recepção

---

tornado residual nestas últimas regiões. A recriação do escravismo, com o emprego massivo de escravos nas tarefas agrícolas, seria realizada por portugueses e espanhóis só após a segunda metade do século XV, com a introdução da produção açucareira nas ilhas atlânticas orientais (Canárias, Madeira, São Tomé), e, no século XVI, com a colonização da América.” MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negroiro e alforrias, séculos XVII a XIX. *Novos estudos - Cebrap*, n. 74, p. 107-123, 2006. 110p.

<sup>84</sup>Uma obra importante para entender esse processo histórico: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

foram as colônias do Caribe. Os Estados Unidos receberam por volta de 305.326 indivíduos<sup>85</sup>.

Esse total não foi uniforme e o fluxo dessa atividade econômica era instável, sim, pois houve um tempo em que comercializar seres humanos era considerado legal e legitimado pela legislação internacional<sup>86</sup>. Uma das fragilidades dessa prática era a logística que, a partir do início do século XIX, passou a sofrer algumas formas de restrição.

No caso brasileiro, o processo de crescimento do tráfico transatlântico de africanos sofreu um impacto com as pressões britânicas, manifestadas desde pelo menos 1807, quando se determinou o fim dessa atividade econômica para os ingleses. A discussão sobre suas razões são muitas e vão desde questões humanitárias, interesses econômicos na América, como mercado consumidor, por exemplo, e a ambição pelo possível mercado consumidor de manufaturados na África<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup>FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 23; SANTANA, Aderivaldo Ramos. A extraordinária odisseia do comerciante Ijebu que foi escravo no Brasil e homem livre na França (1820-1842). *Afro-Asia*, n. 57, 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/issue/view/1609/showToc>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>86</sup>Jaime Rodrigues, indiretamente, discute essa questão quando descreve a criação do Valongo, o mercado de comercialização de escravos na cidade do Rio de Janeiro, a Corte do Império brasileiro. Segundo ele, a construção desse mercado já era uma das preocupações do então vice-rei marquês de Lavradio quando governou o Brasil Colônia entre 1769 e 1779. “O mercado de escravos foi criado nessa época com o objetivo de solucionar o ‘terrível costume’ de fazer adentrar, em plena capital do vice-reinado, levas de escravos recém-chegados da África, que andavam pelas ruas ‘não só cheios de infinitas moléstias, mas nus’. O Valongo, ‘no subúrbio da cidade, separado de toda comunicação’ centralizaria a partir de então os negócios de compra e venda de escravos na Corte” [...] Um viajante “espanhol Juan Francisco Aguirre, que ali esteve em 1783, dizia que os africanos eram espancados e jogados no chão ‘entre mil imundícies, quase nus, encurralados em miseráveis e asquerosas habitações’. Até a criação do Valongo, a compra e venda dos cativos era realizada numa das 34 lojas de ‘negros novos’ pertencentes aos negociantes registrados no comércio varejista carioca em 1779, concentradas principalmente na rua Direita”. O Valongo auxiliou na otimização da atividade no Rio de Janeiro: “Havia o cais, onde atracavam sumacas, patachos e bergatins do tráfico africano e outras embarcações do sistema de transporte que ligava o Valongo aos outros bairros litorâneos da Corte. Havia mais construções civis, como os depósitos de armadores, de traficantes de escravos, de importadores de outras mercadorias e de pescadores, além dos alojamentos dos embarcações” (RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 298-299. Adaptado).

<sup>87</sup>Ampla abordagem para essa questão pode ser acompanhada nas obras: RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil*.

Com a necessidade de proteção, evidenciada pela Coroa portuguesa, à época da invasão napoleônica, tais pressões tomaram forma na cláusula dos Tratados de 1810, que definia o compromisso luso na gradual promoção do fim do tráfico. Em 1813, um Alvará de 24 de novembro limitava a 5 escravos, por tonelada, que um navio negreiro poderia carregar.

Parece uma grande vantagem, não é? Mas faça o seguinte cálculo: em média, os navios maiores, de diferentes modelos, alcançavam de 130 a 200 toneladas!<sup>88</sup> Mas, ainda assim, essa limitação já era um avanço... Além disso, fazia recomendações, inusitadas até então, sobre a questão da higiene e alimentação que deveria ser dispensada às *peças* (africanos) transportadas<sup>89</sup>.

Contudo, na prática, o assunto voltou à baila durante as discussões do Congresso de Viena (1815). Ali, o diplomata inglês **Castlereagh** arrancou dos representantes portugueses o compromisso de abolição do tráfico ao norte do Equador. Em troca, o perdão de 300 mil libras pertinentes ao restante de um empréstimo feito pela Inglaterra aos lusos, em 1809. Além disso, os ingleses não teriam que dar qualquer satisfação sobre os navios portugueses apreendidos antes de 1814 e, finalmente, ficava determinado que o governo ibérico fixasse data para o final do tráfico, o que novamente não aconteceu...<sup>90</sup>

Com a chegada da Independência e a necessidade de o Estado brasileiro, em processo de construção, de reconhecimento de seu *status* internacional, novamente as pressões inglesas se apresentaram transformando a presença dos traficantes brasileiros em uma situação constrangedora para o país. Principalmente porque o secretário do Exterior de sua majestade, **George Canning**, havia determinado

---

Campinas: Unicamp/Cecult, 2000; e BETHELL, Leslie. *A abolição do comércio brasileiro de escravos: a Grã-Bretanha e a questão do comércio de escravos (1807-1869)*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

<sup>88</sup>Ver: RODRIGUES, Jaime. Op. cit., 2005, p. 148.

<sup>89</sup>O que nem sempre significava mudanças efetivas: “Jacquemont descreveu os trapiches do Valongo como locais onde os cativos se cotovelavam em casas sórdidas, separados por sexo e idade e expostos a quem os quisesse comprar, depois de raspados, lavados e besuntados com unguentos para maquiagem as feridas ganhas na travessia do Atlântico”. O viajante nos informa ainda que o destino dos que pereciam no ato do desembarque ou nos primeiros dias da estada no Valongo: “Muitos deles, retirados já doentes dos porões dos navios negreiros, morriam ali mesmo e eram enterrados num cemitério próximo das valas comuns, improvisado no caminho da Gamboa, depois chamado, por isso, rua do Cemitério”. RODRIGUES, Jaime. Op. cit., 2005, p. 299-300.

<sup>90</sup>FLORENTINO, Op. cit., p. 41-42.

expressamente que nenhuma independência fosse reconhecida para países do Novo Mundo envolvidos em tráfico de africanos.

No cenário internacional, especialmente após a Revolução Francesa e a dispersão de seus ideais liberais por meio das tropas napoleônicas, as pressões para o fim do tráfico e, progressivamente, para a extinção da escravidão, eram relevantes.

**Mahommah G. Baquaqua**, um ex-escravo que foi capturado em África e vendido no Brasil, nos conta um pouco do que era ser *carga* em um navio negreiro: *Quando estávamos prontos para embarcar, fomos acorrentados uns aos outros e amarrados com cordas pelo pescoço e assim arrastados para a beira-mar. [...] Seus horrores, ah! Quem pode descrever? Ninguém pode retratar seus horrores tão fielmente como o pobre desventurado, o miserável desgraçado que tenha sido confinado em seus portais. [...] Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. [...] A única comida que tivemos durante a viagem foi o milho velho cozido. [...] Sofríamos muito por falta de água, que nos era negada na medida de nossas necessidades. Um quartilho por dia era tudo que nos permitiam e nada mais. Muitos escravos morreram no percurso. Quando qualquer um de nós se tornava rebelde, sua carne era cortada com uma faca e o corte esfregado com pimenta e vinagre para torná-lo pacífico. [...] Quando desembarquei, senti-me grato à Providência por ter me permitido respirar ar puro novamente, pensamento este que absorvia quase todos os outros*<sup>91</sup>.

Contudo, ao longo das décadas de 1820 e 1830, carecia alteridade aos nossos políticos da Corte de então que, embora soubessem o que se sofria em um tumbeiro, mantinham uma rejeição obstinada a mencionada ideia<sup>92</sup>. Entendiam que a supressão do tráfico e posterior abolição seria um desastre à economia brasileira, fundamentada na *plantation*, ou seja, monocultura, mão de obra escrava, latifúndio e exportação.

---

<sup>91</sup>LARA, Silvia Hunold. Biografia de Mahommah G. Baquaqua. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, mar. 1988/ago. 1988, São Paulo: Anpuh/Marco Zero, p. 272-273.

<sup>92</sup>Conhecidos como infernos flutuantes, os navios negreiros eram chamados também tumbeiros, pois eram verdadeiras tumbas, caixões flutuantes, tal a quantidade de africanos que morria durante a travessia.

Tratava-se de uma política de Estado! Não era pessoal, sabe?!

Ou seja, os ventos da mudança imaginados por muitos, que ansiaram pela Independência, se transformaram em leve brisa, uma vez que adentraram às salas das discussões parlamentares onde nossos políticos representavam uma profunda ligação com os interesses dos donos da terra. De tal modo, qualquer um que à época defendesse uma mudança nesse antigo modelo que se perpetuou no período colonial e se manteve para além da independência, cometeria suicídio político!

Conhecedor do contexto, **D. Pedro I** encontrou uma saída no início de seu breve reinado no Brasil. Definiu com os ingleses, em 1826, que, em troca do reconhecimento de nossa Independência, o tráfico passaria a ser considerado ilegal para os súditos brasileiros e entendido como ato de pirataria com todas as sanções devidas a esse tipo de atividade. O detalhe interessante nessa saída é que a determinação só começaria a valer em 1830, pelo menos era o que constava no papel...

Resultado: os brasileiros da época apelidaram essa definição como *lei para inglês ver!* Por quê? Fácil, explicar. Entre 1831 e 1834, o Brasil recebeu de cem a 1.200 escravos por ano. Entre 1838 e 1839, os desembarques anuais foram da ordem de mais de 40 mil *peças* traficadas. Na primeira metade da década de 1840, o montante esteve entre 14 e 23 mil africanos. E, finalmente, entre 1846 e 1850, houve um desembarque de cerca de 50 mil indivíduos por ano<sup>93</sup>.

O Rio de Janeiro foi o grande porto para o desembarque desses seres humanos, em especial, após a chegada da Família Real portuguesa, em 1808, que gerou aumento por mão de obra e serviços. Só essa cidade já demonstrava bem o quanto, para o brasileiro de então, era comum conviver com a mencionada realidade. No mesmo ano da Revolução Francesa, 1789, que lançou as bases para a destruição do Antigo Regime e trouxe para o Homem a ideia de direitos, com a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, a qual trazia, em seu primeiro artigo, que *os homens nascem e são livres e iguais em direitos*, a cidade do Rio de Janeiro possuía uma população de 170 mil pessoas, das quais metade, cerca de 85 mil, eram escravos. Logo depois, em 1823, o número de cativos quase dobrou, chegando a 150 mil!<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup>FLORENTINO, Manolo. Op. cit., p. 41-44.

<sup>94</sup>FLORENTINO, Manolo. Op. cit., p. 28.

Tamanha demanda ia além das necessidades da cidade do Rio de Janeiro, apenas. Havia, ainda, nas primeiras décadas do século XIX, as necessidades da zona cafeeira do Vale do Paraíba, São Paulo e Minas Gerais. *Em determinadas áreas desta zona, a população passou de 292 habitantes, em 1789, para 15.700 em 1840, caracterizando um crescimento de cerca de 5.300%! Na base dessa explosão, ocorria o vertiginoso aumento da produção de café fluminense, cujas exportações passaram de 160 arrobas, em 1792, para 318 mil, em 1817; 539 mil, em 1820, para 1.304.450, em 1826; quase 2 milhões em 1830 e 3.237.190, em 1835!*<sup>95</sup>

Eram as demandas econômicas, era o baixo preço do escravo e o costume social! O baixo custo do cativo possibilitava que toda a população brasileira os possuísse, desde um ex-escravo, passando pelo pobre e artesão até a classe média e chegando às grandes fortunas do País<sup>96</sup>.

Estranho era não possuir um escravo, na sociedade de então!

Mas essa foi a realidade até 1850!<sup>97</sup> A partir daí, as coisas mudaram... Um pouco...

Para ter uma ideia do que aconteceu com a chamada *Roma Negra*, após 1850, uma vez abolido o tráfico internacional, não havia mais a chegada constante dos escravos de *nação* ou seja, cativos em completo desconhecimento da cultura e língua brasileira<sup>98</sup>. A partir de então, houve uma mudança na população cativa, que progressivamente passou a ter contato com outros escravos, *criolos*, ou seja, nascidos em terras americanas, em regiões como as províncias do norte e que passaram a ser desembarcados no porto do Rio de Janeiro, no chamado tráfico interprovincial. Além disso, o resultado imediato foi o aumento de seu preço, inserido que estava na

---

<sup>95</sup>Idem, p. 40.

<sup>96</sup>“Diversos trabalhos recentes documentam a prática bastante comum de negros e mulatos livres, libertos e mesmos escravos serem donos de escravos. Por conta da dinâmica do tráfico para o Brasil, o mais volumoso na história do comércio negro transatlântico, o africano escravizado era uma mercadoria socialmente barata. Foi isso que permitiu o disseminar da escravidão pelo tecido social brasileiro, marcando a particularidade desse sistema escravista” (MARQUESE, Rafael de Bivar. Op. cit., 2006, p. 118-119).

<sup>97</sup>A Lei Eusébio de Queirós, de 1850, extingue o tráfico transatlântico no Brasil (PEREIRA, Walter Luiz Carneiro de Matos. José Gonçalves da Silva: traficante e tráfico de escravos no litoral norte da província do Rio de Janeiro, depois da lei de 1850. *Tempo*, v. 16, n. 31, 2011).

<sup>98</sup>KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 29.

lógica da oferta-demanda, impedindo que os menos privilegiados tivessem acesso. Na sequência, as recorrentes epidemias de cólera e febre amarela dizimaram a população cativa, fazendo com que muitos senhores, no afã de proteger seus investimentos, os enviasse para suas propriedades rurais, distante dos *eflúvios pestilenciais* urbanos<sup>99</sup>.

Finalmente, uma última causa para a diminuição da população escrava carioca foi a demanda por mão de obra nas fazendas de café dos arredores do Rio de Janeiro, de início e posteriormente para o Vale do Paraíba<sup>100</sup>.

Em seu lugar, na cidade, os imigrantes europeus brancos pobres começaram a se ocupar das tarefas antes feitas por traficados negros africanos...

## Uma vez na terra, para onde seguir?

Se já foi dito que a ocupação do café em terras brasileiras esteve ligada aos esforços individuais de determinados funcionários reais e governantes, o mesmo se aplica à questão da mão de obra, escrava ou não, empregada em suas lavouras que, de uma forma ou outra, esteve atrelada às discussões nacionais sobre os caminhos que seriam trilhados pelo Estado brasileiro, tanto no Império quanto, posteriormente, na República!

Desta forma, escravos e imigrantes, uma vez chegados aos portos do Rio de Janeiro e de Santos, seguiam País adentro para a lida do café. Cumprindo sua sina, no caso dos primeiros, ou na captura de seus sonhos, em se tratando dos segundos! Talvez o espanto da chegada associado à confusão de imagens, cores e cheiros tão diversos de sua localidade de

---

<sup>99</sup>“A febre amarela e, mais lateralmente, o cólera, não foram os únicos casos em que o tráfico foi considerado o difusor das doenças. Também parece haver um consenso entre os historiadores da medicina em torno da afirmação de que determinadas moléstias inexistiam na América antes da conquista europeia, sendo a lepra um dos casos mais recorrentes. Em Cuba, por exemplo, a doença foi vista como própria dos africanos. Miguel Gonzalez-Prendes supôs que a lepra teria chegado à ilha no início do século XVII, a bordo dos navios negreiros que contrabandeavam escravos a partir de grandes focos de doença situados nas costas da África e, assim, se esquivavam da inspeção de saúde nos portos fiscalizados” (RODRIGUES, Jaime. *No mar e em terra: história e cultura de trabalhadores escravos e livres*. São Paulo: Alameda, 2016, p. 200).

<sup>100</sup>KARASCH, Mary C. Op. cit., 2000, p. 29.

origem não possibilitasse sua compreensão imediata, mas todos estavam ligados às decisões político-econômicas que envolviam o trono e a terra.

Assim, a empresa cafeeira precisava inicialmente de terra e mão de obra o que, até 1850, com o fim do tráfico negreiro, foi relativamente tranquilo para se conseguir. Além disso, os cafeicultores, desde seu início, entendiam a profunda relação de suas plantações com a questão comercial. Ou seja, a elite cafeeira teria sido forjada na busca por: aquisição de terras, o que envolveu amplo desmatamento de florestas, recrutamento de mão de obra, organização da produção, *transporte interno, comercialização nos portos, contatos oficiais, interferência na política financeira e econômica*<sup>101</sup>.

Isso posto, quando se observa o processo de avanço do café, é de relevância basal entender que, após a lei de 1850, as discussões acerca do que fazer sobre os braços para as plantações passaram a ocupar a agenda do dia de parlamentares imperiais e seus redutos eleitorais.

Para a cidade de Campinas, por exemplo, em função do café, embora em menor velocidade, a população cativa continuou avançando, dependendo não mais dos escravos de *nação* e sim dos migrados via tráfico interprovincial. Para o ano de 1872, por exemplo, o registro nacional, ou *matrícula geral*, computava cerca de 14 mil cativos, em sua maioria *criolos*<sup>102</sup>.

Assim, em Campinas, como nas demais áreas cafeeiras, em que pesem as flutuações de uma região para outra, ainda não se pensava seriamente em se desvencilhar dos escravos.

Contudo, a imigração não era de todo uma novidade...

*Sem Índio para caçar, sem ouro para explorar, o paulista entregava-se à mais desanimadora ociosidade. Tornava-se urgente a contribuição de um sangue novo, não contaminado pelo micróbio da aventura. Daí o começarem com o século dezenove as tentativas de incremento à imigração*<sup>103</sup>. Em 1813, o príncipe regente, influenciado pelos conselhos do **marquês de Alegrete**, outorgara alguns benefícios aos imigrantes que quisessem se estabelecer em São Paulo:

---

<sup>101</sup>FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1963, p.146.

<sup>102</sup>SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.71.

<sup>103</sup>Sérgio Milliet escreve sobre o paulista do início do século XIX. MILLIET. Op. cit., p. 14-15.

*terras para plantar, sementes e instrumentos, gado e casa e até “mesadas para a sua sustentação nos primeiros anos”. Além do mais ficavam os imigrantes isentos do serviço militar, tanto nos regimentos de linha como nos corpos de milicianos. Mas tantas vantagens não surtiram efeito imediato e apenas em 1827 se observou um movimento de 336 alemães na capital da Província paulista. Ainda segundo este autor, não se buscavam apenas braços para lavoura, mas, sim, a construção de um grupo de pequenos proprietários, uma vez que os serviços mais rudes ainda estavam por conta dos braços cativos. Contudo, na década de 1820, a São Paulo ainda não era atraente, visto que faltava capital para o financiamento da viagem e crédito para a agricultura<sup>104</sup>.*

Taunay descreve que, em 1840, o então senador do Império, **Nicolau Campos Vergueiro**, havia iniciado um projeto. Segundo ele, o mencionado senador havia importado colonos portugueses para trabalhar na produção de seus cafezais da Fazenda Ibicaba, localizada em Limeira. Contudo, a primeira experiência não havia funcionado a contento, fazendo com que novas tentativas ocorressem em 1847, dessa vez com colonos alemães<sup>105</sup>.

Como se vê, curiosamente, as fontes levam a entender que, no início da produção cafeeira, na Província de São Paulo, mãos escravas e imigrantes cultivaram lado a lado. Ao final do processo escravista, em especial a partir da década de 1870, com as experiências mais estruturadas de imigração e colônias, o mesmo fato se repetiu.

Mas, antes disso, e com o correr do século XIX, ficava explícito que a escravidão tinha data para acabar e que sem braços seria impensável sonhar com o ouro produzido pelo café. Em 1885, o já mencionado **Laërne**, agrônomo holandês, designado para entender o sucesso do café, concluía que *há muitas minas de prosperidade no Brasil Central, que poderiam produzir grandes retornos se pudessem ser exploradas. Mas todo o progresso está[va] travado pela falta de trabalhadores*<sup>106</sup>.

Sua perspectiva era realista, pois, progressivamente, as fazendas de café se transformaram em grandes empresas cafeeiras que, por sua vez,

---

<sup>104</sup>MILLIET. Op. cit., p. 14-15.

<sup>105</sup>TAUNAY. Op. cit., DNC, 1945, p. 56.

<sup>106</sup>LAËRNE, 1885, p. 372, apud MARQUESE, Rafael de Bivar. As origens de Brasil e Java: trabalho compulsório e a reconfiguração da economia mundial do café na era das revoluções, c. 1760-1840. *História* (São Paulo), v. 34, n. 2, 2015, p. 109.

necessitavam de maior tecnologia para ampliação constante da produção de grãos, mas que, contraditoriamente ao processo mundial de evolução do trabalho assalariado como parte do sistema capitalista em curso, ainda necessitavam de grandes planteis de escravos.

Relatos de viajantes descrevem a rotina da escravaria em uma fazenda de café, o que confirma nosso então descompasso com o processo internacional mencionado<sup>107</sup>. Dizia ele que diariamente o capataz ou administrador, uma vez amanhecido o dia, fazia a *revista* do plantel a fim de notar se faltava algum cativo, anotando se a ausência era por doença, *omissão* ou, ainda, fuga. Na sequência, dava alta aos *restabelecidos do hospital* ou para aí mandava *os que se achavam enfermos*. Além disso, aferia se *os escravos tinham ferramenta própria do trabalho do dia*.

Após essa verificação inicial, os mandava *persignar-se e rezar duas ou três orações, e seguir logo para o seu destino, acompanhados pelo feitor*. Em seguida, visitava os doentes e orientava o tratamento *dos animais domésticos, mandando-lhes dar as rações do costume e inspecioná-los; iria logo ao moinho temperá-lo e mandar por-lhe milho, que devia ficar, de véspera, em forno aquecido; percorreria as fabricas que se achassem em movimento, e daria ordens a tal respeito*.

Isso feito, verificava as roças a cavalo *demorando-se todo o tempo possível no lugar em que se achassem os trabalhadores, observando se o serviço era bem-feito, o capim bem arrancado, os roçados, com todas as arvores, bem decepadas, os cipós bem cortados. Seguiria depois para os terreiros de café, se fosse época da colheita, a ver se estavam sendo bem mexidos, e se neles havia falta feita pelos ratoneiros*<sup>108</sup>.

Parece uma tarefa de pouca monta, verificar se os terreiros de café tinham sido surrupiados por *ratoneiros* também conhecidos por gatunos, não é?

Mas é ainda Taunay quem explica; os desvios do café do terreiro eram comuns e irritavam em grande medida os cafeicultores. Em geral, os gatunos, *eram os escravos “puladores do quadrado” os que realizavam tais furtos*. E, uma vez descobertos, eram punidos severamente.

---

<sup>107</sup>Embora se trate de uma grande fazenda de propriedade do barão do Paty de Alferes, a descrição nos serve para o que se propõe este livro, ou seja, apresentar uma leve e breve discussão sobre o café. TAUNAY, Op. Cit. , 1939, p. 60.

<sup>108</sup>TAUNAY, Op. Cit. , 1939, p. 60. Adaptado.

Mas eles roubavam para quem e por quê? Seus receptadores eram proprietários de pequenas *vendolas* de beira de estradas, que ficavam no caminho de grandes fazendas produtoras, que trocavam os quilos de café surrupiado por *aguardente e bugigangas*. O “negócio” era tão próspero que muitos desses vendeiros progressivamente passavam a ser prepostos dos *comissários do Rio de Janeiro e de Santos!* As boas e más línguas de então, sempre sábias, diziam que era frequente um e outro *vendeiro* despachar *aos portos milhares de arrobas de café*, mesmo sem possuir *um único cafeeiro*. Seria malevolente generalizar, pois, certamente, muitos vendeiros negociavam licitamente o *licor do Oriente*, mas quando se descobria ilegalidade desse tipo, a prudência dos produtores era deixada de lado, chegando ao ponto de *execução sumária dos incriminados receptadores!*<sup>109</sup>

Um caso interessante ocorreu em 1880, em um município de grandes cafeicultores. Ali, um português, dono de *vendola* de beira de estrada, enriqueceu rápida e formidavelmente! *Falava-se que toda esta prosperidade provinha do desvio do café das grandes fazendas, suas vizinhas*, chegando a exportar cerca de 5 mil arrobas anuais! A prosperidade era tanta que o receptador resolveu *construir extensa rancharia para os seus depósitos contíguos à casa principal de negócio já muito acrescida de apêndices com armazéns*. Em um domingo de festa, *com foguetório e libações bacchicas da caboclada da redondeza num “samba e bate-pé de arromba”*, além de muitos convidados, inaugurou suas novas instalações.

Foi uma festança que só! Uma beleza de se ver!

Mas, alguns dias depois...

Fazendeiros locais rodearam o estabelecimento acompanhados *de avultada escravatura tangendo muitas juntas de bois carreiros*. Assustado, o português perdeu sua empáfia de dias atrás e, ajoelhado, em pânico pedia *misericórdia em todos os tons*, enquanto via seu estabelecimento recém-reformado ser demolido pelos escravos e pesadas correntes presas aos bois. Para a lição ser completa, os cafeicultores, deitaram querosene nas ruínas e nas mercadorias, que restavam sob os escombros, ateando fogo!

Um jovem fazendeiro, que posteriormente seria Parlamentar no Império, e que teve seu nome convenientemente omitido, participou da

---

<sup>109</sup>Idem, p. 58. Adaptado.

cena e contava que, para arrematar o feito, expulsaram, o receptor-proprietário de vendola e àquela altura desempregado, avisando que se ousasse voltar para a região seria *passado a bacalhau*, ou seja, chicoteado como se fazia com os escravos.

A esta altura, você deve estar impressionado com a cena e imaginando o que teria acontecido com o dito português?!

Então... ao que parece, a paixão pela recepção era maior do que o medo! Algum tempo depois, mudara de nome e para uma região distante de sua primeira empreitada aqui descrita. Fazendo o quê? Receptando cargas surrupiadadas de café!<sup>110</sup>

Mas, voltando ao cotidiano do administrador e dos escravos na fazenda, como se vê, todas as atividades tinham uma importância vital. Aliás, *um dos maiores títulos de glória de nossos velhos fazendeiros era que suas propriedades só precisavam — para manter seus proprietários, agregados e escravatura — da importação de sal, ferro e pólvora. Tudo o mais produziam e fartamente. A parte capital das indústrias subordinadas do plantio do café, vinha a ser a produção dos mantimentos, sobretudo do milho, arroz e feijão. Tratando da primeira gramínea, expressivamente, se dizia que o milho era o alimento mais necessário ao lavrador, pois, com ele, se nutriam os escravos, a tropa, os cavalos, os porcos, os carneiros, galinhas, etc. etc. A recomendação de então era que se tivesse o celeiro, onde se depositava o milho, bem provido, e haver a maior cautela na sua sementeira, que deve ser em terras da melhor qualidade*<sup>111</sup>.

Assim, seguindo sua rotina, o administrador observaria também o estado das *roças de milho, feijão, mandioca*, além das cercas para que os animais não invadissem as plantações. Ainda precisaria observar se *a madeira tirada era de boa qualidade e se não havia desperdício; se seria ou não preciso compor as picadas e mandar fazer os caminhos para se conduzi-la ao local da obra*. Para esse trabalho específico, era necessário um grupo pequeno e especializado de escravos, o que tornava o trabalho mais eficaz. A prática demonstrava que, para serviços desse tipo e reparos em cercas, um grande número de escravos tornava o trabalho lento e improdutivo.

---

<sup>110</sup> TAUNAY, Op. Cit. , 1939, p. 58 -59. Adaptado.

<sup>111</sup> TAUNAY, Op. Cit. , 1939, p. 73. Adaptado.

O fim do dia não significava a conclusão do trabalho. O administrador ainda deveria colocar em formação, para uma *segunda revista*, os escravos recém-chegados do campo. A seguir, haveria o *serão da noite* que poderia durar até às vinte e trinta ou vinte e uma horas, *ou no paiol ou no engenho de mandioca. Findo o serão, iriam os escravos ceiar, e logo depois reco-lher-se às senzalas, proibindo-se que saíssem até o toque da chamada da madrugada. Todo escravo que infringisse este preceito policial deveria ser castigado, conforme a gravidade do caso, porque os passeios noturnos vinham a ser a causa de muitas moléstias nos escravos e prejuízos para o fazendeiro*<sup>112</sup>.

Se, em muitas fazendas, os escravos viviam em senzalas coletivas, pesquisas produzidas desde a década de 1980 demonstram que o ser humano é tão incrível que, mesmo nas piores condições às quais eram subordinados, conseguiam encontrar possibilidades de acordos cotidianos que traziam pequenos alívios em seu miserável dia a dia. Era o caso das famílias escravas que viviam em senzalas separadas.

Para os cativos mais velhos, após anos de servidão e muitas vezes para não ter que despendar mantimento para quem não mais trabalhava no eito, para esses, também era permitida a vida individual em cabanas próximas às matas, de onde retiravam os pequenos animais, as frutas e as ervas. Ali, ficavam em “paz”, garantidos, muitas vezes, pela autoridade moral conquistada de seus senhores e demais cativos do plantel.

Ali, no meio da mata, em cabanas rústicas, o fogão a lenha estava constantemente aceso, com café pronto e chá, para diversos fins, oferecidos a quem chegava. Em um canto, geralmente perto da janela para o vento bater e perfumar o ambiente, havia um copo de barro, que ambicionava ser vaso, onde sempre se podia encontrar, convivendo na harmonia pouco possível entre os Homens, o alecrim trazido pelos primeiros portugueses e a guiné trazida pelos cativos africanos.

Era para esses pais velhos e mães pretas, calejados pela humilhação e sábios pelo sofrimento, que se corria em caso de doença desconhecida, na busca de orientação ou alento para as dores da alma humana, fosse ela cativa ou não. No nosso imaginário, tais personagens, tão comuns na sociedade de então, ocupam um lugar de deferência e referência!

---

<sup>112</sup>Idem, p. 60-61. Adaptado.

Essas possibilidades de sobrevivência dentro da vida escrava podem também ser notadas na alimentação. Aos escravos, em especial de senhores mais pobres, além da farinha, feijão e carne-seca, muitos complementavam sua dieta com peixe e alguma caça do mato, como, por exemplo, tatus, iguanas, pacas, capivaras, cutias, ou outros petiscos de sua predileção, além de frutas e legumes do mato<sup>113</sup>.

A manutenção desse cotidiano descrito, no que diz respeito ao domínio da mão de obra cativa, estava garantida por um imbricado sistema político, que garantia, através de deputados e senadores do império, a preservação dos interesses cafeicultores<sup>114</sup>. Martins explica que, após a Constituição de 1824, os produtores de café progressivamente compreenderam as possíveis relações profundas que poderiam ser criadas entre o vigoroso poder do Parlamento brasileiro e uma legislação que os contemplasse em seus interesses.

Assim, passaram a se fazer representar *por políticos profissionais junto ao executivo e legislativo que atuaram como seus porta-vozes no momento em que foi posta em prática uma política liberal moderada, capaz de assegurar os interesses dos cafeicultores. Política de conotação conservadora, na qual coincidiam os interesses dos “políticos profissionais” com aqueles dos fazendeiros de café*<sup>115</sup>.

Contudo, mesmo com o controle do poder político interno e com o domínio da agenda de política doméstica nas mãos de tais políticos, havia variáveis de contextos externo e interno que não poderiam ser controladas. Por exemplo, como a já mencionada Revolução dos Negros, no Haiti, e sua reverberação entre a população livre e cativa brasileira. Algo do tipo: Se eles fizerem isso lá, por que não fariam aqui? E o contexto nacional,

---

<sup>113</sup> SLENES, Robert. Op. cit., p. 184.

<sup>114</sup> “O Brasil dispunha, ao tornar-se independente, de uma elite ideologicamente homogênea devido à sua formação jurídica em Portugal, a seu treinamento no funcionalismo público e ao isolamento ideológico em relação a doutrinas revolucionárias. Essa elite se reproduziu em condições muito semelhantes após a Independência, ao concentrar a formação de seus futuros membros em duas escolas de direito, ao fazê-los passar pela magistratura, ao circulá-los por vários cargos políticos e por várias províncias. [...] A ausência de conflitos políticos que levasse a mudanças violentas de poder tinha também como consequência a redução de um dos poucos canais disponíveis de mobilidade social ascendente. [...] A manutenção da escravidão, um compromisso da elite com a propriedade da terra, reforçou mais ainda o aspecto de redução da mobilidade social” (CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro das sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: UFRJ, Relume-Dumará, 1996, p. 34 e 36.

<sup>115</sup> MARTINS, Ana Luiza. Op. cit., p. 79-80.

em certa medida, confirmava a paranoia de muitos senhores, uma vez que as primeiras décadas do século XIX foram povoadas de rebeliões escravas e assassinatos de senhores efetivados por seus cativos. Além disso, o fim do tráfico, em 1850, transformou progressivamente a discussão sobre mão de obra em uma questão premente<sup>116</sup>. Finalmente, a partir da década de 1870, movimentos de caráter emancipacionistas passaram a se tornar mais visíveis em jornais, nas discussões parlamentares, nos debates nas cafeterias e tabernas e nas ações mais radicais dos caifazes.

É nesse universo que a alternativa imigrantista passa a ser evidenciada...

No Parlamento brasileiro, as discussões eram cada vez mais inflamadas<sup>117</sup>. A certa altura, sobre a oposição ferrenha das Províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro a qualquer flexibilização no que tocava à escravidão, um deputado de Minas dizia que *é justo que estivessem temerosas, pois uma crise em sua produção afetaria seriamente a renda pública*<sup>118</sup>.

Marcondes explica que Ribeirão Preto, por exemplo, em 1874, *detinha pouco mais de cinco mil habitantes, dos quais pouco mais de oitocentos eram cativos. Estes últimos perfizeram 15,4% do conjunto dos moradores. Já em 1886, a população total quase duplicou, chegando a 10.420 pessoas. O crescimento médio anual no período chegou a 4,6% ao ano, enquanto a província aumentou a 2,7% ao ano. A população escrava matriculada até março de 1887 chegou a 1.379 indivíduos, representando 13,2% do total de 1886. Apesar do declínio expressivo do número de cativos da província,*

---

<sup>116</sup>Um trabalho fundamental para a compreensão deste contexto é a obra de AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>117</sup>CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 286.

<sup>118</sup>“De acordo com um relatório enviado ao presidente da província em 1854, São Paulo contava com 2.618 fazendas de café, que empregavam 55.834 escravos, 2.519 colonos e 4.223 agregados. O mesmo relatório estima que havia na província 667 engenhos de açúcar, empregando 15.641 escravos, 10 colonos e 698 agregados; e ainda 532 fazendas de gado, empregando 4.342 escravos, e 1.767 agregados. Quando de sua viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, no início da década de 1860, o cônsul suíço Tschudi encontrou colonos brasileiros entre os parceiros de várias fazendas de café. Em 1872, em um dos maiores distritos cafeeiros, Rio Claro, cerca de 1.700 pessoas livres, entre agregados e sitiantes, eram empregadas nas fazendas da região, enquanto o número de escravos era de 2.753. Em 1876, 45 fazendas em Rio Claro empregavam trabalhadores livres e escravos; 22 empregavam apenas escravos” (LAMOUNIER, Maria Lúcia. *Agricultura e mercado de trabalho: trabalhadores brasileiros livres nas fazendas de café e na construção de ferrovias em São Paulo, 1850-1890. Estudos Econômicos (São Paulo)*, v. 37, n. 2, p. 353-372, 2007, p. 358. Adaptado).

houve um aumento significativo no município em comparação a 1872. Tais dados evidenciavam a importância da mão de obra escrava para Ribeirão Preto e os seus primeiros cultivos de café. E acrescenta usando um viajante; em 1883 o mencionado município possuía 1.386 escravos para a existência de 761 estrangeiros<sup>119</sup>.

Contudo, para além das oposições parlamentares que defendiam os senhores de terra, veio a Lei de 1871, também conhecida como Ventre Livre ou Rio Branco.<sup>120</sup> Ela estabelecia em seu artigo primeiro que os filhos de escravas que nascessem no Brasil a partir daquela data seriam considerados de condição livre.<sup>121</sup> Entretanto deveriam ficar junto dos proprietários de suas mães que teriam por obrigação criá-los até os oito anos de idade. Após esta idade o senhor poderia escolher entre receber uma indenização no valor de 600 mil réis ou manter o menor trabalhando junto aos outros escravos até a idade de 21 anos<sup>122</sup>.

Além dela, veio também a de 1885, ou dos Sexagenários, ou ainda Saraiva Cotegipe, que definia em linhas gerais a liberdade ao escravo com idade igual, ou superior, a 60 anos, desde que ficasse mais três anos trabalhando gratuitamente como forma de indenização para seu ex-senhor.

É de se perguntar: A quem, tais leis favoreceu?...<sup>123</sup>

Os debates parlamentares continuavam. Se não teriam escravos, quais seriam os braços para os afazeres das diversas *commodities*, e, em especial, o café, exportado pelo Brasil?

As possibilidades eram muitas. No páreo das disputas parlamentares, se defendiam ora os chineses, ora os americanos, ou então os italianos,

---

<sup>119</sup>MARCONDES, Renato Leite. O café em Ribeirão Preto (1890-1940). *História econômica & história de empresas*, v. 10, n. 1, p. 171-192, 2007.

<sup>120</sup>Coleção de Leis do Império do Brasil – Atos do Poder Legislativo. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/LIM/LIM2040-1871.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LIM/LIM2040-1871.htm)>. Acesso em: 28 abr. 2012.

<sup>121</sup>“Se o senhor optasse por receber a indenização pecuniária, o menor deveria ser entregue ao Estado, que lhe daria o ‘destino’ conveniente, remetendo-o a ‘estabelecimentos públicos’. Nesse caso, o senhor receberia títulos de renda emitidos pelo governo, no valor de 600 mil réis sobre o quais seriam pagos juros de 6% anuais” MENDONÇA, Joseli M. N.. *Entre a mão e os anéis: a lei dos sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil*. Campinas: Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999, p. 98.

<sup>122</sup>MOLINA, Sandra R. A cruz do Pedro: memórias sobre o menino que virou festa. XXI Encontro Estadual de História: trabalho, cultura e memória, *Anais...* 2012.

<sup>123</sup>MENDONÇA, Joseli M. N. Op. Cit., 1999.

os alemães, ou ainda os suíços, entre outras possibilidades. Para cada nacionalidade avaliada, um julgamento baseado no senso comum se apresentava. O deputado **Manoel Pereira de Souza Arouca** dizia: *Se é italiano, aí temos o comércio de latas de folha-de-flandres; se é francês, aí temos mais um joalheiro; se é um português, aí temos um armazém de cebolas, paios e presuntos; se é alemão, temos logo 4, 6, 8 vacas de leite para a manteiga, temos logo uma padaria para se misturar o trigo com o milho*<sup>124</sup>.

Outro deputado, paulista, **Bento de Paula Souza**, defendia, por sua vez, os imigrantes americanos, dizendo que eram *Homens valentes, de energia, que sabem respeitar as autoridades, quando a autoridade é a lei, porque sabem se opor a ela, quando transgride seus deveres. Bastava somente esta qualidade para eu dizer: São homens que nos convêm, pois é preciso inocular em nossas veias sangue novo, porque o nosso já está aguçado*<sup>125</sup>.

Como se vê, se a questão da mão-de-obra era inevitável também era evidente a vontade de embranquecer e “civilizar” a nação brasileira. Esta perspectiva se evidencia na comparação entre os possíveis imigrantes alemães e os escravos africanos. Sobre o imigrante germânico, o deputado **Inglês de Souza** dizia *um país que inventou a imprensa antes da Alemanha, e que inventou a pólvora, um país que criou indústrias não pode de forma alguma ser comparado ao hotentote bruto, ao zulu ou a outro qualquer povo africano. Um país nestas condições, um país independente, que tem governo seu, que tem instituições, não pode produzir homens iguais na inteligência às hordas selvagens da África, que, importados para o Brasil, vieram constituir a fonte de nossa escravatura*<sup>126</sup>.

Em paralelo aos debates acirrados e às demonstrações de eurocentrismo explícito, desconfortável aos nossos olhos de século XXI, mas pertinente àquele universo, nas fazendas, os imigrantes foram chegando...

Inicialmente por meio das já mencionadas iniciativas particulares de determinados fazendeiros. Depois, por meio da imigração subvencionada pelo Estado, o que, no limite, significava dizer que um grande aporte de recursos públicos era transferido para um único produto da pauta

---

<sup>124</sup>AZEVEDO, Célia Marinho de. Op. cit., p. 126.

<sup>125</sup>AZEVEDO, Célia Marinho de. Op. cit., p. 144.

<sup>126</sup>Idem, Ibidem, p. 151.

de exportações, o café, e para uma região em especial, a Sudeste.<sup>127</sup> Mas mesmo com muita oposição parlamentar, os fazendeiros de café, utilizando a já mencionada conexão entre Terra e Estado, conseguiram e os imigrantes vieram...

Uma vez aportados em Santos, por exemplo, eram acomodados em uma Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. Ali também estava alocada a Agência Oficial de Colocação e Trabalho responsável por fazer uma ligação com os proprietários das fazendas de café do interior, entre outras possibilidades.

E assim, primeiro de navio, depois de trem, e, após, de carroças e carro de boi, eram levados para o interior, onde seriam mão de obra barata para o trato com o café.

Essa progressiva transição para o trabalho livre não significava uma imediata mudança na mentalidade dos fazendeiros acostumados aos mandos e desmandos da escravidão. As relações com os imigrantes não eram claramente definidas pelo salário em dinheiro. O pagamento era permeado por situações como o oferecimento de casa de morada, pastos e terrenos para plantar mantimentos ou, ainda, a possibilidade de *comprar fiado* na venda da fazenda ou da colônia, possibilidades que enredavam progressivamente o colono na dependência e dívida para com seu patrão, criando um ciclo vicioso difícil de ser rompido<sup>128</sup>.

Eram famílias inteiras que chegavam para extenuantes jornadas de trabalho e péssimas condições de vida, em um país acostumado com cerca de 300 anos de escravidão. Aos homens, o trabalho mais pesado. Às mulheres, o cuidado com as hortas, os animais, a colheita do café, a cozinha e a casa dos patrões. Às crianças, ficava a participação no processo de beneficiamento do café, como, por exemplo, manipular os grãos nos terreiros para a secagem.

---

<sup>127</sup>“O fazendeiro já não teria de arcar com as despesas de imigração, que passaria a ser subvencionada pelo Estado, ficando liberado das imobilizações de capital que fazia na pessoa do colono, sob a forma de renda capitalizada, com os dispêndios junto aos agenciadores, companhias marítimas, etc. Ao invés de encaminhar os imigrantes, recrutados por agenciadores a serviço do governo, para colônias oficiais, eles passaram a ser encaminhados às próprias fazendas de café” (MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Lech, 1981, p. 66).

<sup>128</sup>MARTINS, José de Souza. *Op. cit.*, p.67.

A pobreza era muita, o que fazia com que as condições de vida fossem áridas. Com o nascer do sol, enxada nas costas e a esperança no coração, saíam para a roça. Uma possibilidade para enriquecer a dieta era o cultivo de milho e feijão entre os pés de café, onde trabalhavam em média de 10 a 14 horas diárias. Com o auxílio do moinho da fazenda, transformavam a polenta no prato central de sua dieta, associada ao almeirão. Uma vez retornando do eito, muitos gastavam mais algumas horas cuidando de porcos e galinhas que conseguiam criar, além de *rachar a lenha*, tudo para o uso particular. Era uma forma de melhorar o que se ingeria e também economizar para a concretização do grande sonho: o acesso ao seu quinhão de chão e a libertação da vida de exploração na fazenda. Após o jantar, se reuniam para tocar sanfona e dançar tarantela, no caso dos imigrantes italianos<sup>129</sup>.

As colônias progressivamente se transformaram em espaços de sociabilidade entre várias nacionalidades e com escravos e libertos, o que nem sempre significava convivência harmônica. Para além disso, ali residiam também imigrantes com habilidades especializadas, como, por exemplo, sapateiros, construtores de caixões, carpinteiros, marceneiros, seladores, entre outros que ofereciam serviços não apenas para os moradores da fazenda, mas também das redondezas.

A falta de harmonia também estava para além do perímetro das colônias e fazendas. Muitas vezes, havia também estranhamento e xenofobia no processo de recepção desses novos braços. Em 1885, o deputado **Martinho Prado Jr.** denunciava *Há muito tempo que no Ribeirão Preto a força pública declarou guerra caprichosa a toda a população estrangeira; e a primeira vítima da odiosidade das autoridades foi a colônia italiana. Considerando-se ali um crime um italiano estabelecer-se com negócio, chegando-se a considerar um atentado que um estrangeiro fosse ali estabelecer-se com negócio em concorrência com os nacionais. Com efeito, foram dadas ordens terminantes aos agentes da força pública para que, quando encontrassem italianos na rua, os fossem acutilando. A força pública assim o fez, e este fato reproduziu-se muitas vezes, com grande escândalo, e, ainda mais, com grande injustiça para com aquela colônia que se constitui de pessoal muito distinto, de homens muito morigerados e trabalhadores, e que só tem o crime de serem estrangeiros*<sup>130</sup>.

---

<sup>129</sup>Informações baseadas em entrevista realizada em março de 2018 com uma descendente de imigrantes italianos e ex-moradora de colônia, dona Célia Bondezan de Oliveira.

<sup>130</sup>AZEVEDO, Célia Marinho de. Op. cit., p. 171-172.

Mas se havia tanto empenho em trazer os imigrantes, o que explica a xenofobia declarada nessa denúncia?

É importante lembrar que, no Brasil, não havia exclusivamente trabalhadores escravos e trabalhadores imigrantes. Os trabalhadores brancos, negros e mulatos, nascidos no Sudeste ou vindos de outras regiões do País, também orbitavam nessa estrutura econômico-social.<sup>131</sup> Para a formação de fazendas cafeeicultoras, nas décadas finais do século XIX, por exemplo, os fazendeiros preferiam contratar caboclos e caipiras para derrubar a mata e limpar a terra, pois a essa altura o preço do escravo havia valorizado e convinha poupá-los<sup>132</sup>.

Esses trabalhadores livres e pobres se engajavam de diversas formas na cadeia produtiva local trabalhando como *agregados, camaradas, empreiteiros, pedreiros, carpinteiros, pequenos sitiantes, vendedores ambulantes, vendeiros, empregados das tropas e da construção de estradas de ferro, entre outros. Como pequenos proprietários, esses indivíduos trabalhavam muitas vezes temporariamente, ou por empreitada, nas fazendas de café da vizinhança. Politicamente dependentes dos fazendeiros, esses trabalhadores sobreviviam de favores, trocados por votos, trabalho e proteção, por exemplo*<sup>133</sup>.

Assim sendo, é fácil imaginar que a chegada de imigrantes e a liberdade dos escravos foi, em certa medida, tornando instável esse contexto. Certamente, os conflitos entre tais grupos foram intensos, como também intensas foram as uniões, os aprendizados políticos e o envolvimento cultural que nos faz os brasileiros e, em especial, paulistas de hoje.

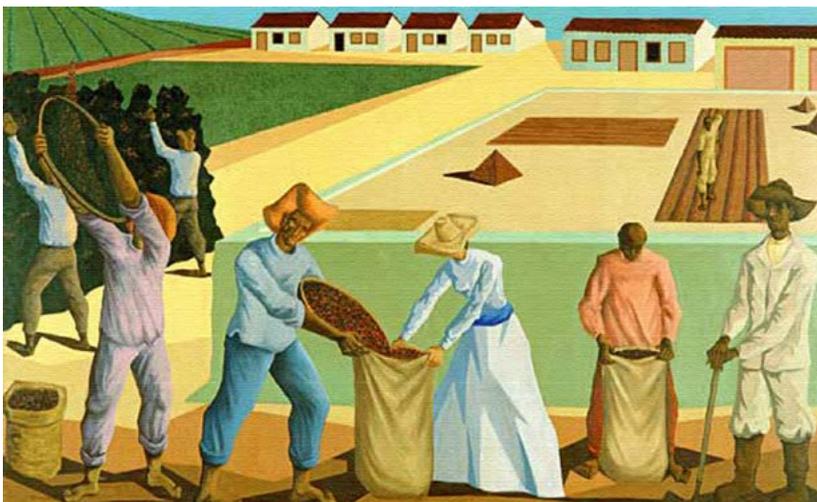
O tempo tem imensa capacidade de abrumar nossas memórias, reescritas e evidenciadas ao sabor dos interesses que vão se apresentando.

---

<sup>131</sup>“À medida que se adentra na região de fronteira – São Carlos, Araraquara, Ribeirão reto e outras –, a presença do brasileiro, especialmente do migrante, fica ainda mais marcante. Os migrantes ocupavam-se das mais diversas atividades na derrubada das matas, na formação dos cafezais, na colheita, na cultura de subsistência, no transporte dos gêneros, na conservação e manutenção das estradas, na construção civil e em várias atividades urbanas. Ao lado dos migrantes que se estabeleciam, havia os migrantes de passagem, seja por ocuparem profissões que os obrigavam a estar em trânsito, como cocheiros, tropeiros e carroceiros, seja por estarem em busca de outras terras, na fronteira. Enquanto não partiam também desempenhavam tarefas, por empreitada, por exemplo” (LAMOUNIER, Maria Lúcia. Op. cit., p. 359).

<sup>132</sup>MARTINS, José de Souza. Op. cit., p.70.

<sup>133</sup>LAMOUNIER, Maria Lúcia. Op. cit., p. 356. Adaptado.



Ao longo do século XX e depois no século XXI, sobre os escravos, tornados livres com a Lei de 13 de maio de 1888 e abandonados no dia 14 e seus descendentes, sem chance de melhores colocações de trabalho e buscando as periferias para morar, pouco se gosta de lembrar. Enevoados com a construção da imagem de que somos uma democracia racial, tragicamente nos conformamos em pensar que, única e exclusivamente, dependia de seu esforço pessoal, a conquista de melhor condição de vida.

Sobre os imigrantes, somos levados, pelo brilho das histórias dos que “deram certo”, dos que venceram, a imaginar que a vida foi simples e o sucesso era certo. A respeito dos que nunca conseguiram sua terrinha, dos que ficaram relegados, por muitos anos, a uma servidão disfarçada em contrato de trabalho abusivo, dos que se transformaram em mão de obra barata também habitando as periferias, pouco gostamos de lembrar.

Mas é importante que se diga: Se nossas terras produziram e a riqueza se fez, isso se deve, em grande medida, a esses braços negros arrastados a ferros para estas terras e a esses braços brancos sonhadores de uma nova vida que, lado a lado com os chamados trabalhadores nacionais, aqui derramaram seu sangue, suas lágrimas, seu suor e clamaram às divindades fosse ela o Deus católico ou os Orixás africanos uma chance, uma oportunidade, por mínima que fosse, de ser feliz...



# A terra-chão da boca do sertão

*É QUASE POSSÍVEL IMAGINAR O FRANCÊS BERNARD GREGOIRE, vendedor de A Província de São Paulo, com seu barrete branco na cabeça e sua buzina na mão, sair com os jornais sob o braço, trotando em seu cavalo pelas ruas paulistanas e gritando a notícia do dia*<sup>134</sup>:

— *Extra! Extra! O oeste paulista cobiçado para o plantio de café!*

Se não aconteceu, poderia ter acontecido. Afinal, naqueles últimos meses do ano de 1876, os paulistas do oeste da província, hoje a região nordeste do estado, não suspeitavam quanto a sua terra estava na pauta de discussão na capital e em outras regiões do Império. A quase todos interessava o tema. Homens de letras, comerciantes, agricultores, políticos e cientistas debatiam, conjecturavam, especulavam e faziam prognósticos econômicos, sociais, políticos e filosóficos sobre o progresso e a

---

<sup>134</sup>ACERVO ESTADÃO. História do Grupo Estado nos anos 1870. Disponível em: <[http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_1870.shtm](http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

proeminência que despontava nas terras bandeirantes<sup>135</sup>. “Encaracoladas” terras roxas, também conhecidas como sangue de tatu<sup>136</sup> povoavam o imaginário popular.

O jornal republicano *A Província de São Paulo*<sup>137</sup>, criado por **Manoel Ferraz de Campos Salles** e **Américo Brasiliense**, nos idos de dezembro de 1876, percebeu a relevância do assunto e deu voz a um dos mais proeminentes cientistas da época, o médico positivista, **Luiz Pereira Barreto**. Entusiasta do chão vermelho que cobria em manchas vastas regiões entre Campinas e a barranca do Rio Grande, ele não economizava palavras ao descrever as suas propriedades nas páginas do periódico.

*A terra roxa faz o papel de uma verdadeira burra de usurário: todo vintém que aí cai, fica*<sup>138</sup>.

**Luiz Pereira Barreto** entendia que, ficava difícil, para o lavrador que desejasse comprar terras nessa vasta região, saber a qual dos municípios dar preferência. Pare ele, todos aqueles que tivessem seus limites nas “terras de cultura”, possuíam o mais alto valor da época. Mas um, em especial, era considerado, pelo cientista, como o bastante para colocar a província *acima de tudo quanto a imaginação pode conceber de mais surpreendente*. Era Ribeirão Preto, *vasto repositório em que a Flora Brasileira se ostenta em sua mais enérgica e deslumbrante expressão*<sup>139</sup>. Incisivo, sentenciava: *Graças às suas terras excepcionais, a província de São Paulo é a única que escapará ao naufrágio geral da nossa lavoura*<sup>140</sup>.

Contudo, não foi apenas **Pereira Barreto** que deitou seus olhos sobre a fertilidade dessas terras. Desde a primeira década do século XIX, a região chamou a atenção de viajantes, como **Augustin François César Prouvençal**

---

<sup>135</sup>Inspirado nos artigos de Luiz Pereira Barreto intitulados *A Terra Roxa*, publicados em *A Província de São Paulo*, em dezembro de 1876. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_a\\_terra\\_roxa.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

<sup>136</sup>BRUNO, J. E. *A caravana Pereira Barreto*. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_caravana\\_pereira\\_barreto.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_caravana_pereira_barreto.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

<sup>137</sup>Hoje, o periódico *A Província de São Paulo* é o jornal *O Estado de S. Paulo*.

<sup>138</sup>BARRETO, Luiz Pereira. *A terra roxa*. *A província de São Paulo*. 7.12.1876. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_a\\_terra\\_roxa.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

<sup>139</sup>Idem. Ibidem. 10.12.1876. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_a\\_terra\\_roxa.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

<sup>140</sup>Idem. Ibidem. 10.12.1876. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_a\\_terra\\_roxa.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

de Saint-Hilaire. O aventureiro francês se preocupou em deixar para a posteridade as suas impressões, afirmando que *as terras vizinhas do rio Pardo são apropriadas a todos os gêneros de cultura, especialmente à da cana de açúcar*<sup>141</sup>.

Preocupado em reafirmar a fertilidade do solo do interior da província que visitava, prosseguiu:

*Quanto mais vermelha é a terra, mais favorável é à cultura da cana de açúcar. As plantações produzem, na região, três anos seguidos; depois de três anos, arrasa-se o canavial, para novo plantio. As boas terras, depois da derrubada das matas, produziram, 20 anos; no vigésimo ano, pareciam fatigadas, pelo que foram deixadas em repouso, por três anos; mas não se sabia ainda se essa segunda vez as mesmas renderiam, sem interrupção, um lapso de tempo tão considerável como o primeiro*<sup>142</sup>.

Era uma paisagem impressionante.

Até onde a vista alcançava, os viajantes que trotavam na direção oeste da província, em busca de aventuras ou de terras para tomar posse, divisavam um terreno com uma superfície suave, pontuado por colinas pouco acentuadas, em forma de meia-laranja. Por vezes, despontavam na paisagem estruturas elevadas com o topo tabular. Os *matos de cultura*, caracterizados por mata fechada, alternavam-se com manchas de cerrados, avançando para além do horizonte.

O céu era de pasmar. Azul de um tom límpido, salpicado por brancas nuvens. Mas essa beleza de paraíso também podia ser assustadora. Dias de muito calor eram seguidos de tempestades de vento e granizo que deixavam um rastro de destruição e o cheiro de pau-d'alho no ar<sup>143</sup>. **Saint-Hilaire**, durante um descanso em sua viagem exploratória, na região de Pouso Alto, próximo de onde hoje fica o município de Ituverava, encarou a força da natureza, como nunca havia visto antes.

---

<sup>141</sup>SAINT-HALAIRE, A. *Viagem à província de São Paulo*. Disponível em: [http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft_djvu.txt)

<sup>142</sup>SAINT-HALAIRE, A. *Viagem à província de São Paulo*. Disponível em: [http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft_djvu.txt). Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>143</sup>Árvore abundante na região, que deixa um forte cheiro de alho no ar quando chove, também conhecida como pau-de-mau-cheiro.

*Presenciei um vendaval como nunca tinha visto em minha vida. Turbilhões de pó vermelho escuro invadiram o nosso rancho e cobriram nossas malas e demais objetos. Meus papéis e os couros usados para segurar a carga dos burros foram levados pelo vento e, embora fechadas a chave, minhas malas se encheram de poeira. O granizo se juntou ao vendaval e em poucos minutos uma chuva torrencial inundou o rancho*<sup>144</sup>.

As viagens de **Saint-Halaise**, entre 1816 e 1822, ocorreram anos depois do progressivo avanço da frente de expansão, registrado na década de 1810, fixando mineiros nessas terras paulistas<sup>145</sup>. Eram vastos territórios ocupados por lavradores, roceiros, posseiros, que não possuíam nenhum tipo de título de posses. Até onde vista alcançasse eram léguas de terras devolutas, disponíveis a qualquer um que nelas deixasse uma marca de posse: uma cruz de madeira, um roçado ou simplesmente o mato derrubado. Pronto! O terreno estava *possiado e adquirido*<sup>146</sup>.

É possível compor a cena fictícia a partir de dados reais.

Era por volta de 1811<sup>147</sup>. Um homem rústico, com botas de cano alto e chapéu de aba larga, surrado pelo uso, desce do burro cansado pela longa viagem e bate a poeira vermelha que cobre seu rosto. Na noite anterior, sua caravana composta por sua família, agregados e escravos, pediu pouso no casebre de uma pobre viúva, na margem direita do rio Pardo<sup>148</sup>. Foram dias e dias viajando pelo Caminho dos Goiázes, por um território de ocupação rala.

Tinha tido notícias que o lado esquerdo da barranca do Pardo era quase desconhecido. As duas margens eram cobertas de matas e as suas águas exibiam uma cor *pardacenta*, que não dava coragem de beber. Os perigos eram muitos. Os poucos moradores falavam de uma febre que derrubava as pessoas. Além das onças, numerosas na área, conta-se que na época das

---

<sup>144</sup>SAINT-HALAIRES. Ibidem.

<sup>145</sup>BACELLAR, C. A.P. Uma rede fundiária em transição. In: BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). *Na estrada do Ananguera*. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 92.

<sup>146</sup>Idem, ibidem, p.94.

<sup>147</sup>Lucila Reis Brioschi, em seu artigo Fazendas de Criar, no livro *Na Estrada do Ananguera*, fala da ocupação da margem esquerda do Rio Pardo nesse período.

<sup>148</sup>Saint-Halaise, em seu livro *Viagem à Província de São Paulo*, cita a existência de uma viúva moradora nas margens do Pardo, por volta de 1819, que lhe deu pouso durante o período de dois dias antes de sua travessia no rio Pardo.

cheias é possível ver animais monstruosos, alguns se pareciam com porcos e outros com touros. Mas, o que dava mais medo a quem passava por ali era o minhotoçú, animal colossal que parecia uma pipa<sup>149</sup>.

Mas, era preciso vencer o medo e atravessar os limites do conhecido e do seguro se ele quisesse terras para criar gado e se estabelecer. E foi assim que fez.

Para atravessar as águas lamacentas, havia usado várias pirogas, um tipo de embarcação a remo feita com um único tronco de árvore esculpido. O pagamento da peagem<sup>150</sup> da travessia foi cobrado por pessoa, por animal e pela carga levada por burro, o que lhe ocasionara uma enorme despesa<sup>151</sup>. Os recursos ficaram escassos. Era hora de parar, aquietar e tomar posse de terras para criar raízes.

Já na margem esquerda, depois de uma travessia tumultuada pela correnteza do rio, ele subiu em uma colina baixa e olhou para o horizonte, que parecia não ter fim. Depois de longa observação, ele olhou para o seu filho varão e a esposa, que o aguardavam sobre o lombo dos burros.

— *Fio, olhe adiante! Tudo que vê agora é nosso.* Disse orgulhoso.

— *Mas, até donde, pai?*

Erguendo a voz, o homem cantou as fronteiras da sua nova posse.

— *Vê aquela perova sêcca, que se acha na veira do córrego? Então, da Capoeira do Mangueiro desta, em rúmo a húm paú de paineira, que se acha na beira do caminho velho, que vai para João Lourencinho, e desta a esquerda, pelo espigão até húm paú marcado<sup>152</sup>. Tudo nosso.*

O personagem fictício representa muitas pessoas reais que enfrentaram o Caminho dos Goiázes para chegar ao Sertão do Rio Pardo. **Pinheiro, Dias**

---

<sup>149</sup>Texto construído a partir da descrição de Saint-Hilaire sobre a sua travessia do rio Pardo, descrito no livro Viagem à Província de São Paulo.

<sup>150</sup>Imposto que se pagava pela passagem por uma ponte. Usado aqui como ilustração para as dificuldades enfrentadas pelos viajantes.

<sup>151</sup>Saint-Hilaire descreve os custos da travessia do rio Pardo em seu livro Viagem à Província de São Paulo, p. 135. Disponível em: <[http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft_djvu.txt)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

<sup>152</sup>Diálogo construído a partir de informações retiradas de AESP, Registro de terras de São Simão, título n. 112, 2.5.1856. In: BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). *Na estrada do Anhanguera*. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 95.

**Campos, Reis Araújo, Junqueira, Carvalho, Martins Teixeira, Ferreira, Barcelos, Menezes, Faria**, são algumas das famílias que aportaram no nordeste do estado de São Paulo<sup>153</sup>.

Com a chegada cada vez mais frequente dos posseiros, principalmente mineiros, as planícies entre os rios Pardo e Mogi Guaçu ficaram cobertas por pastos e campos salpicados por capões de mato e escassos casebres. Tudo parecia denunciar aos viajantes a baixa densidade demográfica e a grande extensão das propriedades rurais.

Com o passar dos anos, nas áreas onde a mata era derrubada e queimada, sobre as cinzas, formavam-se as primeiras roças de milho e feijão e os pastos para a criação de gado<sup>154</sup>. Dentro das casas, as mulheres faziam o queijo, a farinha, cozinhavam a carne de porco e de vaca e cuidavam dos afazeres do dia a dia.

A criação de gado aumentava e a produção grãos e de queijo dava um bom dinheiro aos posseiros.

Aos poucos, a terra-chão, vermelha como sangue de tatú, começou a chamar a atenção de quem por ela passava. Formaram-se aglomerados urbanos e, entre eles, Ribeirão Preto, que foi elevado à categoria de vila, em 1871.

Então, chegou o café, tomando conta do sertão. **Martinho Prado Júnior**, depois de várias visitas à região e de ter aqui comprado terras, usou de linguagem poética para descrever essas paragens.

*Do alto do espigão do Cantagallo, em plena zona da terra roxa, descortinei a confinar o horizonte, vastas cordilheiras de muitas léguas de extensão, prolongando suas longas e azuladas fraldas, para os vales do Guassú e Rio Pardo, que ciosos dessas riquezas, correm a unir-se no Frontal, taes guardiões zelosos do maior, mais rico, mais deslumbrante e fascinador torrão agrícola do Estado de São Paulo, e quiçá de todo o Brazil<sup>155</sup>.*

---

<sup>153</sup>BRIOSCHI, Lucila Reis. Fazendas de criar. In: BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). *Na estrada do Anhanguera*. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 35-54.

<sup>154</sup>BACELLAR, C. A.P. Uma rede fundiária em transição. In: BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). *Na estrada do Anhanguera*. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 93.

<sup>155</sup>PRADO Jr., Martinho. Trecho extraído da revista *Brazil Magazine*. Edição Ribeirão Preto, 1911.

Era também a época dos **Pereira Barreto**. Vindos do Vale do Paraíba, eles chegaram a essas paragens, entre 1876 e 1877, trazendo consigo o café Bourbon, que transformou a paisagem e a economia de Ribeirão e dos municípios do seu entorno. O gado e as plantações de milho e feijão rapidamente deram lugar aos cafeeiros, que cobriram a terra vermelha de um tapete verde.

Mas não foram os **Barreto** que trouxeram o café para essas bandas. O primeiro registro de cafezal na região é de 1868/69, avaliado por aproximadamente um conto de réis. Uma década depois, quando aqui aportou **Pereira Barreto**, já existiam cerca de cinquenta mil pés de café, entre os quais se destacava a produção de **Gabriel de Souza Diniz Junqueira**, em 1875. Entre 1889 e 1900, já eram quatro milhões de pés de café<sup>156</sup>.

A região despontou como um contraponto aos velhos municípios fluminenses, cujo solo esgotava-se e não mais dava condições de produtividade aos cansados cafeeiros centenários e de progresso às quase mortas cidades do Vale do Paraíba. **Monteiro Lobato** descreveu a desolação desses lugares por onde passou o Café, como um Átila, delas tirando a seiva e abandonando *léguas a fio de morraria áspera, onde reinavam soberanos a saúva e seus aliados*<sup>157</sup>.

Ao contrário, o velho sertão do Rio Pardo via o preço da sua terra fértil subir rapidamente, impulsionada pela valorização do café. De 3\$845 por hectare, em 1876, o valor saltou para 31\$068, em 1891<sup>158</sup>. Em Batatais e Orlandia, não era diferente. O preço médio das terras de cultura, entre 1850 e 1859, era de 3\$996 o hectare, passando para 47\$272, entre 1890 e 1899.

A terra vermelha, agora também conhecida como terra roxa<sup>159</sup>, tornou-se um excelente negócio.

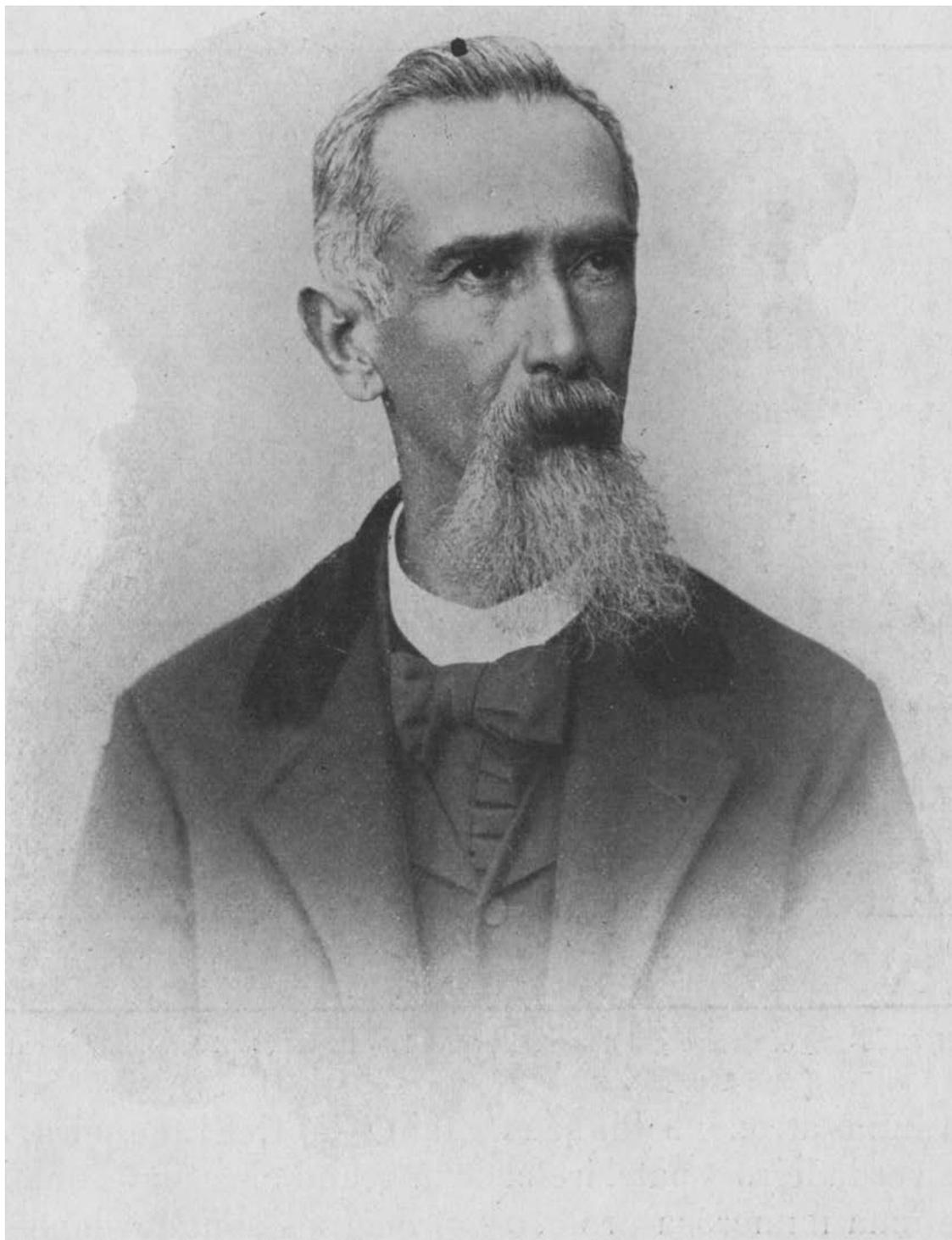
---

<sup>156</sup>LOPES, Luciana Suarez. *Sob os olhos de São Sebastião: a cafeicultura e as mutações da riqueza em Ribeirão Preto, 1849-1900*. Tese (Doutorado em História) - FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), 2005.

<sup>157</sup>LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1975, p. 4-5.

<sup>158</sup>BACELLAR, C. A. P. Uma rede fundiária em transição. In: BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). *Na estrada do Anhanguera*. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 91-116

<sup>159</sup>Há uma história transmitida oralmente que o termo terra roxa relaciona-se a como os imigrantes italianos se referiam a ela: terra rossa.



# Mestiço nas terras paulistas: o Bourbon

*O JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ DOCUMENTOU* os passos da mobilização da sociedade ribeirão-pretana visando angariar fundos para construir uma herma em homenagem ao **Dr. Luiz Pereira Barreto**. No dia 24 de fevereiro de 1923, era publicada a notícia com os nomes da comissão responsável pelo intento. Entre eles, estavam alguns dos homens mais influentes do município: **Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, José Martimiano da Silva, Americo Baptista da Costa, Flavio de Mendonça Uchôa, João Rodrigues Guião, Jorge Lobato Marcondes Machado, Francisco da Cunha Junqueira** e outros.

Com o empenho dos ilustres, o monumento foi inaugurado na Praça XV de Novembro, quase um ano depois, em 11 de janeiro de 1924.<sup>160</sup>

---

<sup>160</sup>Diário da Manhã. 12 de janeiro de 1924. p.1. Acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

*Falleceu aos oitenta e tantos anos, sem nunca ter sido velho. A sua alma era de um jovem cheio de esperanças, de ideias e de ardor patriótico. O seu coração moço, sempre moço, bondoso e jovial, palpitava vibrante de fé e de entusiasmo nos verdadeiros momentos nacionais*<sup>161</sup>.

Essas foram as palavras de **Dr. Camillo de Mattos**, vice-prefeito de Ribeirão Preto, em discurso dedicado a essa figura, sem a qual é quase impossível contar a história do café em terras do nordeste paulista.

Nascido em Resende, Rio de Janeiro, em 1840, o jovem **Barreto** estudou na Europa. De volta ao Brasil, iniciou uma carreira médica. Em meados de 1860 envolveu-se na política, aderindo, sem assinar, ao manifesto republicano, de 1870, e, mais tarde, à Convenção de Itu.

**Luiz Pereira Barreto** chefiou movimentos, lançou ideias, defendeu princípios e teorias, muitas vezes polêmicas<sup>162</sup>. Para o pensador e cientista do século XIX, o progresso do homem passava por três estados sucessivos: o teológico ou fictício; o metafísico ou abstrato; e o real ou positivo. Como positivista convicto, em sua obra, *As Três Filosofias*, publicada entre 1874 e 1876, rendeu tributo a **Augusto Comte**.

*Em todo o decurso do meu trabalho, não alcanço uma só ideia que não tenha sido emitida por Comte ou sua escola: só me pertencem as eivas da exposição*<sup>163</sup>.

Como um homem que acreditava na ciência como capaz de melhorar a vida das pessoas e desenvolver o país, ele via com intensa apreensão os cafezais fluminenses e do norte de São Paulo passarem por um progressivo esgotamento. Dessa preocupação, surgiu seu interesse pela pesquisa e a divulgação de soluções para a sobrevivência das lavouras cafeeiras. Tornou-se, então, um fervoroso propagandista e estudioso das terras roxas do “oeste paulista”, hoje nordeste do Estado de São Paulo. Estabelecendo-se nessa região, plantou o café tipo Bourbon, com o qual ele próprio vinha fazendo experiências.

---

<sup>161</sup>Diário da Manhã. 12 de janeiro de 1924. p.1. Acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

<sup>162</sup>Idem.

<sup>163</sup>BEGLIOMINI, Helio. *Biografia de Luiz Pereira Barreto*. Disponível em: <<http://www.academiamedicinasaoopaulo.org.br/biografias/1/BIOGRAFIA-LUIZ-PEREIRA-BARRETO.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2018.

O café Bourbon era um filho da terra roxa. Um mestiço nascido do cruzamento do café Libéria, vindo da África, e do café comum nacional<sup>164</sup>. É impossível compreender a história de Ribeirão Preto e região sem passar por esse grão tão rico em sabor e possibilidades. Uma das pessoas a contar essa história foi **Plínio Travassos dos Santos**. Hoje em dia, esse intelectual e estudioso da história do café dá nome ao Museu Histórico e Geral de Ribeirão Preto, estabelecido nas terras da antiga fazenda Monte Alegre, onde também se localiza o Museu do Café **Francisco Schmidt**, ambos no *campus* da Universidade de São Paulo (USP).

Pesquisador da história do café e do município, em 1937, **Plínio** realizou uma entrevista com o irmão de **Luiz Pereira Barreto**, da qual resultou um artigo sobre a trajetória do café Bourbon, descrita a seguir:

*Existe a mais completa ignorância quanto a introdução ou procedência do famoso café “Bourbon” no Brasil, sendo crença generalizada provir ele do “Murta”.*

*Em trabalho de ficção, e numa conferência que fiz no salão do “Clube Comercial” de São Paulo, em julho de 1935, por ocasião da inauguração da “Semana de Ensino Secundário”, patriótico empreendimento da “Sociedade Luiz Pereira Barreto”, conferência que foi publicada, na íntegra, pelo “Jornal do Commercio” do Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1936, depois de descrever a vinda do Dr. Luiz Pereira Barreto e seus irmãos para o “Oeste” paulista – 1876 – escrevi:*

*“No fim de três anos os **Barretos** e os **Junqueiras**, possuíam as mais formosas lavouras cafeeiras da região, na sua maioria de “Bourbon”, do excelente café garantidor da primazia cafeeira paulista, de sementes trazidas cuidadosamente como pepitas de ouro, pelos Barretos, quando de sua mudança para a terra roxa.”*

*Entretanto, somente agora, em recente estadia no Rio de Janeiro, pudemos obter alguma luz sobre o interessante assunto. À rua Lins de Vasconcellos, 401, casa 5, tivemos oportunidade feliz de visitar o venerando **Sr. Francisco Pereira Barreto**, último sobrevivente da gloriosa*

---

<sup>164</sup>MATIOLLI, Alexandre F. O coronel e seu quintal: Joaquim da Cunha Diniz e Ribeirão Preto durante a primeira república. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012. Coleção Nossa História, v. 8.

*irmandade pioneira do desenvolvimento da lavoura cafeeira do “Oeste” de São Paulo, lúcido, brilhante espírito, apesar dos seus quase noventa e três anos de idade.*

*Estudante impenitente, belo e dignificante exemplo para a nossa mocidade estudantina, encontramos-no aferrado aos livros, estudando química e inglês. Palestramos longamente. Memória prodigiosa! Inteligência vivíssima. É um repositório vivo e precioso da história de São Paulo e do Brasil. Está, desde algum tempo trocando correspondência com o **Dr. Theodureto de Camargo**, Diretor do Instituto Agrônomo de Campinas, justamente sobre a história do café “Bourbon”.*

*Antes de 1869, antes de se fixar definitivamente em São Paulo, formado em Ciências Naturais, Medicina, Cirurgia e Partos pela Universidade da Bélgica, residia o saudoso sábio, o grande benemérito de São Paulo e do Brasil, **Dr. Luiz Pereira Barreto**, em Resende, Província do Rio de Janeiro, na Fazenda “Monte Alegre”, propriedade de seus genitores. No Rio, estudando engenharia na velha “Escola Central”, seu irmão, o nosso entrevistado, o Sr. Francisco Pereira Barreto, muito relacionado com o **Dr. João Niva**, representante diplomático da Bélgica, médico, que, posteriormente clinicou em Ribeirão Preto e em outros centros paulistas. Justamente quando, abandonando os estudos de engenharia, já no quarto ano, o Sr. Francisco Barreto pretendia retornar para Resende, quando aportou, ao Rio, um navio de propriedade e comando de um tio do **Dr. João Niva**.*

*O comandante trazia da África, doze embalagens de bambu com excelentes e viçosas mudas do café “Libéria”, qualidade muito diferente do único café então conhecido e existente no Brasil – ainda hoje, denominado “Comum”.*

*E o Sr. Francisco Barreto adquiriu essas doze mudas pelo elevado preço de 25\$000 cada uma, e levou-as para Resende, sendo plantadas numa horta na Fazenda “Monte Alegre”, num canteiro especial, com as próprias embalagens, sendo objeto dos maiores cuidados dele e dos irmãos. Dias ou meses depois, principiaram a nascer ao redor das mudas de “Libéria”, cerca de quarenta “orelhas de onça”, denominação dada ao café, quando nasce, pela sua semelhança com a orelha de onça. Foi uma satisfação enorme para os **Barretos**, que, inesperadamente, se viam possuidores de maior número de exemplares do “Libéria”.*

Entretanto, desenvolvendo-se as “orelhas de onça” principiaram a notar os Barretos, grande diferença entre elas e as plantas de “Libéria”, bem como com o café “Comum”. Era inquestionavelmente, uma nova variedade de café que obtinham. E os cuidados foram redobrados. Tempos depois, cuidadosamente separados, foram transportadas todas as mudas para covas definitivas, ainda na horta, salvando-se aliás poucos exemplares de ambas as qualidades.

Na primeira floração do “Libéria”, o **Dr. Luiz Pereira Barreto** percebeu tratar-se de café inferior. Não lhe inspirava confiança o exagerado tamanho das flores. Mas, mesmo assim, foi com real desprazer que viu fenecerem as primeiras flores, naturalmente por falta de fecundação.

Na segunda floração, resolveu, o grande experimentador, fazer a fecundação artificial das flores do café resultante das sementes nascidas das embalagens do “Libéria”, aproveitando flores do próprio “Libéria”.

Feita a delicada operação assinalou as flores fecundadas com um cordão vermelho. E essas flores vingaram, e os frutos, quando maduros, foram colhidos e convenientemente tratados, para serem as sementes plantadas. Apesar dos cuidados, vingaram apenas cinco pés. Eram plantas lindas, com todas as características de excelente qualidade. E eram absolutamente diferentes do “Libéria” e do “Comum”.

Com o produto desses cinco pés, ao cabo de quatro anos, os **Barretos** iniciaram a plantação de um cafezal de quatro mil pés.

O **Dr. Luiz Pereira Barreto** tinha lembrança de ter visto nas estufas da universidade belga em Bruxelas, onde estudara uma qualidade de café muito semelhante ao referido produto daquelas abençoadas sementes importadas com as mudas de “Libéria”. E esse café era conhecido na universidade pelo nome “Bourbon”. E com esse nome passou a ser tratado o novo café dos **Barretos**.

Tempos depois, indo à Bélgica, o **Dr. Luiz Pereira Barreto** teve ocasião de verificar ser o nosso “Bourbon” realmente igual ao café com o mesmo nome conhecido na universidade, não podendo contudo, conseguir saber a sua origem verdadeira [...] <sup>165</sup>.

---

<sup>165</sup>Artigo publicado no jornal Diário da Manhã, de Ribeirão Preto, em 18/6/1937. Em 19 de março de 2009, foi publicado também na revista Cafeicultura. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=19954>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Depois desse relato<sup>166</sup>, não espanta a confiança com a qual **Luiz Pereira Barreto**, com a sua família, partiu para Ribeirão Preto, em 1876, para fazer fortuna.

— *Qual nada!* Sentenciou, confiante no bom êxito, o **Dr. Luiz Pereira Barreto** aos irmãos. E continuou...

— *Não tenhamos medo; plantemos café aos milhões, que a sua defesa contra a geada é uma simples questão de enxada... A imigração europeia aí está às portas....*

— *Perfeitamente, Lulu.* Replicou o seu irmão **Miguel**.

— *Não devemos ter medo do futuro... Ribeirão Preto é uma terra abençoada...! Deus o fez e perdeu a receita...! [...]* <sup>167</sup> Finalizou o positivista.

Foi com esse espírito que os **Barretos** chegaram a Ribeirão Preto. Era janeiro de 1876. O clima, como sempre, era quente e abafado. Depois de uma longa viagem, partindo de Resende, Rio de Janeiro, **Luiz Pereira Barreto**, seus irmãos e sobrinhos, passaram por Casa Branca e São Simão, antes de chegar no local desejado. Voltaram para Resende depois de terem comprado 800 alqueires da fazenda dos Cravinhos<sup>168</sup>.

Dez meses depois, em novembro de 1876, estavam de volta. Desta vez para ficar. Trouxeram consigo 60 escravos com a finalidade de desmatar a terra para o plantio do café<sup>169</sup>.

O trabalho era intenso e perigoso. Além das onças-pintadas, a cobra urutu-cruzeiro era a mais temida, quando o desmate era no cerrado.

-*Se não mata, aleija.* Dizia o ditado popular.

---

<sup>166</sup>Texto extraído e adaptado de: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_caravana\\_pereira\\_barreto.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_caravana_pereira_barreto.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

<sup>167</sup>Relato disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_caravana\\_pereira\\_barreto.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_caravana_pereira_barreto.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

<sup>168</sup>GOMES, F. **Cravinhos**: histórico, geographico, commercial e agrícola. Ribeirão Preto: Typographia Salles, 1922.

<sup>169</sup>Em função da data e da especificidade da função, é possível inferir que tais escravos além de ser crioulos também integravam o movimento de Tráfico Interprovincial, uma vez que o final do Tráfico Atlântico havia sido decretado pela Lei de 1850, como já mencionado.

Quando não havia interesse na madeira, o fogo era ateadado em todo o capão de mato. Mas, se a área era de madeira de lei, com árvores que produziam madeira nobre, o tratamento era diferente.

O trabalho começava pelas árvores maiores. A ferramenta era um serrote traçador, de mais de dois metros de comprimento. Os homens se posicionavam nas pontas e cadenciavam a serra, indo e vindo de maneira sincronizada. Era preciso força e resistência, afinal, dependendo da árvore, o corte poderia gastar dois dias para levá-la ao chão. Depois era hora de limpar a galhada e separar os troncos maiores com machados e facões.

Ao final, chegava o trabalho mais difícil: retirar o tronco com as raízes. Todo o entorno da árvore era escavado. Com o auxílio de vangas<sup>170</sup>, formava-se uma alavanca para erguer o toco, possibilitando que fosse amarrado com correntes. Bois, puxados por cangas, finalizavam o serviço, arrancando o que sobrara da árvore. Entre o final do século XIX e o início



<sup>170</sup>Ferramenta longa, de madeira ou metal, usada em atividades de extração de árvores e retiradas de pedras. Na região capixaba, um tipo de vanga é usada para coletar mariscos.

do século XX começaram a ser utilizadas engenhocas que facilitavam e tornavam o desmatamento mais rápido. Mas, na maioria dos lugares onde o progresso ainda não havia chegado, continuou sendo o braço do escravo ou do imigrante que desnudava a terra de suas matas.

Com a força humana ou a tração animal, o que não era aproveitado como madeira era queimado e virava cinzas. Uma a uma, perobas-rosa, ipês, aroeiras e tantas outras árvores centenárias caíam e deixavam à mostra o chão vermelho.

Pronto, agora era só formar as leiras e espalhar as mudas do mestiço paulista: o Bourbon. Seria esse grão a fazer a fama dos **Barretos** e da região de Ribeirão Preto.

A partir de então, as terras localizadas entre os rios Mogi e Pardo iniciaram uma economia cafeeira diferenciada das demais regiões produtoras do grão, em São Paulo. Em Rio Claro e Campinas, o café foi precedido de uma cultura extensiva de cana-de-açúcar, responsável por gerar os recursos para a implantação dos cafeeiros. Já em Ribeirão Preto, o café representou a primeira cultura comercial em larga escala.

Com a chegada do Bourbon e da agricultura comercial do café, a vida dos criadores de gado e agricultores, já fixados na região, mudou radicalmente. O tradicional modo de vida dos antigos habitantes foi alterado, promovendo a pobreza e a ruína de antigos proprietários. Inúmeras fazendas foram compradas, fracionadas em pequenas e grandes parcelas. Somente entre 1874 e 1889, o Cartório de Ofícios e Registros de Ribeirão Preto registrou 1.225 escrituras de compra e venda de terras<sup>171</sup>.

A modernidade batia às portas da velha e empoeirada Ribeirão Preto, que logo assistiria a um rápido processo de urbanização.

---

<sup>171</sup>ZAMBONI, E. Estudo da rede fundiária da área de Ribeirão Preto. Fazenda Lageado: um estudo de caso no período de 1874 a 1900. In: GUAZELLI, A. M. C.; MARCONDES, R. L.; REGISTRO, T. (Org.). *Ribeirão Preto como fonte de pesquisa*. Ribeirão Preto: USP, 2002. p. 17-44.

# Tudo Schmidt? O rei do café com sotaque alemão.

*ERAM AS PRIMEIRAS HORAS DA MANHÃ* e começava mais um dia de trabalho para os colonos da Fazenda Monte Alegre. Entre os pés de café, os camaradas cochichavam, cabisbaixos. Na casa de **Bento Mamede**, fiel cocheiro da família **Schmidt**, a menina **Alzira Mamede** estranhava o clima apreensivo que se instalava na Colônia<sup>172</sup>.

Seu pai ainda estava em casa, o que era incomum. Geralmente, ao raiar do dia, o filho de escravos ia até os estábulos checar os animais e garantir que tudo estivesse pronto para servir os donos do lugar<sup>173</sup>. Mas não naquele dia. A Fazenda Monte Alegre amanhecia em luto por seu coronel **Francisco Schmidt**, rei do café brasileiro, que havia falecido, em São Paulo, no dia 18 de maio de 1924.

- *Qual será o destino da Monte Alegre e de outras tantas fazendas do coronel?* Provavelmente se especulava entre os seus funcionários.

---

<sup>172</sup>Z Aidan, Rubens. *Memórias de Monte Alegre: as histórias do campus da USP de Ribeirão Preto*. São Paulo: USP/CCS, 2006.

<sup>173</sup>Idem.

O alemão, enterrado em São Paulo, no cemitério da Consolação, era como o próprio grão de café: forte e respeitado. Schmidt deixava como legado uma família numerosa, uma reputação sólida e fortuna contada em imóveis, mais de sessenta fazendas, empreendimentos e milhões de pés de café.

Na cidade, iniciavam-se as homenagens a **Francisco Schmidt**. No Teatro Carlos Gomes, as sessões de cinema foram suspensas. O prefeito da cidade, **João Palma Guião**, e o presidente do legislativo, **José Martimiano da Silva**, hastearam bandeiras de luto<sup>174</sup>.

A missa de sétimo dia foi realizada na Catedral de São Sebastião, onde se reuniram centenas de colonos, autoridades e familiares.

Alguns meses depois, na Câmara Municipal de Ribeirão Preto, a sessão de 16 de junho de 1924 estava concorrida. Os vereadores da 17ª Legislatura do município acorreram ao recinto. Reuniram-se para homenagear o coronel **Francisco Schmidt**, conhecido no Brasil e no exterior como o Rei do Café.

Ergueu-se, entre os seus pares, o **Dr. Antonio de Mendonça Uchôa Filho**. Tomou a tribuna e pediu a palavra para o discurso em tributo ao falecido cafeicultor.

Fez-se silêncio solene no ambiente.

*- Fazamos homenagem ao Coronel Francisco Schmidt, recentemente falecido em São Paulo, lembrando os grandes serviços por ele prestados à lavoura cafeeira, principalmente neste município, e sobre os seus serviços à causa pública como vereador e Presidente da Câmara Municipal durante vários anos, dizendo que, se Francisco Schmidt viveu desde moço, aqui constituiu sua numerosa família, aqui trabalhou e prosperou, sendo a sua vida um exemplo brilhante de trabalho e honradez. Terminando, o melhor elogio que se pode fazer ao ilustre morto é a lembrança do seu esforço colossal para cultivar os milhões de cafeeiros, que o seu trabalho fecundo deixou nas terras paulistas!*<sup>175</sup>

Naquele mesmo ano, no mês de setembro, mais uma homenagem foi planejada. Uma lista de arrecadação circulou entre os cavalheiros

---

<sup>174</sup>Z Aidan, Rubens. Memórias de Monte Alegre: as histórias do campus da USP de Ribeirão Preto. São Paulo: USP/CCS, 2006.

<sup>175</sup>Adaptação do discurso feito por Antonio de Mendonça Uchoa Filho em homenagem a Francisco Schmidt na Câmara Municipal. A transcrição do original encontra-se em: SANTOS, Plínio T. O Ribeirão Preto histórico e para a história. 1939. n.p.

do município com o objetivo de obter fundos para erguer uma herma na praça.

O Rei do Café havia virado história. Então, contemos um pouco dela.



Nascido em Osthofen, situada na região da antiga Prússia, em 3 de outubro de 1850, filho de **Jacob Schmidt** e **Gertrudes Rauskolb Schmidt**, com apenas seis anos de idade, o pequeno **Francisco Schmidt** chegou ao Brasil, em 1856.

O cotidiano dos imigrantes alemães nessa época era marcado pelo trabalho árduo e pelas más condições de vida no campo. Não era incomum o desrespeito aos acordos, por parte dos fazendeiros, no sistema de parceria. A família Schmidt pertencia ao grupo de mais de dois mil alemães e suíços que haviam chegado ao Brasil para trabalhar nas fazendas paulistas. Era uma família de colonos humildes, como muitas outras. Os dias eram de muito trabalho para todos os membros, inclusive as crianças. Desse núcleo, destacou-se **Francisco Schmidt** que, desde cedo, mostrou possuir algo peculiar. Tinha uma personalidade empreendedora. Ainda jovem, com um pouco de dinheiro que juntou, começou a comprar e vender pequenos pedaços de terra.

O adjetivo “comum” não poderia ser aplicado a ele. O jornal local, em publicação, quando de sua morte, o descreveu como inteligente, tenaz, ativo e democrático<sup>176</sup>. Os elogios não parecem exagerados. Afinal, o alemão semianalfabeto, egresso das fazendas de café, onde arrastava uma enxada com seus pais, aos 40 anos, mudou-se para Ribeirão Preto e comprou a Fazenda Monte Alegre, por exatos 600 contos de réis<sup>177</sup>. Ali consolidava-se a jornada que o tornaria o Rei do Café, um dos homens mais ricos do País.

Essa riqueza foi construída com mão de ferro e inflexibilidade nos negócios. Um exemplo, foi a forma como conduziu as greves ocorridas em suas fazendas, na década de 1910.

---

<sup>176</sup>CEL. Francisco Schmidt. A Cidade. Ribeirão Preto, 20 de maio de 1924, p. 2. In: WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo S. Op. Cit., 2000, p. 62.

<sup>177</sup>OLIVEIRA, J. H. C.; MARCONDES, R. L. Negociantes de imóveis durante a expansão cafeeira em Ribeirão Preto (1874-1899). ABPHE, 2003. Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/arquivos/2003\\_jorge\\_henrique\\_caldeira\\_oliveira\\_renato\\_leite\\_marcondes\\_negociantes-de-imoveis-durante-a-expansao-cafeeira-em-ribeirao-preto-1874\\_1899.pdf](http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_jorge_henrique_caldeira_oliveira_renato_leite_marcondes_negociantes-de-imoveis-durante-a-expansao-cafeeira-em-ribeirao-preto-1874_1899.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

A primeira aconteceu em 1912, na Fazenda Iracema. Os colonos reivindicavam melhores pagamentos e foram atendidos pelo velho coronel<sup>178</sup>. Mas, quando uma nova greve veio, em 1913, atingindo, além das propriedades de Schmidt, também os colonos do coronel **Quinzinho da Cunha**, da Cia. Agrícola e da Fazenda Macaúbas, o resultado foi diferente.

- *Queremos renegociar os contratos!* Bradavam os *contadini* italianos.

Os salários desvalorizados e a proibição imposta pelos fazendeiros de plantar cereais entre as fileiras de café, espalhavam a insatisfação entre os colonos<sup>179</sup>. Afinal os cereais garantiam uma melhoria da dieta cotidiana desses trabalhadores além de constituírem uma renda extra auxiliando a minimizar as dívidas na venda da fazenda, por exemplo.

Schmidt recebeu a visita do côsul-geral da Itália, **Pietro Baroni**, na fazenda Monte Alegre. Pedia-lhe que renegociasse os contratos, permitindo melhor remuneração aos colonos. Não teve sucesso.

- *Não! O contrato deve ser cumprido e eu o cumprirei [...]. Eu também já fui colono*<sup>180</sup>. - Esta foi a resposta definitiva de Schmidt.

Muitos colonos acabaram demitidos e pediram ao consulado para serem repatriados<sup>181</sup>. Sete anos antes da greve, o Censo paulista contabilizou 4 mil trabalhadores, dos quais 3 mil eram estrangeiros trabalhando para Schmidt<sup>182</sup>. Muitas vidas, muitos contratos.

---

<sup>178</sup>GARCIA, Maria A. M. Trabalho e resistência: os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920). In: MARCONDES, Renato L.; REGISTRO, Tania C.; GUAZZELLI, Manoel C. (Orgs.). **Ribeirão Preto: a cidade como fonte de pesquisa**. v. 1, São Paulo: Prefeitura do Campus USP-Ribeirão Preto, 2015. Disponível em: <[http://www.ccrp.usp.br/cultura/CURSODIFUSAO/VOLUME1/07\\_Maria\\_Ang\\_lica.pdf](http://www.ccrp.usp.br/cultura/CURSODIFUSAO/VOLUME1/07_Maria_Ang_lica.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2018

<sup>179</sup>GARCIA, Maria A. M. **Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto**. Série História Local 6. Franca: Unesp-FHDSS, 1997. p. 134-135.

<sup>180</sup>JARDIM, Renato. Reminiscências (de Rezende, Estado do Rio, às plagas paulistas: São Simão, Batataes, Altinópolis e Rib. Preto). Rio de Janeiro/São Paulo: José Olympio, 1946. In: WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo S. Op. Cit., 2000. p. 62

<sup>181</sup>GARCIA, Maria A. M. **Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto**. Série História Local 6. Franca: Unesp-FHDSS, 1997. p. 134-135.

<sup>182</sup>LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S.; SUMMERHILL, William R. A agricultura paulista em 1905. *Estud. Econ.*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 153-184, mar. 2014. Disponível em:

Histórias como essas ficaram na memória daqueles que conviveram com o velho coronel. Contudo, no trato com as pessoas, nas ocorrências do dia a dia, seu senso de justiça e educação lhe renderam fama de homem sensível e humano.

**Renato Jardim**, professor, vereador e prefeito em Ribeirão Preto, era um bom amigo do coronel e teria presenciado algumas dessas passagens.

Certa feita, Schmidt desceu do seu carro no centro da cidade para entrar na barbearia, como era seu costume. Possivelmente preparava-se para aparar o característico cavanhaque, que aparentava sempre muito bem cuidado. Passando pela porta do estabelecimento, esbarrou em um vendedor que lhe oferecia bilhetes de loteria. Depois de alguns passos, voltou e desculpou-se.

- *Olha, não pense que eu não preciso. Estou com pressa. Me desculpe*<sup>183</sup>.

**Pedro Angotti**, *chauffeur* de Schmidt, era seu admirador. Antes do dia raiar, infalivelmente, saiam os dois a percorrer as inúmeras fazendas do cafeicultor. Uma a uma, com sua calma habitual, o coronel ia questionando os administradores sobre as ocorrências do dia anterior. Durante o percurso, dialogava com colonos e tomava incontáveis cafezinhos que lhe eram oferecidos.

Conta-se que, mesmo idoso, conseguia guardar na memória o nome de todos os seus camaradas. Em uma dessas visitas, encontrou dois deles a puxar pela estrada um dos seus carroções, que reconheceu de pronto.

- *Pare, Pedro!* - clamou o coronel.

- *Onde vão vocês com essas cargas?* - disse o Rei do Café aos colonos.

- *A gente ia pra Pontal.* - responderam.

- *Voltem para a fazenda e coloquem a mercadoria nos depósitos onde vocês retiraram e vão cuidar dos seus serviços. Não vou mandar vocês embora.* - afirmou Schmidt.

- *Se eu os despedisse, os patrões que fossem lhes contratar viriam antes me*

---

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612014000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612014000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 mar. 2018.

<sup>183</sup>Idem.

*consultar os motivos de suas despedidas. Agora me digam: como eu haveria de falar com seus novos patrões os motivos? Voltem para os seus serviços e nunca mais façam isso, já viu?*<sup>184</sup>

Ele sempre terminava a frase com “*Já viu?*”, cacoete pelo qual era reconhecido nas conversas.

Sensível, justo, inflexível. Um homem de várias facetas. Uma das mais marcantes era o seu arrojo nos negócios. Fazer dinheiro era sua especialidade.

Embora tenha se tornado o maior plantador de café do Brasil, Schmidt não deixou de investir em outras áreas. Continuava negociando imóveis, como fazia quando jovem. Fez vultosos investimentos ao longo de toda a década de 1890. O mais impressionante é que seu saldo positivo foi de 2.868 contos de réis, valor muito superior aos demais fazendeiros que investiam no mercado imobiliário da cidade<sup>185</sup>. Ele mantinha um comportamento estável. Comprava a terra, plantava café e ficava com ela, acumulando cada vez mais fazendas.

Rapidamente, tornou-se muito rico. Não, ele tornou-se muito mais do que rico. Ficou milionário e, junto com o poder econômico, veio o prestígio político. O resultado foi a sua nomeação, em 1901, pelo então Presidente da República, **Campos Sales**, como coronel-comandante da 72ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional.

Mas, o que era ser um coronel da Guarda Nacional? É importante esclarecer. Afinal, Ribeirão Preto não teve barões do Café, e, sim, coronéis do Café.

Inspirada na Guarda Francesa, a Guarda Nacional foi uma instituição criada em 1831 pelo então ministro da justiça **Diogo Antonio Feijó** durante o Período Regencial, com o intuito de enfrentar os distúrbios urbanos ocorridos com a abdicação do imperador **D. Pedro I**. Ao longo do tempo, passou a ser usada pelo Império, no reinado de **D. Pedro II**, como forma de cooptar os proprietários rurais.

---

<sup>184</sup>Diálogo construído a partir do relato de Pedro Angotti a PRATES, Pristo C. **Relembrando o passado**. 2. ed. Ribeirão Preto: Faz Plast, 1979. p.79-80.

<sup>185</sup>JARDIM, Renato. **Reminiscências** (de Rezende, Estado do Rio, às plagas paulistas: São Simão, Batataes, Altinópolis e Rib. Preto). Rio de Janeiro/São Paulo: José Olympio, 1946. In: WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo S. Op. Cit., 2000p. 62.

Os oficiais nomeados para a Guarda serviam gratuitamente ao governo. Além disso, pagavam pelas patentes e, não raro, pagavam pelas fardas das tropas com recursos próprios. Inicialmente, a escolha dos oficiais era feita por eleição. Aos poucos, a distribuição de patentes transformou-se em uma moeda de troca política, servindo para dar forma a uma hierarquia social e econômica. Durante o período imperial, quase todas as tarefas coercitivas do Estado nas vilas eram exercidas pelos proprietários com patentes da Guarda Nacional<sup>186</sup>.

No final do século XIX, em particular a partir da proclamação da República, a Guarda foi perdendo o seu poder, até ser desmobilizada, em 1922. Nessa fase, obter a patente de coronel, representada por um diploma ricamente decorado, uma espada e farda, era uma forma de consolidar o prestígio do patenteado em sua comunidade.

Em Ribeirão Preto, isso não era diferente. Os cafeicultores mais ricos, como **Quinzinho da Cunha** e **Francisco Schmidt**, ostentavam a patente de coronel-comandante. Outros, com menor influência e poder econômico, eram majores, tenentes e capitães.

De volta a **Francisco Schmidt**, de fato ele reunia todos os ingredientes para receber a patente de coronel. Na política, entre 1898 e 1917, foi vereador no município por seis vezes. Disputou com o coronel **Quinzinho da Cunha** o controle do Partido Republicado Paulista (PRP) local. Em 1895, com o coronel **Virgílio da Fonseca Nogueira**, **Doutor Luiz Pereira Barreto**, **Augusto Ribeiro de Loyolla**, **Flávio de Mendonça Uchôa**, e outros, idealizou a construção do Theatro Carlos Gomes, inaugurado em 1897.

Na economia, sua fortuna só fazia crescer. Em 1905, de acordo com o Censo Agrícola de São Paulo, já havia acumulado 31 fazendas em Ribeirão Preto e Sertãozinho, com 12 mil alqueires, 1/3 da área com sete milhões de pés de café e 455 mil arrobas. Sozinho, sua produção representava 1% da produção de todo o estado de São Paulo. Também era um grande produtor de gado, aguardente, algodão, feijão e milho. Em 1906, comprou um alambique e implantou o primeiro engenho de açúcar da região, em Sertãozinho<sup>187</sup>, chamado de Engenho Central. Nesse município, quando alguém perguntava como as coisas andavam, vinha logo a resposta:

---

<sup>186</sup>CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual.

<sup>187</sup>Hoje é localizado no município de Pontal e foi transformado no Museu da Cana.

- *Tudo Schmidt!* - Diziam se tudo estava excelente, indo de vento em popa.

Afinal, mais de sessenta fazendas, uma moeda própria, que era aceita na cidade como dinheiro, um braço da Mogiana que buscava seu café dentro da Fazenda Monte Alegre, mansão na avenida Paulista, em São Paulo... Realmente, estava *tudo Schmidt!*

Em 1913, veio a consagração. Tornou-se reconhecido internacionalmente como o maior produtor de café do Brasil, ano em que recebeu o título de Rei do Café. Um ano depois da sua morte, ocorrida em 18 de maio de 1924, a Companhia Agrícola **Francisco Schmidt**<sup>188</sup>, sediada em Sertãozinho, era a maior unidade produtora da região, com 3.710.609 cafeeiros em produção, num rol de 37 proprietários com mais de quinhentos mil cafeeiros em Batatais, Franca, Orlandia, Sertãozinho, São Simão, Cravinhos e Ribeirão Preto<sup>189</sup>.

A Era Schmidt começou a sofrer abalos em 1917. Alguns anos antes, havia eclodido, na Europa, a I Grande Guerra. Mesmo sem que o Brasil tivesse envolvimento direto no conflito, algumas regiões vivenciaram ocorrências xenófobas contra imigrantes alemães. No Espírito Santo, por exemplo, manifestações hostis desarmavam colonos, invadiam suas casas e faziam medo às crianças e mulheres com ameaças <sup>190</sup>.

Em Ribeirão Preto, conforme os anos de guerra passavam, o sentimento antigermânico crescia. **Renato Jardim** organizava o Tiro Brasileiro de Ribeirão Preto. A Imprensa conclamava a população às armas. A Câmara dos Vereadores desejava mandar uma moção de apoio ao governo federal para qualquer atitude belicosa que desejasse tomar, juntando-se a vários outros municípios que já o haviam feito. Contudo, naquele exato momento, o presidente da Câmara era o próprio coronel **Francisco Schmidt**,

Instalou-se uma situação considerada delicada. Dois representantes foram designados para ir até a Fazenda Monte Alegre para encontrar-se

---

<sup>188</sup>Com a morte de sua esposa, em 1917, organizou, com seus filhos, a Cia. Agrícola Francisco Schmidt

<sup>189</sup>FALEIROS, N. Rogério. *Fronteiras do café: fazendeiros e “colonos” no interior paulista (1917-1937)*. Bauru, SP: Edusc, 2010. p. 142-143.

<sup>190</sup>RÖLKE, Helmar. *Raízes da imigração alemã*. História e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

com o velho chefe político e informar-lhe que os vereadores pretendiam redigir uma moção de apoio ao governo federal.

- *Olha. Neste momento, eu estava para dizer a meus filhos que eles são brasileiros e que devem defender o seu país. Quanto a mim. Se não sou brasileiro, o que sou?* - Perguntou.

- *Redijam a moção de forma que não me seja prejudicial assiná-la.* - Finalizou<sup>191</sup>.

Dia 17 de abril de 1917, a moção foi apresentada à Câmara. **Schmidt**, depois de um discurso carregado de emoção, foi o primeiro a assinar o documento. A última ata assinada pelo coronel data de 12 de dezembro<sup>192</sup>.

Nos anos seguintes, o prestígio político começou a diminuir, motivado pela hostilidade da imprensa antigermânica. Lembra-se da geadada de 1918? Então, além dos milhares de pés de café que dizimou, ela também afetou seus outros negócios. Mesmo assim, o coronel não desistia! Conta-se que, ao ver que, como a geadada encareceu o café que ficou escasso, o coronel viajou para Santos e começou a comprar o grão a fim de estocar.

Mais ou menos nessa época, **Francisco** contraiu empréstimos com a corretora alemã Theodor Wille. Com esse dinheiro, ampliou suas propriedades e lucrou ainda mais. Um dia, o diretor da empresa, exasperado com a atitude ousada do coronel, tentou lhe dar uma bronca:

- *Você é louco, coronel! Pegar tanto dinheiro emprestado, plantando tanto café!*

- *Mais louco é você de me emprestar seu dinheiro.* - Respondeu Schmidt, no mesmo tom de voz afável que usava com todos<sup>193</sup>.

Por mais centralizador<sup>194</sup> que fosse, até mesmo o Rei do Café começava a ficar cansado. Em 1917, ele perdeu a sua esposa, **Alberthine Kolh**, com quem era casado desde 1873. As fazendas que estavam no nome do casal passaram para a Cia. Agrícola **Francisco Schmidt**, que foi criada

---

<sup>191</sup>JARDIM, Renato. *Reminiscências*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda., 1946.

<sup>192</sup>WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo S. Op. Cit., 2000, p. 68-70.

<sup>193</sup>Diálogo retirado de Zaidan (2006).

<sup>194</sup>Zaidan (2006).

em sociedade com cada um de seus filhos<sup>195</sup>. Adoentado, mudou-se definitivamente no início da década de 1920 para a sua elegante mansão na avenida Paulista, de onde saiu em cortejo fúnebre, em 1923, para o cemitério da Consolação.

No registro, consta que **Francisco Schmidt** teve oito filhos: **Guilherme, Gertrudes, Ana, Nenê, Madalena, Jacob, Ernesto e Arthur**. Com a morte do pai, eles decidiram dissolver a Cia. Agrícola **Francisco Schmidt** e dividir os bens entre si<sup>196</sup>. Porém, pode-se dizer que o ilustre coronel teve uma última filha: a cidade de Ribeirão Preto e sua região. A esta, deixou sua dedicação e o desenvolvimento que os seus investimentos proporcionaram. Ribeirão, em troca, eternizou **Francisco Schmidt** e honra a sua história com o café.



---

<sup>195</sup>Idem.

<sup>196</sup>Zaidan (2006).

# Asas de Dumont

*UM GRUPO DE PESSOAS ELEGANTES DA SOCIEDADE PAULISTANA* e ribeirão-pretana acabava de desembarcar do vagão da Estrada de Ferro Dumont. Embarcaram em Ribeirão Preto e pisaram o solo da antiga propriedade de **Henrique Dumont**, o primeiro Rei do Café do período republicano. Foram, aquelas terras, o lar de **Alberto Santos Dumont**, entre os 6 e 18 anos. Na noite anterior, tinham participado de um banquete no salão nobre do Palace Hotel, com a presença de **Virgínia**, irmã de Alberto, e dos condes **Silvio Penteado** e **Armando Álvares Penteado**, que dedicaram palavras de homenagem ao caro companheiro de aventuras. Uma delas, dentre tantas, havia sido a primeira viagem de automóvel entre São Paulo e Ribeirão Preto, realizada no início do século XX pelos irmãos na companhia de Alberto<sup>197</sup>.

Ao descer do trem, todos pretendiam visitar o pouco de **Santos Dumont** que ainda permanecia naquela fazenda. Acompanhada de amigos e filhos,

---

<sup>197</sup>PENTEADO, Silvio Álvares. CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/penteado-silvio-althares>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

**Dona Virgínia**, foi ver os pinheiros plantados por ela e seus irmãos. Era uma tradição de família: cada filho de **Henrique Dumont** plantava uma árvore dessa espécie para ser deixada para a posteridade. Mais tarde, foram todos ao encontro do centenário ex-escravo, Mané de Deus, que havia sido pajem do menino Dumont. Cego, alçou as mãos ao rosto de **Dona Virgínia**, chorando.

- *Menina Virginia! Que Deus a abençoe!* - Balbuciu<sup>198</sup>.

Naquela tarde amena de 7 de junho de 1936, os visitantes ilustres reuniram-se para registrar o momento especial com uma foto. Colocaram-se diante do pinheiro plantado em 1891, pelo homem que ousou conquistar os céus. Inaugurava-se naquele dia uma placa enlaçada à árvore.



Na foto, que congelou o momento, em meio a todos muito distintos e brancos, duas figuras chamam atenção. Dona Virgínia, vestida de preto, e separado por uma corrente, o querido negro **Manuel de Deus**<sup>199</sup>, sentado com o chapéu nas mãos. Ambos mostram semblantes compenetrados e parecem ser os únicos a sentirem o peso e o significado daquele instante. Os demais flertavam com o evento, sorridentes e despreocupados<sup>200</sup>.

**Mané** tinha muitas histórias sobre aquele menino franzino que ele havia vigiado por tantos anos.

<sup>198</sup>CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto*. v. 1. Ribeirão Preto: Imag, 1987. p. 220.

<sup>199</sup>G1. *O pajem de Santos Dumont: quem cuidou do menino que gostava de locomotivas*. s.d. Disponível em: <<http://especiais.santosdumont.eptv.g1.globo.com/onde-tudo-comecou/adolescencia/NOT,0,0,1267513,O+Pajem+de+Santos+Dumont.aspx>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

<sup>200</sup>CIONE, Rubem. Op. Cit., 1987.

- *Falava muito, era esperto, e bem se via que tinha jeito de inventor*<sup>201</sup>.

Quinze dias depois da foto que o eternizou, o velho pajem deixou esse mundo, levando com ele as memórias que compartilhou com a família Dumont.

Na época em que **Alberto** viveu na região Mogiana, Ribeirão Preto já era conhecida por sua grande produção de café. As fazendas, em pouco mais de 10 anos, se viram cheias de cafezais. As pessoas, como o próprio cafeeiro, iam chegando e se estabelecendo no município de chão vermelho.

Com o lucro do café, os fazendeiros faziam bancos, indústrias, comércio..., mas, então, veio **Santos Dumont**, que fez tudo ao contrário.

Como todo pássaro que alça voo pelo sertão à procura de aventuras, o jovem inventor usou o café como meio para dar asas aos seus sonhos.

Para contar esta história, é preciso avançar um pouco no tempo. Até 19 de outubro de 1901. Paris, França. **Alberto Santos Dumont**, um brasileiro crescido em meio aos pés de café brasileiros, sobrevoava os céus da capital francesa. Com o **Santos Dumont** n. 6, um balão movido a um motor de gasolina, ele circundou a torre Eiffel num trajeto de trinta minutos<sup>202</sup>. Os homens que permaneceram no chão, tão pequenos, o cumprimentaram com os chapéus a girar nas bengalas em riste.

Naquele dia, o aviador participava de uma competição que premiaria a primeira pessoa que, saindo de St. Cloud, desse a volta na torre Eiffel e voltasse ao ponto de partida<sup>203</sup>. Durante o trajeto, em nenhum momento **Santos Dumont** ousou olhar para os telhados de Paris. Ele flutuou sobre um mar de branco e azul, com os olhos focados no objetivo à sua frente<sup>204</sup>.

---

<sup>201</sup>JORGE, Fernando. *As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont*. São Paulo: Geração Editorial, 1973, Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=VwxNDwAAQBAJ&pg=PT18&lpg=PT18&dq=Fl%C3%1vio+Aur%C3%A9lio+de+Costa+e+Silva+o+pajem+de+Santos+Dumont&source=bl&ots=uJvC\\_peN6&sig=37p6iOl4Zw5Gp79kr22GDAmT\\_j0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiSle\\_Qt-fZAhUEhpAKHVLIBUEQ6AEIKDAA#v=onepage&q=Fl%C3%A1vio&f=false](https://books.google.com.br/books?id=VwxNDwAAQBAJ&pg=PT18&lpg=PT18&dq=Fl%C3%1vio+Aur%C3%A9lio+de+Costa+e+Silva+o+pajem+de+Santos+Dumont&source=bl&ots=uJvC_peN6&sig=37p6iOl4Zw5Gp79kr22GDAmT_j0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiSle_Qt-fZAhUEhpAKHVLIBUEQ6AEIKDAA#v=onepage&q=Fl%C3%A1vio&f=false)>. Acesso em: 12 nov. 2018.

<sup>202</sup>*Ensaio Histórico*. Café, a Semente do Progresso. Abril. [s.d.].

<sup>203</sup>Idem.

<sup>204</sup>*Ensaio Histórico*. Café, a Semente do Progresso. Abril. [s.d.].

No caminho de volta, ao voar por cima das cabeças dos juízes e do público, a uma altitude de 150 metros, seus olhos se perderam na multidão que o observava.

- *Ganhei?* - Gritou, convicto.<sup>205</sup>

- *Sim!* - Responderam.

As congratulações pelos intentos foram muitas. Mas aquela que mais marcou o jovem inventor foi um telegrama enviado pelo ídolo, **Thomas Edison**.

*A Santos Dumont, o pioneiro dos ares, homenagem de Thomas Edison*<sup>206</sup>.

O cientista era interessado naquele jovem que maravilhava Paris e o mundo a bordo de um dirigível. Não só ele. A capital francesa curvava-se ao brasileiro. Ele que, ao chegar àquela cidade 21 anos antes, trouxera no bolso, além do apoio paterno, o sonho de algum dia ser capaz de alcançar os céus<sup>207</sup>.

**Alberto Santos Dumont** era um homem magro, pequeno e bigodudo, com seu chapelão de abas moles a esconder os cabelos repartidos ao meio, uma moda comumente usada por mulheres<sup>208</sup>. Esse homem elegante nos modos e incansável no espírito, nascera na cidade de Cabangu, em 20 de julho de 1873<sup>209</sup>. Era um dos muitos lugares remotos da província de Minas Gerais, longe de tudo e de todos. Durante os primeiros anos de sua vida, ele presenciou o pai, **Henrique Dumont**, então engenheiro a serviço do imperador **D. Pedro II**, construir uma linha de ferro na região<sup>210</sup>.

Seis anos depois, seu pai promoveu uma grande mudança na vida da família. Com a herança da esposa e a promessa de riqueza anunciada pelas terras roxas do oeste paulista, mudou-se para Ribeirão Preto. Com a compra da fazenda Aricanduva, **Santos Dumont** observou o novo lar

---

<sup>205</sup>Frase transcrita de um relato de Santos Dumont divulgado no almanaque **Ensaio Histórico: Café, a Semente do Progresso**. Abril. [s.d.]<sup>206</sup>Idem.

<sup>207</sup>Idem.

<sup>208</sup>HOFFMAN, Paul. **Asas da loucura: a extraordinária vida de Santos-Dumont**. São Paulo: Objetiva, 2004. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?id=boEIncaQuIUC&pg=PT81&hl=pt-BR&source=gbs\\_toc\\_r&cad=4#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=boEIncaQuIUC&pg=PT81&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false) >. Acesso em: 20 mar. 2017.

<sup>209</sup>Idem.

<sup>210</sup>Idem.

encher-se de cinco milhões de pés de café<sup>211</sup>. Uma linha de trem de 96 quilômetros cortava a propriedade de seu pai de fora a fora. Vieram as casas dos colonos e os paióis para estocagem. O lugar parecia regido pelo som das sete locomotivas que se deslocavam dentro da fazenda<sup>212</sup>.

Um europeu, ao andar pela fazenda de **Henrique Dumont**, ficaria surpreso pelo que via. Para aqueles que vinham do velho continente, as plantações brasileiras eram imaginadas como colônias primitivas, sem muito avanço ou tecnologia. Mas não as fazendas de São Paulo<sup>213</sup>, e muito menos aquela.

*- Não há melhor lugar para alguém como eu sonhar<sup>214</sup>. - Diria o aviador.*

Conta-se que o pequeno não era um menino muito estudioso, tanto que sofria com as lições do alfabeto e tabuada<sup>215</sup>. Apaixonado por máquinas e engenhocas, quando voltava para a fazenda no período das férias, passava o tempo a mexer na oficina mecânica do pai, fazendo locomotivas correr.

Em uma das varandas da casa, onde havia uma tulha, ele se divertia a soltar balões e a empinar, com oito anos, uma pipa que levava pendurada um gato aos gritos<sup>216</sup>. Com sete anos, guiava os tratores com arados pela fazenda, e logo depois, aos doze, foi guia de uma locomotiva<sup>217</sup>.

O menino, sentado na cabine de um trem Baldwin, chegou a guiar uma locomotiva cheia de café coco até a cidade. Seus dias se resumiam a observar a máquina de beneficiar café, buscando alternativas para melhorar o trabalho das peneiras e dos separadores<sup>218</sup>.

Os empregados viriam a observar o menino, magro e tímido, correr pelos cafezais e construir monjolos, rodas d'água e outras utilidades domésticas<sup>219</sup>.

---

<sup>211</sup>QUARTIER, Sidnei. Era uma vez a fazenda Dumont, o rei do café. A *Cidadeon*, 1º/1/2015. Disponível em: < <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/NOT,2,2,1021997,Era+uma+vez+a+fazenda+de++Dumont+o+Rei+da+Cafe.aspx>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

<sup>212</sup>HOFFMAN, Op. Cit., 2004.

<sup>213</sup>Baseado em relato de Santos Dumont. In: HOFFMAN, Op. Cit., 2004.

<sup>214</sup>Trecho baseado em um relato de Santos Dumont sobre a fazenda de Henrique Dumont. In: HOFFMAN, Op. Cit., 2004.

<sup>215</sup>CIONE, Op. Cit., 1987.

<sup>216</sup>Idem.

<sup>217</sup>Idem.

<sup>218</sup>CIONE, Op. Cit., 1987.

O que a fazenda Dumont proporcionou de mais precioso ao jovem inventor foram terras férteis para que sua imaginação crescesse e aflorasse.

Com o chapéu de abas largas a quase tocar-lhe os ombros, ele olhava as aves, com suas grandes asas abertas, alçarem voo pelo belo céu brasileiro. Seria uma máquina capaz de fazer o mesmo? Esses devaneios, o menino guardava consigo, com as aeronaves que criava com a força da imaginação<sup>220</sup>. Naqueles tempos, falar em criar uma máquina voadora, seria o mesmo que se passar por desequilibrado ou visionário. Se o filho de um fazendeiro do café sonhasse em se tornar tal tipo, estaria cometendo um verdadeiro pecado social<sup>221</sup>.

Na igreja, aos domingos, **Alberto** “alugava” o ouvido do vigário, que já estava acostumado com as ideias mirabolantes do jovem.

- *Não, meu filho, os céus foram feitos para os anjos e os passarinhos.*  
-Comentou, certo dia, o velho religioso.

- *Padre, um dia o homem há de voar*<sup>222</sup>. - O menino replicava.

Leitor ávido de **Júlio Verne**, **Alberto** aprendeu suas primeiras lições de aeronáutica nas obras do escritor francês<sup>223</sup>. Às vezes, na calada da noite, o rapaz viria a sonhar com aviões e submarinos descritos pelo romancista, para depois acordar, e, ao ver as pesadas máquinas a vapor que ocupavam a fazenda<sup>224</sup>, pensar que tudo aquilo não passava de um delírio do autor.

Porém, ele não sossegava. Nas brincadeiras de “passarinho voa”, com os colegas de infância, **Alberto** sempre gostava de mostrar seu ponto vista. Enquanto os meninos gritavam

- *Pássaro voa!*

- *Pombo voa!*

- *Abelha voa!*

---

<sup>219</sup>Idem.

<sup>220</sup>Ensaio Histórico. Café, a Semente do Progresso. Coleção Abril, [s.d.]

<sup>221</sup>Adaptado de uma frase de Santos Dumont. In: DUMONT, Santos. **Os meus balões**. Tradução de A. de Miranda Barros. Brasília: Fundação Rondon, 1986.

<sup>222</sup>Transcrição de uma frase de Santos Dumont feita por Rubem Cione. In: CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. v. 1, Ribeirão Preto: Imag, 1987.

<sup>223</sup>SANTOS, Dumont. **O que eu vi, o que nós veremos**. 1918. Edição da Universidade da Amazônia (Unama). Disponível em: <[http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit\\_online/santos\\_dumond.pdf](http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/santos_dumond.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2018

<sup>224</sup>JORGE, Op. Cit., 1973.

Ele gritava de volta:

- *Homem voa!*<sup>225</sup>

Quando os colegas queriam que ele pagasse prenda pelo erro, ele sorria convicto e se recusava. Algum dia, aqueles trocistas estariam ao seu lado<sup>226</sup>.

Quando chegou aos sete anos de idade, **Santos Dumont** foi estudar em Campinas, no colégio de Culto à Ciência. Seguiu para São Paulo, onde estudou nos colégios Morton, Morethzson e Instituto Kople. No Rio de Janeiro, situado na rua dos Inválidos, estudou no colégio Menezes Vieira. Por fim, em Minas Gerais, frequentou a Escola de Minas Gerais de Ouro Preto. Nesta última, conta-se que o aviador constantemente não se sentia bem, porque seu temperamento livre não condizia com a severa disciplina do lugar<sup>227</sup>.

Então, em 1890, seu pai sofreu um acidente de charrete, ficando hemiplégico<sup>228</sup>. Assim, ele viajou com **Henrique** a Paris, no ano seguinte, com o intuito de acompanhar seu tratamento. O jovem de 19 anos, ao colocar os pés na capital francesa, ficou maravilhado com a quantidade de novidades em termos de tecnologia. Com o pai, visitou uma feira de máquinas no Palácio da Indústria<sup>229</sup>. Espantado, viu um motor movido a petróleo, com a força de um cavalo, mas compacto e leve. Aquilo era completamente diferente do que tinha visto até então!<sup>230</sup>

Na volta do passeio, não parava de dizer ao pai as suas impressões, até que o velho, cansado, disse: “Por hoje basta”<sup>231</sup>. O Rei do Café era uma pessoa rígida, não dada a sonhos. Mas acreditava no potencial do filho e em seu futuro. Quando **Alberto** lhe pediu para continuar os estudos em Paris, o velho **Dumont** não respondeu, distraído. Depois, na mesa do jantar, com os primos e amigos da escola de Paris, o cafeicultor comentou:

- *Protejam o meu filho, pois ele vai voltar a Paris para terminar os estudos.*<sup>232</sup>

---

<sup>225</sup> Idem.

<sup>226</sup> Baseado em relato de Santos Dumont contido no livro: *As Lutas, a Glória e o Martírio de Santos Dumont*, de Fernando Jorge.

<sup>227</sup> JORGE, Op. Cit., 1973.

<sup>228</sup> DO AMANHÃ. **Um navegador dos ares: um brasileiro chamado Santos Dumont**. Disponível em: < <https://museudoamanha.org.br/pt-br/navegador-dos-ares-brasileiro-chamado-alberto-santos-dumont>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

<sup>229</sup> DUMONT, Op. Cit., 1918.

<sup>230</sup> Baseado no relato de Santos Dumont. In: DUMONT, Op. Cit., 1918.

<sup>231</sup> DUMONT, Op. Cit., 1918.

<sup>232</sup> Adaptado de um relato de Santos Dumont. In: DUMONT, Op. Cit., 1918.

Naquela noite, o jovem, com o peito a explodir de alegria, correu pelas ruas de Paris a visitar livreiros e comprar todos os livros sobre balões e viagens aéreas que encontrava.<sup>233</sup>

Pouco depois, em 1892, **Santos Dumont** se emancipou do pai<sup>234</sup>, que viria a falecer no mesmo ano. Voltando à Europa, o jovem inventor levava consigo os conselhos de **Henrique Dumont**:

*...vai para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz homem, prefiro que não se faça doutor; em Paris; com o auxílio de nossos primos, você procurará um especialista em física, química, mecânica, eletricidade, etc., estude essas matérias e não se esqueça que o futuro do mundo está na mecânica. Você não precisa pensar em ganhar a vida, eu lhe darei o necessário para viver<sup>235</sup>.*

Conta-se que **Santos Dumont** nunca teve uma formação regular, ao chegar em terras europeias. Descrito como um esportista pouco dedicado, seu amigo da época, **Agenor Barbosa**, comentava:

*Aluno pouco aplicado! Ou melhor, nada estudioso para as “teorias”, mas de admirável talento prático e mecânico, e, desde aí, revelando-se, em tudo, de gênio inventivo...<sup>236</sup>*

Quando **Agenor** veio a reencontrá-lo, algum tempo depois, veria que o amigo estava submerso no mundo da aviação<sup>237</sup>. Nos livros, o jovem **Santos Dumont** descobria as experiências feitas com os balões, principalmente realizadas em festas públicas. Intrigado, decidiu buscar alguns dos donos desses balões para realizar uma ascensão. A curiosidade era muita, o dinheiro para tal intento, nem tanto. Quando finalmente encontrou um senhor para levá-lo até os céus de balão, este lhe cobrara um absurdo preço de mil francos! Naquela hora, tudo o que veio à cabeça foram os sermões

---

<sup>233</sup>DUMONT, Op. Cit., 1918,

<sup>234</sup>COLÉGIO NOTARIAL DO BRASIL. Memória notarial: a emancipação de Santos Dumont. 26/10/2016. Disponível em: < <http://www.notariado.org.br/index.php?pG=X19leGliZV9ub3RpY2lhcw==&in=ODU2MQ==>>. Acesso em: 14 mar. 2017

<sup>235</sup>LINS, B. Henrique. Alberto Santos Dumont: o pioneiro da aviação. *Exacta*, São Paulo, v.4, n.1, p. 35-46, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/810/81040103/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

<sup>236</sup>Idem. Relato adaptado de Agenor Barbosa.

<sup>237</sup>Idem. Relato adaptado de Agenor Barbosa.

de seu pai, e o seu grande exemplo de economia. Ele estaria gastando todo o dinheiro para o mês se concordasse com tal aventura!<sup>238</sup>

Desistiu. Porém, outra oportunidade para voar surgiria. Era 22 de março de 1898<sup>239</sup>, e ele fechava os últimos detalhes de sua primeira viagem de balão por Paris:

- *Quero subir em balão. Quanto me pedem por isso?*
- *Temos justamente um pequeno balão no qual o levaremos por 250 frs.*
- *Há muito perigo?*
- *Nenhum [...]*
- *Para amanhã de manhã, o balão!*<sup>240</sup>

Em 23 de março de 1898, **Santos Dumont** sobrevoou o céu de inverno de Paris pela primeira vez. Era lindo! A todo momento, ele acompanhava os movimentos do piloto, buscando compreender tudo aquilo que ele fazia. Não sentiu medo nem vertigem. Parecia que tinha nascido para voar<sup>241</sup>.

Abriam-se os caminhos para que o inventor construísse os seus primeiros projetos. Ainda em 1898, veio o Brasil, um balão de hidrogênio, e, logo depois, o Amérique, criado no mesmo ano<sup>242</sup>. Então, vieram os seus dirigíveis, que falharam em diversos aspectos, até que, finalmente, no n. 6, realizou a famosa volta pela torre Eiffel, e sua fama só fez crescer, tanto na Europa quanto em terras brasileiras.

No início do século XX, **Santos Dumont** era considerado um dos homens mais prestigiados da capital francesa. Em seu apartamento na Champs-Élysées, realizava “jantares aéreos”<sup>243</sup> na companhia de

---

<sup>238</sup>Baseado em um relato de Santos Dumont. In: DUMONT, Op. Cit., 1918

<sup>239</sup>Santos Dumont realizou sua primeira ascensão de balão em 23 de março de 1898. Porém, em relato feito pelo próprio aviador, no livro *O que Eu Vi, o que Nós Veremos*, ele conta como se deu a negociação do intento um dia antes.

<sup>240</sup>Trecho retirado do livro escrito por Santos Dumont. In: DUMONT, Op. Cit., 1918

<sup>241</sup>Baseado em relato de Santos Dumont no livro. In: DUMONT, Op. Cit., 1918

<sup>242</sup>LINS, Op. Cit., 2006.

<sup>243</sup>No prólogo da obra *Asas da Loucura*, Paul Hoffman detalha como ocorriam esses jantares aéreos, com a presença de Cartier e a princesa Isabel. As cadeiras e as mesas ficavam suspensas no ar, mediante cabos de metal presos no teto. Com a ameaça de ceder o teto com o peso dos convidados, Santos Dumont encomendou peças em madeira com os pés longuíssimos, tornando o assento muito alto.

personalidades como **Gustave Eiffel**, o inventor da torre que levou seu nome; a **imperatriz Eugênia**, viúva de **Napoleão III**; e a própria **princesa Isabel**<sup>244</sup>.

Tímido, com os dedos cheios de anéis, ele ficava cada vez mais famoso. Seu rosto estampava caixas de fósforo e de charutos.<sup>245</sup> Os modistas franceses viviam a reproduzir o modelo do seu chapéu e de seus colarinhos altos e duros<sup>246</sup>. Ao caminhar pelas ruas de Paris, **Santos Dumont** exibia, no pulso, um relógio. Que grande novidade! Projetado por ele e feito por encomenda pela Casa Cartier, o modelo foi adotado por toda parte.<sup>247</sup>

Conta-se que sua casa em Paris era cercada por inventos e máquinas, todos frutos de seu espírito incansável. Precisando de um lugar para guardar seus dirigíveis, desenvolveu o hangar, utilizado depois por vários aeronautas.<sup>248</sup>

Em 1901, a revista *Times* chegou a sentenciar o seguinte sobre o ilustre brasileiro nas terras europeias:

*Quando os nomes daqueles que ocuparam posições de destaque no mundo forem esquecidos, um nome permanecerá em nossa memória, o de Santos- Dumont.*<sup>249</sup>

Eram tempos de fama, sucesso e trabalho. Logo depois do n. 6, **Santos Dumont** construiu vários outros balões, que não obtiveram o resultado que desejava. Até a chegada do dirigível n. 9, com o qual realizou várias voltas por Paris e participou de corridas. Certa vez, ao passear com o n.9, ou o *Balladeuse*, como era chamado, ele posou o dirigível em frente a um bar. Desceu, tomou uma taça de vinho, pagou o que era devido, subiu de novo na engenhoca, voltou aos céus<sup>250</sup>.

Quantas alegrias! Porém, havia ainda algo que deixava o inventor triste: a saudade do pai.

---

<sup>244</sup>HOFFMAN, Op. Cit., 2004.

<sup>245</sup>Idem.

<sup>246</sup>Idem.

<sup>247</sup>*Ensaio Histórico*. Café, a Semente do Progresso. Op. Cit.

<sup>248</sup>Idem.

<sup>249</sup>HOFFMAN, Op. Cit., 2004

<sup>250</sup>*Ensaio Histórico*. Café, a Semente do Progresso. Op. Cit.

Seu pai, que lhe dera tão bons conselhos, e todos os meios para que alcançasse seus sonhos, não estava mais presente para ver que o filho tinha se tornado um homem. Possivelmente sentado em seu hangar, a olhar a cidade cercado por suas engenhocas, **Santos Dumont** se lembraria de seu genitor a desbravar os sertões de Ribeirão Preto, e no lugar daquelas matas, plantar pés de café.

A sorrir, ele faz um agradecimento:

*- É costume oriental fazer recair sobre os pais todo o mérito, toda a glória, que um homem conquistou na vida. Esta maneira de ver pode ser criticada ou desaprovada, porém, no meu caso, ela seria muito justa, pois, tudo devo ao meu pai: conselhos, exemplos de trabalho, de audácia, de economia, sobriedade e os meios com os quais pude realizar minhas invenções.*<sup>251</sup>

**Alberto Santos Dumont**, por mais longe que voasse nos céus de Paris, ainda conservava suas raízes nas terras férteis do oeste paulista. Além de todo o tempo dedicado, o inventor também contou com o apoio da cidade de Ribeirão Preto.

Era 31 de outubro de 1903, e a Câmara Municipal de Ribeirão Preto promulgava o projeto de lei n. 100, que dispunha o seguinte:

*Fica concedida a quantia de um conto de réis, como quota desta Câmara ao aeronauta **Alberto Santos Dumont** para auxiliar a continuação de suas experiências sobre o aproveitamento da dirigibilidade dos balões como meio de transporte*<sup>252</sup>.

Apesar do sucesso com os seus balões, **Santos Dumont** não estava satisfeito. Uma antiga ideia não lhe saía da cabeça. Ao olhar para o céu, ele refletia por que os pássaros conseguiam voar se estes eram mais pesados que o ar<sup>253</sup>. Restava ao inventor, então, construir sua grande artimanha: uma máquina que fosse inspirada em um pássaro<sup>254</sup>.

O jovem sonhador abandonou os seus balões e o seu hangar no Aero Club<sup>255</sup> e seguiu com sua ideia. Foram três longos anos de trabalho antes

---

<sup>251</sup>DUMONT, Op. Cit., 1918.

<sup>252</sup>CIONE, Op. Cit., 1987.

<sup>253</sup>Ensaio Histórico. Café, a Semente do Progresso. Op. Cit.

<sup>254</sup>Idem.

<sup>255</sup>DUMONT, Op. Cit., 1918.

que ele se apresentasse, no campo de *Bagatelle*, com o seu primeiro avião<sup>256</sup>. Era julho de 1906, e **Alberto** convidou os amigos a observarem tal máquina em ação<sup>257</sup>. Era um aparelho grande e biplano, que tinha acoplado a ele o seu último balão, o n. 14. Nascia assim o princípio do avião 14-bis.

Pouco depois, **Santos Dumont** se livrou do balão. Em 23 de outubro de 1906, o 14-Bis decolou pelos céus de Paris e a multidão foi ao delírio com tal intento<sup>258</sup>. Naquele dia, o brasileiro do chapéu mole ganhava o título de Pai da Aviação. Do seu invento, ele não desejava dinheiro, o modelo que ela havia criado estaria à disposição de todos<sup>259</sup>. Dessa forma, ele não registrou patente de nenhuma de suas invenções, inclusive o 14-Bis, pois acreditava que elas pertenciam à humanidade.<sup>260</sup>

Os anos passaram e **Santos Dumont** acreditava que a aviação poderia mudar o destino das nações<sup>261</sup>. Ele esperava que o Brasil abraçasse suas próprias escolas de aviação e que o céu nacional se enchesse de aeroplanos<sup>262</sup>.

E, realmente, os aviões mudaram o mundo. Eles ficavam cada vez mais eficientes e rápidos, passando a cruzar os céus em grande velocidade. Viu então, os aviões virarem armas, e por mais que defendesse seu uso na guerra<sup>263</sup>, as consequências de sua criação pareciam estar indo longe demais.

O mundo mudou, assim como o menino inventor cheio de sonhos também mudara. Veio a doença e a depressão. **Santos Dumont** passou os últimos anos de sua vida a queixar-se de seu estado de saúde.

Chegou a Revolução Constitucionalista de 1932. Todos observavam **Getúlio Vargas** movimentar as forças armadas contra os rebeldes e, entre elas, um arsenal de aviões. São Paulo estava em guerra. E o coração do inventor, ao ver tudo aquilo, se desesperava.

Em telefonema ao amigo **José de Oliveira Orlandi**, ele desabafou:

---

<sup>256</sup>Idem.

<sup>257</sup>Idem.

<sup>258</sup>*Ensaio Histórico. Café, a Semente do Progresso. Op. Cit.*

<sup>259</sup>Idem.

<sup>260</sup>LINS, Op. Cit., 2006.

<sup>261</sup>Idem.

<sup>262</sup>DUMONT, Op. Cit., 1918.

<sup>263</sup>LINS, Op. Cit., 2006

- *Meu Deus! Meu Deus! Não haverá meio de evitar derramamento de sangue de irmãos? Por que eu fiz esta invenção que, em vez de concorrer para o amor entre os homens, se transforma numa maldita máquina de guerra? Horrorizavam-me estes aeroplanos que estão constantemente pairando sobre Santos*<sup>264</sup>.

No dia 23 de julho de 1932, **Getúlio Vargas** atacou o litoral de São Paulo. Contudo, a maior bomba viria a cair na cabeça dos brasileiros ao escutarem a notícia de que **Santos Dumont**, o Ás brasileiro, tinha cometido suicídio<sup>265</sup>.

O Brasil entrava em luto por um dos seus mais importantes compatriotas. O general **Goés Monteiro**, comandante das tropas de **Getúlio Vargas**, voltou-se ao povo paulista:

- *Em homenagem à memória do imortal pioneiro da aviação, as unidades aéreas do Departamento do Exército do Leste deixarão de bombardear hoje as posições militares inimigas*<sup>266</sup>.

Em 17 de dezembro de 1932, transportou-se o corpo de **Santos Dumont** ao Rio de Janeiro, onde foi sepultado.<sup>267</sup> Passaram-se os anos, mas não a memória.

Os sonhos do avião brasileiro, assim como sua inventividade, cresceram férteis graças aos pés de café. À cidade de Ribeirão Preto, o aeronauta deixou plantado seus agradecimentos e a saudade da fazenda onde cresceu. Ribeirão Preto, por outro lado, o eternizou como o grande aventureiro a caminhar pelas terras roxas do sertão.

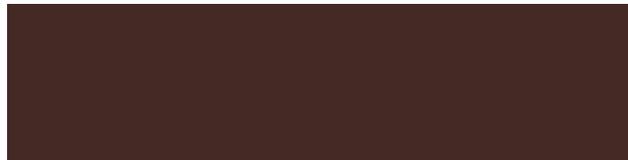
---

<sup>264</sup>LINS, Op. Cit., 2006.

<sup>265</sup>Idem.

<sup>266</sup>Idem.

<sup>267</sup>Idem.



# Empreendedorismo em tempos de café

AO CAMINHAR PELAS RUAS DE PARIS, em meados da década de 1970, o geógrafo **David Harvey** deparou-se com um cartaz com o desenho de uma retroescavadeira. À frente da máquina, símbolo dos tempos modernos, estavam os antigos bairros parisienses, com suas ruelas estreitas e desordenadas. Conforme avançava, a sanha demolidora ia deixando atrás de si outra paisagem, composta por filas de prédios ordenados<sup>268</sup>. Enquanto Harvey seguia caminho, seus olhos observaram a crise existencial pela qual a cidade passava.

– *A antiga não pode mais permanecer como era... Mas, a nova parece horrível, sem alma e vazia para se contemplar*<sup>269</sup>.

---

<sup>268</sup>HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

<sup>269</sup>Adaptação de uma fala de David Harvey sobre a cidade de Paris no livro *Cidades Rebeldes*, p.10.

Ao caminhar pelo centro de Ribeirão Preto, 48 anos depois do passeio do geógrafo pela capital francesa, os olhos do transeunte, igualmente, contemplam a eterna batalha entre o novo e o velho. Seus prédios e ruas, para o observador atento, ainda contêm as memórias de várias dobras no tecido do tempo. É possível ver o encontro do rural com o urbano, nas marcas visíveis na paisagem. São os resquícios da era do café e do seu encontro com a indústria e o comércio.

Mas sua história fica escondida pela falta de preservação do patrimônio cultural.

## **ANTIGA CERVEJARIA SERÁ 80% DEMOLIDA EM RIBEIRÃO PRETO**<sup>270</sup>

A manchete é de um jornal ribeirão-pretano, publicada em 2 de dezembro de 2013. Na movimentada avenida Jerônimo Gonçalves, bem perto do centro de Ribeirão Preto, a imagem de Harvey parece se repetir. A antiga fábrica da Cervejaria Antártica, lugar profundamente ligado à história da cidade e seus moradores, estava cedendo espaço a um novo espaço de convivência, um *shopping*<sup>271</sup>.

Na tentativa de salvar partes da memória da indústria que conviveu com o café no município, o Conselho de Preservação do Patrimônio Artístico e Cultural (CONPPAC) determinou que quatro partes do antigo complexo permanecessem em pé<sup>272</sup>. Resistiram à luta entre o velho e o novo, três pavimentos, entre os quais, o antigo núcleo da fábrica e seus elementos internos<sup>273</sup>. O jornal não deixou de destacar que a velha

<sup>270</sup>FONTES, Marcelo. Antiga Cervejaria será 80% demolida em Ribeirão Preto. *Jornal A Cidade*. 2/12/2013. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,905051,Antiga+cervejaria+sera+80+demolida+em+Ribeirao+Preto.aspx>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

<sup>271</sup>REVIDE. Edifício onde funcionava laboratório da Cervejaria Antártica é demolido. 12/12/16. Disponível em: <<https://www.revive.com.br/noticias/cidades/edificio-onde-funcionava-laboratorio-da-antiga-cervejaria-antarctica-e-demolido/>>. Acesso em: 24 fev. 2018

<sup>272</sup>Fontes (2013).

<sup>273</sup>G1. Ribeirão Preto e Franca. Prédio da antiga cervejaria Antártica começa a ser demolido para abrigar shopping. 13/9/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/09/predio-de-antiga-cervejaria-comeca-ser-demolido-para-abrigar-shopping.html>>.

indústria poderia ter sido melhor aproveitada. Afinal, toda vez que um edifício se descaracteriza, há uma perda de partes importantes da memória do patrimônio cultural<sup>274</sup>.

No quadrilátero central, ao longo da rua José Bonifácio, o caminhante se depara com um conjunto de galpões, compartilhando espaço com sobrados do início do século. É o retrato de uma parte da cidade que, no início do século XX, era povoada por pequenas lojas comerciais, sobre as quais residiam seus donos. Armazéns de grãos de todos os tamanhos e estabelecimentos que ofereciam serviços variados: hospedagem, comida, roupas, sexo.

Em um desses imóveis, na altura da rua São Sebastião, encontramos o prédio do antigo Banco Construtor, de **Antonio Diederichsen**<sup>275</sup>, fundado em 1903. Inicialmente, era um barracão de madeira, que daria lugar a um edifício imponente. Os primeiros anos do negócio foram desanimadores. **Diederichsen** montava a cavalo e ia cobrar os clientes nas fazendas mais distantes para conseguir pagar os seus funcionários, ao final do mês<sup>276</sup>. Posteriormente, esse cobrador se tornaria um dos empreendedores mais bem-sucedidos da cidade. Hoje o prédio abriga um estacionamento.

Em outro canto do centro da cidade, entre as ruas Campos Salles, Saldanha Marinho, Prudente de Moraes e José Bonifácio, ainda hoje é possível ver os restos de outro núcleo industrial, fruto da iniciativa do conde **Francesco Matarazzo**. Descrito como um italiano alto e elegante, seu nome era sinônimo de riqueza entre os brasileiros<sup>277</sup>. Inclusive, virou ditado popular no início do século XX. Um pai antigo, ao ver o filho gastão, diria, com um puxão na orelha:

*- Pensa que eu sou Matarazzo, menino?*<sup>278</sup>

---

<sup>274</sup>Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/09/18/antiga-fabrica-de-chope-do-pinguim-em-ribeirao-preto-vai-virar-shopping.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

<sup>275</sup>CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto*. v IV. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1995.

<sup>276</sup>Idem.

<sup>277</sup>UOL Terra. *Francesco Matarazzo foi de mascate para o 5º homem mais rico do mundo*. 6/8/2014. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/economia/vida-de-empresario/francesco-matarazzo-foi-de-mascate-a-5-mais-rico-do-mundo,883785290daa7410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

<sup>278</sup>Transcrição de uma frase popular retirada de uma reportagem do jornal UOL Terra. Op. Cit. 2014.

Conta-se que o italiano era tão rico que o seu lucro só perdia para o Governo Federal, o Estado de São Paulo e o Departamento Nacional do Café<sup>279</sup>. Dono de 200 negócios, o início de sua vida no novo continente foi bem mais simples. Ao fugir da crise na Itália, no ano de 1881, ele trazia na bagagem apenas uma tonelada de banha de porco que era o dinheiro inicial para montar um negócio. Mas sua carga se perdeu no mar. No Brasil, sem dinheiro e sem mercadoria, dizem que não se desesperou. Comprou porcos e começou a produzir banha para vender<sup>280</sup>.

- *O segredo está na compra e não na venda*<sup>281</sup>.

Poucos anos depois de sua chegada ao Brasil, Matarazzo instalou sua primeira indústria em Sorocaba. Não tardou e mais duas surgiram, desta vez, em Capão Bonito e Apiaí. A banha produzida nas novas fábricas ia até Sorocaba, e depois seguia pela linha do trem até São Paulo e o Rio de Janeiro. Em 1890, ele se mudou para São Paulo, e estabeleceu uma casa de comissões e consignações, na rua 25 de março<sup>282</sup>.

Em dezembro de 1934, mais uma cidade conheceria os empreendimentos de Matarazzo. Ribeirão Preto acordava em polvorosa com uma manchete do *Diário da Manhã* sobre a construção de uma fábrica de beneficiamento de algodão, azeite e querosene. Era o início do complexo industrial Matarazzo no município. Logo depois, viriam um depósito de sal e um armazém, construídos em 1935. Alguns anos se passaram, e foram instalados no local uma fábrica de óleo de caroço de algodão, dois depósitos, também de algodão, e a expansão dos cômodos<sup>283</sup>.

Fonte de orgulho para a população ribeirão-pretana, a cidade, assim como todas as que possuíam uma indústria Matarazzo, recebeu a visita do ilustre conde. Os comerciantes italianos, às quatro horas da tarde, fecharam suas portas e as decoraram com bandeiras. O Jornal, ao noticiar a vinda do industrial, comentou:

*O espirito dynamico e progressista do líder de nossa indústria já se fez*

---

<sup>279</sup>Idem.

<sup>280</sup>Idem.

<sup>281</sup>Idem.

<sup>282</sup>VICHNEWSKI, Henrique T. *Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012. Coleção Identidades Culturais, n.2.

<sup>283</sup>Idem.

*sentir em Ribeirão Preto, onde a organização Matarazzo, incrementando o progresso local, dá trabalho a várias centenas de operários*<sup>284</sup>.

Símbolo da industrialização no interior, a construção de tijolos vermelhos, que resultou do empreendedorismo de Matarazzo no município, hoje é lembrada apenas nas fotografias e nos livros de história. Da grande construção, o caminhante só consegue entrever, sobre o muro alto, os frontões triangulares escurecidos e cedendo ao ímpeto do tempo.

A mesma situação repete-se com os edifícios da indústria de tecelagem Matarazzo, construída em 1946, no bairro Campos Elíseos. A fábrica, responsável pela transformação de um bairro inteiro, hoje é uma visão em ruínas <sup>285</sup>.

Depois de uma volta pelo Centro e pelas imediações, fica a sensação de que a indústria tradicional de Ribeirão Preto envelheceu e foi esquecida. Em particular, as primeiras atividades industriais instaladas na cidade. Fábricas consideradas obsoletas deram lugar a novos empreendimentos, o que é normal no tecido da transformação urbana. O chocante não é a mudança, resultante do fluxo natural do desenvolvimento. Mas, o abandono. Não há continuidade e a história das raízes da indústria no município não está mais visível nas ruas.

Mas há uma história nessas ruínas. São capítulos da memória da convivência da economia cafeeira com outras atividades, escrita nos edifícios e nas vivências das pessoas que ali moraram e trabalharam.

O casamento da indústria com o café foi com comunhão de bens. Começou logo depois que os cafezais se transferiram do solo esgotado do Vale do Paraíba para as terras vermelhas do oeste paulista. Para o dinheiro do café transformar-se em indústria e serviços, era necessário que o “ouro verde” do Estado de São Paulo deixasse as fazendas da região e rumasse para o porto de Santos e, daí, para o mundo<sup>286</sup>.

Em Ribeirão Preto, replicando o exemplo da capital paulista, da necessidade de se intermediar a compra e a venda da rubiácea, surgiram as Casas Comissárias e seus funcionários. Grande parte de

---

<sup>284</sup>Idem.

<sup>285</sup>VIICHNEWSKI, Op. Cit., 2010.

<sup>286</sup>Ensaio Histórico. Op. Cit.

seus acionistas eram cafeicultores, alguns deles importantes coronéis, com grande poder político<sup>287</sup>.

Havia uma convivência íntima entre café, financeiras, indústria e política nessas terras!

E isso pode ser observado entre os mais conhecidos negócios deste gênero, como por exemplo, a casa Penteado & Dumont, fundada em 1890 por **Henrique Dumont**, em sociedade com **Ignácio Penteado**. Ou ainda a Junqueira, Guimarães, Leitão & Cia., de 1901, que tinha entre os seus sócios o coronel **Joaquim da Cunha Diniz Junqueira**, o **Quinzinho**. Por fim, a Junqueira Cia. Exportadora, criada em 1902, e que tinha como principais acionistas **Francisco Maximiano Junqueira**, conhecido como coronel Quito, **Frederico Junqueira** e **Mário da Silva Junqueira**<sup>288</sup>.

Os representantes dessas Casas Comissárias percorriam as fazendas oferecendo os seus serviços. No encontro com os cafeicultores, os comissários, donos de habilidade de negociação, definiam os termos de serviço. Comissão de 3%, empréstimos com juros a 12%, que eram saldados na venda da saca do café... e, além disso tudo, um serviço de confiança. Durante muito tempo, eles foram os principais responsáveis pela comercialização do café no interior paulista<sup>289</sup>.

Com a criação, em Santos, da Bolsa Oficial do Café, no ano de 1917, a negociação do preço do produto começou a ser feita no mercado futuro. A compra e a venda ainda eram relativamente simples: as casas exportadoras enviavam amostras dos tipos de café aos compradores, que selecionavam os lotes de sua preferência<sup>290</sup>.

No agitado dia a dia da Bolsa, os funcionários recebiam ordem de compra dos clientes internacionais, assim que um crédito de libras esterlinas fosse aberto em Londres.

*- Ordem de compra para 20 lotes de Café Bourbon!*

---

<sup>287</sup>BACELLAR, Carlos A.P. O apogeu do café na alta mojaniana. In: \_\_\_\_\_; BRIOSCHI, Lucila R. *Na estrada do Anhanguera: Uma visão regional da história paulista São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 1999.*

<sup>288</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999.

<sup>289</sup>Idem.

<sup>290</sup>Idem.

Além das casas comissárias e da Bolsa Oficial do Café, os cafeicultores da região de Ribeirão Preto também tinham acesso aos bancos. No ano de 1895, a cidade já possuía as Casas Bancárias Dumont & Cia., Angelo Zerbeti, Domingos Quirollo e Pedro Battaglia. Pouco depois, em 1901, tem-se a criação do Banco de Ribeirão Preto, e do Banco de Crédito Agrícola de Ribeirão Preto, em 1902<sup>291</sup>.

A cada cafeeiro plantado, a cada safra colhida e lote do grão vendido, o município crescia e diversificava sua economia. Entre os anos de 1904 e 1905, Ribeirão Preto teve a maior colheita entre os municípios recenseados do Estado de São Paulo, gerando uma colheita no valor superior a oito mil contos de réis<sup>292</sup>. Com os lucros do café, a vida urbana começou a ferver possibilitando o surgimento de armazéns, bancos, comércios e indústrias. As pessoas começavam a sair das fazendas e buscavam tentar a vida na cidade<sup>293</sup>.

Por mais polo regional que fosse, a comercialização de alimentos em Ribeirão Preto também era feita por cacheiros e comerciantes, em uma feira ao ar livre, e que ficava nas proximidades da rua Visconde do Rio Branco. Faltavam melhores condições de higiene e praticidade para atender a todas as pessoas que circulavam pelo centro da cidade.<sup>294</sup> Nesse contexto foi fundado o Mercado da Cidade, em 1900.

Feito com uma estrutura de madeira pelo grupo Folena & Cia., a prefeitura comprou o prédio do Mercado dessa empresa oito anos depois, pelo valor de 120 contos de réis. Lá, vendia-se de tudo: relógios, mantimentos, ferramentas... os mais ricos chegavam pela linha do trem, enquanto os menos abastados contavam com a carroça como transporte para fazer suas compras no mercado<sup>295</sup>.

Donos dos cheiros e sabores que circulam pelo local, os comerciantes do Mercado acompanharam a história do lugar se mesclar com a de Ribeirão

---

<sup>291</sup>Idem.

<sup>292</sup>MARCONDES, L. Renato. O café em Ribeirão Preto (1890-1940). In: Ribeirão Preto: A cidade como fonte de pesquisa. v. 1, Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2016. p. 79.

<sup>293</sup>BAPTISTA, Adilson; PIRONELLI, Viviane. **Balcão de histórias**: relatos de comerciantes sobre a história do Mercado de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

<sup>294</sup>Idem.

<sup>295</sup>Idem.

Preto. Presenciaram uma enchente, no ano de 1927, alagar todo o quarteirão onde o prédio se localizava, levando consigo sementes, tecidos e ferramentas<sup>296</sup>.

Voltando ao início do século XX, mais precisamente em 1904, encontramos o início da história da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (Acirp). Sua organização foi obra de **José Osório Siqueira**, com um grupo de jovens entusiasmados. Sua própria existência já era a prova de que o café convivia com outras atividades. No ano de 1913, o município já contava com 151 fábricas e casas comerciais<sup>297</sup>. Uma parte desses novos empreendedores eram imigrantes italianos, que, vencidos os contratos nas fazendas de café, iam tentar a sorte na cidade.

Com alguns relatos, é possível montar a cena de saída de um desses colonos da fazenda de café rumo à cidade. Com o chapéu de palha na cabeça, a mulher e os filhos, uma carroça e as moedas no bolso, ele tinha certeza de ter conquistado o que veio buscar no Brasil: a oportunidade de uma vida melhor.

*- Para quem passou fome, isso aqui é uma oportunidade e tanto! Quem já entrou aqui, entrou no céu*<sup>298</sup>.

---

<sup>296</sup>Alguns anos depois, em 1942, veio o incêndio. Desabava uma tempestade, dessas que os habitantes de Ribeirão Preto conhecem bem. Em meio ao aguaceiro, um raio teria caído sobre a construção. Alguns desmentem essa história e afirmam ter sido uma falha elétrica a responsável pelo sinistro. Independente da causa originária, os comerciantes observaram o Mercado virar cinzas. Persistentes, decidiram continuar seus negócios por lá, mesmo sem terem mais acesso ao prédio. Montaram barracas na avenida Francisco Junqueira, perto do córrego do Preto, enfrentando, com isso, a discriminação das pessoas, o mau cheiro e as péssimas condições de higiene (BAPTISTA, 2010). Eram senhores e senhoras de fibra, e que estavam determinados a fazer a vida na Capital do Café. Um deles, o Sô Chico, era um carioca dono de um restaurante no Mercado, desde meados de 1924. Com o incêndio, o comerciante ficou sem nada. Sem uma alternativa, ele montou sua barraca perto dos escombros, ao lado do córrego. Possivelmente perto dele, estaria a dona Delfina, com sua barraca feita de bambu, e um outro comerciante, vendedor de frutas, que gritava com os meninos que jogavam seus abacaxis e melancias no córrego e depois iam pegá-los mais abaixo, na rotatória Amim Calil (BAPTISTA, 2010). O novo prédio do Mercado viria a ser reconstruído em 1958, e tombado como patrimônio histórico de Ribeirão Preto, em 20 de janeiro de 1993.

<sup>297</sup>SILVA, Adriana; ROSA, Lilian R.O; SILVA, Michelle C. C.; REGISTRO, Tânia C. **Filhos do café: Ribeirão Preto da terra roxa - tradicional em ser moderna**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010

<sup>298</sup>Inspirado em um relato de **Angelo Festucci**, do documentário **Filhos do Café**, sobre a vinda dos imigrantes Italianos para Ribeirão Preto. Documentário **Filhos do Café Parte 2**. MIS Ribeirão Preto. 16'27". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LACspSRQUTY>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Um deles era **Adolfo Bianchi**, um imigrante italiano que chegou para trabalhar na Fazenda Dumont. Portava apenas um certificado de curso técnico de mecânica. Após três anos de trabalho na roça, a família abriu uma pequena oficina na cidade. Em trinta anos de muito trabalho, a fábrica possuía sua própria produção de máquinas agrícolas e ornamentos de ferro, vendendo postes de iluminação para Santos e São Paulo<sup>299</sup>.

Outro imigrante a fazer fortuna nas terras do Café foi **Paschoal Innechi**. Em 1941, ele foi consagrado com o título de Cavaleiro, pelo rei da Itália **Manuel III**<sup>300</sup>. Ainda jovem, chegou a Ribeirão Preto, em 1906, depois que seu pai, **Domingos Innechi**, conseguiu juntar dinheiro suficiente para trazê-lo e a sua mãe, da Itália<sup>301</sup>. Dono de fábricas de móveis e massas, era descrito como um espírito trabalhador que não conhecia dificuldades<sup>302</sup>.

O tradicional chocava-se com o novo, muitas vezes representado por empreendedores estrangeiros, como **Innechi**. Contam que o italiano almejou uma vaga como membro do Clube Recreativa, um grupo seletivo de cavaleiros, que se reunia no elegante prédio localizado na esquina das ruas Barão do Amazonas e Duque de Caxias, hoje, o Museu de Arte. Seu pedido de inclusão teria sido rejeitado por ser ele italiano. As histórias locais afirmam que, zangado pela humilhação, **Innechi** construiu um palacete belíssimo na esquina em frente ao clube. Ali organizava festas e carnavais que movimentavam a cidade.

Finalmente, um último exemplo da relação entre o café e a indústria, em Ribeirão Preto, vale a pena ser contado. Afinal, o papel do capital cafeeiro no desenvolvimento industrial e a visão empreendedora dos homens e mulheres dessa região são algo marcante.

---

<sup>299</sup>SILVA; ROSA; SILVA; REGISTRO, Op. Cit., 2010.

<sup>300</sup>Correio Paulistano. Edição de 2 de março de 1941. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972\\_09&pagfis=5349&url=http://memoria.bn.br/docreader#>](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_09&pagfis=5349&url=http://memoria.bn.br/docreader#>). Acesso em: 24 fev. 2017.

<sup>301</sup>VICENTE, Lucas G. **Entre espelho e fantasia: a aventura da modernidade de São Paulo a Ribeirão Preto (1920-1930)**. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Unesp, Franca, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/140268/000866611.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

<sup>302</sup>Idem.

## O café vira aço

Essa é uma história que pode ser descrita pelos barracões na avenida Brasil, conhecidos nos dias de hoje como Penha. Uma reportagem feita em 2017, por uma emissora de televisão local, mostrou imagens das edificações que abrigaram, no início dos anos 1920, a Companhia Eletro-Metalúrgica Brasileira S. A.<sup>303</sup>.

O café, transformado em riqueza pelas mãos dos fazendeiros da região Mogiana, podia financiar qualquer tipo de empreendimento. Então, por que não investir em uma indústria pesada para o município de Ribeirão Preto?

Foi com esse pensamento em mente que **Flávio Uchôa**, um homem de visão empreendedora, começou a idealizar a construção da Electro-Metalúrgica Brasileira S. A. Conhecido por ser o empreiteiro responsável pela entrega dos serviços de água e esgoto da cidade<sup>304</sup>, **Uchôa** iniciou a ousada tarefa de construção da metalúrgica. Ele entendia que Ribeirão Preto, com sua localização privilegiada, não podia ficar apenas dependendo da produção cafeeira.

Outros grandes empreendedores da cidade acataram a ideia. O **Dr. João Alves Meira Júnior**, da Cervejaria Paulista, juntou-se à instalação do prédio. A influente família **Prado** aderiu ao projeto, com outros cafeicultores que representavam 1/3 dos acionistas da Usina. O coronel **Quinzinho da Cunha**, assim como **Francisca do Val**, uma das seis mulheres acionistas da empresa, eram pessoas acostumadas a extrair fortuna da terra roxa e decidiram, também, investir na indústria.

Mas eles não eram os únicos no páreo que conseguiram um pedaço dessa grande obra. Dos 91 acionistas, podia-se contar lavradores, advogados, proprietários, “capitalistas”, comerciantes, banqueiros, médicos, e sete empresas, dentre elas, a Cia. Paulista, a Empresa de Força e Luz e o Banco de Comércio e Indústria.

---

<sup>303</sup>O texto que se segue sobre a Electro - Metallúrgica Brasileira S.A. foi extraído e adaptado do artigo escrito pelos autores: LARA, Paulo H. V; ROSA, Lilian R.O. Café e indústria em Ribeirão Preto: o caso da Electro-Mettaúrgica Brasileira S.A. (1921-1931). *Dialogus*, n. 1, v. 5, Ribeirão Preto: Barão de Mauá - Curso de História e Geografia, 2009.

<sup>304</sup>LAGES, José A. *Ribeirão Preto revisitada*. Ribeirão Preto: Nova Enfim, 2016. p. 75-76.

Todas as circunstâncias estavam a favor da construção da Metalúrgica. Além do dinheiro advindo dos cafezais, Ribeirão Preto também dispunha de grande quantidade de energia elétrica. O **Dr. Flávio Uchôa** tinha entregue a Usina Hidrelétrica da cidade em 1919, e esta produzia energia a um baixo custo. Para a produção do aço, existiam jazidas de ferro a 137 quilômetros, próximas ao município de São Sebastião do Paraíso, no Morro do Ferro, em Jacuhy.

Com a escritura assinada em 9 de abril de 1920, começou a construção de uma das indústrias mais significativas de Ribeirão Preto. A empresa responsável pela construção foi a The Corning Incorporated Company Lmid New York, uma norte-americana. O projeto abrangeu uma área de 600 mil metros quadrados, no bairro do Tanquinho.

Passa-se o período de expectativa e, finalmente, em outubro de 1921, a cidade se preparava para a inauguração da primeira siderúrgica elétrica da América Latina<sup>305</sup>. Estavam presentes algumas das autoridades mais importantes do País, como o Presidente da República **Epitácio Pessoa**, o ministro da Indústria e do Comércio, **Pires do Rio**, o presidente do Estado de São Paulo, **Washington Luis**, o prefeito **João Rodrigues Guião**, e algumas outras personalidades de Ribeirão Preto e região, como o **Dr. Veiga Miranda**, ministro da Marinha e um dos ex-prefeitos da cidade<sup>306</sup>

Que grande intento para a cidade de Ribeirão Preto! A Terra do Café passava a produzir aço. O jornal local, no dia 5 de janeiro de 1922, publicava as palavras de **Antonio Lobo**, presidente da Câmara dos Deputados, sobre a Metalúrgica:

*– Uma arrojada formação de espíritos resolutos e fecunda iniciativa, a primeira de nossa pátria, fadada a um largo destino que virá a ter sobre todo território da República uma influência decisiva para um mais largo incremento industrial.*

Mal imaginavam os ilustres senhores e senhoras que investiram no empreendimento que a imponente metalúrgica não duraria muito tempo. Os motivos e as especulações são vários. Em 1925, a metalúrgica

---

<sup>305</sup>WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo S. Op. Cit., 2000. p. 71

<sup>306</sup>CIONE, Op. Cit., 1993.

interrompeu o seu funcionamento devido à escassez de energia elétrica, provocada por seca no estado de São Paulo.

O transporte do minério de ferro das suas minas, em Minas Gerais, para Ribeirão Preto, também não se mostrou uma tarefa fácil. Tentando resolver as dificuldades com o transporte de ferro, a Cia. Metalúrgica comprou, em 1922, por 100 mil libras esterlinas, a estrada de ferro entre São Paulo e Minas. Esses trilhos ligavam suas jazidas no município de Jacuhy até Bento Quirino, perto de Ribeirão Preto. Porém, essa ação não foi suficiente para salvar o equilíbrio financeiro da empresa que, em 1926, precisou contrair empréstimos do governo do Estado.

Mais ou menos no mesmo período, o seu principal acionista, **Flávio Uchôa**, vendeu a Empresa Força e Luz para um grupo canadense-americano, a Electric Bond Share, com a subsidiária Companhia Paulista Força e Luz, por 9 milhões de dólares. Esse dinheiro foi utilizado em diversos melhoramentos nos empreendimentos. Dele, partiu a construção de um ramal Serrinha-Ribeirão, para encurtar a distância da matéria-prima até os altos fornos. Mas, vencido o prazo de pagamento da dívida, aumentada com o acréscimo de juros, o quadro de crise da metalúrgica piorou.

Em uma tentativa de salvar-se da situação, a metalúrgica entregou a estrada de ferro ao governo para que este a administrasse no período da crise. O Estado, no entanto, recusou a solicitação. A essa situação delicada, somaram-se problemas de vendas a partir dos anos 1930, os anos da chamada depressão pós quebra da Bolsa de Nova Iorque.

A metalúrgica encerrou a sua produção em 1931. Com os maquinários inativos, seus bens foram dilapidados e arrematados para outras siderúrgicas. O que sobrou foi arrematado pelo engenheiro **Eugenio Belloti**, em 1935. Mais tarde, a área foi adquirida pela Samba, para a fabricação de algodão e, posteriormente, pela indústria Penha de máquinas. Desse empreendimento tão grande, tanto na ideia, quanto na realidade, ficou a sua importância para a memória industrial de Ribeirão.

A terra roxa e o café produziram a riqueza necessária para fincar as raízes das indústrias na cidade e, assim, consolidar um casamento entre o agro e o industrial, que permanece até os dias de hoje.

# O mundo nos grãos do café

*ERA INÍCIO DA MANHÃ* e uma senhora de idade estava se sentindo ofendida. Suas netas, criadas na cidade, teriam a primeira festa junina da escola. As professoras tinham sido claras no bilhete vindo na agenda: roupa de caipira. O que, para elas, assim como para várias pessoas do mundo urbano, significava mandar os meninos vestidos de calça remendada, dente pintado de preto e as meninas com desenho de pintinhas no rosto.

*-Olha o que estão ensinando para as crianças na escola! - Exclamou indignada.*

*-Morei na roça, sou caipira e nunca me vesti assim. Dia de festa era o momento para usar o melhor chapéu e as roupas de domingo. Simples, mas tudo muito bem cuidado<sup>307</sup>.*

---

<sup>307</sup>Diálogo montado a partir da experiência real vivida pela entrevistada Célia Bondezan de Oliveira.

Exasperada, mas resignada com a situação, resolveu que tinha que ir ao centro comprar chita para os vestidos das meninas. Pegando a bolsa, a senhora saiu pelo portão gritando:

- *Vou à cidade, volto logo!*

Falar em ir à cidade, quando já se mora nela, parece, em um primeiro momento, estranho. Mas, para quem viveu nas fazendas da região da Alta Mogiana, a distância entre o campo e a cidade parece um pouco maior.

Essas pessoas, os caipiras paulistas, são muito diferentes do famoso Jeca Tatu, o caboclo criado por **Monteiro Lobato**<sup>308</sup>. Diferentemente do estereótipo criado por esse autor, o “viver na roça” era marcado pelo trabalho intenso, pela religiosidade, pelos causos e, para os mais antigos, pela labuta nos cafezais. O caipira da boca do sertão era, antes de tudo, fruto da terra roxa e da lida diária com a natureza, sob o sol escaldante.

Nas primeiras décadas de ocupação, em meados do século XIX, a área do atual nordeste paulista era um lugar ameaçador e cheio de possibilidades. Cada fazendeiro fazia a “picada” e, assim que o “trio” era aberto, se separava o pedaço de terra que cabia a cada pessoa<sup>309</sup>.

Com os fazendeiros, vieram os seus trabalhadores, responsáveis pela queima da mata virgem e pelo início da plantação e da criação de gado. Mais tarde, a partir dos anos 1870, o café chegou à região transformando a paisagem.

Os primeiros cafezais foram formados por escravos. Depois, a partir do final do século XIX, milhares de imigrantes se estabeleceram nas fazendas da região de Ribeirão Preto. O ambiente novo, o clima diferente e o isolamento surpreendiam os novos habitantes.

As fazendas de café dessa área, em especial nas primeiras décadas do século XX, eram bem diferentes das velhas regiões de Campinas e do Vale do Paraíba, das quais Ribeirão Preto virava uma rival<sup>310</sup>. Elas representavam a introdução de uma nova mentalidade na produção agrícola. Eram

---

<sup>308</sup>Jeca Tatu é um personagem do livro *Urupês*, escrito por Monteiro Lobato em 1918. Jeca, como é tratado pelo autor, é descrito como um caipira apático, preguiçoso e sem muita disposição para questões políticas e o trabalho.

<sup>309</sup>Adaptado de uma fala de **Angelo Festucci** no documentário *Filhos do Café*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8o9tI1Rp26g>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

<sup>310</sup>DENIS, Pierre. *O Brasil no século XX*. Lisboa: José Bastos e Cia. Editores, [s.d.], p. 230-232.

espaços com uma ordenação do processo produtivo, que integravam várias construções e subprocessos complexos. Cada área da propriedade era planejada para abrigar uma diferente atividade.

Em Ribeirão Preto, até o ano de 2014, ainda existiam mais de 60 fazendas com alguns dos traços singulares da arquitetura do café: a sede, as casas de colonos, a capela e o núcleo industrial da propriedade, composto pelo terreiro de secagem, a tulha ou *tuia* e a casa de máquinas<sup>311</sup>.

Essas construções formavam um complexo agroindustrial organizado e moderno, voltado para melhorar a qualidade do grão e ampliar a produtividade. Era uma visão comercial, que representava uma novidade na agricultura brasileira<sup>312</sup>.

Os terreiros eram amplos espaços utilizados para espalhar o café e secá-lo ao sol. Anteriormente feitos de piso de terra batida, nessa região, era comum encontrar o piso ladrilhado, sustentado por grandes muros de arrimo, feitos com blocos de pedra.

*Em uma fazenda de 30.000 arrobas, a operação do secamento dura de cinco a seis meses, e, por todo esse tempo, dez pessoas, pelo menos, ocupam-se, da manhã à noite, em riscar – revolver com rodo – o café no terreiro. Além disto, é ele espalhado, ao esquentar o sol, pela gente disponível nas proximidades do terreiro, e à noitinha os escravos, ao voltarem da roça, vem reuni-lo em montes. [...] Assim o terreiro absorve diariamente o trabalho de 25 pessoas.*

*[Se] sobrevém uma trovoada durante o dia, imediatamente todos os braços, até pedreiros, carpinteiros, pagens, [...] abandonam as ocupações, e, a trote largo, como dizem, tratam de recolher o café às tulhas. Quando o aguaceiro cai ou ameaça cair alta noite, as coisas são ainda piores. Tange o sino de alarma, e os míseros escravos, arrancados violentamente ao sono, vêm, quentes da cama e sem precaução alguma, expor-se a todas as intempéries e esvaziar o terreiro, para talvez tornar a enchê-lo no dia seguinte, passada a tormenta. Quantas moléstias não são devidas a isto?*<sup>313</sup>

---

<sup>311</sup>SILVA, A.; GLERIA, A. C.; ROSA, L. R. O. et al. *Memórias dos cafezais: a vida nas fazendas*. Ribeirão Preto, SP: Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC), 2014. p. 98

<sup>312</sup>FERRÃO, A. M. A. *Arquitetura rural e o espaço não-urbano*. *Revista Labor & Engenho*. v.1, n.1, 2007.

<sup>313</sup>COUTY, L. apud RIBEIRO, Luiz Cláudio M. *A invenção como ofício: as máquinas de*

Os compradores de café para exportar reclamavam quando isso ocorria. A chuva e o excesso de umidade no ar provocavam a fermentação do produto, causando apodrecimento da polpa antes que ela fosse retirada, diminuindo a qualidade do café<sup>314</sup>.

A área do terreiro era dividida em quadrantes por canaletas d'água, usadas para transportar os grãos que vinham dos lavadores. Normalmente, os terreiros eram localizados bem de frente à casa-grande, de onde o proprietário poderia alcançar com a vista todo o seu complexo de produção.

Durante a colheita, o fazendeiro ou o seu administrador acompanhavam de perto as atividades. Era preciso verificar a situação dos cafezais, mediar conflitos entre os trabalhadores e fiscalizar o trabalho de todos os envolvidos no processo.

Contudo, o grande avanço tecnológico estava na casa de máquinas e na tulha, principais edificações do complexo cafeeiro. O grande silo, normalmente, ficava em terrenos mais baixos que o terreiro, para distribuir o café por gravidade nos compartimentos de armazenamento<sup>315</sup>. Na casa de máquinas, estava a beneficiadora. No caso da Fazenda Boa Vista, do coronel **Quinzinho da Cunha**, o equipamento chamado de desintegrador foi comprado da Empresa Lidgerwood, que possuía uma loja em São Paulo. A máquina foi colocada em um vagão e trazida para Ribeirão Preto, por volta de 1904<sup>316</sup>.

Esse tipo de maquinário passou a ser usado entre 1860 e 1880. Ele era dividida em três equipamentos: descascadores, ventiladores e separadores de peneiras rotativas de cobre.

---

preparo e benefício do café no século XIX. *An. Mus. Paul.*, São Paulo, v. 14, n.1, p. 121-165, jun. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 mar. 2018.

<sup>314</sup>RIBEIRO, Luiz Cláudio M. A invenção como ofício: as máquinas de preparo e benefício do café no século XIX. *An. Mus. Paul.*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 121-165, jun. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 mar. 2018.

<sup>315</sup>FERRÃO, Op. Cit., 2007.

<sup>316</sup>MONTI, C. G. *O empreendedor possível na cafeicultura de Ribeirão Preto: Joaquim da Cunha Diniz Junqueira (1890 - 1915)*. Tese (Doutorado em História)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, SP, 2014. p. 151.

O descascador recebia o café seco e separava a membrana que envolvia as duas partes do grão. Daí, seguiam para o ventilador, que secava os grãos e os mandava para a separadora, que os apartava das membranas. Finalmente, o café seguia para a tulha ou para o ensacamento.

*O café preparado nessas machinas [Máquinas Lidgerwood, então aperfeiçoadas] vende-se 400 a 600 réis mais caros em arroba; são, pois, centenas de contos de réis, que annualmente economizam os nossos agricultores, além dos benefícios que produzem as machinas poupando a vida dos escravos, que no antigo systema dos pilões eram sacrificados pelo asphyxiante pó de café.*<sup>317</sup>

Essa foi considerada uma etapa importante para a modernização da propriedade cafeeira e o aumento da competitividade. Esse tipo de maquinário representou um notável aperfeiçoamento, no século XIX, em relação aos métodos antigos de despolar o café. Anteriormente, eram usados pilões, varas e monjolos movidos a força hidráulica ou animal.

Com o tempo, as beneficiadoras começaram a ser construídas no Brasil, usando madeira de lei resistente e ferragens. Com as primeiras beneficiadoras nacionais, surgiram, também, algumas reclamações. Os cafeicultores diziam que os dentes de ferro estragavam com facilidade, impedindo o serviço. Além disso, quebravam e arranhavam o café e, por vezes, deixavam passar o café miúdo, médio ou graúdo misturados<sup>318</sup>.

Mesmo com as imperfeições, com essa tecnologia, as fazendas da região tornaram-se verdadeiros núcleos agroindustriais, com usinas de beneficiamento equipadas com máquinas sofisticadas, acionadas por motores a vapor e, depois, elétricos<sup>319</sup>.

A produção comercial em larga escala exigia organização e planejamento do espaço. Eram previstos locais para embarque e desembarque da produção, próximos às estradas ou ramais ferroviários. Organizavam-

---

<sup>317</sup>MAGALHÃES, H. apud LEME, H. A. A evolução das máquinas de beneficiar café no Brasil. E.S. A. LUIZ DE QUEIRÓZ. Anais... Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aesalq/v10/01.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>318</sup>RIBEIRO, Op. Cit, 2006.

<sup>319</sup>FERRÃO, A. M. A. A fazenda cafeeira e suas características no tempo e no espaço arquitetônicos. *Cafeicultura*. Ed. 24, out. 2005. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/?mat=5550>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

se locais de moradia e de atividades comunitárias para as famílias dos trabalhadores. Entre 1917 e 1937, os tipos de contratos mais comuns eram a empreitada (69%) e a parceria (24%)<sup>320</sup>.

Nesse mundo novo, marcado pela presença do capitalismo no campo, os colonos tinham que se adaptar a uma nova vida. Quando um camarada chegava com sua família a uma das fazendas de café, ele recebia uma casa. Normalmente, eram dispostas uma ao lado da outra, formando uma longa fileira. Era muito comum que fossem geminadas, dividindo uma mesma parede fina. Essas casas eram muito simples, com poucos cômodos e um local para serviços na área externa<sup>321</sup>. Os quintais eram usados para plantar legumes, verduras, criar galinhas e porcos.

Os horários eram rígidos. O dia começava antes do raiar do sol. O fogão a lenha era aceso e a comida colocada para ser feita lentamente. Depois de tudo preparado, ouvia-se um sino badalando ao nascer do sol. Era o chamado para que todos fossem para a roça. Trabalhava-se até o entardecer. No final da tarde, depois dos serviços diários e do jantar, as famílias se reuniam no terreiro para contar causos.

Alguns colonos não se adaptavam ao trabalho e tentavam fugir sozinhos ou em grupos. A mão de obra era escassa e o fazendeiro não podia arriscar a perder seu investimento. Assim, não era raro que as fazendas montassem um sistema de vigilância noturno para dificultar as fugas. Os fiscais agrícolas, na verdade, atuavam como capangas. Eram homens de confiança dos coronéis que andavam armados com carabinas, rondando as colônias e controlando a movimentação da mão de obra<sup>322</sup>.

As fazendas de café de Ribeirão Preto, Cravinhos, Sertãozinho e Simão eram de grande porte e possuíam muitas pessoas e atividades ocorrendo durante todo o ano. Um exemplo era a Fazenda São Martinho, em Sertãozinho, de propriedade de **Martinho Prado Júnior**, que chegou a ter

---

<sup>320</sup>FALEIROS, R. N. *Fronteiras do café: fazendeiros e colonos no interior paulista (1917-1937)*. Tese (Doutorado)- Unicamp, Campinas, 2007.

<sup>321</sup>SILVA, A.; GLERIA, A. C.; ROSA, L. R. O. et al. Op. Cit. 2014.

<sup>322</sup>JORGE, J. A vida turbulenta na capital do oeste: Ribeirão Preto, 1880-1920. *História & Perspectivas*, Uberlândia, (29 e 30): 129-157, jul./dez. 2003/jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19146/10293>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

3.400.000 pés de café em 14 mil alqueires, com 4mil trabalhadores. Por isso, outras estratégias eram usadas para manter a mão de obra o máximo de tempo possível nas propriedades.

Nas fazendas mais antigas, quase tudo era fabricado. Tinha o moinho, onde se fazia farinha de mandioca. Além disso, faziam-se sabões com banha animal; velas de cabo; e óleo de mamona para os candeeiros. O que não era produzido ali, buscava-se na venda.

Um pouco distanciada da sede da fazenda, a venda era um armazém grande e bem sortido, onde se podia encontrar um pouco de tudo: carne, leite, produtos farmacêuticos, vela, aguardente, farinha branca, vinho e outros produtos. Os colonos não compravam em dinheiro. As aquisições eram anotadas em uma caderneta e, depois, abatidas no pagamento que o fazendeiro fazia aos camaradas. Não era difícil ficar devendo para o dono da fazenda, que normalmente também era o proprietário do armazém.

*Aos domingos, que bela e ruidosa festança! Preparavam-na garrafas e barris a esvaziarem-se. Às vezes ponteavam o domingueiro ruído uns tiros de garrucha*<sup>323</sup>.

O domingo na venda era dia e local de encontro. Nela ocorriam os conflitos corriqueiros, caso aparecessem os valentões, prontos a resolver os problemas na ponta da faca<sup>324</sup>. Também era dia de rezar o terço e ir à missa, na própria capela da fazenda.

Assim, raramente ia-se à cidade. Somente para ver o médico, quando o caso era grave. Ou para fazer uma compra de tecidos e botinas para serem usadas o ano todo, quando o vendedor não passava na fazenda.

Distante do burburinho das colônias de trabalhadores, estava a sede. Usada pelos proprietários da fazenda, essas imponentes residências eram construídas na parte superior do terreno, aproveitando o declive e utilizando a parte mais baixa para construir o porão. A fachada, normalmente bordada por belas varandas, era voltada para a área produtiva da fazenda, facilitando o controle da produção pelo olhar atento do fazendeiro. Elas

---

<sup>323</sup>JARDIM, R. *Reminiscências* (de Resende Estado do Rio, às plagas paulistas: São Simão, Batatais, Altinópolis e Ribeirão Preto. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946, p. 145-147.

<sup>324</sup>Termo usado para referir-se ao Gabinete de Investigações e **Capturas**, atuante em todo o Estado de São Paulo.

apresentavam vestíbulo, sala de estar, sala de jantar, dormitórios, sanitários, copa, cozinha, dispensa e, às vezes, o escritório do cafeicultor.

Na parte interna de algumas sedes, era possível admirar pinturas ornamentais feitas por artistas especialmente contratados<sup>325</sup>. Prata, marfim, marchetaria e porcelana eram materiais em abundância no interior das sofisticadas fazendas paulistas.

Na sede da Fazenda Monte Alegre, de **Francisco Schmidt**, hoje no *campus* da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto, o fazendeiro investiu no conforto. Ampliou a casa construída pelo antigo dono, **João Franco de Moraes Octávio**. Trocou as telhas de capa e canal por outras, importadas da França. Ladrilhou a cozinha e ampliou as varandas, instalando bem na frente da casa um frontão, com as iniciais FS.

Dentro dessas fazendas independentes, formava-se um mundo apartado do que acontecia do lado de fora. A ligação com a cidade era feita por carroça ou pelos trilhos do trem, atraídos pela riqueza do café.

Ao longo dos anos, a tradicional fazenda cafeeira passou por transformações. Especialmente após a crise de 1929, a grande propriedade já convivia com o sítio de café.

Nessas áreas menores, as colônias não existiam mais e a sede tornou-se simples. O terreiro tinha dimensões mais modestas e o café era transportado para cooperativas ou locais especializados no beneficiamento. A produção no sítio era variada.

*Ah, lá no sítio eu plantava feijão, arroz, algodão, milho, mandioca, cará [...]. Colhia laranja, café também, meu nono tinha café.* Conta Dona **Célia Pousoni**<sup>326</sup>

Aos poucos, a estrutura cafeeira foi dando lugar a outros tipos de plantações. A fazenda de café, antes uma grande propriedade independente, foi perdendo os seus elementos característicos, como as casas de colônias e as tulhas. Do que sobrou da civilização do café, ainda podem ser vistas, escondidas por trás de grandes árvores e mato alto, as belas sedes das fazendas, que um dia dominaram a paisagem rural do interior paulista.

---

<sup>325</sup>SILVA, A.; GLERIA, A. C.; ROSA, L. R. O. et al. Op. Cit., 2014

<sup>326</sup>Idem.

# Sob o fio de bigode do coronel

*ERAM TEMPOS DE PALAVRA EMPENHADA* e de apalavrar acordos que, no dia a dia, eram verdadeiros contratos verbais. Entre “homens bons”, não havia necessidade de assinar um documento para que um negócio fosse cumprido. Dar conta do combinado era uma questão de honra e a garantia de manutenção dos vínculos sociais. E, assim, os coronéis fechavam muitos negócios e acordos políticos. Afiançando a base do sistema conhecido como coronelismo.

Como já dito anteriormente, o coronel era normalmente um homem muito rico e influente, que havia recebido a patente da Guarda Nacional. Mas, com a extinção da corporação e o passar do tempo, o termo passou a ser habitual para além dos que realmente ocupavam esse posto. O tratamento de coronel era usado por colonos, camaradas, agregados, sertanejos e bacharéis, para aqueles chefes políticos locais, que exerciam

poder de mando nos municípios. Existente desde o Império, esse sistema se expandiu com o Federalismo Republicano, quando os grandes proprietários de terras ampliaram seu domínio sobre o legislativo e o executivo locais<sup>327</sup>.

Na prática, como se dava esse processo?

As relações eram estabelecidas com base nas barganhas. Para o coronel, o favor era moeda de troca e valia muito.

*- Dou-te um dia de serviço, quando estiver na penúria. Não permito que vás preso, quando se embriagar e tentar subverter a ordem pública. Garanto o remédio e o médico para teu filho menor, quando o pequeno quase sucumbir à febre. Consigo um cargo público para teu genro. Te afianço na casa comercial, para que compres a despesa do mês. Dou-te um par de roupas e botinas, quando os teus estiverem gastos!*

*- O que te peço em troca? Pouca coisa! Apenas que leve e traga alguns recados. Que vez ou outra vá à feira e me compre mercadorias. Que respeite e acate as minhas decisões. Às vezes que, em meu nome, dê uma lição em meus adversários, quando me ofenderem. E, no fim do ano, se alimente bem com a comida que lhe dei, pegue seus filhos maiores que ajudei a curar; convoque seu genro e a família do dito. Vista o par de roupas e botinas que ganhaste. Fique bem apresentável.*

*- E, então, tome cá esta lista de homens bons e vá à Câmara votar em minha gente<sup>328</sup>.*

Existiam coronéis e havia O Coronel. Esse último exercia autoridade sobre os demais, por meio de uma rede de influências que lhe garantia o controle de muitos votos. Ele consolidava o seu prestígio e o mando sobre aqueles que a ele estavam ligados, que ficavam conhecidos nas redondezas como *gente do coronel*.

Quanto mais votos, mais poder e mais controle sobre a máquina pública o supercoronel possuía. Nomeava funcionários públicos, *fazia* vereadores, prefeitos, deputados e, até, Presidentes da República.

---

<sup>327</sup>CARONE, Edgard. Coronelismo: definição histórica e bibliografia. Rev. Adm. Emp., Rio de Janeiro. v. 1.193, p. 85-92, jul./set. 1971.

<sup>328</sup>Inspirado em: MELO, M. R. Patriarcas e carreiros. Rio de Janeiro: Pongetti, 1954, p. 135-6. In: CARONE, Edgard. Coronelismo: definição histórica e bibliografia. Rev. Adm. Emp., Rio de Janeiro. v. 1.193, p. 85-92, jul./set. 1971.

Esse poder também era representado pelos beneplácitos, que o chefe político local conseguia da política no estado. Entre os favores recebidos, estavam os empregos públicos estaduais, as verbas extras para o município, a neutralização de autoridades policiais, quando não atuavam de acordo com os seus interesses.

O elo entre eles era sempre o voto.

Do Nordeste até o Centro-sul do País, esses homens tinham sua base de poder no município.

*Subordinação quase total ao coronel significava, na realidade, apoio a todas as suas vontades*<sup>329</sup>.

A região também teve o seu supercoronel. Ele era **Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, o Quinzinho**. Foi por volta de 1848 que seus avós chegaram a São Simão, quando Ribeirão Preto ainda sequer existia. As terras que viriam a ser o município seriam demarcadas oito anos depois, em 1856. Estabelecidos, os **Junqueiras** organizaram a Fazenda Lageado. Com mais de 75 mil alqueires, era uma das maiores da região. Dessa propriedade, aproximadamente 40 anos depois seria desmembrada a Fazenda Boa Vista, de onde **Quinzinho** controlaria a política local.

**Joaquim da Cunha** nasceu em 14 de maio de 1860 e foi batizado em 22 de agosto do mesmo ano, na igreja matriz de São Simão. Era considerado perigoso dilatar tanto o batismo das crianças. Aos olhos da Igreja, batizar o recém-nascido rapidamente evitava o *mal-de-sete-dias*<sup>330</sup>. Mas a espera, normalmente, era para possibilitar a presença da mãe na cerimônia.

Dona **Ana Osório Diniz Junqueira**, mãe de **Quinzinho**, provavelmente seguiu as orientações da época e ficou de *resguardo*. Eram 40 dias ou mais tomando canja de galinha. Mas, o pior era ficar sem lavar a cabeça e tomar banho, com pena de ter suspensão dos sangramentos, morrer ou ficar louca, como se acreditava<sup>331</sup>. Ter um filho nessa época era viver um risco de morte. Hemorragias, infecções e intercorrências na amamentação podiam acabar em tragédia.

---

<sup>329</sup>CARONE, Op. Cit., 1971.

<sup>330</sup>Termo popular para tétano neonatal.

<sup>331</sup>Havia uma crença popular de que, se a mulher tomasse banho ou lavasse a cabeça durante o período de pós-parto, poderia ficar gravemente doente.

Para o pai, **Emerenciano Alvez da Cunha**, ver o nascimento de mais um varão deve ter sido uma alegria. Como era o caçula, logo o pequeno Joaquim virou **Quinzinho**, e assim ficou conhecido por toda a sua vida<sup>332</sup>.

Poucos anos depois do estabelecimento da família **Junqueira** na região, a influência do clã já era grande, na política. O tio de **Quinzinho**, capitão **Gabriel de Souza Diniz Junqueira**, foi presidente da Câmara Municipal de São Simão e o vereador mais votado, em 1866<sup>333</sup>. Por seus serviços, o capitão foi condecorado com a Ordem da Rosa e a insígnia de comendador, pelo próprio imperador **D. Pedro II**<sup>334</sup>.

Mas a vida do menino bem-nascido passaria por revezes. Seu pai faleceu em 1870, e, a mãe, em 1878. Joaquim recebeu uma herança de 75% em terras e alguns escravos. Por ser menor de idade, seus bens passaram para o controle de tutores.

*- Não fizeram o seu rigoroso dever. Por falta da matrícula, foram os escravos declarados livres por sentença judicial*<sup>335</sup>. - Alegou, **Quinzinho**.

O jovem **Quinzinho** processou seus tutores pelo prejuízo. Com 21 anos, já se movimentava para manter seus bens, que foram ampliados com o casamento com sua prima em primeiro grau, **Maria Emerenciana Diniz Junqueira**, que vinha de um ramo mais abastado da família.

Como uma mistura de comissário e produtor agrícola, possuía uma loja, onde se vendia quase tudo, além de disponibilizar crédito para as empresas e adiantar dinheiro aos clientes. Os frequentadores do estabelecimento comercial encontravam ali desde alimentos até produtos de luxo. Tinha chapéu, vinho, cerveja, arreios de carroça, cobertas, papéis, toucinho, carne, sal, açúcar, fósforo, querosene, lampião e outros itens de consumo, que ficavam cada vez mais comuns na região.

Esse tipo de negócio esperava longos períodos para receber o pagamento pelas mercadorias. Às vezes um ano, ou pelo menos de safra em safra, era a frequência da liquidação. A *arraia miúda* pouco comprava na loja de **Quinzinho**. Seus clientes eram doutores, coronéis, capitães e

---

<sup>332</sup>MATIOLLI, Op. Cit., 2012.

<sup>333</sup>GODOY, Op. Cit., 2000 apud MATIOLLI, Op. Cit., 2012.

<sup>334</sup>MATTOS, Op. Cit., 2004, p. 392 apud MATIOLLI, Op. Cit., 2012, p.22.

<sup>335</sup>Adaptado de: APHRP. *Petição de protesto*. Processos antigos, 1º Ofício, Caixa 308-A, 1882.

grandes produtores de café<sup>336</sup>. Com a loja e os empréstimos que fazia, ele conquistou confiabilidade e estabeleceu ampla rede de relações em torno de si, rendendo-lhe, como dividendos, o lucro e o respeito da comunidade.

Com os ganhos obtidos na loja, pôde investir na Fazenda Boa Vista. A partir de 1889, **Joaquim da Cunha** iniciou sua organização, centralizando seus negócios nessa propriedade. Os primeiros cafeeiros foram plantados em 1893<sup>337</sup>. Cinco anos depois, o coronel já aumentava a sua plantação de café<sup>338</sup>.

Nos anos seguintes, a fazenda passaria por modernização. Em 1903, **Quinzinho** chegou a fazer hipotecas para levar a cabo o seu objetivo de equipar a Boa Vista. Dois anos depois, em 1905, Ribeirão Preto tornou-se o principal produtor mundial de café. Nesse ano, o coronel lucrou o suficiente para pagar suas hipotecas.

Mesmo com os altos e baixos da economia, suas atividades eram intensas. Empréstava dinheiro, promovia hipotecas, entrava em disputas judiciais<sup>339</sup>. O coronel, de família tradicional, adaptava-se e tornava-se um capitalista moderno.

O ritmo de sua vida parece ter se acelerado, nesse período. Ao redor de 1903, as cartas recebidas dos membros da parentela mostravam a frustração de alguns familiares pela falta de tempo de **Joaquim** para as caçadas e participação em reuniões domésticas<sup>340</sup>.

*Quinzinho, você não imagina o quanto tenho estado aborrecido. Pois, caçar é minha única distração e não a tenho feito. Soube pelo **Chiquinho** que você está resolvido a largar as caçadas. O que não acredito!*<sup>341</sup> Escreveu-lhe seu tio **Manoel Octaviano Diniz Junqueira**.

Seu filho, que estudava no Colégio São Luís, de Itu, também estava frustrado com a ausência do pai.

---

<sup>336</sup>MONTI, Op. Cit., 2014.

<sup>337</sup>Idem.

<sup>338</sup>Idem.

<sup>339</sup>Idem.

<sup>340</sup>Idem.

<sup>341</sup>Trecho adaptado e retirado da carta enviada a Quinzinho por seu tio, Manoel Octaviano Diniz Junqueira, em 13 de março de 1903. O documento está disponível em MONTI, Op. Cit., 2014, p. 204-205.

*Querido pai. Recebi felizmente uma carta do Sr. a qual muito me satisfez por saber que todos aí estão gozando saúde. Nós felizmente gozamos de saúde graças ao criador. Papai o Sr. quer que eu estude, então me mande os livros que eu pedi ao Sr. e já faz quase um mês e ainda não vieram, é um dicionário Frances - Português e um dicionário Latim - Português autor Saraiva, o Sr. escreva para o Ozório mandar dicionários e uma pasta. O Sr. quer que eu estude, estudarei de hoje em dia e o Sr. verá esse estudo pelas notas das aulas que vão no fim do mês. Papai o Sr. quer que eu estude mesmo deveras, saia da maçonaria.*

*Queira aceitar um abraço deste seu amoroso filho<sup>342</sup>.*

Enquanto isso, na Boa Vista, os investimentos continuavam a todo vapor. Em 1906, foi finalizado o ladrilho do terreiro, com 20 mil metros quadrados. O amplo espaço possuía tanques de água e dutos, nos quais os grãos de café eram lavados e transportados entre as partes do terreiro. Depois, o café em coco ia para a secagem, ficando exposto por semanas. Quatro vezes ao dia, em média, o café precisava ser revirado manualmente com um rodo de madeira. No final da tarde, era amontoado e coberto para não umedecer com o sereno, à noite. No outro dia, era espalhado novamente. Quando estivesse bem seco, um sistema de vagonetes ajudava a levar o café para uma das quatro grandes tuias, que eram silos onde se depositavam os grãos antes do beneficiamento.

Quando era chegada a hora de beneficiar, o café descia por um duto e caía em esteiras, controladas por um complexo sistema de roldanas, sendo levado para as máquinas que descarocavam, assopravam e separavam o café em quatro classificações: Chato, Miúdo, Moka e Quebradinho. Pronto, o produto era colocado em sacos de 60 quilos e transportados por carroções até a cidade<sup>343</sup>. Várias viagens eram feitas entre Boa Vista e Ribeirão Preto, para escoar a produção da Boa Vista. Isso mudou a partir de 1906.

Depois de uma negociação com a Dumont Coffe Company, presidida por J. A. Davez, um braço da ferrovia chegou até a fazenda de Quinzinho. A extensão da estrada de ferro Mogiana beneficiou, também, as fazendas

---

<sup>342</sup>Carta na íntegra do filho de Quinzinho. Arquivo Pessoal - Documentação da Fazenda Boa Vista. Cartas, n. 1860, ordem 83, 24/6/1902. Itu, SP. In: MONTI, Op. Cit., 2014 p. 208-209.

<sup>343</sup>Idem, p. 150.

de **Manuel Maximiniano Junqueira, Joaquim Firmino de Andrade Junqueira e Francisco Maximiano Junqueira.**

Na Boa Vista, os negócios ficavam sob a responsabilidade do administrador, **Salvador Carlos de Almeida.** De seu palacete, bem no centro de Ribeirão Preto, ou dos endereços do Hotel França e do número 99 da Avenida Paulista<sup>344</sup>, em São Paulo, **Quinzinho** recebia as cartas e os relatórios de **Salvador** sobre o funcionamento da fazenda. Isso quando não podia estar presente, como em 1906, quando ficou muito doente e foi internado em São Paulo<sup>345</sup>. Confiante na competência de Salvador, quando o coronel estava bem de saúde, poderia se dedicar à política, deixando os negócios diários com o administrador. Dessa forma, **Quinzinho** teve a sua primeira incursão nesse campo, quando foi eleito vereador da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, no período 1890-1892<sup>346</sup>.

## Família, política e café: mistura de sucesso do coronel

**Quinzinho da Cunha** tinha uma habilidade ímpar para unir acordos familiares, política e as práticas econômicas, tudo sob o fio do seu bigode. Quanto mais velho ficava, mais centralizava as atividades em sua fazenda. Das varandas da bela sede da Boa Vista, cercada por um amplo jardim, iam e vinham mensageiros e cartas. Suas atividades misturavam interesses pessoais, sociais e profissionais<sup>347</sup>. As diferenças entre o público e o privado eram bastante tênues.

Por meio da sua rede de compadres, clientes de sua loja, das relações com a maçonaria e a parentela, **Joaquim** foi consolidando o controle sobre a política regional. Com o tempo, suas relações passaram a incluir delegados, polícia, diretores de escola, deputados estaduais e federais, ministros e até presidentes. Como chefe político do Partido Republicano Paulista

---

<sup>344</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999, p. 156-158 e 162-163.

<sup>345</sup>MONTE, Op. Cit., 2014.

<sup>346</sup>Idem.

<sup>347</sup>Idem, p. 185.

(PRP), no município de Ribeirão Preto, passou a definir o lançamento de candidaturas e o mandato de vereadores e prefeitos e a influenciar a política no nível estadual e até federal.

**Quinzinho,**

*O meu telegrama de hoje tinha por fim pedir as suas ordens sobre as eleições da Camara que, por lei, deve se realizar no dia 7 [...] Combinei com o Neca que podia lhe poupar amolação numa ocasião em que você já tem tantas, se fizesse a reeleição do Prefeito, Presidente e vice Presidente, ficando todos concordes em aceitar a modificação que V. me dará quando voltar e com espírito mais tranquilo, determine. Por carta ou telegrama v. me dará o que preciso desta combinação [...]*

*Espero sua resposta.*

*Do amigo Macedo*

*Correspondências Pessoais, 1906<sup>348</sup>.*

O coronel era o sustentáculo da estrutura do poder, baseada nas relações pessoais. Com a marca do personalismo, para o chefe político local convergiam todos os fios da trama política e, aos poucos, a sua palavra tornava-se a última, quando o assunto eram os rumos do município.

A elite do café, composta por fazendeiros, comissários, novos ricos, bacharéis e militares, orbitava em torno do coronel, numa rede de troca de favores.

**Quinzinho** só conheceria opositores, com a chegada à cidade de **Francisco Schmidt**. Logo que se estabeleceu na Fazenda Monte Alegre, o alemão já se lançou à política, sendo eleito vereador, em 1891, com seu sócio **Arthur Diederichsen**, que acabou sendo instituído, em 1892, como intendente municipal. Depois das eleições, a Câmara Municipal foi invadida por um grupo armado, garantindo a posse dos republicanos.

**Joaquim da Cunha** mobilizou uma campanha para derrubar o grupo encabeçado por **Schmidt**<sup>349</sup>. Mesmo gastando muito dinheiro e tempo, sem

---

<sup>348</sup>PAZIANI, R. R. Modos de homem, modos de mulher: as trajetórias de Joaquim Macedo Bittencourt e Iria Alves Ferreira em Ribeirão Preto (1890-1920). Anusop. 2010. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Rodrigo%20Ribeiro%20Paziani.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<sup>349</sup>GODOY, Op. Cit., 2006. p. 245.

sucesso, se retirou da direção política local até 1895<sup>350</sup>. Alguns dos seus correligionários debandaram para o lado de Schmidt, entre eles **João Pedro da Veiga Miranda** e **Renato Jardim**, tornando-se os três, inseparáveis, a ponto de serem alcunhados “os três irmãos siameses”<sup>351</sup>.

Sentindo que sua força política municipal diminuía, **Quinzinho** acionou sua rede de contatos fora de Ribeirão Preto, assumindo uma postura cada vez mais independente, que ficou mais evidente no episódio de 1909. Nesta feita, o coronel **Quinzinho** apoiou a candidatura de **Hermes da Fonseca** para a Presidência, enquanto o seu partido, o PRP, apoiou **Ruy Barbosa**, que era muito querido entre os políticos locais. No final, o seu poder de articulação foi tamanho, que ele conseguiu arregimentar votos no município de tal modo que Ribeirão Preto acabou tornando-se a única cidade paulista a apoiar **Hermes**<sup>352</sup>. Os opositores haviam feito o prefeito, **Veiga Miranda**, que, diante da atitude do coronel, renunciou ao cargo em protesto<sup>353</sup>.

Mas a oposição conseguiu se rearticular e, inesperadamente, destituiu **Quinzinho** da diretoria do PRP, que passou a ser encabeçada inicialmente por **Veiga Miranda** e, em 1910, pelo coronel **Francisco Schmidt**<sup>354</sup>. Ficava evidente para todos que Ribeirão Preto passava a ter dois supercoroneis.

O coronel **Quinzinho da Cunha** continuava mantendo uma atitude independente, mas voltou a articular-se com seus aliados de dentro e fora de Ribeirão Preto. Em janeiro de 1912, embora fosse aliado anteriormente dos hermistas, ele apoiou a candidatura à Presidência de **Rodrigues Alves**, do PRP<sup>355</sup>. Afinal, **Joaquim** tinha uma moeda forte: o voto da sua gente.

Além da sua extensa família, compadres, clientes e pessoas que lhe deviam favores, o coronel trazia sob os fios longos do seu bigode

---

<sup>350</sup>WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo S. Op. Cit., 2000, p. 63 e 65- 70.

<sup>351</sup>MIRANDA, João Pedro da Veiga. Os três irmãos siameses. O *Commentario*: 1926. Disponível na Plataforma Verri: <<http://www.plataformaverri.com.br/index.php?bib=1&local=book&letter=r&idCity=24&idCategory=5&idBook=1855>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

<sup>352</sup>CIONE, Op. Cit, 1995. p. 202-204.

<sup>353</sup>WALKER, Op. Cit., 2000. p.66.

<sup>354</sup>Idem, p. 66

<sup>355</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999. p. 157.

os seus colonos. **Salvador**, seu administrador, mantinha um rigoroso controle da relação dos trabalhadores da Boa Vista que eram eleitores: 50, no total, em 1912<sup>356</sup>.

Entre 1917 e 1920, seu principal opositor político, **Francisco Schmidt**, sofreu vários revezes pessoais, como a renúncia à presidência da Câmara e a perda da esposa, mudando-se definitivamente para São Paulo.

De fato, **Schmidt**, já se encontrava muito desiludido da política, desde 1915. Os acordos, as faltas de resposta da parte do comitê central do Partido Republicano Paulista, tudo deixava o alemão descontente. Nessa data e no contexto de preparação da candidatura de **Veiga Miranda**, escreveu ao chefe político do PRP de Ribeirão Preto **Joaquim da Cunha Diniz Junqueira**:

*Para apresentar o Veiga é preciso o seu inteiro apoio, não como tem dito... que consente de maneira protocolar, mas também é preciso que trabalhe pela candidatura. Caso seja de outra forma, ou seja, sem trabalho, é melhor que desistamos de tal intento. Por que, da forma como está, não vai! Espero, nesse sentido, uma resolução de sua parte a fim de podermos agir dirigindo mesmo aos outros diretórios cartas para nos ajudar. Pois do contrário, não vai! É preciso haver franqueza da sua parte! Se favorece essa candidatura ou não! Gosto muito de franqueza... Se o senhor não quiser favorecer essa candidatura, nós desistimos. Sem o seu inteiro apoio, nós não trabalhamos.*

*Sem mais, subscrevo-me com alta estima e consideração* <sup>357</sup>.

A carta evidencia, que, nessa fase, o coronel **Quinzinho** tornou-se indiscutivelmente o chefe político local, e capaz de articular em defesa dos interesses do café e da sua família.

Um exemplo foi o episódio da prisão de sua cunhada, **Iria Alves Ferreira**, em 1920. Conhecida como a Rainha do Café, a fazendeira foi acusada de assassinato, naquele que ficou conhecido como o Crime de Cravinhos. **Iria** contou com o apoio e a força política do coronel e sua gente, como **Fábio Barreto**, que atuou no caso como advogado.

---

<sup>356</sup>Arquivo Pessoal. Documentação da Fazenda Boa Vista. Livro ponto de empregados, 1912 In: MONTI, Op. Cit., 2014.p. 155.

<sup>357</sup>Adptado de documento do Arquivo pessoal da família Junqueira na Fazenda Boa Vista. Carta de Francisco Schmidt a Joaquim da Cunha Diniz Junqueira. 22 de novembro de 1915

Não cabendo aqui discutir se ela era inocente ou não, no final, a Rainha do Café acabou sendo absolvida, mudando-se definitivamente para São Paulo. O delegado que atuou no caso, **Accacio Nogueira**, perdeu o posto de chefe do Gabinete de Investigações e Captura. **Silva Carvalho**, delegado Regional de Ribeirão Preto, foi transferido. O subdelegado, **Ramos**, foi demitido<sup>358</sup>. O poder de **Quinzinho** ficava muito claro.

Ao mesmo tempo, era uma época de mudanças rápidas, quando o poder das oligarquias cafeiras começava a ser questionado no País. Nas listas de candidatos a vereador, apareciam cada vez menos fazendeiros e cada vez mais médicos e magistrados. Mesmo assim, o coronel ainda permanecia no controle da política, lançando mão da sua rede de influência.

Os anos 20 começavam tumultuados e incertos, desembocando no dia 5 de junho de 1924, que amanheceu em guerra. Era uma guerra pelo controle de São Paulo. Soube-se do ataque ao palácio Campos Elyseos. Comentava-se que o Externato Mattoso, na Mooca, havia sido metralhado, ficando quase em ruínas. Os aviões despejavam bombas em várias regiões da capital paulista<sup>359</sup>.

Depois de intensos combates, em 27 de julho, os revoltosos se deslocaram para o interior do estado e de lá para o Paraná, onde se encontraram com combatentes gaúchos. Juntos, saíram pelo Brasil, defendendo a ideia de revolução e de mobilização das pessoas, contra as oligarquias que controlavam o País. Assim nasceu a Coluna Prestes.

O medo e a insegurança eram tamanhos, que um ditado popular se consolidou. A partir de então, entre aqueles que vivenciaram o evento trágico, tornou-se comum dizer de situações confusas, conturbadas e conflituosas:

*- Eita! Isto está parecendo a Revolução de 24!*

Com o fim da revolta militar comandada por **Isidoro Dias Lopes**, na cidade de São Paulo, alguns ex-revolucionários se refugiaram em Ribeirão

---

<sup>358</sup>PAZIANI, R. R. Modos de homem, modos de mulher: as trajetórias de Joaquim Macedo Bittencourt e Iria Alves Ferreira em Ribeirão Preto (1890-1920). *AnpuSP*. 2010. Disponível em: <<http://www.anpuSP.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Rodrigo%20Ribeiro%20Paziani.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<sup>359</sup>BATISTA, L. Revolução de 24: guerra em SP por reformas políticas. *Acervo Estadão*. 4 de julho de 2014. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,revolucao-de-24-guerra-em-sp-por-reformas-politicas,10277,0.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

Preto. Os agentes do Estado acorreram à cidade na captura desses homens. Mas não se podia entrar na cidade, antes de falar com o coronel, para quem pediram que identificasse os inimigos.

- *Eu não tenho inimigos.* - Respondeu o Coronel **Quinzinho**.

Sua atitude foi interpretada como nobre, por afetos e desafetos, durante muitos anos<sup>360</sup>. Contudo, há de afirmar que galo de fora não cantava no quintal de Quinzinho.

Naquela época, já era um dos principais articuladores políticos do Brasil, dirigente do 10º Distrito Eleitoral da região mais rica do *coffe business* nacional. Sua gente estava no estado e na União. Havia feito de seu genro, **Altino Arantes**, o presidente do Estado de São Paulo, entre 1916 e 1920. De seu amigo, **Washington Luís Pereira de Sousa**, o presidente do Estado de São Paulo, entre 1920 e 1924 e, depois, o Presidente da República, de 1926 e 1930.

*Prezado Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira,*

*Accuso recebida a sua carta de 20 do mês próximo passado. Em resposta, comunico-lhe que tomei na devida atenção a recomendação que me faz do Dr. Oswaldo Ferreira de Mendonça, para um cargo político federal.*

*Com os meus cordiais cumprimentos subscrevo-me, Washington Luís.*

*07 de abril de 1927<sup>361</sup>.*

Controlava coronéis do seu distrito e influenciava de outros. Dedicados e influentes amigos estavam sempre prontos a atender aos seus pedidos e às suas ordens. Nenhuma orientação partidária era seguida, senão a do bom amigo e chefe **Quinzinho**.

Sua morte, em 1932, representou o fim de uma era. A era do coronelismo no interior paulista, baseado no poder dos fazendeiros do café.

---

<sup>360</sup>WALKER, Op. Cit., 2000. p.72.

<sup>361</sup>APHRP. Id. Caixa 174. 7.4.1927.

## A estrada dos cafezais é de ferro

Eram meados de 1956, uma menina de vestido florido se preparava para pegar o trem. Ela era **Célia Bondezan**, neta de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil em 1895, no Porto de Santos. Acompanhada pelas irmãs, **Zuleica** e **Olinda**, e pela mãe, **Zaira Zanutin**, ela embarcou em Ribeirão Preto, na estação Barracão, da Companhia Mogiana, rumo a São Paulo. Foi visitar a avó, **Ermínia Vieira Zanutin**, que conhecia, mas não via frequentemente. Daquela viagem, que seria gravada com afeto em sua memória, ficou a emoção de andar em uma maria-fumaça, pela primeira vez.

As preparações para aquela viagem tinham sido muitas. Seus pais trabalhavam como meeiros na Fazenda São Sebastião, localizada no município de Guaira. O dinheiro da colheita, que eles levaram um ano para juntar, pagou as roupas das filhas e as passagens de trem.

Nascida e criada na roça, a menina não sabia o que era uma viagem, e

a emoção de viver aquele momento fazia palpitar seu coração. O mesmo trem que trouxe a sua família aquelas terras anos antes a levaria de volta. Para chegar em Ribeirão Preto, para pegar o trem, eles embarcaram em uma jardineira, em um tempo da estrada Anhanguera com apenas uma pista e feita de cascalho.

Quando chegaram, pararam na casa da tia **Yolanda**, irmã de seu pai, **Olympio Bondezan**, que morava na rua Marquês de Pombal, em um bairro de muitos italianos, o Campos Elíseos. Seguiram para o Barracão a pé. O trajeto até a estação fora difícil. Não tinha rua e a estrada era apenas um trio no meio da “vassoura”, um mato alto que ficava embaraçando nas suas pernas. Ao se aproximarem do Barracão de Cima, atualmente conhecido como bairro do Ipiranga, ela avistou a estação ferroviária da Companhia Mogiana e sorriu. Estava quase na hora.

Embarcaram à noite. O vagão do trem era todo revestido em madeira, e os bancos, desconfortáveis, eram feitos de ripas. A menina, curiosa, passou a viagem inteira com a cabeça para fora da janela, a observar as faíscas que o trem soltava. Quando fazia a curva, mais faíscas voavam. Era lindo!

Desembarcaram na estação da Luz, em São Paulo. A edificação imponente, construída pelo inglês **Henry Drives**, em 1900<sup>362</sup>, era puro ferro e tijolo. Ao olhar para cima, **Célia** reparou nas estruturas de ferro sustentando um teto de vidro. Mais abaixo, na área de desembarque, as pessoas corriam para lá e para cá, desviando-se dos bancos de madeira e correndo para pegar o trem rumo ao seu próximo destino. Era a Roma paulista, e todos os caminhos, de alguma forma, traziam as pessoas para aquele lugar.

Ao sair da estação, que tem um relógio inspirado do *Big Ben*, de Londres, e uma arquitetura que lembrava a Abadia de Westminster<sup>363</sup>, **Célia** percebeu que as faíscas do trem tinham lhe deixado um “presente”. Não tinha usado o bendito guarda-pó, que protegia as pessoas das cinzas soltadas pelo trem. E, por isso, seu vestido estava parecendo uma peneira, de tão furado! Não teve jeito: foi visitar a avó com a roupa nova estragada.

---

<sup>362</sup>ACERVO ESTADÃO. Estação da Luz. 28/11/2012. Disponível em: < <http://acervo.estadao.com.br/noticias/lugares,estacao-da-luz,7678,0.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

<sup>363</sup>Idem.

Dona **Zaíra**, a senhora sua mãe, a olhava com raiva e desaprovação. Era uma mulher pequena, da boca fina, nariz afilado, olhos castanhos e cabelo escuro. Descendente de austríacos e italianos, tinha um temperamento forte, talhado na lida diária do trabalho nas roças de café. Soltando a mão da filha, tentou limpar o vestido e, desistindo do intento, lhe deu um puxão de orelha, ali na estação mesmo.

- *Ai, mãe!* - Resmungou **Célia**, enquanto suas irmãs se faziam de desentendidas.

- *Isso é para você aprender a ficar quieta!* - Disse **Zaíra**.

A menina **Célia**, hoje uma senhora de 75 anos, assim como várias pessoas do final do século XIX e início do XX, foi levada pela linha do trem. No Brasil, esse meio de transporte chegou ainda no tempo do Império, quando o governo imperial autorizou, em 1828, a construção e exploração de estradas no geral<sup>364</sup>.

Depois de diversas tentativas frustradas de incentivo à construção de ferrovias, a primeira linha férrea do Brasil foi inaugurada em 1854. Construída pelo barão de Mauá, ligava o Porto Estrela, localizado ao fundo da Bacia de Guanabara, até a Raiz da Serra, perto da cidade de Petrópolis/RJ<sup>365</sup>.

Em São Paulo, as ferrovias foram se espalhando com os pés de café. A primeira companhia a atuar no Estado foi a São Paulo Railway, financiada com dinheiro inglês. Sua construção terminou em 1867, com o trecho que buscava ligar a cidade de Jundiaí, no oeste paulista, ao porto de Santos. Era um projeto ousado e cheio de dificuldades, principalmente devido à necessidade de se implantar trilhos na região da Serra do Mar<sup>366</sup>.

Os ingleses abriram caminho para que o café chegasse ao porto

---

<sup>364</sup>DNIT. *A invenção da locomotiva*. s.d. Disponível em: <<http://www1.dnit.gov.br/ferrovias/historico.asp>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

<sup>365</sup>Idem.

<sup>366</sup>METRÔ DE SÃO PAULO. *Estudo de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental (EIA-RIMA)*. Linha 18 – BRONZE - Trecho Tamanduateí/ Alvarengas. 2012. Disponível em: <[http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/linha\\_18\\_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf](http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/linha_18_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf)>. Acesso em: 26 mar. 2018.

<sup>367</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999.

de Santos. Contudo, foram os cafeicultores, donos do poder político e econômico da região, que desbravaram o sertão, construindo malhas de ferro que se conectavam com o trecho que levava ao litoral<sup>367</sup>.

O trilho do trem. Os caminhos dos cafezais. Duas estradas que se cruzaram em São Paulo e que deram origem a um complexo econômico e político conhecido como oeste paulista. No final do século XIX, a cidade de Campinas substituiu o já esgotado Vale do Paraíba, na liderança na plantação de café, como a principal produtora do Estado de São Paulo<sup>368</sup>.

Campinas, a capital dos *districtos do café*, tinha riqueza, mas não tinha trem. Parecia que os trilhos das ferrovias tinham estancado em Jundiaí, pois a Companhia São Paulo Railway informou que não possuía mais recursos para continuar sua expansão.<sup>369</sup>

Em 1868, acompanhando esse movimento, um grupo de fazendeiros fundou a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A cidade colocava-se em polvorosa pela chegada da linha do trem. A população acompanhava as acaloradas discussões de sua construção, no jornal local.<sup>370</sup> Nas ruas e locais públicos, viam-se anúncios recrutando trabalhadores para a grande empreitada:

*Estrada de ferro de Jundiahy a Campinas. Contratam-se trabalhadores para a dita estrada com o Sr. Carlos Dulby. Paga-se bem!*<sup>371</sup>

12 de julho de 1871. O jornal *Gazeta de Campinas* noticiava, ainda que em poucas linhas, que os primeiros trilhos da estrada de ferro tinham sido assentados em Jundiaí. Sucesso! O trote dos burros daria lugar ao som da locomotiva. O clima era de esperança:

---

<sup>368</sup>VALDERRAMA, Berna V. B.; OLIVEIRA, Melissa R.S. A ferrovia e os processos de reestruturação urbana na cidade de Campinas, São Paulo. Disponível em: < <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/142.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>369</sup>POZZER, Guilherme P. A antiga estação da Companhia Paulista em Campinas: estrutura simbólica transformadora da cidade (1872-2002). Dissertação (Mestrado)-Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: < [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279439/1/Pozzer\\_GuilhermePinheiro\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279439/1/Pozzer_GuilhermePinheiro_M.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>370</sup>Idem.

<sup>371</sup>Adaptado de um trecho do jornal *Gazeta de Campinas*. 27 de março de 1870. In: POZZER, Op. Cit., 2007.

<sup>372</sup>Idem.

- *Raia no horizonte o primeiro reflexo do astro iluminador das nossas chancas esperanças!* - Escrevia o jornal local.<sup>372</sup>

Assim, em 1872, era criado o ramal que ligava as cidades de Campinas e Jundiá.<sup>373</sup> No mesmo ano, nascia a Companhia Mogiana, que viria a atender às necessidades do nordeste do Estado de São Paulo<sup>374</sup>. Com a Mogiana, as linhas do trem chegaram às cidades de Mogi Mirim, em 1875, e Casa Branca, em 1878. Enquanto isso, a Companhia Paulista seguia para as cidades de Rio Claro, Limeira, Araras, Pirassununga e Porto Ferreira<sup>375</sup>.

A linha férrea corria aos saltos pelas estradas do Estado de São Paulo, até chegar à boca do sertão, onde achou sua mina de ouro. Ribeirão Preto, uma vila pioneira<sup>376</sup>, que crescia e plantava café aos montes. Quando teve certeza de que possuía frete e viajantes, a Companhia Mogiana se deslocou até a pequena vila, que a recebeu tal qual uma chicotada<sup>377</sup>. Os terrenos foram valorizados, o comércio cresceu e, a cada dia, chegavam mais pessoas para fazer riqueza naquelas terras cheias de poeira vermelha<sup>378</sup>.

Porém, a chegada da Companhia Mogiana a Ribeirão Preto não aconteceu sem conflitos com a sua principal concorrente, a Paulista. Era uma briga para ver qual colocaria o primeiro trilho naquela terra cheia de oportunidades.

A Companhia Mogiana possuía um contrato firmado com o governo do Estado de São Paulo, que a autorizava a construir, da maneira que achasse mais conveniente, um ramal que chegasse em São Simão e Ribeirão Preto<sup>379</sup>. Contudo, a região estava fora da zona de influência da Companhia, o que fez a Paulista entender que as duas vilas poderiam muito bem se servir dos prolongamentos de suas linhas de Porto Ferreira<sup>380</sup>.

Enquanto as duas Companhias disputavam a região, a Câmara Municipal de Ribeirão Preto se movimentava para trazer os trilhos do

---

<sup>373</sup>COMPANHIA MOGIANA DE ESTRADAS DE FERRO. *História*. [s.d.] Disponível em: <[http://www.cmef.com.br/pp\\_fundacao.htm](http://www.cmef.com.br/pp_fundacao.htm)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>374</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999.

<sup>375</sup>SOUZA, Camila V.F.; SORIANI, Mariana B.; ZAMPOLLO, Mayara S. *Patrimônio ferroviário de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012.

<sup>376</sup>Idem.

<sup>377</sup>Idem.

<sup>378</sup>Idem.

<sup>379</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999.

<sup>380</sup>Idem.

trem até a vila. Em ata de 3 de setembro de 1878, os vereadores aprovaram que a Câmara virasse uma representação junto ao governo do Estado. A proposta era construir um ramal que ligasse Ribeirão Preto até João Ferreira, atualmente a cidade de Porto Ferreira.<sup>381</sup>

A briga entre as Companhias só teve fim em 1880, quando a Mogiana conseguiu sua concessão sobre os trechos de São Simão e Ribeirão Preto<sup>382</sup>.

Em pouco tempo, ela inaugurou o ramal de Casa Branca e São Simão, em 1882, e depois, em 1883, entregou o tronco São Simão e Ribeirão Preto<sup>383</sup>. Para aquela vila, que, até o momento da chegada do trem, atolava seus troles e carros no lamaçal de suas estreitas ruas, a chegada da locomotiva era com certeza um grande acontecimento.

**Plínio Travassos dos Santos** que, como todo bom estudioso, se interessou pelos momentos mais importantes vividos na cidade, contou como foi a entrada do trem em Ribeirão Preto:

*A vila amanheceu festiva. Poucas eram as casas para a acomodação dos forasteiros. Por toda a parte, nas ruas e praças, erguiam-se barracas. Bandeiras e bandeirolas, em fios, tremulavam, às centenas, à beira dos telhados e nas portas, atravessando as ruas. Os amarrotados ternos de sarjão preto, de “carregação”, por muito tempo guardados no fundo dos baús, escovados, tiveram seu dia. As chitas de cores vivas dos vestidos das sinhazinhas e os lenços de alcobaça na cabeça das matronas e no pescoço dos roceiros davam a nota alegre e pitoresca à povoação. Nos quintais e nas portas das vendas, nos argolões dos esteios, relinchava a cavalaria. Carros de bois e troles descansavam no Largo da Matriz. Na estação apinhava-se verdadeira multidão. Para não perder o espetáculo muita gente dormira nas imediações e, ali, conservava-se todo o dia, prevenidos todos com virados de carne de porco e de galinha, para as exigências do estômago.*

*À hora aprazada chegavam à estação autoridades e outras pessoas de destaque. Fora, de ambos os lados, rodilhas de rojão e bombas, em postes de madeira, enfileiravam-se, como fogueteiro ao lado, prontas a estourar no primeiro sinal...*

---

<sup>381</sup>CALSANI, Rodrigo de Andrade. O imigrante italiano nos corredores dos cafezais: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914). Franca: [s.n.], 2010.

<sup>382</sup>Bacellar (1999).

<sup>383</sup>Idem.

*Subitamente se fez ouvir ao longe um apito prolongado...*

*Silêncio completo dominou tudo. O entusiasmo geral como que se arrefecera, motivado pelo terror da maioria e pela comoção feliz dos que há muito ansiavam pelo acontecimento. Em poucos momentos, muitos curiosos abandonavam a estação, correndo para todos os pontos, esbaforidos, à procura de seguro esconderijo. Duas raparigas, muito espantadas, perdidas dos seus na confusão, não podendo fugir por estarem encantonadas na plataforma, cercadas pelo restante dos curiosos, tremiam de medo e choravam. Quando o trem apontou numa curva próxima, elas, dando-se as mãos, tentaram romper a multidão. O Dr. Rodrigo Pereira Barreto, que, com os irmãos, ali também se encontrava, sorrindo, segurou-lhes pelos braços e lhes disse:*

*- Não corram meninas, que é pior... Si correrem o “bicho” vai atrás...*

*Estrugiram os foguetes e as bombas. Gritos por toda parte, de pavor e de alegria.... Estava plantado o marco definitivo do progresso de Ribeirão Preto<sup>384</sup>.*

O relato pitoresco traz à luz o espanto da chegada do progresso a uma vila que, até então, andava devagar. Nada mais seria como antes. Ribeirão Preto agora estava ligado ao mundo pelos trilhos do trem.

A primeira estação da cidade foi construída no antigo bairro da República, hoje conhecido como Vila Virgínia.<sup>385</sup> Localizada em frente ao Solar Villa Lobos, na avenida Caramuru, foi inaugurada em 23 de novembro de 1883.<sup>386</sup> A construção dessa estação trouxe trabalhadores das mais diversas nacionalidades, que depois se instalaram nos seus arredores e formaram um aglomerado urbano <sup>387</sup>.

Essa estação, como o próprio bairro, tinha que ser resistente para enfrentar o problema das enchentes que aconteciam naquela região. No ano de 1927, durante a Semana Santa, a chuva no bairro virou um dilúvio. O aguaceiro seguiu até os trilhos do trem, onde destruiu materiais, carregou animais e frustrou moradores. Vila moderna do chão de barro! Por mais

---

<sup>384</sup>Trecho do romance de Plínio Travassos dos Santos, Ela está Sempre em meu Coração. In: CIONE, Op. Cit., 1987. p. 122-123.

<sup>385</sup>SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

<sup>386</sup>SILVA, Adriana; ROSA, Lilian R.O. (Orgs). Patrimônio cultural do café da terra vermelha. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012

<sup>387</sup>Idem.

progressista que fosse com a chegada do trem, Ribeirão Preto ainda sofria com os mesmos problemas de infraestrutura.

Dois anos depois dessa estação provisória, foi inaugurada a estação Ribeirão Preto-Velha. Situada em frente à rua General Osório, entre as ruas Augusto Severo e Jerônimo Gonçalves, no que hoje se conhece como o bairro da Vila Tibério. Nessa região, além da estação, também se encontravam os depósitos, armazéns, as oficinas e casas de turma da Companhia Mogiana<sup>388</sup>.

Por estar localizada na parte operária da cidade, a estação acompanhou os funcionários da Cervejaria Paulista, situada ali perto, irem trabalhar quando soava a sirene da fábrica às 6h da manhã. Era ali também onde desciam as famílias mais abastadas da cidade <sup>389</sup>.

Dessa região mais ao centro, onde havia a praça **Francisco Schmidt**, a linha do trem seguia dessa estação até a Fazenda Monte Alegre e depois para a Fazenda da Companhia Dumont <sup>390</sup>.

Ainda nas proximidades do Centro, os trilhos do trem chegavam a um bairro para onde a elite empurrou tudo aquilo que não desejava. O Campos Elíseos, bairro anteriormente conhecido por Barracão de Baixo, possuía, além do Cemitério para enterrar os mortos e não causar contaminação, um hospital de isolamento, chamado Lazzaretto<sup>391</sup>. Lá, o trem veio para atender às necessidades da Companhia Electro-Metalúrgica, que se instalava na cidade. Era preciso ter um ramal para buscar minério em um município próximo<sup>392</sup>. Assim nasceu a estação Ribeirão Preto, em 1928, construída pela Companhia Estrada de Ferro São Paulo e Minas<sup>393</sup>.

---

<sup>388</sup>SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

Documentário Ipiranga MIS-Ribeirão Preto. Museu da Imagem e do Som José da Silva Bueno. 22'40". 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2OCpPCuMrxQ&t=19s>> . Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>389</sup>Documentário Vila Tibério parte 1 - MIS Ribeirão Preto. Museu da Imagem e do Som José da Silva Bueno. 17'42". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=98uUCW8nuk8>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SILVA; ROSA, Op. Cit., 2012.

<sup>390</sup>Documentário Vila Tibério parte 1 - MIS Ribeirão Preto. Museu da Imagem e do Som José da Silva Bueno. 17'42". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=98uUCW8nuk8>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>391</sup>Estações Ferroviárias. Disponível em: < <http://www.estacoesferroviarias.com.br/r/ribpreto-spm.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>392</sup>Idem.

<sup>393</sup>Estações Ferroviárias. Disponível em: < <http://www.estacoesferroviarias.com.br/r/ribpreto-spm.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Um pouco mais longe do centro, na confluência da avenida D. Pedro I com a rua Rio Grande do Sul, está a estação Barracão. Inaugurada pela Companhia Mogiana em 1o de junho de 1900, conta-se que ela provavelmente funcionava desde 1882, como um simples estribo para o desembarque de imigrantes <sup>394</sup>.

Na estação, havia um barracão onde os imigrantes desembarcavam e ficavam hospedados. Era ali que recebiam seus lotes e faziam o acerto de contas. Arranjos feitos, eles seguiam até os carroções que os levariam até as fazendas <sup>395</sup>.

Essa parte da vila, conhecida como Barracão de Cima, era longe da região central, na época conhecida como a “cidade”. O bairro, um lugar sem asfalto e de mato alto, era pura “campineira” e cerca de “arranha gato”. Era um breu só, porque as casas de cerca de bambu não possuíam iluminação.

Para chegar na praça XV, onde aconteciam as festas, esses moradores sempre tinham que andar com dois chinelos. Um para ir até o centro, que ficava vermelho pela poeira, e outro para usar quando chegasse lá. De tanto aparecerem com os pés vermelhos nos lugares mais “centrais”, os moradores do Barracão viriam a ser conhecidos como os “pés sujos” da cidade <sup>396</sup>.

Nesse bairro tipicamente imigrante, fruto da labuta daqueles que vieram fazer a vida nas terras do café, até hoje a estação Barracão se ergue, a saudar aqueles que chegam e que saem. Os habitantes moravam perto do trem e, de uma forma ou de outra, o viam todos os dias. Era possível imaginá-los esperando os parentes nas porteiras das casas, que ficavam muito próximas dos trilhos. Ou, então, a esperar na estação, os olhos cheios de expectativa, para sentir o cheiro de fumaça que seu rastro deixava <sup>397</sup>.

As crianças, filhas dos imigrantes que ali chegaram e estabeleceram negócios, faziam da estação Barracão o seu ponto de brincadeiras. Conta-se que ali perto funcionava o frigorífico **Morandini** e, por isso, chegavam várias cabeças de gado pela linha do trem. A molecada, curiosa, subia em cima

---

<sup>394</sup>SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

<sup>395</sup>SILVA; ROSA, Op. Cit., 2012.

<sup>396</sup>Documentário Ipiranga MIS-Ribeirão Preto. Museu da Imagem e do Som José da Silva Bueno. 22”40”. 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2OCpPCuMrxQ&t=19s>> . Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>397</sup>SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

dos vagões e puxava as alavancas do compartimento para fazer barulho. Os funcionários ficavam furiosos, mas a diversão estava garantida <sup>398</sup>.

A estação Barracão, com sua edificação retangular de tijolos de barro a saudar os seus visitantes<sup>399</sup>, e com o seu pináculo a cortar os céus, parecia lembrar a todos que os pobres também podiam seguir a linha do trem.

Para além das estações e dos trilhos que existiam dentro da cidade, a região da Alta Mogiana era completamente cortada pela linha do trem. Os ramais “cata café” serpenteavam pelo sertão e passavam pelas fazendas de café, pegando as sacas de café que, ao encontrarem o tronco principal da linha do trem, seguiam para o porto de Santos.

Muitas vezes, essas estações localizadas na zona rural, perto das fazendas, eram financiadas pelos próprios cafeicultores, que viam na ferrovia uma forma de escoar a produção de café de suas propriedades.

Uma das mais famosas foi a estrada de ferro Dumont. No final do século XIX, **Henrique Dumont**, o Rei do Café, conseguiu uma concessão do governo para construir e utilizar uma estrada de ferro. Essa ferrovia, construída em 1890, ligava a Fazenda Dumont à estação Ribeirão Preto-Velha, lá no centro da cidade. Durante o trajeto, existiam mais duas estações pelas quais o trem passava antes de seguir para a cidade: Estação Luís Miranda e Guimarães.

Com os seus vagões de mercadoria e passageiros, a linha Dumont era respeitada. Como diria a revista *Brazil Magazine*, em 1913, sobre a exímia ferrovia:

- *Ela faz o serviço completo do transporte do café! A Cia. Dumont possui gare especial para passageiros e mercadorias* <sup>400</sup>.

Quando a linha do trem chegou até as fazendas, ela se transformou em um grande negócio. Os cafeicultores, homens e mulheres que percebiam as oportunidades no ar, sabiam muito bem o valor que aquele empreendimento traria para os seus negócios. Investir na ferrovia era o meio, lucrar com isso era o objetivo.

---

<sup>398</sup>SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

<sup>399</sup>Idem.

<sup>400</sup>Adaptado de um trecho da revista *Brazil Magazine* de 1913. In: SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

Em meados de 1910, **Martinho Prado Jr.**, dono da Fazenda Guatapar, realizou uma acalorada defesa da Companhia Paulista contra a Mogiana, já que mantinha interesses ligados  primeira<sup>401</sup>. A Companhia Paulista cruzava o rio Mogiguaçu bem em frente  Fazenda Guatapar, onde depois encontrava o ramal da Mogiana, que saía de São Simão<sup>402</sup>.

A estão Santa Teresa, da Companhia Mogiana, localizada na fazenda de mesmo nome, era usada pela fazendeira **Francisca do Val** para escoar a produçao de suas propriedades. Conta-se que, durante a colheita, as sacas de café eram puxadas por carroças de mula até a estão, que ficava a cerca de trinta minutos de caminhada da fazenda<sup>403</sup>.

Estão de tijolos e telhas de barro, ornada por lambrequins de madeira<sup>404</sup>, a Santa Teresa era utilizada por outros fazendeiros, além de Francisca do Val. A Fazenda Santana, de propriedade do coronel **Mingote**, estava situada a cerca de trinta minutos dela<sup>405</sup>.

Nessa fazenda, antes dos trilhos chegarem, os caminhos eram feitos pelo cavalgar dos burros. Nessas estradas, antes do trem, ocorreu um crime. Um assassinato, e aqueles que ficaram para contar a história a descrevem em detalhes.

Antes do trem, em 1885, a Fazenda Santana era composta por colonos e escravos, que possuíam uma rotina rígida<sup>406</sup>. Um deles era o menino **Pedro**, filho dos escravos **João** e **Constância**. Ele trabalhava como candeieiro do carro de boi, que era guiado por outro cativo, o **Teodoro**. Naquele dia, os dois seguiram pela estrada rumo  Fazenda Boa Vista, de posse do coronel **Quinzinho**. Na volta, ao passarem por uma parte de mata densa, conhecida como “mata do Quinzinho”, **Teodoro**, em um acesso de raiva, estrangulou o menino. Depois, o pendurou em uma árvore, fingindo um suicídio<sup>407</sup>.

---

<sup>401</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999.

<sup>402</sup>Idem.

<sup>403</sup>GUIMARÃES, Jacileide. Sobre a criaao do hospital Santa Teresa de Ribeirão Preto: outras raizes de uma história. Dissertaao (Mestrado)- Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, 2001.

<sup>404</sup>SOUZA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

<sup>405</sup>GUAZZELLI, A. M. C; FERREIRA, D.; CASTRO, M; C.; MOLINA, S. R. **O menino que virou festa: a cruz do Pedro em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundaao Instituto do Livro, 2012.

<sup>406</sup>Idem

<sup>407</sup>GUAZZELLI, A. M. C; FERREIRA, D.; CASTRO, M; C.; MOLINA, S. R. **O menino que virou festa: a cruz do Pedro em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundaao Instituto do Livro, 2012.

A justiça viria com uma reza da mãe do menino, feita de joelhos no terreiro da fazenda. Ela pediu que as mãos do assassino de seu filho ficassem secas e aleijadas. Dito e feito. Com o tempo, o escravo **Teodoro** ficou com as mãos inertes, incapaz de realizar qualquer movimento<sup>408</sup>.

Veio o trem, que começou a passar no caminho percorrido por **Pedro e Teodoro** anos antes. Além da estação Santa Teresa, vieram a Francisco Maximiano, que ficava na Fazenda Baixadão; a Joaquim Firmino, localizada nas terras da Fazenda Santa Rita... foram muitas estações. Elas foram responsáveis por conectar as diversas fazendas dispersas pela terra roxa; permitiram o povoamento da região e a melhora das comunicações<sup>409</sup>.

Para terminar esta história, falta falar um pouco das pessoas. Ou melhor, as pessoas que trabalharam com o trem: os ferroviários. Criados na beira das linhas, faziam do trem uma coisa de família. O pai punha o filho para trabalhar ali, que depois colocava o sobrinho e a vida seguia... todos eram conhecidos. Os que ali trabalhavam o faziam com orgulho e honra. Ferroviário, aquele que usava o tradicional boné, era respeitado.

É possível contar, inclusive, uma cena um tanto quanto pitoresca para os dias de hoje, quando as estradas são cobertas por ferrovias. **Gildo Faustino**, ex-ferroviário, descreve como uma vez um colega seu foi parado por um guarda, que pediu seu documento. O amigo, sem nem titubear, lhe entregou a identificação. O guarda, possivelmente a revirá-lo entre os dedos, teria lhe dito:

- *Ah, RG qualquer um tem!*

Sorrindo, o tal colega tirou a carteirinha do bolso e mostrou ao guarda.

- *Mas essa daqui, não é para qualquer um não!* - Respondeu com orgulho.

- *É verdade!* - Afirmou o guarda - *Meu pai também trabalhava na Mogiana...*<sup>410</sup>

---

<sup>408</sup>Idem.

<sup>409</sup>BACELLAR, Op. Cit., 1999.

<sup>410</sup>Diálogo construído a partir do relato de Gildo Faustino descrito no livro Patrimônio Ferroviário de Ribeirão Preto, de SILVA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

O maquinista era conhecido pelo apito do trem. Quando a locomotiva chegava na estação, ocorria uma verdadeira festa. As pessoas da fazenda, quando iam para a cidade, paravam na estação apenas para ver a chegada do trem. Inclusive, eram tapeadas, por causa disso! Sempre havia um esperto que, vendo a ingenuidade das pessoas, cobrava bilhete para assistir ao trem chegando <sup>411</sup>.

Andar de trem era desfrutar de uma viagem única. Era ouvir as conversas que ressoavam por todo o vagão, ou então sentir o cheiro de café que vinha dos balcões-restaurante. Nas linhas, trabalhando, os funcionários mantinham tudo funcionando, apesar da precariedade do serviço. Naqueles tempos, não havia seguro de vida e equipamentos de proteção. Os acidentes de trabalho eram comuns.

Na estação, além do topógrafo, que fazia os desenhos e cálculos, havia os telegrafistas e os ferreiros. O telégrafo era um instrumento muito difícil de aprender. **Costinha**<sup>412</sup>, que trabalhou como telegrafista na estação ferroviária de Batatais, conta que era basicamente um serviço de escutar e escrever. Não podia olhar! Era apenas o ouvido e as pancadinhas, que traziam as mensagens que as pessoas tanto aguardavam.

Os ferreiros eram responsáveis por consertar as locomotivas e fazer a manutenção dos trilhos. Era possível vê-los, à beira dos ramais, plantando erva-cidreira nas linhas para evitar que o mato chegasse até os trilhos. De volta à estação, todos usavam uniformes. Gravata e paletó. Respeitar o chefe da estação era regra declarada: esse funcionário, o que tinha a maior responsabilidade, garantia o bom funcionamento das estações <sup>413</sup>.

Quando chegava o momento do embarque, as pessoas compravam os bilhetes e esperavam sentadas a passagem do trem. Encostando na estação, o trem esperava, solene. As pessoas entravam, e o chefe da estação autorizava novamente a sua saída. Com o apito na mão, ele gritava:

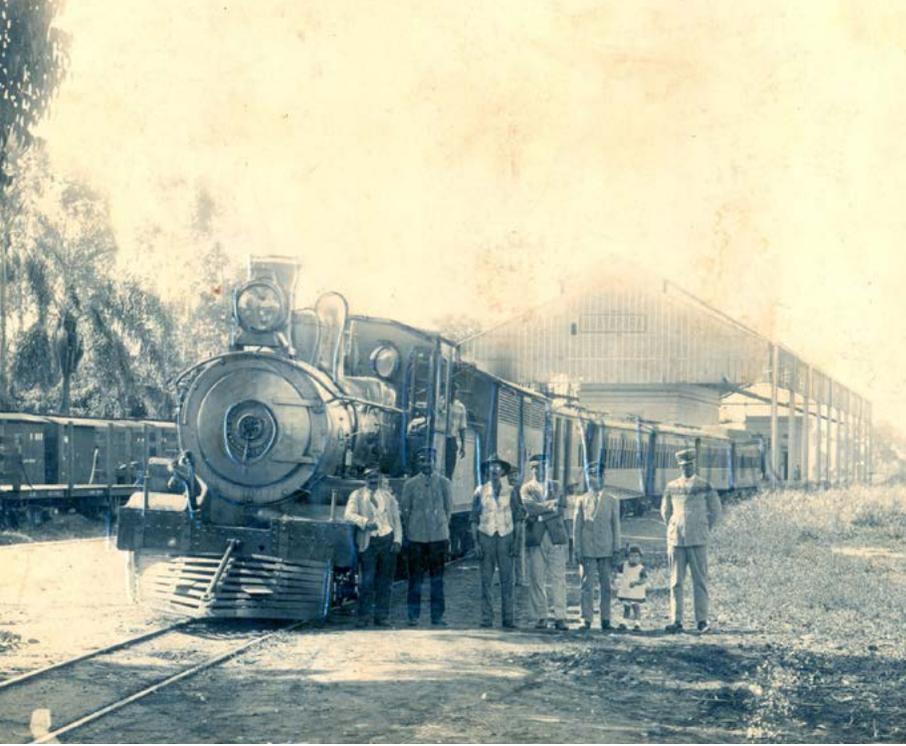
*- Pode seguir!*

---

<sup>411</sup>SILVA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

<sup>412</sup>Idem.

<sup>413</sup>Idem.



Cada vagão possuía a sua própria história para contar. Em um determinado trecho de São Simão, um garçom do vagão-restaurante colocava um espeto para fora da janela, e, toda vez, o gavião passava para buscá-lo <sup>414</sup>. Em outros, as crianças se escondiam do cobrador, porque elas não tinham comprado passagem<sup>415</sup>.

As histórias são muitas e cada um possui a sua para lembrar e compartilhar. O trem, ainda hoje, é parte do imaginário das muitas cidades, que cresceram ouvindo o seu apito e o som metálico de suas rodas em atrito com os trilhos.



<sup>414</sup>SILVA; SORIANI; ZAMPOLLO, Op. Cit., 2012.

<sup>415</sup>Idem.

# O café de saias

Ribeirão Preto, a pujante Capital do Café paulista, recebeu o casal de imperadores em suas terras. Eram meados de 1886, quando a imperatriz **Teresa Cristina** desceu do vagão especial na estação ferroviária da Mogiana e esperou o marido, o imperador **D. Pedro II**, ser recebido pelo intendente municipal e alguns adeptos do monarquismo<sup>416</sup>. Ao subir na liteira especialmente providenciada para a ocasião, para levá-los ao solar de **Rodrigo Pereira Barreto**, possivelmente ostentava as saias sujas de lama vermelha devido à chuva torrencial que caía sobre as calçadas não pavimentadas da cidade<sup>417</sup>.

É quase possível imaginar **Teresa Cristina**, uma princesa do Reino de Duas Sicílias, legítima representante da ancestral Casa de Bourbon,

---

<sup>416</sup> PRATES, Prisco C. *Ribeirão Preto de outróra*. 3. ed. Ribeirão Preto: Gráfica Bandeirantes, 1971. p. 81-83.

<sup>417</sup> LAGES, Op. Cit., 2016.

olhando para aquela vastidão de cafezais, para aquelas ruas cheias de uma enxurrada de cor escura<sup>418</sup>, e se perguntar se Ribeirão Preto era mesmo uma cidade moderna, como alardeavam na Corte.

A imperatriz nasceu na cidade de Nápoles, na Itália<sup>419</sup>. Da família, compartilhava o gosto pela arqueologia, arte e por aventuras<sup>420</sup>. Seus sapatos de bicos e suas saias de franja<sup>421</sup> caminharam por escavações em cidades italianas e uma expedição no Egito.<sup>422</sup> Tendo respeito por seu papel como consorte do imperador e um temperamento autoritário<sup>423</sup>, não perdoava ninguém, nem mesmo a família. Como diria sua filha Isabel, a uma amiga próxima: *Mamãe é muito boa pessoa, mas é um pouco dominadora, gosta que tudo vá como ela só quer, apesar de Deus dizer no Evangelho que a mulher deve submissão ao marido.*<sup>424</sup>

Com essa experiência e temperamento, talvez a maneira como aquele arraial se mostrava aos seus olhos não a incomodasse, mas de algum modo poderia intrigá-la. A vila de Ribeirão Preto tinha sido formada em 1871, e a linha do trem chegaria alguns anos depois, em 1883. **Teresa Cristina** e sua comitiva chegaram em um trem atrasado com uma grande multidão

---

<sup>418</sup>SANTOS, Rodrigo F. Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação (Mestrado)- Unicamp, Campinas, 2003. 432p.

<sup>419</sup>GUIMARÃES, Lucia M. P. Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889): a face oculta da imperatriz silenciosa. XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH). São Paulo, jul. 2011. Anais... Disponível em: < [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300585754\\_ARQUIVO\\_TeresaCristina-ANPUH.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300585754_ARQUIVO_TeresaCristina-ANPUH.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2017.

<sup>420</sup>AVELLA, Aniello A. Teresa Cristina de Bourbon, uma imperatriz silenciada. XX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: História e Liberdade. Anpuh/SP, Unesp, Franca. Anais... Dez. 2010. Disponível em: < <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Aniello%20Angelo%20Avella.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2018.

<sup>421</sup>PINHO, Wanderley. Salões e damas do segundo reinado. 5. ed. São Paulo: GRD, 2004.

<sup>422</sup>VIRGÍLIO, Paulo. Mostra no Rio exhibe parte do acervo arqueológico de Tereza Cristina. Agência Brasil. 31/3/2016. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-03/mostra-inedita-exibe-parte-do-acervo-arqueologico-da-imperatriz-teresa>>. Acesso em: 17 fev. 2018; ESTADÃO. Acervo de fotos de D. Pedro II é exposto no Rio. 31/10/2015. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,acervo-de-fotos-de-d-pedro-ii-e-exposto-no-rio,70002065279>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

<sup>423</sup>Transcrição de uma carta da princesa Isabel à condessa de Barral. In: ASTUTO, Bruno. Biografia da Imperatriz mostra perfil “autoritário”. 25/9/2014. Veja São Paulo. Disponível em: < <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/09/biografia-de-bimperatriz-brasileirab-mostra-perfil-autoritario.html>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

<sup>424</sup>Idem, n.p.

a esperá-los<sup>425</sup>. Eles acabariam por matar um pouco do tempo a esperar a tempestade passar, observando as carroças lutarem para se mover na lama que se formava nas ruas.<sup>426</sup>

Após um baile dançante em comemoração à chegada dos monarcas, **Teresa Cristina** pernoitou, com o marido e sua comitiva, na rua General Osório n. 554, onde residia o líder dos monarquistas da cidade.<sup>427</sup>

Ao final da viagem, possivelmente a olhar pela janela do trem que a levaria até Batatais<sup>428</sup>, Ribeirão Preto parecia deixar a imperatriz uma promessa: riqueza, urbanização, cultura, modernidade. Em 1889, ao beijar o chão da Pátria que adotara, em um adeus enquanto rumava ao exílio, em Portugal<sup>429</sup>, **Teresa Cristina** talvez tenha se perguntado se o progresso republicano que se anunciava no horizonte seria desfrutado apenas por homens.

Então, veio a República, com a autoproclamada progressista Câmara Municipal de Ribeirão Preto e seus grandes homens, comemorando sua chegada ao som da Marselhesa.<sup>430</sup> A escravidão foi abolida em 1888, e os cafezais se veem repletos de imigrantes. As principais ruas da cidade são pavimentadas, surgem os serviços de água e esgoto, os primeiros carros e telefones, além de teatros cantantes, cassinos e bordéis para satisfazer os gostos dos coronéis. Se, em algum momento a imperatriz questionou-se sobre a cidade, essas dúvidas de alguma maneira foram apagadas pelo tempo.

Porém, como toda boa cidade formada no seio da cultura cafeeira e patriarcal, Ribeirão Preto era, antes de tudo, tradicional e dada aos bons costumes. A modernidade aparentemente era frequentadora das casas de comércio, dos bancos, e das salas da Câmara Municipal, onde apenas havia homens. Em casa, na vida privada do lar, as tradições reinavam sobre as damas e sinhás do café, que pareciam à margem daquilo que acontecia nas vias públicas da cidade.

Os seus espaços públicos eram poucos. Havia os cafés e confeitarias,

---

<sup>425</sup>PRATES, Op. Cit., 1971.

<sup>426</sup>Idem.

<sup>427</sup>LAGES, Op. Cit., 2016.

<sup>428</sup>Idem.

<sup>429</sup>GUIMARÃES, Op. Cit., 2011.

<sup>430</sup>CIONE, Op. Cit., 1995. p. 154-155.

onde as mulheres se encontravam para almoçar, comer bolos e conversar. Na confeitaria Castellões, essas damas apreciavam pratos franceses enquanto escutavam a orquestra <sup>431</sup>. A elas também era permitido os piqueniques no Bosque Municipal ou próximo ao rio Pardo <sup>432</sup>.

Durante o passeio, elas discutiam os romances comprados nas Livrarias Verissimo dos Santos e Selles<sup>433</sup>, além de ler a coluna Ecos, da cronista **Maria Heloísa**, onde viam como vestir crianças, usar joias, requisitar equitação para jovens e senhoras, verificar o clima, e encontrar trechos em francês para tradução <sup>434</sup>.

Ao caminhar pelas ruas do Centro, essas mulheres provavelmente observavam o advogado **Augusto Ribeiro de Loyolla**, com seu jaquetão preto, um cravo na lapela e uma gravata de retrós, segurar em uma das mãos um guarda-sol enquanto dirigia as obras para o ajardinamento de uma quadra do largo da Matriz.<sup>435</sup> No dia de inauguração do jardim, no dia 14 de julho de 1901, elas possivelmente estavam a congratular o **Dr. Loyolla** enquanto a banda Filhos de Euterpe, do maestro **José Delfino Machado**, tocava o hino nacional<sup>436</sup>.

No carnaval, as moças e as senhoras de família, de certa maneira distintas das mulheres mais pobres que frequentavam os bailes, participavam de corsos e desfiles, onde sentavam-se em carros enfeitados de flores e guiados por motoristas. <sup>437</sup> No jornal, viam os anúncios de bailes no Cassino Antártica, com seus concursos de *dansas* e *phantasias*, e suas artistas a participarem de passeatas<sup>438</sup> que provavelmente seus maridos estariam assistindo.

Em casa, elas tiravam as medidas para a confecção de vestidos com

---

<sup>431</sup>TUON, Liomar I. *O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1890-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Unesp-Franca, 1997.

<sup>432</sup>Idem, p. 110-112, 117.

<sup>433</sup>Idem.

<sup>434</sup>LAGES, Op. Cit., 2016, p. 134.

<sup>435</sup>CIONE, Op. Cit., 1995.

<sup>436</sup>LAGES, Op. Cit., 2016.

<sup>437</sup>Inspirado em uma foto do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP). Carnaval, carro com flores e ornato em forma de borboleta. 1915.

<sup>438</sup>Inspirado nas transcrições de edições do jornal A Cidade feitos por Liomar Tuon. Acervo pessoal.

a seda comprada do **Zé da Seda**,<sup>439</sup> um vendedor ambulante turco que circulava pelas fazendas, e que eram feitos a partir dos manuais de estilo importados da França e Inglaterra.<sup>440</sup> No jantar, as mulheres faziam sua toalete e comiam uma boa sopa de massa de macarrão, uma herança italiana<sup>441</sup>. Ao final do dia, fica a conclusão de que essas moças eram constantemente observadas: pelo pai, que zelava pelo nome da família; depois pelo marido, que zelava pela honra; e, por fim, pela sociedade, que esperava que essas senhoras ficassem longe de assuntos estratégicos, como política e economia, que não lhes diziam respeito.

Mas nem só de damas do café era feita Ribeirão Preto! As mulheres ribeirão-pretanas, sejam elas nativas ou de fora, buscavam fazer a própria vida dentro da sociedade do café. Elas eram parteiras, professoras, donas de negócios, trabalhadoras rurais, artistas, prostitutas, costureiras, e todo o resto.

No número 25<sup>442</sup> da rua Américo Brasiliense, por exemplo, elas eram francesas e polacas importadas do exterior de **François Cassoulet**, que eram responsáveis por entreter os coronéis no Cassino Antártica enquanto esses fumavam charutos cubanos acendidos com notas de mil réis<sup>443</sup>. Algumas, vestidas com o mesmo luxo das esposas<sup>444</sup>, encontravam-se com os fazendeiros em quartos localizados ao fundo do Theatro Eldorado<sup>445</sup>, depois de estes gastarem vários contos de réis nas roletas de jogo.

Um jovem escritor, a visitar a cidade no auge do luxo oferecido por **Cassoulet, Monteiro Lobato**, ao observar as propagandas com moças seminuas, presenciar as coristas com suas fantasias fascinantes, e as

---

<sup>439</sup>CARVALHO, Leticia A. Se não vamos a Paris, Paris vem até nós! A moda feminina em Ribeirão Preto da belle époque. In: NETO, Humberto P.; PAZIANI, Rodrigo R.; MELLO, Rafael C. **No tempo das cidades: história, cultura e modernidade em Ribeirão Preto-SP (1883-1929)**. Jundiaí: Paço Editorial, 2014.

<sup>440</sup>Idem, 2014.

<sup>441</sup>LAGES, Op. Cit., 2016, p. 136).

<sup>442</sup>NETO, Humberto P.; FRANÇA, Jorge L. Sedução, disciplina, marginalização: a prostituição na Ribeirão Preto da belle époque caipira (1883-1919). **Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 38, 2009. Disponível em: < <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao38/materia02/texto02.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

<sup>443</sup>CIONE, Op. Cit., 1995.

<sup>444</sup>CARVALHO, Op. Cit., 2014.

<sup>445</sup>NETO; FRANÇA, Op. Cit., 2009.

dançarinas de cançã a bailar pelos salões do famoso Cassino<sup>446</sup>, comentou com um amigo próximo:

*- Rangel! Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado em Ribeirão Preto... são tantas mulheres! Todas caras e estrangeiras, ninguém ama a nacional por essas bandas... tantas, Rangel, e tão mimosas, casadoiras, que a gente amaldiçoa a monogamia!*<sup>447</sup>

Se **Thereza Pierini**, uma artista conhecida por machucar um garçom no Cassino Antártica enquanto participava de uma briga a uma da manhã<sup>448</sup>, desse por encontrar aquele moço engomado de sobrançelas grossas pelas ruas do Centro, teria rido de sua inocência:

*- Esses moços de fora...!*

Fora das casas de luxo de **Cassoulet**, nos bordéis mais em conta da rua Saldanha Marinho, a vida das mulheres da noite era, como sempre, difícil e movimentada. Uma delas, a baiana **Etelvina**, apelidada de **Gata Preta**, possuía um prostíbulo que muitos comentavam que era a única casa que poderia fazer concorrência com o Cassino de **Francisco Cassoulet**.<sup>449</sup> Porém, **Etelvina** não era rica. Perdia todo o seu dinheiro no jogo do bicho, e conseguiu apenas o suficiente para comprar um caixão do jeito que queria.

Algumas vezes, **Etelvina** entrava no caixão que comprara e perguntava às visitas se estava bonita, pois aquele era o seu desejo depois de morta. As visitas sempre comentavam:

*- Não há defunto mais lindo que tu dentro do teu caixão!*<sup>450</sup>

Não muito longe do bordel de dona **Etelvina**, na baixada das ruas Duque de Caxias e José Bonifácio, onde ficava o quartel dos malandros da cidade, havia uma mulher conhecida como **Pé de Anjo**, que dava mais trabalho aos policias que os seus colegas homens.<sup>451</sup> Entre as suas credenciais, constava

---

<sup>446</sup>Idem, 2009.

<sup>447</sup>Trecho adaptado de carta de Monteiro Lobato. 1907. In: LOBATO, J. B. R. **A barca de Gleire**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1950. 754p.

<sup>448</sup>SOUZA, Elaine S.; MONTI, Carlo G. História da mulher em Ribeirão Preto. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, 2008. p. 339.

<sup>449</sup>PRATES, Prisco C. **Relembrando o passado**. 2. ed. Ribeirão Preto: Faz Plast, 1979.

<sup>450</sup>Construído a partir de informação retirada de Prates (1979).

<sup>451</sup>Idem.

que era ladra, causadora de desordens, quebradora de copos e lutadora, daquelas que sabiam dar rasteiras, pontapés e o famigerado “rabo de arraia”.

Os policiais não gostavam de prender **Pé de Anjo**, isso porque tinham que arrastá-la até a delegacia. Ao receber a ordem de prisão e ser abordada, ela dizia:

*- Só se vocês me levarem nas costas, porque andando eu não vou*<sup>452</sup>.

Com a criação da Delegacia Regional de Polícia, o seu encarregado, delegado **Laudelino de Abreu**, começou a fazer uma limpeza na cadeia local que vivia cheia e começou a mandar os presos para diversos cantos do Estado. Em um desses casos, está a **Pé de Anjo**, que nunca mais foi vista em Ribeirão Preto.

Para além daquilo que acontecia no centro da cidade, havia as mulheres colonas, que moravam nas fazendas em casas de chão batido e telhado de sapé, com um quintal aos fundos que usavam coletivamente para plantar uma horta e criar animais<sup>453</sup>. Nos dias de trabalho, com seus chapéus de palha na cabeça e suas saias de algodão, a cruzarem a terra vermelha dos cafezais, elas preparavam e levavam o almoço dos maridos, sempre entre as nove e as dez horas<sup>454</sup>. No sábado à noite e aos domingos, elas se reuniam no terreiro para conversar, rezar missas ou participar de bailes<sup>455</sup>.

Ainda dentro das fazendas de café, senhoras cafeicultoras donas de grandes propriedades viriam a deixar os seus nomes conhecidos por toda a sociedade ribeirão-pretana. Uma delas foi **Francisca Silveira do Val**. Entre os anos de 1904 e 1905, ela possuía quase um milhão de pés de café e colheu 60 mil arrobas<sup>456</sup>. Dona da Fazenda Santa Teresa, sua propriedade possuía menos alqueires que a de **Iria Alves Ferreira**, a grande Rainha do Café, mas que não perdia espaço quando se tratava de produção<sup>457</sup>.

---

<sup>452</sup> PRATES, Op. Cit., 1979.

<sup>453</sup> GARCIA, Maria A. M. *Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto*. Série História Local, n. 6. Franca: Unesp, Amazonas Prod, 1997.

<sup>454</sup> Idem.

<sup>455</sup> Idem.

<sup>456</sup> MARCONDES, L. Renato. *O café em Ribeirão Preto (1890-1940)*. In: *Ribeirão Preto: A cidade como fonte de pesquisa*. v. 1, Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2016.

<sup>457</sup> GUIMARÃES, Jacileide. *Sobre a criação do hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto: raízes de uma outra história*. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo (USP),

Como uma *distinta senhora paulista*<sup>458</sup>, **Francisca do Val** retirou-se para São Paulo após a morte de seu marido, deixando a administração da fazenda para **Theotônio Monteiro de Barros**. De sua fazenda, as sacas de café iam de carroça até a estação de trem, que também chamava Santa Tereza da Companhia Mogiana<sup>459</sup>. O café, negociado nas casas de comércio ribeirão-pretanas e na bolsa de Santos, possibilitaram que **Francisca do Val** fosse uma das maiores negociantes de café em Ribeirão Preto<sup>460</sup>.

Outra grande mulher a caminhar pelos cafezais de Ribeirão Preto foi **Iria Alves Ferreira**.

Lembra dela? Aquela que foi julgada por um crime de assassinato...  
Lembra?

Então...ela foi uma das principais produtoras de café no oeste paulista! **Iria** passou a administrar os negócios da Fazenda Pau Alto<sup>461</sup> depois da morte de seu marido, **Luiz da Cunha Diniz Junqueira**. Da varanda de seu chalé na fazenda, que ficava de frente para um lago<sup>462</sup>, a rainha observaria o café ser lavado em um tanque com água, que com a ajuda de canaletas, era levado para o terreiro de secagem.

Seu patrimônio era composto por 1.300 alqueires de terra, que produziam 1.500.000 pés de café e que rendiam cerca de 100 mil arrobas ao ano<sup>463</sup>. De suas vastas propriedades, Iria comandava os negócios de produção de laticínios, café, gado e criação. Pense em um ribeirão-pretano, que ao ler a revista *Brasil Magazine*, numa tarde de 1911, sobre a grande proprietária que ficava às margens do Rio Pardo<sup>464</sup>, comentasse:

- *Ixi! Uma Rainha do Café em Ribeirão Preto?*

---

Ribeirão Preto, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/Lilian/Downloads/04-Resultados.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017.

<sup>458</sup>Idem.

<sup>459</sup>Idem.

<sup>460</sup>MELLO, Op. Cit., 2008.

<sup>461</sup>MELLO, Rafael C. Um coronel de saias no interior paulista: Iria Alves Ferreira - a Rainha do Café. XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: Poder, Violência e Exclusão. Anais... São Paulo: Anpuh/SP-USP, 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Rafael%20Cardoso%20de%20Mello.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

<sup>462</sup>CIONE, Op. Cit., 1995.

<sup>463</sup>Idem.

<sup>464</sup>MELLO, Op. Cit., 2008.

Pois essa era a alcunha pela qual era conhecida nos jornais e que estava na boca das pessoas. Os outros produtores de café poderiam ser coronéis, vereadores e homens de negócios, mas ela era a própria Rainha do Café. Como a descreve a mesma revista:

*A senhora Dona Iria Alves Ferreira é incontestavelmente 'A Rainha do Café', no Estado de São Paulo, o que quer dizer em todo o Brasil, e mesmo em todo o Universo, pois nos demais países que se trabalha esta cultura, não existem propriedades tão importantes como as grandes fazendas de Ribeirão Preto.*<sup>465</sup>

Toda coberta, sentada na parte de trás do trole, ela era conduzida pelo cocheiro **Doca Bonfim** e seus dois cavalos brancos até a missa, todos os domingos. <sup>466</sup>Era vista como uma mulher respeitada, que comandava a tudo e a todos. Pode-se imaginar, o então menino **Angelo Festucci**, filho de trabalhadores na fazenda, a olhar o rosto da grande cafeicultora e pensar: *essa é Dona Iria, a Rainha do Café. A Rainha! Quem que ia mandar na Rainha?*<sup>467</sup>.

Contudo, toda grande rainha possui os seus inimigos. Veio o escândalo do Crime de Cravinhos, e **Iria Alves Ferreira** era acusada de assassinar, com o seu administrador-geral, **Alexandre Silva**, um homem que havia sido encontrado morto na região de Espiraído, com o rosto desfigurado, e as orelhas e língua cortadas<sup>468</sup>. As suspeitas sobre o possível defunto recaíam sobre um genro francês da distinta senhora, que viera cobrar a sua parte da herança depois da morte de sua filha<sup>469</sup>.

Preso e escoltado até São Paulo<sup>470</sup>, a Rainha do Café não era mais vista como a senhora benevolente e cristã, pelos cidadãos de Ribeirão Preto. Defendida no Tribunal de Justiça de São Paulo por **Fábio Barreto** e **Meira Júnior**, a grande senhora pode ter olhado para todas aquelas pessoas e reafirmado mais uma vez que saía daquele caso com consciência pura e tranquilidade na alma<sup>471</sup>.

---

<sup>465</sup>Trecho retirado da revista Brasil Magazine, de 1911. In: Cardoso (2008).

<sup>466</sup>DOCUMENTÁRIO FILHOS DO CAFÉ. Parte 3. MIS-Ribeirão Preto. 16'28". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wRBsW0Gi3U&t=661s>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

<sup>467</sup>Idem.

<sup>468</sup>MELLO, Op. Cit., 2008, p. 5.

<sup>469</sup>SOUZA, Op. Cit., 2008.

<sup>470</sup>CIONE, Op. Cit., 1995.

<sup>471</sup>Baseado no testamento de Iria Alves Ferreira. In: CIONE, Op. Cit., 1995.

Libertada, **Iria Alves Ferreira** voltou para Minas Gerais e deixou suas últimas palavras registradas em testamento. Ao padre **Antônio Carbella**, que registrou seu último depoimento, em meados de 1927, ela comentou:

*- Meus filhos, vocês sabem quais são os monstros, os algozes de tua mãe. E, se o mundo ainda não os conhece, Deus os apontará um por um.* <sup>472</sup>

Senhora dos cafezais, assuntos dos jornais, exímia dama, dona de grandes posses, Rainha do Café. **Iria Alves Ferreira** faleceu com a certeza de que havia feito muito por Ribeirão Preto, e que não sobrava nada em sua consciência além do orgulho por suas conquistas e o desgosto pelos seus inimigos.

A última delas, também uma distinta senhora de terras, é a **sinhá Junqueira**. Nascida **Theolina Zemilda de Andrade Junqueira**, no município de Franca, ela se casou com **Francisco Maximiano Junqueira**, o **coronel Quito**, em 1891.<sup>473</sup> Dona de diversas propriedades no municípios de Ribeirão Preto, e Igarapava, ela também construiu com o marido a Usina Junqueira, localizada às margens do Rio Grande.<sup>474</sup>

Na história de Ribeirão Preto e da região, **sinhá Junqueira** ficou conhecida pelo seu trabalho assistencial com crianças carentes. Ela foi responsável pela inauguração do Educandário Quito Junqueira em 1943.<sup>475</sup> Nessa mesma época, doou uma grande quantidade de dinheiro para a construção de um centro de puericultura, depois nomeada Fundação Maternidade **Sinhá Junqueira**.<sup>476</sup> No antigo palacete onde morava, situado na rua Duque de Caxias, organizou a Biblioteca **Altino Arantes**.<sup>477</sup> No campo das artes, participou da campanha realizada por **Assis Chateaubriand** para aquisição de obras para o Museu de Arte de São Paulo (Masp).<sup>478</sup>

---

<sup>472</sup>Transcrição do testamento de Iria Alves Ferreira. In: CIONE, Op. Cit., 1995.

<sup>473</sup>ROSA, Lilian R. O.; REGISTRO, Tânia C. (Orgs.). **Ruas e caminhos: um passeio pela história de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Editora e Gráfica Padre Feijó, 2007.

<sup>474</sup>PRATES, Prisco C. **Ribeirão Preto e os seus homens progressistas**. Ribeirão Preto: Faz Plast, 1981.

<sup>475</sup>ROSA; REGISTRO (2007).

<sup>476</sup>Idem.

<sup>477</sup>Idem.

<sup>478</sup>Idem.



Ao final da vida, deixou em testamento recursos para inúmeras instituições assistenciais.<sup>479</sup> Faleceu em 26 de novembro de 1954<sup>480</sup>. De seus inúmeros títulos, além de Cidadã Riberãoopretana, Sócia Benemérita do Centro Técnico Mackenzie, e tantos outros, ficou a homenagem do presidente Marechal **Eurico Gaspar Dutra**, que concedeu a ela a Ordem ao Mérito, pelos serviços prestados à comunidade brasileira.<sup>481</sup>

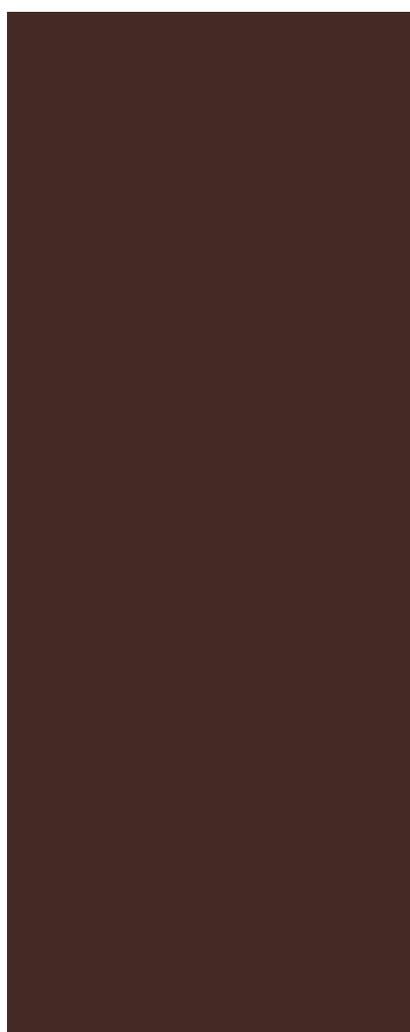
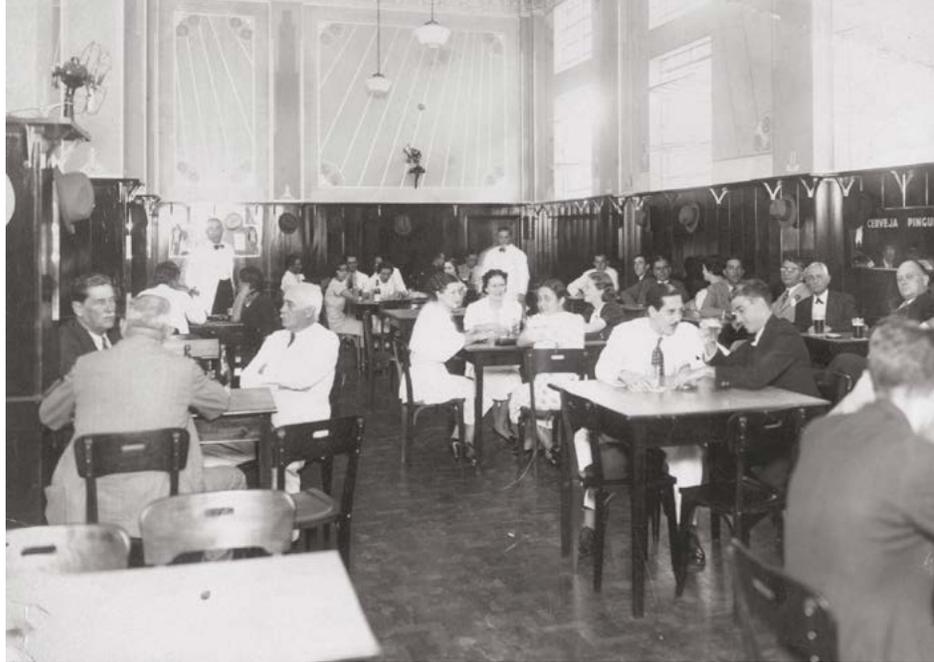
Em terra de homens existiam, também, as Mulheres do Café! Você podem encontrá-las nos livros de História, nos *causos* das fazendas, nos jornais, nos documentos do Arquivo, na memória. Ao grão de café, elas deixam uma referência e a certeza de que sua história continua com aquelas que ainda caminham todos os dias pelas ruas de Ribeirão Preto.

---

<sup>479</sup>PRATES, Op. Cit., 1981.

<sup>480</sup>Idem.

<sup>481</sup>Idem.



## A crise coroa o último rei

*EM SUA CELA MINÚSCULA E ESCURA*, entre uma refeição e outra, esperando que os dias passassem, ficava a cismar, o tuberculoso sérvio **Gavrilo Princip**, sobre a trajetória de sua vida. Lembrava-se dos tempos de estudante pobre e indignado, até seus primeiros contatos com as organizações Mão Negra e Jovem Bósnia. Lembrava-se também que, naquele 28 de junho de 1914, dia de São Vito, estava comendo um sanduíche na pastelaria Moritz Schiller, enquanto se perguntava porque seus colegas não haviam conseguido efetivar o atentado tramado para aquela manhã. Foi quando se deparou com o alvo, a comitiva real que acompanhava o arquiduque **Francisco Ferdinando**, herdeiro do império austro-húngaro e sua esposa Sofia, bem em frente do estabelecimento mencionado. Ficou nervoso e nem pensou direito, mas sabia que não podia perder a oportunidade!

Então, aos 19 anos e sem nem saber atirar, ele disparou contra os dois! De repente, tudo ficou confuso e a sucessão de eventos o trouxera

para aquela cela..., mas, naquele ponto, ele refletia, conjecturava e não conseguia compreender... Eram tão comuns os assassinatos de líderes, naqueles tempos... nos jornais sempre havia uma notícia sobre isso... Como seus disparos, desastrosamente certos, puderam causar uma Guerra Mundial? <sup>482</sup>

E foi exatamente o que aconteceu. Em um processo que percorreu os anos de 1914 e 1918, o conflito deixou um rastro de 6,6 milhões de civis e 8 milhões de soldados mortos, além de 21,2 milhões de feridos. Depois dele, o mundo jamais foi o mesmo! O ser humano descobriu que Jung estava certo: o mal não eram os outros, o mal não eram os *bárbaros da África e da Ásia*, o mal não eram os pobres e deserdados da sorte, o mal podia ser qualquer ser humano quando posto em determinadas situações<sup>483</sup>, A Primeira Guerra comprovou lamentavelmente que o mal estava dentro da humanidade e o verniz de civilização propagado pela *Belle Époque* não sobreviveu às primeiras trincheiras.

A chamada Guerra das Guerras, a que viria acabar com todas as outras, não envolveu os países beligerantes do sistema internacional, apenas. A guerra arrastou em sua trágica lama todos os continentes e acabou chegando ao Brasil.

Aqui, ainda em 1916, o então Presidente **Wenceslau Braz**, em sua mensagem anual, procurava acalmar os cafeicultores.

- Senhores, senhores! Procuremos nos acalmar! Vejam esta questão sob um outro prisma! Olhem, o conflito já conta *com cerca de quinze milhões de combatentes* que têm que se contentar com o café, uma vez que as bebidas alcoólicas estão proibidas! Estão *forçadamente se habituando!* Terminada a guerra eles, os soldados, voltarão aos seus lares e continuarão bebendo e ensinando toda a sua família a consumir o café, pois aprenderão

---

<sup>482</sup>Inspirado na magnífica obra: HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 446 e no artigo *A Confusão que Iniciou a Primeira Guerra Mundial*, disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/26/internacional/1403783382\\_798269.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/26/internacional/1403783382_798269.html)>. Acesso em: 11 abr. 2018. Um livro interessante, que também “toma certas liberdades” com este fato histórico, é: SOARES, Jô. *O homem que matou Getúlio Vargas: biografia de um anarquista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>483</sup>Sobre a discussão do mal em Jung: ABRAMS, Jeremiah; ZWEIG, Connie. *Ao encontro da sombra*. São Paulo: Cultrix, 1998.

que é *muito conveniente ao organismo humano*. Ainda veremos nossas exportações se ampliarem após este trágico conflito!<sup>484</sup>

Mas a ansiedade dos cafeicultores era anterior à Guerra. Desde os primeiros anos do século XX, a produção e, principalmente, os ganhos do setor, no Brasil, sofriam com flutuações causadas por variáveis que iam do cansaço do solo às discussões do congresso norte-americano sobre a manipulação do preço da saca, capitaneada pelo Estado de São Paulo, a fim de garantir a valorização de suas exportações. E tal instabilidade mostrava-se na evolução de nossas exportações. Em 1912, era de 76 milhões de libras; já em 1913, chegou a 70.478.000 e, com o início do conflito mundial, em 1914, chegou a 54.768.000<sup>485</sup>.

Entretanto, uma parte dos agricultores e políticos brasileiros acreditava que a Guerra estava longe de ser uma ameaça. Pelo contrário! Poderia abrir possibilidades de exportação fundamentais! E, de fato, o Brasil aproveitou as oportunidades de exploração de cereais, carnes, manganês, mamona, frutas oleaginosas e açúcar, além do café.

Mas o dia 26 de outubro de 1917 chegou e com ele a notícia do torpedeamento de nosso vapor Macau por um submarino alemão, na região do Cabo de Finnesterra, próximo da Espanha. Havia partido do porto de Santos em 5 de setembro e sua carga levava *forte carregamento de café e cereais consignado ao governo francês* no porto de Havre, quando foi abatido<sup>486</sup>.

Ato contínuo, o Brasil declarou guerra à Alemanha, no dia 27 de outubro de 1917!

E, a partir de então, o contexto foi se complicando... Ao escrever a mensagem de balanço do ano de 1917, o presidente do Estado de São Paulo, **Dr. Altino Arantes**, explicou a todos que a Guerra era, sem dúvida, *a grande perturbadora do comercio cafeeiro paulista e mundial*<sup>487</sup>.

---

<sup>484</sup> TAUNAY, Afonso d'Escagnolle. Op. Cit., 1945, p. 361-362.

<sup>485</sup> Idem, ibidem, p. 357.

<sup>486</sup> Jornal Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ha-100-anos-brasil-entrava-na-1-guerra-mundial,12980,0.htm>>. Acesso em: 11 abr. 2018. Adaptado.

<sup>487</sup> TAUNAY, Afonso d'Escagnolle. Op. Cit., 1945, p. 364.

No ano seguinte, a situação piorou ainda mais. A *campanha submarina* promovida no conflito dificultava o fluxo das exportações brasileiras, notadamente o café, que caiu aos incríveis 31,1% do total de exportações do País! Os coevos diziam que era a maior queda em *mais de oitenta anos!*<sup>488</sup>

E o que já não estava bom, piorou com a geada de junho de 1918! Um horror! Dois dias de geada e a morte de *centenas de milhões de cafeeiros*. Novamente, era **Altino Arantes** quem informava, em mensagem de julho do mesmo ano, ao *Congresso Paulista*, que *havia sido destruída a maior parte dos cafezais de S. Paulo*. E Taunay acrescentou que o mencionado fenômeno havia inutilizado *as plantações de cana, mamona e algodão, arruinando as pastagens destinadas à criação e à engorda do gado*<sup>489</sup>.

Como resposta a tamanho golpe, a lavoura paulista havia se voltado, por certo período, à cultura do algodão, alcançando logo em 1919 excelentes resultados que mitigaram parte dos prejuízos de 1918.

Quem se aproveitou dessa alternativa, enriquecendo ainda mais, foi **Geremia Lunardelli**, o ultimo Rei do Café! Mas voltaremos à sua história mais à frente.

Por ora, importa saber que, além das tradicionais regiões produtoras de café, também Pernambuco e Bahia começaram a participar dessa cultura agrícola<sup>490</sup>.

Mas as variáveis internacionais eram mais complexas do que se imaginava, o que acabou causando uma *depreciação* do preço do café. Com a queda no lucro, se criou um círculo vicioso. O fazendeiro *sacava* do comissário *as quantias necessárias ao custeio da lavoura na safra corrente*. Como moeda de troca aos *adiantamentos*, prometia pagar assim que a colheita fosse vendida<sup>491</sup>.

Assim, o comissário que, até então, tinha por função abastecer as fazendas com toda a quinquilharia indispensável à produção, se transformou progressivamente em uma espécie de financiador ocioso

---

<sup>488</sup>Idem, ibidem,, p. 364.

<sup>489</sup>Idem, ibidem, p. 365.

<sup>490</sup>TAUNAY, Afonso d'Escagnolle. Op. Cit., 1945, p. 370.

<sup>491</sup>Idem, ibidem, p. 376.

para sua ampla clientela. Este, por sua vez, utilizava os serviços dos bancos para descontar seu capital e repor *os saques dos fazendeiros para acréscimos das lavouras* <sup>492</sup>.

Que coisa maçante, não? Mas, espere, esses detalhes áridos serão de importância capital, quando irromper a crise da Bolsa, nos Estados Unidos!

Aguarde e continue observando um pouco mais....

Voltando!

Por sua vez, *os bancos de depósito e descontos, cuja função principal consistia em receber dinheiro dos capitalistas a juros módicos, para, ganhando nas diferenças, emprestá-lo a juros mais altos ao comerciante, não operavam só com o capital próprio, geralmente pequeno. Trabalhavam, principalmente, com os depósitos dos correntistas* <sup>493</sup>.

Era um circuito fechado e azeitado e tudo parecia correr bem. Parecia... Ao menor solavanco do processo, como uma safra menor, ou uma oscilação na exportação e *toda essa engrenagem estremecia, claudicava*.

E, no pós-Guerra, era exatamente o que estava acontecendo. Solavancos e variáveis inesperadas passaram a ser recorrentes! Tão recorrentes que levaram não só o Brasil, mas todos os países capitalistas de então à bancarrota. E o foco inicial da crise foi o grande comprador de nosso café: os Estados Unidos da América!

Quando se observa a situação desse país no pós-Primeira Guerra Mundial, nada levava a pensar que eles estavam perto de um naufrágio que carregaria todos os demais países no “abraço do afogado” para uma situação de profundas depressões produtiva, financeira, social e política. Tão grave que ainda hoje é considerada por muitos como uma das causas para a Segunda Guerra Mundial.

Por que era difícil imaginar? Porque, ao fim da Primeira Guerra, o parque industrial norte-americano não havia sido destruído, tanto que, em 1929, respondiam por mais de 42% da produção mundial total! Além disso,

---

<sup>492</sup>Idem, ibidem, p. 376.

<sup>493</sup>Idem, ibidem, 1945, p. 376.

era o maior credor mundial, ou seja, muitos países deviam aos Estados Unidos da América!<sup>494</sup>

Parece que se navegava em *céu de brigadeiro*, não?

Contudo, se mudarmos a lente, entenderemos que havia muita inconsistência no mundo capitalista de então e, em especial, no grande baluarte daquele modelo de economia<sup>495</sup>. Os entendidos dessa área explicam que o mercado corria livre e solto, acreditando na lei de oferta e demanda sem qualquer regulação. Além disso, muita gente ganhava muito, mas muito dinheiro mesmo, sem necessariamente produzir, o nome bonito para isso é *febre especulativa*. Isso começou a produzir uma contração monetária associada ao superinvestimento em vários setores produtivos<sup>496</sup>.

Mas, sabe como é... fim de Guerra, países em reconstrução e muita desigualdade de renda, tanto dentro dos Estados Unidos como fora. Resultado: pouco consumo.

A consequência foi um solavanco tão forte, em 24 de outubro de 1929, que atingiu tanto a massa de trabalhadores preocupada com seu sustento cotidiano, quanto os empresários tomadores de decisão.

Para que se tenha uma ideia, o Produto Interno Bruto (PIB) norte-americano caiu de US\$ 103,7 bilhões, em 1929, para US\$ 56,4 bilhões, em 1932.<sup>497</sup> Além disso, a produção industrial dos Estados Unidos caiu quase

---

<sup>494</sup>HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.101.

<sup>495</sup>HOBBSAWM, Eric. Política extrema. *New Left Review*. **Folha de S. Paulo**, 18 abr. 2010. Disponível em: <[http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.04. Entrevista\\_para\\_New\\_Left\\_Review.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.04. Entrevista_para_New_Left_Review.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2012. DECCA, Edgar de. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981. SUZIGAN, Wilson. Notas sobre desenvolvimento industrial e política econômica no Brasil da década de 30. *Revista de Economia Política*, v. 4, n. 1, jan./mar. 1984. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/13-9.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012. VERSIANI, Flavio Rabelo. Industrialização: a década de 20 e a depressão. *Pesq. Plan. Econ.*, Rio de Janeiro, 14(1), p. 59 a 94, abr. 1984. Disponível em: <<http://www.ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/view/343>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

<sup>496</sup>BUENO, Eduardo Urbanski. *Paradigmas técnico-econômicos, pactos de elites e o sistema monetário internacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21407/000736598.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

<sup>497</sup>MAZZUCHELLI, Frederico. A crise em perspectiva: 1929 e 2008. *Novos estud. - Cebrap*, São Paulo, n. 82, nov. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002008000300003>>. Acesso em: 20 jun. 2012, p. 61.

um terço e a taxa de desemprego americana subiu de cerca de 3% para quase 27%. Taxa que não ficava melhor em outros países. Na Inglaterra, passou a ser de 23%; na Suécia, 24%; na Dinamarca, 32%; e, na Alemanha, 44%<sup>498</sup>.

Você pode imaginar a tragédia? Sem emprego, sem consumo. E, sem consumo, sem produção. *A imagem predominante na época era a das filas de sopa, de 'Marchas de Fome' saindo de comunidades industriais sem fumaça nas chaminés onde nenhum aço ou navio era feito convergindo para as capitais das cidades, para denunciar aqueles que julgavam responsáveis.* Um circuito maldito formou-se afetando milhões de pessoas no mundo, gerando suicídios, aumento da taxa de criminalidade e prostituição, famílias se desorganizando e a sociedade mundial em profundo caos<sup>499</sup>.

E nós?

Era 29 de abril de 1930, e o jornal o *Estado de S. Paulo* apresentou um relatório do Banco do Brasil sobre os efeitos da tão falada Crise de 1929. Crise estrangeira, começada nas bolsas de valores de Nova Iorque, que chegou ao Brasil em um instante, fazendo despencar os preços das sacas de café.

A queda de preços foi, feito rastilho de pólvora, devastando as economias, em especial a dos países que dependiam da exportação de produtos primários, como o Brasil. À época, 75% de nossas exportações estava alocada no café.

A primeira trava dessa corrente bateu na relação entre os fazendeiros, comissários de café e os bancos. Ninguém fazia fiado mais!

Para que se tenha uma noção, em 1928, realizou-se um levantamento de qual era o universo de café plantado no mundo todo e o montante chegou a 3.366.866.774 pés. Desses, cerca de 1.180.083.000 de *lavouras velhas* e 133.850.000 de *plantações novas* se localizavam no Estado de São Paulo<sup>500</sup>.

Com a restrição sofrida por nossa exportação, conseqüentemente, as receitas públicas declinaram, uma vez que dependiam em muito das tarifas alfandegárias. O resultado imediato foi a diminuição do *nível de*

---

<sup>498</sup>HOBSBAWM, Eric. Op. Cit., 1995.

<sup>499</sup>HOBSBAWM, Eric. Ibidem, p. 98.

<sup>500</sup>TAUNAY, Afonso d'Escagnolle. Op. Cit., 1945, p. 422

*atividades* e a desvalorização de nossa moeda, o que tornou os produtos importados, grande parte do que usávamos em nosso cotidiano, excessivamente caros!<sup>501</sup>

O Estadão, como é conhecido, foi sucinto. A praça de Santos estava em pânico com a queda dos preços do café. O Banco do Brasil, sob ordem do Presidente da República, foi em seu socorro, emprestando uma quantia que chegou a 158 mil contos de réis<sup>502</sup>. A crise atingiu os cais do porto cafeeiro, mas será que teria chegado à boca do sertão paulista, tão longe dali?

Um pouco antes da publicação da dita notícia, em 15 de janeiro de 1930, o **Sr. Joaquim Camillo de Matos**, então prefeito de Ribeirão Preto, apresentou um relatório à população da cidade. O assunto do momento não podia ser outro. Era a crise. A preocupação, contudo, não era com dívidas, ou todos os outros problemas pelos quais Santos passava. A crise estava atrasando o progresso da cidade. Como diria o prefeito:

*- Ribeirão Preto, que é incontestavelmente, uma das mais bella e ricas cidades do Estado de São Paulo, não poude escapar aos efeitos da grande crise que perpassa todos os paizes. Ribeirão Preto, centro de grandes negócios, a capital do café, deveria soffrer como soffre, alterações na sua vida econômica, alterações estas que acarretam a paralyzação do seu vertiginoso progresso, diminuíram os serviços de embelezamento e se reflectiram, principalmente, nas finanças municipaes, na parte relativa a arrecadação*<sup>503</sup>.

Os problemas pelos quais a cidade passava eram anteriores à crise. Antes de 1929, a produção de Ribeirão Preto já concorria com cidades como Jaú e Pirajuí. Na década de 1920, a tendência de produção cafeeira havia sido de declínio<sup>504</sup>. Porém, por mais que, no final da década, o município tivesse

---

<sup>501</sup>FRITSCH, Winston. 1922: a crise econômica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.6, n. 11, 1993, p.3-8. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1947>>. Acesso em: 20 jun. 2012, p. 6.

<sup>502</sup>ACERVO ESTADÃO. O Estado de S. Paulo: páginas da edição de 29 de abril de 1930, p. 13. 2018. Disponível em: < <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19300429-18532-nac-0013-999-13-not/busca/crise+1929>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

<sup>503</sup>Relatório do Prefeito Camillo de Matos. 1930. In: FARIA, Rodrigo S. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, da beleza e disciplina**. Dissertação (Mestrado em História)- Campinas: Unicamp, 2003.

<sup>504</sup>MARCONDES, Renato L. O café em Ribeirão Preto (1890-1940). In: \_\_\_\_\_; REGISTRO, T.; GUAZELLI, A. **Ribeirão Preto: a cidade como fonte de pesquisa**. São Paulo: Prefeitura do Campus da USP, 2016. p. 71-95.

visto a queda de suas safras, a cafeicultura ainda se constituía como a sua principal atividade econômica<sup>505</sup>.

Apesar de todos os problemas econômicos que assolavam Ribeirão Preto, o café estava em seu auge, na cidade<sup>506</sup>. Nesse contexto, uma das indústrias mais renomadas da cidade, a Cervejaria Paulista, dava continuidade ao seu projeto de construir um teatro de ópera e um edifício com escritórios na rua Álvares Cabral, entre as ruas Duque de Caxias e General Osório. Filho do café, nascido na crise, surgia então o Quarteirão Paulista.

O presidente da Companhia Paulista, o **Dr. João Alves Meira Júnior**, comentava que a construção do Quarteirão Paulista era um agradecimento da empresa à cidade de Ribeirão Preto<sup>507</sup>. O dinheiro da cerveja, que também era do café, entregaria à Capital do Oeste mais atividades culturais para o seu entretenimento, com a inauguração do Theatro Pedro II e do edifício Meira Júnior, em 1930.

O Quarteirão Paulista foi projeto do engenheiro-arquiteto **Hyppolito Pujol**<sup>508</sup>. Durante o processo, em particular do Theatro Pedro II, conta-se que Pujol acrescentou e retirou diversas obras sem comunicar à Companhia Paulista, o que gerou muitos desentendimentos entre os dois.

Depois de tantos conflitos, em 18 de junho de 1930, o **Dr. Pujol** declarou que não mais voltaria a Ribeirão Preto enquanto as obras, até então inacabadas, fossem dadas como concluídas<sup>509</sup>. Depois desse episódio, a Companhia Paulista se tornou a responsável pela finalização da obra do Quarteirão Paulista.

Mesmo tendo custado mais caro do que o previsto, devido ao fato de **Pujol** gastar mais do que estava combinando no orçamento inicial, o Theatro Pedro II e o edifício Meira Júnior foram inaugurados em 8 de outubro de 1930. Para a especial inauguração, várias companhias de ópera tinham sido convidadas a participar, mas eram tempos difíceis. A instabilidade trazida

---

<sup>505</sup>Idem.

<sup>506</sup>SUNEGA, Renata A. **Quarteirão paulista: um conjunto harmônico de edifícios monumentais**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. Coleção Identidades Culturais.

<sup>507</sup>Idem.

<sup>508</sup>Idem.

<sup>509</sup>Idem.

pelas crises econômica e política que o País vivenciava, e com o abalo da própria economia cafeeira, fez com que nenhuma delas aceitasse o convite<sup>510</sup>.

Então, exibiram o filme *Alvorada do Amor* e, antes disso, um grupo de professores, sob a regência do maestro **Ignacio Stabile**, apresentou alguns números de música.<sup>511</sup>

Alguns dias depois, em 24 de outubro, o País sofreu mais um solavanco. **Washington Luís** e o modelo da República do Café com Leite não sobreviveram aos desgastes da década de 1920 e assim culminou com a Crise de 1929. O novo presidente eleito, **Júlio Prestes**, nem chegou a assumir, atropelado que foi pelo processo que passou a ser reconhecido como a Revolução de 1930, responsável pela ascensão de **Getúlio Vargas** e de uma diferente forma de governar e conduzir os destinos do País.

As elites nacionais buscavam outros rumos e, como Ribeirão Preto, procuravam não submergir ao desespero da crise. Espiando um pouco mais de perto, com a distância privilegiada que o tempo permite, notamos que nem todos sucumbiram. Alguns vislumbraram brechas transformadas em oportunidades.

Foi o que aconteceu com o último Rei do Café, que não gostava de títulos, mas que reinou pleno nos últimos anos do auge da frutinha etíope do começo desta história...

## O rei vira música

A moderna sociedade ribeirão-pretana dos anos 1950 encontrava-se no Bar e Restaurante Pinguim. Inaugurado na parte térrea do Edifício Diederichsen, em meados dos anos 1930, o bar ficou conhecido pelo requinte e a qualidade do chope. Bem ao lado, ficava a Deliciosa - Frutas Finas e outros estabelecimentos, que garantiam o consumo da *crème de la crème* de Ribeirão Preto. A esquina da rua General Osório com a Alvarez Cabral tornou-se local de encontro e o coração da cidade.

---

<sup>510</sup>Idem.

<sup>511</sup>Idem.

Movimento na esquina da praça XV de Novembro era o que não faltava. Especialmente naquela noite, quando o *champanhe* corria a rodo. Todas as mesas do Pinguim estavam ocupadas pela alta grã-finagem da cidade. Havia festa em homenagem ao último Rei do Café do Brasil, **Geremia Lunardelli**. Era preciso aproveitar sua estadia, já que o ilustre cafeicultor vinha pouco ao município. Desde 1922, ele vivia com a família em um elegante palacete de um bairro nobre de São Paulo. Com negócios em várias regiões do Brasil e do exterior, tornara-se uma pessoa com a agenda sempre muito ocupada.

No meio da festa, quando os brindes se erguiam para saldar o convidado, os presentes estatelaram, ao verem entrar um homem, com roupas de peão. Seu aspecto era de quem vinha de longe, trazendo na testa o pó da viagem. Tirou o chapéu, recostou-se no balcão e chamou o garçom.

- *Me traga uma pinga para rebater a friagem!* - Pediu.

Apressado em atender o cliente, o *barman*, vestido com paletó branco e gravata borboleta, serviu uma dose de cachaça ao recém-chegado.

Do outro lado do bar, levantou-se um homem bem vestido, desses que aparentam sempre fino trato e são chamados popularmente de “almofadinhas”. Altivo, bradou:

- *Companheiros! Eu tenho má-fé, quando um caboclo que não se enxerga, vem em um lugar desses pôr os pés.* - Disse ao dono do bar.

E continuou...

- *O senhor, que é o proprietário, devia barrar a entrada de um “qualquer”. Principalmente nessa ocasião, em que está presente o Rei do Café.*

Concluiu a sentença confiante, aclamado por uma salva de palmas. No salão, os presentes ergueram-se e gritaram *vivas* para o fazendeiro. Animado pelo apoio da plateia, o janota continuou:

- *Quem tem milhões de pés de cafés, por este rico chão brasileiro?* - Perguntou aos presentes.

- *Sua safra é uma potência, em nosso mercado e no estrangeiro. Portanto, vejam, meus caros, que este ambiente, não é para qualquer tipo rampeiro!* - Finalizou.

Ainda recostado no balcão, o peão ergueu o rosto. Então, com um modo cortês, respondeu à provocação.

- *Essa riqueza não me assusta!* - Retrucou.

- *Topo em aposta qualquer parada. Cada pé desse café eu amarro um boi da minha invernada e, para encerrar o assunto, eu garanto: ainda me sobra uma boiada!*

Fez-se um silêncio profundo no bar. O peão ergueu-se calmamente. Tirou do bolso um bolo de dinheiro amassado e sujo, do qual separou uma nota de mil cruzeiros e deu ao garçom.

- *Guarde o trocado.* - Falou, deixando o povo pasmado.

Colocou o chapéu e, saindo pela porta da frente, finalmente se apresentou.

- *Quem quiser meu endereço, que não se faça de arrogado. É só chegar lá em Andradina e perguntar pelo Rei do Gado.* - Finalizou **Antonio Joaquim de Moura Andrade**, homem mais poderoso daquelas bandas e conhecido pela fortuna feita com a criação de bovinos.

Essa história, de fato, não aconteceu. É, na verdade, parte da letra da música composta por **Teddy Vieira** e virou sucesso nas vozes de **José Dias Núnes** e **Antônio Henrique de Lima**, o **Tião Carreiro** e **Pardinho**.

A dupla conheceu-se em um circo, em Pirajuí, no interior paulista, em 1954. Dois anos depois, conheceram **Teddy**. O primeiro disco gravado por eles é de 1956<sup>512</sup>. O disco **Rei do Gado** foi lançado em 1961, e se transformou em sucesso. Ficaram famosos por retratar a vida no campo e as transformações pelas quais passavam o meio rural e aqueles que nele viviam.

O músico **Nego Viana** contou para um jornal que, em meados do século XX, encontrou a dupla sertaneja em um hotel, em São José do Rio Preto. Os cantores, e o compositor que estava com eles, testavam uma nova música, inspirada em **Geremia Lunardelli**, o **Rei do Café**. Mas não sabiam quem poderia representar o **Rei do Gado**, que seria a última estrofe da

---

<sup>512</sup>TIÃO Carreiro. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa531172/tiao-carreiro>>. Acesso em: 4 abr. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

letra. Foi quando **Nego Viana** falou sobre **Moura Andrade**, fundador dos municípios de Andradina, em 1937, e Nova Andradina, em 1958. Com essa dica, **Tião Carreiro** e **Pardinho** já tinha o elemento que faltava para montar o duelo de reis. Essa é uma versão pouco conhecida e que nunca foi confirmada pela dupla sertaneja<sup>513</sup>.

O encontro frente a frente do Rei do Gado, de Andradina, e o Rei do Café, de Ribeirão Preto, no Pinguim, pode até ser uma ficção. Mas é também uma metáfora das transformações pelas quais o Brasil passava, entre os anos de 1930 e 1960. O processo, iniciado com a grande crise de 1929, ainda mostrava os seus efeitos. Fazendas de café foram vendidas e desmembradas, cafeeiros vinham sendo progressivamente erradicados, propriedades menores surgiam e a criação de gado e o cultivo de vários gêneros alimentícios tomavam espaços antes dedicados ao café. A indústria tornava-se a grande força econômica do País.

No campo, as plantações de algodão espalhavam-se pela terra vermelha do nordeste do estado de São Paulo. Impulsionada pela crise e a diminuição das plantações de café, bem como pela industrialização, em especial a indústria têxtil, a coticultura ganhava cada vez mais espaço<sup>514</sup>. Desde 1935, estava na cidade a Indústrias Matarazzo. Instalada inicialmente na rua José Bonifácio, fabricava óleo do caroço de algodão e, mais tarde, passou a fazer tecido, com uma grande fábrica instalada no bairro Campos Elíseos.

Ribeirão Preto ainda era conhecida como a capital do café. Mas era um reino sem um rei. Um dos maiores plantadores do grão, **Geremia Lunardelli**, não morava mais no município e seus arredores. Viviam em São Paulo e tinha terras por vários estados brasileiros e, também, no Paraguai.

Nascido em 20 de agosto de 1885, em Mansuê-Treviso-Itália, era filho de **Nicolò Lunardelli** e **Luigia Miotto**. O bambino tinha cerca de um ano quando sua família desembarcou em Santos<sup>515</sup>. A família logo foi

---

<sup>513</sup>VICENTE, Fernanda. Entrevista concedida por Nego Viana, em 1991, e reproduzida pela Folha da Região, em 2001. Araçatuba, 7 de outubro de 2001. Andradina. Disponível em: <<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/2001/10/07/cida04.php>>. Acesso em: 1º abr. 2018.

<sup>514</sup>COELHO, Alexandre Bragança. *A cultura do algodão e a questão da integração entre preços internos e externos*. Dissertação (Mestrado)- São Paulo: FEA-USP, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/lilian/Downloads/Tesecompleta.pdf>.

<sup>515</sup>GIOVANNETT, L. V. *O rei do café*. São Paulo, 1951.

encaminhada para trabalhar na Fazenda Boa Vista, em Corumbateí, em Rio Claro. Dois anos depois, o pai faleceu e a mãe contraiu novas nupcias<sup>516</sup>.

Contudo, os **Lunardellis** mantiveram o sonho de fazer a 'Mérica', juntando dinheiro para comprar sua própria terrinha. Com as economias da família, iniciaram uma plantação de cebolas, em Jundiá. Mais tarde, tentaram produzir carvão vegetal, em São Bernardo. Foi quando receberam uma proposta para trabalhar em uma fazenda, em Sertãozinho, município vizinho a Ribeirão Preto.

O trabalho era duro para um adolescente recém-saído da infância. Mas **Geremia** não escolhia trabalho. Lavrou terra para plantar café e foi carroceiro. Juntou dinheiro e começou a negociar leitões. Depois de negociar uma novilha, amealhou oito contos de réis. À noite, depois da labuta diária, aprendia a ler e escrever, sem nunca perder seu jeito italiano de falar, usando sempre expressões vênetas em suas frases<sup>517</sup>.

Finalmente era a hora de realizar o sonho de comprar um pequeno sítio<sup>518</sup>. A propriedade, adquirida em sociedade com seu padrasto, **Miotto**, e com a família **Modolo**, já possuía 50 mil pés de café e um engenho de cana. Logo os desentendimentos vieram, provocando o fim da parceria. **Lunardelli** ficou com uma parte do sítio, em sociedade com seu irmão<sup>519</sup>, **Ricardo**, e com o direito de usar o engenho de cana durante oito dias por mês<sup>520</sup>.

Os acordos com a casa comissionária Bezerra Paz, em Santos, e o empenho dos irmãos fizeram o empreendimento progredir. Logo, estavam com uma pequena fazenda no município de Chavantes. Mas o prejuízo provocado pela

---

<sup>516</sup>MARTINS, Araguaya F. **O rei do café**. O café nos livros. A rural. São Paulo. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/123456789/8969/SEM%20AUTOR.%20O%20rei%20do%20cafe.%20p.%2014.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 1o abr. 2018.

<sup>517</sup>GIOVANNETT, L. V. Op. cit. 1951.

<sup>518</sup>CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. Andiamo in 'Mérica'. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

<sup>519</sup>GIOVANNETT, L. V. Op. cit. 1951.

<sup>520</sup>MORENO, Ariane Angélica. **Trajetória das famílias do oeste paulista que expandiram seus negócios para a Amazônia**: a família Lunardelli no norte do Paraná e sul do Pará. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2012. Disponível em: <<http://www.ppgdstu.prosp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ariane%20Ang%C3%A9lica%20Moreno.pdf>>. Acesso em: 1o abr. 2018.

falência da casa comissionária daria outro trajeto a esta história. A fazenda foi vendida, restando-lhe o sítio e uma máquina de beneficiar café<sup>521</sup>.

Nessa época, atuou como conselheiro dos colonos italianos em seus pequenos negócios com as grandes firmas de Santos. Era uma espécie de mediador e procurador na aquisição ou venda de propriedades<sup>522</sup>. As pessoas procuravam Geremia para beneficiar café e para vender o produto. Até mesmo para proteção, recorriam a Lunardelli. Entre 1915 e 1916, ele vendeu a sua beneficiadora. Sua intenção era se dedicar ao que mais amava: a produção de café<sup>523</sup>.

Nessa época, recebeu um convite para conhecer Olímpia, para onde se mudou e comprou um sítio com 35 mil pés de café e a Fazenda Pau d'Alho. Decidido a se estabelecer na cidade, casou-se e construiu uma residência<sup>524</sup>.

Geremia plantou milho, arroz, algodão e, é claro, café. Até que se abateu sobre São Paulo o inverno de 1918, o mais intenso da história do estado. A manhã de 25 de junho amanheceu branca, com temperaturas de -3° C na capital.

- *Caiu neve na capital!* - Diziam os jornais.

Neve? Não, era uma geada como nunca havia sido vista. Nos dias seguintes, o frio se repetiu, com temperaturas entre 1° e 2°C. Os depósitos de água amanheceram congelados.

No interior do estado, a geada arrasou diversas lavouras de café, cana, algodão e mamona. Uma fina camada de gelo cobria as plantações de café em várias regiões, “tostando” suas folhas. O jornal *O Estado de S. Paulo*, de 29 de junho, registrou a situação que se instalou no campo.

*Segundo o testemunho de pessoas insuspeitas, que temos ouvido, reina o verdadeiro pânico entre os lavradores, sem exclusão da maior parte dos grandes lavradores de café, cujas condições de prosperidade não lhes puderam evitar um considerável abalo, tão grande foi o desastre*<sup>525</sup>.

---

<sup>521</sup>MORENO, A. A. Op. cit., 2012.

<sup>522</sup>CENNI, Franco Op. cit. 2003.

<sup>523</sup>MORENO, A. A. Op. Cit., 2012.

<sup>524</sup>Idem.

<sup>525</sup>Jornal *O Estado de S. Paulo*, 29 jun. 1918. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,sao-paulo-congelou-em-1918,9168,0.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Os preços do café despencaram. **Geremia** quase foi à falência, precisando adquirir crédito nas casas comissionárias de café<sup>526</sup>. Ousado, usou os empréstimos para adquirir a fazenda Sivirínia.

- *Os preços do café vão subir!* - Insistia **Lunardelli**.

E subiram mesmo, levando para o alto a fortuna do italiano do Vêneto, que não parou de adquirir novas fazendas, a partir de então<sup>527</sup>.

Nesse meio tempo, dedicou-se à política, tornando-se prefeito de Olímpia, entre 1920 e 1922, e presidente da Câmara Municipal. Com seu próprio dinheiro, ele construiu a Praça Altino Arantes e os prédios da prefeitura e da câmara, doando posteriormente ao município.

Em 1922, mudou-se para São Paulo, e foi morar em um palacete, com a família, na nobre região próxima à avenida Paulista.

Sua fortuna só fazia crescer. Em 1927, **Geremia Lunardelli** tornara-se um dos maiores produtores de café do Brasil, recebendo o título que antes era de **Francisco Schmidt**: Rei do Café.

Continuou investindo em terras<sup>528</sup>. Principalmente depois da crise de 1929, comprou terras baratas, conseguindo mais financiamento. Com dinheiro em mãos, adquiriu novas fazendas para criação de gado e iniciou o cultivo de um novo capim: o colonion. Nessa fase, seus negócios concentravam-se nas zonas da Noroeste e da Alta Paulista<sup>529</sup>.

Iniciando o avanço dos seus negócios para a nova fronteira agrícola do País, o estado do Paraná, **Lunardelli** formou sua primeira fazenda na região, em 1938, na atual cidade de Bela Vista do Paraíso, a 42 quilômetros de Londrina. Um ano depois, a Fazenda Cascata já estava com 30 mil pés de café<sup>530</sup>. Ele se transformaria no maior produtor deste estado.

---

<sup>526</sup>MORENO, Op. cit., 2012.

<sup>527</sup>Idem.

<sup>528</sup>Segundo o jornal Cana, de 6 jan. 2009. Apud RIBEIRO, Tatiana Ferri; PEREIRA, Josiane; POSTALI, Valéria Barreiro. A (re) construção do processo de formação e evolução de Iretama (PR) através da história oral. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/anais/ii\\_seurb/documentos/ribeiro-tatiana-ferri.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/ribeiro-tatiana-ferri.pdf)>.

<sup>529</sup>MORENO, A. A., Op. cit., 2012.

<sup>530</sup>Idem.

No final dos anos 1940, a região de Londrina era um foco da fronteira agrícola. As pessoas movimentavam-se à procura de compradores de terras. Os corretores, com seus jipes, buscavam compradores em São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. **Geremia** tinha grandes loteamentos de sítios e fazendas em Campo Mourão, São Pedro do Ivaí, Marumbí, Corumbataí, Reserva, Cândido de Abreu, Manoel Ribas e muitos outros lugares. As terras devolutas do Estado do Paraná eram compradas a preço muito baixo<sup>531</sup>.

Era comum ocorrerem brigas de pessoas que viviam nas glebas de terra em decorrência da invasão de posseiros. Certa vez, a empresa do italiano ordenou a expulsão de um posseiro das terras de uma gleba em Corumbataí. O funcionário não sabia como executar a ordem. Passou, então, a visitar o posseiro com frequência, chegando a ser convidado para padrinho de um dos seus filhos. Sem coragem de executar a expulsão do compadre, ele lhe disse que pediria as contas e iria embora<sup>532</sup>.

- *Por que o senhor quer ir embora?* - Perguntou o posseiro.

- *Olha compadre, o senhor **Geremia Lunardelli** pediu que o senhor saísse das terras dele. Como eu não quero que o senhor saia, eu vou embora e o senhor fica aqui.* - Disse **Mário Guides**, funcionário da empresa.

- *Não compadre. Quem vai sair daqui sou eu. Estimo muito o senhor e não quero que saia por minha causa*<sup>533</sup>.

**Geremia** e seus empreendimentos deixaram marcas por onde passou. No Paraná, na região do vale do Ivaí, atual município Lunardelli, era sertão bruto até 1943, quando começou a receber os primeiros desbravadores. A área de terra era composta pelas glebas pertencentes a ele, que iniciou, em 1952, a formação da fazenda Gema<sup>534</sup>.

Ele não parava de expandir seus negócios. Plantou café em Goiás<sup>535</sup>

---

<sup>531</sup>ORQUIZA, José. Aconteceu no mês de abril de 1949. Disponível em: <<http://www.joseorquiza.com.br/aconteceu-no-mes-de-abril-de-1949.asp>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>532</sup>Idem.

<sup>533</sup>Idem.

<sup>534</sup>LUNARDELLI. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/lunardelli.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>535</sup>Religiosidade popular. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/RELIGIOSIDADE-POPULAR-E-A-C3%87%C3%83O-MISSION%C3%81RIA.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

e Mato Grosso. Chegou a ter fazendas em oito municípios do Paraná e seis municípios de São Paulo, com milhões de pés de café. Para conseguir fiscalizar todas as suas propriedades, ele lançou mão da modernidade, “seu cavalo era o avião”.

Rico, famoso e respeitado, **Lunardelli** não deixou de se orgulhar de trabalhar com a terra. Certa feita, disse a **Rochfeller**:

- *Nós, paulistas, somos agricultores tão bons quanto os melhores americanos*<sup>536</sup>.

Os anos 1950 assistiram ao ápice da sua fortuna. Nessa época, tinha 15 milhões de pés de café em plena produção, na região de Sertãozinho, próximo a Ribeirão Preto, além do que tinha em outras regiões<sup>537</sup>. Seu prestígio estendia-se ao exterior. Em 1946, rejeitou o título de marquês, oferecido pela Santa Sé. E não era a primeira vez que negava uma deferência. Em 1928, não aceitou um título de conde, oferecido pelo rei da Itália<sup>538</sup>.

Com sua riqueza, começou a circular entre a elite paulistana, tornando-se atuante nos círculos sociais. A pedido de **Assis Chateaubriand**, tornou-se um importante doador de obras de arte para o Museu de Arte de São Paulo (Masp), entre 1947 e 1953: **Edgar Degas**, em 1952; **Henri de Toulouse-Lautrec**, em 1952; **Pierre-Auguste Renoir**, em 1948. Com **Sinhá Junqueira** e outros, **Lunardelli** foi quem mais contribuiu com doações para o Masp. Entre os investidores, somente ele e **Sinhá Junqueira** tinham seu patrimônio investido na cafeicultura<sup>539</sup>. Sinal dos tempos. A riqueza, no Brasil, mudava para as mãos dos industriais. Mas não a fortuna de **Geremia**, que continuava brotando da terra de onde nascia o café.

---

<sup>536</sup>CENNI, Op. cit., 2003, p. 229

<sup>537</sup>COSTA, Francisco M. da. **Lunardellis não querem ser Berdinazzis**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/28/tv\\_folha/11.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/28/tv_folha/11.html)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>538</sup>BERNARDI, Ginaldo. **Geremia Lunardelli. Um pouco de história**. 2017. Disponível em: <<http://cimitan.blogspot.com.br/2017/01/geremia-lunardelli-um-pouco-de-historia.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

<sup>539</sup>MOURA, L. **Mecenato: atores, objetos e práticas**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação do Brasil, Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2012. Disponível: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10132/mecenato%20atores%20objetos%20e%20praticas.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Com seu lema, “trabalho e honra”, manifestou, ao longo de sua vida, o desalento de acreditar que os industriais e os homens do governo não compreendiam a terra e quem nela trabalha.

Para o agricultor, que faleceu de enfarte em 9 de maio de 1962, com 76 anos, deixando a viúva **Albina Furlanetto Lunardelli**, nove filhos e 36 netos<sup>540</sup>, ficava que,

*- O amor pela terra devia ser posto à prova no trabalho sobre a terra*<sup>541</sup>.

Sua vida traduzia-se pelo amor à terra de onde brotava o café. Talvez, se tivesse realmente encontrado seu colega de Andradina, teria respondido, orgulhoso, como na música *Rei do Café*, de **Teddy Vieira e Carreirinho**:

*- Quando eu vejo um cafezal e um poeirão de uma boiada. Me orgulho de ser imigrante nessa terra abençoada. Deixe de apostar amigo, não queira dar um passo errado. Vamos lutar ombro a ombro por este solo abençoado. Apesar de eu ser estrangeiro, nele eu quero ser enterrado. Onde brota o ouro verde, nosso café afamado. Que dá glórias para o Brasil, além da fronteira para o outro lado*<sup>542</sup>.

Estrangeiros, brasileiros, cafeicultores, criadores de gado, lavradores, escravos, homens e mulheres fizeram parte da força que esculpiu o nordeste do estado de São Paulo. Hoje, Ribeirão Preto é a capital da região metropolitana e segue para o ramo da prestação de serviços, sem perder o seu DNA: o agronegócio. Esse ainda é parte fundamental da sua identidade. As pessoas que nesse chão trabalharam, fizeram crescer não apenas riquezas, mas toda uma história.

---

<sup>540</sup>Morre o rei do café: 76 anos. 11 maio 2002. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/opiniao/morre-o-rei-do-cafe-76-anos-395387.html>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

<sup>541</sup>BERNARDI, Op. cit., 2017.

<sup>542</sup>VIEIRA, Teddy; CARREIRINHO. *Rei do café*. Moda de viola composta por Teddy Vieira e Carreirinho, lançada em 1959.



# O café vira história

*O CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO EM RIBEIRÃO PRETO*, abre as portas para seus alunos, funcionários e visitantes nas últimas seis décadas. Localizada na área anteriormente ocupada pela Fazenda Monte Alegre, a USP deu seus primeiros passos naquela antiga propriedade, em 1948, quando foi sancionada a criação de um curso de Medicina<sup>543</sup>.

A transição de uma fazenda cafeeira para um *campus* universitário ocorrera anos antes. Com o falecimento de **Francisco Schmidt**, em 1924, a Monte Alegre foi herdada por **Jacob**, seu filho mais velho<sup>544</sup>. Nos anos seguintes, a propriedade entraria em decadência, acabando por ser vendida

---

<sup>543</sup>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Da fazenda de café a centro de excelência em ensino e pesquisa*. 2018. Disponível em: <[http://ribeirao.usp.br/?page\\_id=3540](http://ribeirao.usp.br/?page_id=3540)>. Acesso em: 2 abr. 2018.

<sup>544</sup>FORNER, L. A. **Francisco Schmidt: o colono que se tornou o Rei do Café (1890-1924)**. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

para **João Marchesi**, que passou a residir com a família na bela sede, construída no final do século XIX. Em 1941, apenas um ano depois, a fazenda mudou novamente de mãos. O governador **Fernando Costa** requisitou a propriedade para fundar a Escola Prática de Agricultura Getúlio Vargas<sup>545</sup>. A casa de **Schmidt** foi transformada em área administrativa e em salas de aula.

Com a desativação da Escola, o governo do Estado cedeu a casa-sede e 17 mil metros quadrados do seu entorno para abrigar o Museu Municipal. O restante da área foi doado para a USP, em 1952<sup>546</sup>.

Utilizando alguns dos prédios construídos pela Escola de Agricultura, a USP foi aos poucos instalando várias outras faculdades, que passariam a conviver lado a lado com o passado. Monte Alegre, antes fazenda, agora universidade, também hoje abrigava o Museu do Café **Francisco Schmidt** e o Museu Histórico e de Ordem Geral **Plínio Travassos dos Santos**.

Quem segue pela via do Café, antigo caminho do trem, e entra na área interna da USP, olha para o seu lado direito e vê, pelos entremeios de uma velha cerca, os museus adormecidos. Fechados para reforma desde 2016, quando parte do forro de uma de suas salas desabou<sup>547</sup>, suas histórias parecem ecoar no tempo, convidando as pessoas a entrarem, rompendo o silêncio que ali se instalou e dando voz às muitas histórias contadas por seu acervo. Entre tantas, nesses quase 70 anos de atendimento ao público, uma delas é inusitada.



Era mais um dia de visitação no Complexo dos Museus do Café, em 2004. No estacionamento, ainda não havia nenhum carro sobre a sombra das árvores. Reunidos na porta do escritório estavam **Fernanda, Maria, Shirlene, seu João e seu Luiz**, todos funcionários que trabalhavam no turno da manhã. Mais tarde, chegariam **Carlos, Reginaldo e Sonia Ledo**. A aglomeração denunciava que algo de novo havia acontecido.

---

<sup>545</sup>MARCHESI, Ida Pizzoli. João Marchesi. História de um imigrante. Ribeirão Preto: Editora do Colégio, 1987.

<sup>546</sup>FORNER, L. A. Op. cit, 2017.

<sup>547</sup>CASTILLO, Gabriela. Fechado para reforma após forro desabar, museu passará por reforma emergencial. **G1 Ribeirão Preto e Franca**. 7/3/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/03/fechado-apos-forro-desabar-museu-passara-por-reforma-emergencial-em-ribeirao-preto.html>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

Seria mais uma história de fantasma?

Causos de aparições não faltavam por ali. Os trabalhadores, principalmente os mais antigos, afirmam que o lugar era assombrado. Nem mesmo os vigias gostavam de passar a noite por lá. Aqueles que se arriscavam a aceitar o cargo de segurança, sempre tinham algo de novo para contar. As mais comuns eram sobre o barulho de trote de cavalos rodeando a residência. Mas, cada história trazia uma novidade.

Certo dia, a faxineira contou, assustada, que tinha visto um homem de bigode descansando na banheira de mármore. A peça fora de propriedade de ninguém menos que **Santos Dumont**. Vale lembrar que ele usava bigode! Não se sabe o motivo, mas não tardou muito e a funcionária pediu transferência.

Carlos, que trabalhava no turno da tarde, sempre contava sobre uma mulher que caminhava absorta pelos jardins.

- *Tem uma mulher que sempre fica passeando nos jardins.* - Dizia.

- *E como ela é, Carlos?* - Indagavam.

- *Bonita, muito bonita. Ela usa um vestido azul, longo, daqueles antigos. Segura uma sombrinha.*

Mas a história que reunia o grupo de funcionários do Museu do Café, desta vez, não era sobre fantasmas. A aparição tinha sido outra: uma visitante muito especial.

Era um dia entre os anos de 2004 e 2006. O telefone tocava estridente. Uma das funcionárias de plantão acorreu ao escritório.

- *Museu do Café Francisco Schmidt, bom dia!* - Atende ao telefone.

- *Bom dia! Mas acho que me enganei. Esse não é o museu do Vovô?* - Pergunta, uma voz idosa do outro lado da linha.

- *Do Vovô?? Não senhora! Esse é o Complexo do Museu Histórico Plínio Travassos dos Santos e do Museu do Café Francisco Schmidt.* - Respondeu a funcionária torcendo o fio do telefone com os dedos.

- *Pois bem, sim, é esse mesmo. É o Museu do Vovô. Posso fazer uma visita? Eu gostaria de doar uma mala que foi de minha avó.* - Pediu.

Pois a tal senhora era ninguém menos que a neta de **Geremia Lunardelli**. Seu avô financiou a construção do prédio que abrigava o museu e o Instituto Brasileiro do Café<sup>548</sup>. Aquela visita era para fazer a doação da mala que fora de sua avó e, também, para satisfazer um desejo antigo: rever o local e doar uma peça de família. Ao caminhar pelos passeios que ligam uma edificação a outra, a senhora aparentava visível satisfação. Estava mais ou menos como ela se lembrava.

Depois do breve passeio, voltando para a administração, ela aceitou um cafezinho passado em coador de pano, como era tradição para receber os visitantes por ali. Elegante e ativa, começou a contar sua história.

Era 26 de janeiro de 1957<sup>549</sup>. Data de inauguração do Museu do Café, em um grande galpão, especialmente construído para guardar as memórias do ouro verde na região. Sua abertura havia atrasado pelas constantes chuvas<sup>550</sup>.

Um grupo de representantes dos governos federal, estadual e municipal, além de algumas pessoas da sociedade ribeirão-pretana, aguardava, sob o sol quente, a chegada de **Lunardelli**, que estava um pouco atrasado. A neta contou que acompanhava o avô, naquela cerimônia.

*- Eu era uma mocinha casadoira, na época. - Brincou.*

Lembrou que o mais respeitado cafeicultor da época chegou ao local e ficou surpreso com a placa que daria nome à instituição. Nela constavam os dizeres: Museu do Café **Geremia Lunardelli**. Convicto, recusou a homenagem, fazendo com que viesse alguém para trocar o nome. Todos ficaram ali aguardando o pedreiro fazer o trabalho.

Quando lhe perguntaram o porquê, ele se limitou a responder:

*- Esse mérito cabe ao coronel Francisco Schmidt. Quanto a mim, não quero meu nome em Museu, nem depois de morto.*

Não espanta, a recusa. **Lunardelli** não gostava muito desse tipo de homenagem. Afinal, conta-se que já havia dispensado dois títulos

---

<sup>548</sup>PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. Complexos dos museus regionais de Ribeirão Preto. Disponível em: < <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/museu/cafe/i14historico.php>>. Acesso em: 2 abri. 2017.

<sup>549</sup>Idem.

<sup>550</sup>Informações retiradas de uma carta de Plínio Travassos dos Santos. 1957.

oferecidos a ele: de conde, pelo rei da Itália, nos anos 1920, e de marquês, pela Santa Sé, nos anos 1940. Assim, naquele dia, as pessoas tiveram que esperar mais um pouco pela inauguração do museu idealizado por **Plínio Travassos dos Santos**.

A pedido do rei italiano, o rei alemão era homenageado com o nome em um museu erguido em memória a um reinado brasileiro: o do café.

Finalizando o seu relato, a senhora tomou um último gole da xícara de café e foi embora. De sua passagem pelo Museu do Vovô, ficou uma mala, cheia de lembranças de sua família e suas próprias memórias, contadas aos funcionários.

Terminados os fatos, é possível soltar a fantasia e formar uma cena que somente os recursos da criatividade literária permitem. Imaginem os Reis do Café, os seus fantasmas, sentados na mesa ao lado, escutando a história da *netinha* de **Lunardelli**.

**Henrique Dumont**, homem sério, prestaria atenção em cada detalhe. **Francisco Schmidt**, antigo dono daquelas terras, sorriria para o caçula sentado ao lado, que seria ninguém menos que o próprio **Lunardelli**. Cada um em seu tempo havia sido o maior produtor de café do Brasil, o que lhes rendeu a alcunha de Rei. Para eles, aquilo que a senhora contava significava a celebração do poder que exerceram. O café, a quem tinham dedicado a vida e com o qual fizeram fortuna, tinha virado história, que agora era contada por peças de um acervo que antes eram objetos de uso.

Dando a conversa por encerrada, os três homens se levantaram e saíram. Como fantasmas, foram vagar pela ampla área verde. Quase nada sobrou do belo jardim em estilo francês, com várias fontes adornadas por roseirais. **Henrique Dumont** seguia na frente, refletindo sobre como o Museu de Dumont era mais interessante. Atrás, **Schmidt** e **Lunardelli** andavam lado a lado.

O coronel **Francisco Schmidt**, com seu chapéu, e trajando roupas escuras, um paletó e um cachecol em volta do pescoço<sup>551</sup>, estendeu o braço à mulher de longo vestido azul que vagava, distraída, a girar sua sombrinha. Juntos, subiram o caminho de pedras até o Belvedere, uma

---

<sup>551</sup>Z Aidan, Rubens. Memórias de Monte Alegre. São Paulo: USP-CCS, 2006.

espécie de pequeno mirante, delicadamente construído em madeira. Schmidt suspirou longamente.

- *Foram tantas festas de família realizadas aqui, meus velhos companheiros de labuta!* - Lembrou, refletindo sobre por onde andariam seus descendentes.

Desceram por um caminho estreito, ladeado por bambuzais e galgaram os poucos degraus de acesso ao Museu do Café. Pararam diante do batente. Logo à frente, se alinhavam os seus próprios rostos, eternizados em bustos de gesso. Nas varandas, era possível ver arados, pilões, carroças e pedras de moinho. No interior, o destaque era para o trole do próprio Schmidt, um tipo de carruagem de madeira de lei com cobertura, que tantas vezes levou sua família para a missa aos domingos e para os eventos noturnos. Também se colocava imponente, no canto direito do galpão, uma grande máquina de processamento de café, da Marca Machina Amaral, datada de 1908<sup>552</sup>. Dois conjuntos escultóricos gigantes predominavam no espaço, representando, cada um, uma família de imigrantes: de um lado, alemães, e, de outro, italianos. Aquele prédio não fazia parte da estrutura original da Monte Alegre, somente a construção que abrigava agora o Museu Histórico, localizado logo ao lado, corresponderia ao que um dia tinha sido o edifício da Casa Grande da fazenda<sup>553</sup>.

Nesse espaço, tudo está impregnado pelas memórias do café. Memórias que Plínio Travassos dos Santos ameahou ao longo da sua vida. Como pesquisador da história de Ribeirão Preto, organizou o acervo do Museu Histórico e de Ordem Geral e do Museu do Café, entre as décadas de 1950 e 1960<sup>554</sup>. Era um homem que buscava registrar cada acontecimento importante da cidade e fazia questão de defender a sua preservação<sup>555</sup>. A

---

<sup>552</sup>PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Complexo dos museus municipais de Ribeirão Preto**. Acervo. Disponível em: < <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/museu/cafe/i14acervo.php>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

<sup>553</sup>Informações retiradas de carta de Plínio Travassos dos Santos endereçada ao deputado Ulysses Guimarães. 1957.

<sup>554</sup>SILVA, Adriana; ROSA, Lilian R. O.; SILVA, Michelle C. C.; REGISTRO, Tânia C. **Filhos do café: Ribeirão Preto da Terra Roxa - tradicional em ser moderna**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010

<sup>555</sup>PRATES, Prisco C. **Ribeirão Preto e os seus homens progressistas**. Ribeirão Preto: Faz Plast, 1981.

ideia de montar uma instituição que exibisse as tradições de Ribeirão Preto era um sonho acalentado por ele desde 1917<sup>556</sup>.

A movimentação para a sua construção iniciou-se em 1938. Com esse objetivo em mente, **Plínio Travassos** começou a juntar uma considerável coleção de objetos, recolhidos em lugares como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás<sup>557</sup>. Inicialmente, funcionou no Bosque Municipal, e ainda havia várias seções suas espalhadas pelos colégios da cidade e em cômodos da prefeitura do município<sup>558</sup>.

Em 1948, **Plínio** foi nomeado inspetor escolar. Foi entre os anos de 1948 e 1951 que ele consolidou a criação do Museu Municipal de Ribeirão Preto<sup>559</sup>. Em 1950, o município recebeu, por empréstimo, a sede da Fazenda Monte Alegre. Foi para lá que **Plínio** transferiu o acervo. O imóvel e toda a área em volta foram doados ao município por meio de autorização legal, em 1956, com escritura lavrada de 5 de janeiro de 1957<sup>560</sup>.

O Museu Histórico foi inaugurado em 28 de março de 1951. Posteriormente, em 1966, foi promulgada a Lei municipal 1.750, de 6 de março, que o registrava com o nome de seu fundador<sup>561</sup>. Consolida-se, assim, o Museu Histórico e Geral Plínio Travassos dos Santos.

Inquieto, logo depois, em 1953, **Plínio** iniciou seu plano de construir um museu que contasse exclusivamente a história do café. Para o pesquisador, havia uma falha entre os museus nacionais, estaduais e municipais. Era preciso ter um local apropriado para homenagear o produto que, na sua opinião, tanto fizera crescer o Estado de São Paulo e o Brasil<sup>562</sup>.

Novamente, **Plínio** viajou em busca de acervo para o novo museu. Os seus destinos constituíram as zonas cafeeiras de São Paulo e dos Estados próximos. Suas viagens foram financiadas pelo governo do Estado e trouxeram de volta uma coleção de móveis, máquinas, arados, engenhos e pilões<sup>563</sup>. Inicialmente,

---

<sup>556</sup>SILVA; ROSA; SILVA; REGISTRO, Op. Cit., 2010.

<sup>557</sup>Idem.

<sup>558</sup>PRATES, Op. Cit., 1981.

<sup>559</sup>SILVA; ROSA; SILVA; REGISTRO, Op. Cit., 2010.

<sup>560</sup>Idem.

<sup>561</sup>Idem.

<sup>562</sup>Idem.

<sup>563</sup>Idem.

foi instalada em alguns espaços do interior do prédio e varandas da antiga sede da fazenda Monte Alegre. Alguns anos depois, o acervo foi disposto no prédio novo, projetado exatamente para essa finalidade.<sup>564</sup>.

Mas, afinal, o que significava construir um museu?

Por que guardar aquelas memórias, sendo que Ribeirão Preto, já nos anos 1950, tinha se voltado para a prestação de serviços, a cana-de-açúcar, o algodão e a policultura? Ainda se plantava café, mas não era como antes.

Então, por que erguer um monumento à memória do café?

Aqueles três fantasmas ilustres, que alguns acreditam que ainda vagam pelo museu saberiam a resposta. Responderiam que o café tinha possibilitado ao município ser o que era. Fazia parte de sua identidade. Uma cidade de chão vermelho, grandes fazendas, bairros de imigrantes, linhas de trem, prédios históricos, bares, teatros, ruas e, sobretudo, história.

O café tinha virado história, mas já era parte da memória do município a muito tempo.

A visita terminava ali. Colocando-se ao lado de **Dumont**, **Schmidt** virou-se para **Lunardelli** e, tirando o chapéu, despediu-se. Mas, antes de pegar seu cavalo, fez uma última pergunta ao companheiro:

- *Diga-me, meu caro **Geremia**, você fez o que pode para preservar esta história. Financiou este museu, doou acervo<sup>565</sup>, e ainda abriu suas portas para que as pessoas viessem. Tudo isso vai continuar?*

Olhando para um homem magro, de nariz afilado e óculos, que se aproximava, **Lunardelli**, perguntou:

- *O que me diz, velho amigo **Plínio**? Afinal, foi você quem teve a ideia de “plantar” nessas terras um museu.* - Brincou o italiano

- *O que nos diz, professor?* - Inquiriu **Dumont**.

---

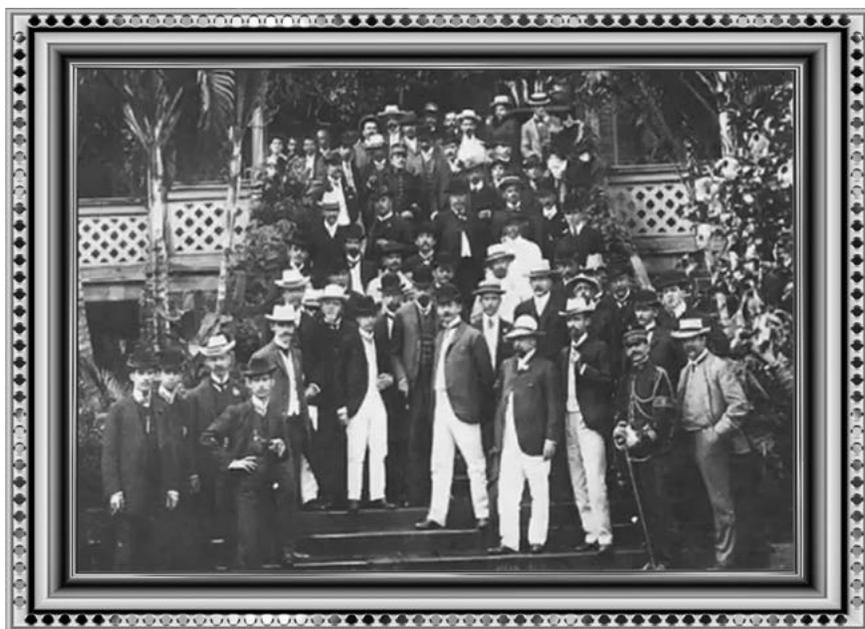
<sup>564</sup>Idem.

<sup>565</sup>Geremia Lunardelli financiou parte da construção do prédio do Museu do Café e doou peças para a exposição. In: SANTO, Maria E. S. O colecionador documentalista: Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos de Ribeirão Preto. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp-Marília, 2009.

- Bem, meus ilustres. Digo que o homem pode sonhar com coisas úteis, mesmo que não as possa realizar. O início e, às vezes, apenas a ideia, é tudo. Outros terminarão o trabalho. O tempo, meu caro, não acaba<sup>566</sup>.

Se esses ilustres senhores e outros, como coronel **Quinzinho da Cunha**, que um dia fizeram da região de Ribeirão Preto a morada de suas fortunas, realmente são assombrações do dito museu, ninguém sabe. Mas, temos certeza, é que o tempo, realmente, não acaba. Muito menos para os Museus Municipais de Ribeirão Preto. Há anos, recebem milhares de visitantes, sejam curiosos, amantes da história, estudantes ou pessoas que vêm curtir o espaço do Belvedere, onde se toca chorinho, aos domingos pela manhã. Hoje, o prédio hoje pode estar fechado para reforma. Mas é preciso acreditar que voltará.

O seu legado, com o do café, continua.



<sup>566</sup>Frase adaptada de uma fala de Plínio Travassos dos Santos em Museus Municipais de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: [s.n.], 1956. Não paginado. Atualização de palestra feita no Primeiro Congresso Nacional de Museus, realizado em julho de 1956, em Ouro Preto. Documento Arquivo do Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos. In: SANTO, Maria E. S. O colecionador documentalista: Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos de Ribeirão Preto. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP-Marília, 2009.



# Últimas palavras ao leitor

*DIZ UM DITADO POPULAR QUE TODA HISTÓRIA TEM UM FIM.*

Mas a experiência de homens e mulheres no tempo mostra que, enquanto houver humanidade, a história não terá fim. Na linha do tempo, contada em séculos, anos, meses, dias, horas ou minutos, o olhar está posto no horizonte. Contudo, a vida não é feita de uma única linha. São muitos fios, tecidos em diferentes sentidos, que formam as mais diversas tramas. Ora seguimos adiante, ora damos dois passos atrás. Por vezes, ficamos detidos na dúvida de tomamos o caminho da direita ou o da esquerda.

Tudo é uma questão de escolha. Escolhas que são tomadas a partir dos acordos que fazemos, das responsabilidades que assumimos, dos medos que resolvemos enfrentar, ou não. Somos humanos e decidir é parte do que somos.

Afinal, a história é escrita por humanos e para humanos. Portanto, ela também é uma questão de escolha. Sempre.

O que aqui foi contado parte desse princípio. Aos escolhermos contar uma história já tão conhecida: a do café, optamos por falar de gente, de memórias e de sentimentos. Abrimos mão do academicismo e do cientificismo e abraçamos o desafio de deixar a escrita solta, leve, sem, contudo, perder a seriedade daquilo que era contado e a segurança das fontes.

Nem tudo foi dito, nem todos que gostaríamos estão neste livro. A vida é grande por demais para ser disposta em sua grandeza em algumas páginas. Por isso, ao final, o que fica é um sentimento de gratidão.

Gratidão pela junção de intenções que consolidou esta obra.

Gratidão pelo papel em branco que se permitiu receber o escrito.

Gratidão pelo encontro de almas daqueles que escreveram.

Gratidão por aqueles que cederam suas histórias.

E, finalmente,

Gratidão a você, leitor, que escolheu compartilhar conosco essa vivência.





# Referências Bibliográficas

ABRAMS, JEREMIAH; ZWEIG, Connie. **Encontro Da Sombra, Ao**. Editora Cultrix, 1998.

ACERVO ESTADÃO. **Estação da Luz**. 28 nov. 2012. Disponível em: < <http://acervo.estadao.com.br/noticias/lugares,estacao-da-luz,7678,0.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **História do Grupo Estado nos anos 1870**. Disponível em: <[http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_1870.shtm](http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **O Estado de S. Paulo**: Páginas da edição de 29 de abril de 1930- PAG 13. 2018. Disponível em: < <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19300429-18532-nac-0013-999-13-not/busca/crise+1929>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALVES, Francisco das Neves. A questão da dependência nas relações internacionais: a gênese da preeminência britânica no Brasil. **Biblos**, v. 17, p. 71-85, 2008.

APHRP. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. **Petição de protesto**. Processos antigos, 1o Ofício, Caixa 308-A, 1882.

ASTUTO, Bruno. Biografia da Imperatriz mostra perfil “autoritário”. 25 set. 2014. **Veja São Paulo**. Disponível em: < <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/09/biografia-de-bimperatriz-brasileirab-mostra-perfil-autoritario.html>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

AZEVEDO, André Nunes de. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, p. 39, 2003.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). **Na Estrada do Anhanguera**. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999.

BAPTISTA, Adilson; PIRONELLI, Viviane. **Balcão de histórias: relatos de comerciantes sobre a história do Mercado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

BARRETO, Luiz Pereira. **A terra roxa**. A província de São Paulo. 10 dez. 1876. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_a\\_terra\\_roxa.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **A terra roxa**. A província de São Paulo. 7 dez. 1876. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_a\\_terra\\_roxa.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_a_terra_roxa.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

BASILIO, Romario Sampaio. A diplomacia portuguesa no Congresso de Viena (1815): a trajetória do primeiro duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein. **Outros Tempos – Pesquisa em Foco – História**, v. 12, n. 20, 2015.

BATISTA, L. Revolução de 24: guerra em SP por reformas políticas. **Acervo Estadão**. 4 jul. 2014. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,revolucao-de-24-guerra-em-sp-por-reformas-politicas,10277,0.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

Begliomini, Helio. **Biografia de Luiz Pereira Barreto**. Disponível em: <<http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/1/BIOGRAFIA-LUIZ-PEREIRA-BARRETO.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BERNARDI, Ginaldo. **Geremia Lunardelli**. Um pouco de história. 2017. Disponível em: <<http://cimitan.blogspot.com.br/2017/01/geremia-lunardelli-um-pouco-de-historia.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BETHELL, Leslie. **A abolição do comércio brasileiro de escravos: a Grã-Bretanha e a questão do Comércio de Escravos (1807-1869)**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

BRASIL. Coleção de Leis do Império do Brasil – Atos do Poder Legislativo. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/LIM/LIM2040-1871.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LIM/LIM2040-1871.htm)>. Acesso em: 28 abril 2012.

BRIOSCHI, Lucila Reis. Fazendas de criar. In: BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Orgs.). **Na estrada do Anhanguera**. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999.

BRUNO, J. E. **A caravana Pereira Barreto**. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_caravana\\_pereira\\_barreto.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_caravana_pereira_barreto.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

BUENO, Eduardo Urbanski. **Paradigmas Técnico-Econômicos, Pactos de Elites e o Sistema Monetário Internacional**. UFRGS: Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21407/000736598.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do renascimento na Itália: um ensaio**. (1818-1897). Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALSANI, Rodrigo de Andrade. **O imigrante italiano nos corredores dos cafezais: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914)**. Franca: [s.n.], 2010.

CARDOSO, José Luís. A abertura dos portos do Brasil em 1808: dos factos à doutrina. **Ler História**, n. 54, p. 9-31, 2008.

CARONE, Edgard. Coronelismo: definição histórica e bibliografia. **Rev. Adm. Emp.**, Rio de Janeiro. v. 1193, p. 85-92, jul./set. 1971.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

CARVALHO, José Murilo. **Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual**.

CARVALHO, Leticia A. Se não vamos a Paris, Paris vem até nós! A moda feminina em Ribeirão Preto da Belle Époque. In: NETO, Humberto P.; PAZIANI, Rodrigo R.; MELLO, Rafael C. **No tempo das cidades: história, cultura e modernidade em Ribeirão Preto-SP (1883-1929)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

CASTILLO, Gabriela. Fechado para reforma após forro desabar, museu passará por reforma emergencial. **G1 Ribeirão Preto e Franca**. 7 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/03/fechado-apos-forro-desabar-museu-passara-por-reforma-emergencial-em-ribeirao-preto.html>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

CASTRO, Giovanna Milanez de. **Serviço e celebração nos trópicos: a Casa Real portuguesa no Rio de Janeiro do período joanino**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Unicamp, Campinas, 2016.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. Andiamo in ‘Mérica’. 3. ed. São Paulo: Edusp. 2003.

CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada, 3: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. v. IV, Ribeirão Preto: Legis Summa, 1995.

\_\_\_\_\_. **História de Ribeirão Preto**. v. 1. Ribeirão Preto: Imag, 1987.

COELHO, Alexandre Bragança. **A cultura do algodão e a questão da integração entre preços internos e externos**. Dissertação (Mestrado)- São Paulo: FEA-USP, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/lilian/Downloads/Tesecompleta.pdf>.

COLÉGIO NOTARIAL DO BRASIL. **Memória notarial: a emancipação de Santos Dumont**. 26 out. 2016. Disponível em: < <http://www.notariado.org.br/index.php?pG=X19leGliZV9ub3RpY2lhcw==&in=ODU2MQ==>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

COMPANHIA MOGIANA DE ESTRADAS DE FERRO. **História**. s. d. Disponível em: <[http://www.cmef.com.br/pp\\_fundacao.htm](http://www.cmef.com.br/pp_fundacao.htm)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

CORREIO PAULISTANO. Edição de 2 mar. 1941. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972\\_09&pagfis=5349&url=http://memoria.bn.br/docreader#>](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_09&pagfis=5349&url=http://memoria.bn.br/docreader#>)>. Acesso em: 24 fev. 2017

CORTEZ, Glauco Rodrigues. Os cafés como espaços de comunicação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 5, n. 2, p. 187-196, 2008.

COSTA, Francisco M. da. **Lunardellis não querem ser Berdinazzis**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/28/tv\\_folha/11.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/28/tv_folha/11.html)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

COUTY, L. Apud RIBEIRO, Luiz Cláudio M. A invenção como ofício: as máquinas de preparo e benefício do café no século XIX. **An. Mus. Paul.**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 121-165, jun. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=i so](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=i so)>. Acesso em: 29 mar. 2018.

- CRONIN, Vincent. **Napoleão: uma vida**. Barueri: Amarilis, 2013.
- DE DECCA, Edgar. **O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1981
- DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DENIS, Pierre. **O Brasil no século XX**. Lisboa: José Bastos e Cia. Editores, [s.d.], p. 230-232
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (DNIT). **A invenção da locomotiva**. s.d. Disponível em: <<http://www1.dnit.gov.br/ferrovias/historico.asp>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- DIÁRIO DA MANHÃ. 18 jun. 1937. Em 19 de março de 2009 foi publicado também na Revista Cafeicultura. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=19954>>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- DIÁRIO DA MANHÃ. 12 jan. 1924. p.1. Acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.
- DUMONT, Santos. **Os meus balões**. Tradução de A. de Miranda Barros. Brasília: Fundação Rondon, 1986.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v. 1 e 2, 1990.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **TIÃO Carreiro**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa531172/tiao-carreiro>>. Acesso em: 04 de Abr. 2018. Verbete da Enciclopédia.
- ENSAIO HISTÓRICO. **Café, a semente do progresso**. Coleção Abril, [s.d.].
- ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/r/ribpreto-spm.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- ESTADÃO. **Acervo de fotos de D. Pedro II é exposto no Rio**. 31 out. 2015. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,acervo-de-fotos-de-d-pedro-ii-e-exposto-no-rio,70002065279>>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- FALEIROS, R. N. **Fronteiras do café: fazendeiros e colonos no interior paulista (1917-1937)**. Tese (Doutorado)- Unicamp, Campinas, 2007.
- FARIA, Rodrigo S. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, da beleza e disciplina**. Mestrado em História (Dissertação). Campinas: UNICAMP, 2003
- FERRÃO, A. M. A. **A fazenda cafeeira e suas características no tempo e no espaço**

arquitetônicos. **Cafeicultura**. Edição 24. Out. 2005. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/?mat=5550>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FERRÃO, A. M. A. Arquitetura rural e o espaço não urbano. **Revista Labor & Engenho**. v.1, n.1, 2007

Filhos do Café sobre a vinda dos imigrantes Italianos para Ribeirão Preto. DOCUMENTÁRIO.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras**: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

FOLHA DE LONDRINA. Morre o rei do café: 76 anos. 11 maio 2002. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/opiniaio/morre-o-rei-do-cafe-76-anos-395387.html>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FONTES, Marcelo. Antiga cervejaria será 80% demolida em Ribeirão Preto. **Jornal A Cidade**. 2 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,905051,Antiga+cervejaria+sera+80+demolida+em+Ribeir+ao+Preto.aspx>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

FORNER, L. A. **Francisco Schmidt**: o colono que se tornou o rei do café (1890-1924). Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FRITSCH, Winston. 1922: A Crise Econômica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n. 11. 1993, p.3-8. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1947>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

FURTADO, Júnia Ferreira. Guerra, diplomacia e mapas: a guerra da sucessão espanhola, o tratado de Utrecht e a América portuguesa na cartografia de d'Anville. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 12, n. 23, p. 66-83, 2011.

G1 RIBEIRÃO PRETO E FRANCA. **Prédio da antiga cervejaria Antártica começa a ser demolido para abrigar shopping**. 13set. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/09/predio-de-antiga-cervejaria-comeca-ser-demolido-para-abrigar-shopping.html>>.

G1. **Opajem de Santos Dumont**: quem cuidou do menino que gostava de locomotivas. s.d. Disponível em: <<http://especiais.santosdumont.eptv.g1.globo.com/onde-tudo-comecou/adolescencia/NOT,0,0,1267513,O+Pajem+de+Santos+Dumont.aspx>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. O Rio de Janeiro dos vice-reis: uma cidade em desordem. *Vozes, Pretérito & Devir: Revista de história da Uespi*, v. 2, n. 1, p. 188-202, 2013.

GARCIA, Maria A. M. **Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto**. Série História Local 6. Franca: Unesp- FHDSS, 1997, p. 134-135.

\_\_\_\_\_. Trabalho e Resistência: os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920). In: MARCONDES, Renato L.; REGISTRO, Tania C.; GUAZZELLI, Manoel C. (Orgs). **Ribeirão Preto: a cidade como fonte de pesquisa**. v. 1. São Paulo: Prefeitura do *Campus* USP-Ribeirão Preto, 2015. Disponível em: <[http://www.ccrp.usp.br/cultura/CURSODIFUSAO/VOLUME1/07\\_Maria\\_Ang\\_lica.pdf](http://www.ccrp.usp.br/cultura/CURSODIFUSAO/VOLUME1/07_Maria_Ang_lica.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

GENEALOGIA FREIRE. Site. Disponível em: <[http://www.genealogiafreire.com.br/jeo\\_caravana\\_pereira\\_barreto.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/jeo_caravana_pereira_barreto.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

GIOVANNETT, L. V. **O rei do café**. São Paulo, 1951.

GODOY, José Henrique Artigas de. **Da opulência à ganância: coronelismo e mudança social no oeste paulista (1889-1930)**. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo (USP), v. 1, 2006. 245p.

GOMES, F. **Cravinhos: histórico, geographico, commercial e agrícola**. Ribeirão Preto: Typographia Salles, 1922.

GOMES, Nancy; ESTEVES, Hermínio. O Congresso de Viena. **Janus 2008 - O que está a mudar no trabalho humano**, 2008.

GUAZZELLI, Aurélio M. C.; FERREIRA, Delson; CASTRO, Marcos C.; MOLINA, Sandra Rita. **O menino que virou festa: a Cruz do Pedro em Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012.

GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Roseane de Andrade (Orgs.) **E os preços eram commodos...**: Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, p. 2000, p.196, 205, 207, 281-282. Adaptado.

GUIMARÃES, Jacileide. **Sobre a criação do hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto: raízes de uma outra história**. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo (USP-Ribeirão Preto), 2001. Disponível em: < file:///C:/Users/Lilian/Downloads/04-Resultados.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017.

GUIMARÃES, Lucia M. P. **Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889): a face oculta da imperatriz silenciosa**. XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH. **Anais...**, São Paulo, jul. 2011. Disponível em: < [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300585754\\_ARQUIVO\\_TeresaCristina-ANPUH.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300585754_ARQUIVO_TeresaCristina-ANPUH.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2017.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito a cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HERMANN, Jacqueline. O rei da América: notas sobre a aclamação tardia de D. João VI no Brasil. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 8, n. 15, p. 124-158, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções (1789-1848)**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

\_\_\_\_\_. **A era dos impérios (1875- 1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Política Extrema. **New Left Review**. Folha de S. Paulo, 18.4.2010. Disponível: <<http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.04>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

HOFFMAN, Paul. **Asas da loucura: a extraordinária vida de Santos Dumont**. São Paulo: Objetiva, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Lunardelli**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/lunardelli.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

ITAÚ CULTURAL. Tião Carreiro. **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa531172/tiao-carreiro>>. Acesso em: 4 abr. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

JARDIM, Renato. *Reminiscências* (de Rezende, Estado do Rio, às plagas paulistas: São Simão, Batataes. Altinópolis e Rib. Preto). Rio de Janeiro/São Paulo: *José Olympio*, 1946

JORGE, Fernando. **As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont**. São Paulo: Geração Editorial, 1973.

JORGE, J. A vida turbulenta na capital d'oeste: Ribeirão Preto, 1880-1920. **História & Perspectivas**, Uberlândia, (29 e 30): 129-157, jul./dez. 2003/jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19146/10293>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

KARASCH, Mary C.. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 29.

LAËRNE, 1885, P. 372 apud MARQUESE, Rafael de Bivar. As origens de Brasil e Java: trabalho compulsório e a reconfiguração da economia mundial do café na era das revoluções, c. 1760-1840. **História (São Paulo)**, v. 34, n. 2, 2015.

LAGES, José A. **Ribeirão Preto revisitada**. Ribeirão Preto: Nova Enfim, 2016.

LAMOUNIER, Maria Lúcia. Agricultura e mercado de trabalho: trabalhadores brasileiros livres nas fazendas de café e na construção de ferrovias em São Paulo, 1850-1890. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 37, n. 2, p. 353-372, 2007.

LARA, Paulo H. V.; ROSA, Lilian R. O. Café e indústria em Ribeirão Preto: o caso da Electro-Mettaúrgica Brasileira S.A. (1921-1931). **Dialogus**. n. 1, v. 5. Ribeirão Preto: Barão de Mauá- Curso de História e Geografia, 2009.

LARA, Silvia Hunold. Biografia de Mahommah G. Baquaqua. **Revista Brasileira de História**, v. 8, n. 16, mar. 1988/ago. 1988, São Paulo: Anpuh/Marco Zero, p. 272-273.

LESSA, Antônio Carlos. **História das relações internacionais: a *pax britannica* e o mundo do século XIX**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LINS, Henrique B. Alberto Santos Dumont: o pioneiro da aviação. **Exacta**, São Paulo, v.4, n.1, p. 35-46, jan./jun., 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/810/81040103/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Santos Dumont e a invenção do avião**. Rio de Janeiro: CBPF, 2006.

LOBATO, J. B. R. **A barca de Gleire**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950.

LOBATO, Monteiro. **Cidades mortas**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer et al. Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 - resultados preliminares. **Revista Brasileira de Economia**, v. 25, n. 4, p. 235-266, 1971.

LOPES, Luciana Suarez. **Sob os olhos de São Sebastião: a cafeicultura e as mutações da riqueza em Ribeirão Preto, 1849-1900**. Tese (Doutorado em História) - FFLCH-USP, 2005.

LUCCOCK, John; RODRIQUES, Milton da Silva. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Livraria Itatiaia Editora, 1975.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S.; SUMMERHILL, William R. A agricultura paulista em 1905. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 153-184, mar. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612014000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612014000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 mar. 2018.

MAGALHÃES, H. apud LEME, H. A. A evolução das máquinas de beneficiar café no Brasil. **Anais da E.S.A. Luiz de Queiróz**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aesalq/v10/01.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MALERBA, Jurandir. Sobre o tamanho da comitiva. **Acervo**, v. 21, n. 1, jan./jun., p. 47-62, 2011.

MARCHESI, Ida Pizzoli. **João Marchesi. História de um imigrante**. Ribeirão Preto: Editora do Colégio, 1987.

MARCONDES, L. Renato. O café em Ribeirão Preto (1890-1940). In: \_\_\_\_\_. **Ribeirão Preto: a cidade como fonte de pesquisa**. v. 1. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. O café em Ribeirão Preto (1890-1940). **História Econômica & História de Empresas**, v. 10, n. 1, p. 171-192, 2007.

MARQUESE, Rafael de Bivar et al. A ilustração luso-brasileira e a circulação dos saberes escravistas caribenhos: a montagem da cafeicultura brasileira em perspectiva comparada. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 16, n. 4, p. 855-880, 2009.

\_\_\_\_\_. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos Estudos - Cebrap**, n. 74, p. 107-123, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. **História do café**. Editora Contexto, 2012.

MARTINS, Araguaya F. **O rei do café**. O café nos livros. A rural. São Paulo. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/123456789/8969/SEM%20AUTOR.%20O%20rei%20do%20café.%20p.%2014.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 1o abr. 2018.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Lech, 1981.

MATIOLLI, Alexandre F. **O coronel e seu quintal**: Joaquim da Cunha Diniz e Ribeirão Preto durante a primeira república. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012. Coleção Nossa História, v. 8.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal**: paradoxo do Iluminismo. São Paulo: Paz e terra, 1996.

MELLO, Rafael C. Um coronel de saias no interior paulista: Iria Alves Ferreira - a rainha do café. XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: Poder, Violência e Exclusão. **Anais...** São Paulo: Anpuh/SP-USP, 2008. Disponível em: <<http://>

[www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Rafael%20Cardoso%20de%20Mello.pdf](http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Rafael%20Cardoso%20de%20Mello.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2017.

MENDONÇA, Joseli M. N.. **Entre a mão e os anéis: a lei dos sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil**. Campinas: Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

METRO DE SÃO PAULO. **EIA-Rima. Estudo de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental**. Linha 18 - Bronze-Trecho Tamanduateí/ Alvarengas. 2012. Disponível em: <[http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/linha\\_18\\_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf](http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/linha_18_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf)>. Acesso em: 26 mar. 2018.

MILLIET, Sergio. **Roteiro do café e outros ensaios**. Contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil. Coleção Departamento de Cultura, v. XXV, São Paulo, 1941

MIRANDA, João Pedro da Veiga. Os três irmãos siamezes. **O Commentario**, 1926. Disponível na Plataforma Verri: <<http://www.plataformaverri.com.br/index.php?bib=1&local=book&letter=r&idCity=24&idCategory=5&idBook=1855>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

MOLINA, Sandra R. A cruz do Pedro: memórias sobre o menino que virou festa. XXI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: trabalho, cultura e memória, **Anais...** 2012.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As reformas religiosas na Europa moderna. Notas para um debate historiográfico. **Varia Historia**, v. 23, n. 37, p. 130-150, 2007.

MONTI, Carlos Guimarães. **O empreendedor possível na cafeicultura de Ribeirão Preto: Joaquim da Cunha Diniz Junqueira (1890 - 1915)**. Tese (Doutorado em História)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2014.

MORENO, Ariane Angélica. **Trajetória das famílias do oeste paulista que expandiram seus negócios para a Amazônia: a família Lunardelli no Norte do Paraná e Sul do Pará**. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2012. Disponível em: <<http://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ariane%20Ang%C3%A9lica%20Moreno.pdf>>. Acesso em: 1o abr. 2018.

MOURA, L. **Mecenato: atores, objetos e práticas**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação do Brasil, Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: 2012. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10132/mecenato%20atores%20objetos%20e%20praticas.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

MUSEU DO AMANHÃ. **Um navegador dos ares: um brasileiro chamado Santos Dumont.** Disponível em: < <https://museudoamanha.org.br/pt-br/navegadores-dos-ares-brasileiro-chamado-alberto-santos-dumont>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Documentário Ipiranga. 22”40”. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2OCpPCuMrxQ&t=19s>> . Acesso em: 28 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Documentário Vila Tibério. Parte 1. 17’42”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=98uUCW8nuk8>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM JOSÉ DA SILVA BUENO DE RIBEIRÃO PRETO. **Documentário filhos do café,** Parte 2. 16’2”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LACspSRQUTY>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Documentário Ipiranga.** 22”40”. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2OCpPCuMrxQ&t=19s>> . Acesso em: 28 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Documentário Vila Tibério.** Parte 1. 17’42”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=98uUCW8nuk8>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MAZZUCHELLI, Frederico. A crise em perspectiva: 1929 e 2008. **Novos estud.** - CEBRAP, São Paulo, n. 82, Nov. 2008 . Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002008000300003>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

NETO, Humberto P; FRANÇA, Jorge L. Sedução, disciplina, marginalização: a prostituição na Ribeirão Preto da *belle époque* caipira (1883-1919). **Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 38, 2009. Disponível em: < <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao38/materia02/texto02.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **São Paulo congelou em 1918.** 29 de jun. de 1918. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,sao-paulo-congelou-em-1918,9168,0.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

OLIVEIRA, J.H.C.; MARCONDES, R.L. Negociantes de Imóveis durante a expansão cafeeira em Ribeirão Preto (1874-1899). **ABPHE**, 2003. Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/arquivos/2003\\_jorge\\_henrique\\_caldeira\\_oliveira\\_renato\\_leite\\_marcondes\\_negociantes-de-imoveis-durante-a-expansao-cafeeira-em-ribeirao-preto-1874\\_1899.pdf](http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_jorge_henrique_caldeira_oliveira_renato_leite_marcondes_negociantes-de-imoveis-durante-a-expansao-cafeeira-em-ribeirao-preto-1874_1899.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018

ORQUIZA, José. Aconteceu no mês de abril de 1949. Disponível em: <<http://www.joseorquiza.com.br/aconteceu-no-mes-de-abril-de-1949.asp>>. Acesso em: 30 de mar. 2018.

PARRON, Tâmis. **A política da escravidão no império do Brasil (1826-1865).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

PAZIANI, Rodrigo R. **Modos de homem, modos de mulher:** as trajetórias de

Joaquim Macedo Bittencourt e Iria Alves Ferreira em Ribeirão Preto (1890-1920). Anpusp. 2010. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Rodrigo%20Ribeiro%20Paziani.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

PENTEADO, Sílvio Álvares. CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/penteado-silvio-alvares>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

PEREIRA, Carneiro de Mattos; WALTER, Luiz. José Gonçalves da Silva: traficante e tráfico de escravos no litoral norte da província do Rio de Janeiro, depois da lei de 1850. *Tempo*, v. 16, n. 31, 2011.

PINHO, Wanderley. **Salões e damas do segundo reinado**. 5. ed. São Paulo: GRD, 2004.

POZZER, Guilherme P. **A antiga estação da Companhia Paulista em Campinas: estrutura simbólica transformadora da cidade (1872-2002)**. Dissertação (Mestrado)- Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279439/1/Pozzer\\_GuilhermePinheiro\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279439/1/Pozzer_GuilhermePinheiro_M.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PRADO Jr., Martinho. **Trecho extraído da revista “Brazil Magazine”** – Edição Ribeirão Preto. 1911.

PRATES, Prisco C. **Relembrando o passado**. 2. ed. Ribeirão Preto: Faz Plast, 1979.

\_\_\_\_\_. **Ribeirão Preto de outrora**. 3. ed. Ribeirão Preto: Gráfica Bandeirantes, 1971.

\_\_\_\_\_. **Ribeirão Preto e os seus homens progressistas**. Ribeirão Preto: Faz Plast, 1981.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Complexos dos museus regionais de Ribeirão Preto**. Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/museu/cafe/i14historico.php>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

QUARTIER, Sidnei. Era uma vez a fazenda Dumont, o rei do café. *A CidadeOn* 10 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/NOT,2,2,1021997>>, Era+uma+vez+a+fazenda+de++Dumont+o+Rei+da+Cafe.aspx>. Acesso em: 18 mar. 2018.

REVIDE. Edifício onde funcionava laboratório da Cervejaria Antártica é demolido. 12 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.revide.com.br/noticias/cidades/edificio-onde-funcionava-laboratorio-da-antiga-ervejaria-antarctica-e-demolido/>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

REVISTA A Pioneira (1949). Disponível em: <<http://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ariane%20Ang%C3%A9lica%20Moreno.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

RIBEIRO, Luiz Cláudio M. A invenção como ofício: as máquinas de preparo e benefício do café no século XIX. *An. Mus. Paul.* São Paulo, v. 14, n. 1, p. 121-165, jun. 2006 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 mar. 2018.

RIBEIRO, Tatiana Ferri; PEREIRA, Josiane; POSTALI, Valéria Barreiro. **A (re) construção do processo de formação e evolução de iletama (pr) através da história oral.** Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/anais/ii\\_seurb/documentos/ribeiro-tatiana-ferri.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/ribeiro-tatiana-ferri.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016).** Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

\_\_\_\_\_. O Brasil no mundo. In: SILVA, Alberto da Costa e (Org.). **Crise colonial e independência (1808-1830).** Rio de Janeiro: Mapfre, Objetiva, 2014. História do Brasil Nação: 1808-2010, v.1.

RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860).** São Paulo: Companhia das Letras, 2005

\_\_\_\_\_. **No mar e em terra: história e cultura de trabalhadores escravos e livres.** São Paulo: Alameda, 2016

\_\_\_\_\_. **O infame comércio.** Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil. Campinas: Unicamp/Cecult, 2000

RÖLKE, Helmar **Raízes da imigração alemã.** História e cultura alemã no estado do Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SAINT-HALAIRE, A. **Viagem à província de São Paulo.** Disponível em: <[http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft_djvu.txt)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SANTANA, Aderivaldo Ramos. A Extraordinária Odisseia do comerciante Ijebu que foi escravo no Brasil e homem livre na França (1820-1842). *Afro-Ásia*, n. 57, 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/issue/view/1609/showToc>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SANTO, Maria E. S. **O colecionador documentalista: Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos de Ribeirão Preto.** Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, 2009.

SANTOS, Dumont. **O que eu vi, o que nós veremos**. 1918. Edição da Universidade da Amazônia (Unama). Disponível em: < [http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit\\_online/santos\\_dumond.pdf](http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/santos_dumond.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SANTOS, José Mário Fidalgo dos. **Lisboa e a invasão de Junot: população, periódicos e panfletos (1807-1808)**. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea)- Universidade Nova de Lisboa, set. 2014.

SANTOS, Plínio T. **O Ribeirão Preto histórico e para a história**. 1939

SANTOS, Rodrigo F. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. 432p. Dissertação (Mestrado)- Unicamp, Campinas, 2003, p. 62.

SCHIAVONI, Eduardo. **Antiga fábrica de chope do Pinguim, em Ribeirão Preto, vai virar shopping**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/09/18/antiga-fabrica-de-chope-do-pinguim-em-ribeirao-preto-vai-virar-shopping.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SCHULTZ, Kirsten. **Perfeita civilização: a transferência da corte, a escravidão e o desejo de metropolizar uma capital colonial**. Rio de Janeiro, 1808-1821. **Tempo**, v. 12, n. 24, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. Editora Cosac Naify, 2014.

SILVA, A.; GLERIA, A. C.; ROSA, L. R. O. et al. **Memórias dos Cafezais: a vida nas fazendas**. Ribeirão Preto, SP: Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC), 2014.

SILVA, Adriana; ROSA, Lilian R.O. (Orgs). **Patrimônio cultural do café da terra vermelha**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. SILVA, Michelle C. C.; REGISTRO, Tânia C. **Filhos do café: Ribeirão Preto da terra roxa -tradicional em ser moderna**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Jô. **O homem que matou Getúlio Vargas: biografia de um anarquista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Camila V. F.; SORIANI, Mariana B.; ZAMPOLLO, Mayara S. **Patrimônio ferroviário de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012.

SOUZA, Elaine S.; MONTI, Carlo G. História da mulher em Ribeirão Preto. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, 2008. p. 339.

SOUZA NETO, José Maria Gomes; DE MELO, Marcos José. **Literatura africana antiga**: essa ilustre desconhecida. Eutomia - ISSN: 1982-6850, v. 1, n. 6.

STANDAGE, Tom. **História do mundo em 6 copos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SUNEGA, Renata A. **Quartirão Paulista**: um conjunto harmônico de edifícios monumentais. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. (Coleção Identidades Culturais).

SUZIGAN, Wilson. Notas sobre desenvolvimento industrial e política econômica no Brasil da década de 30. *Revista de Economia Política*, Vol. 4, nº 1, janeiro-março/ 1984. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/13-9.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

TAMSIR, Djibril Tamsir Niane. **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. 2.ed. rev., Brasília: Unesco, 2010.

TAUNAY, Affonso de E. **História do café no Brasil imperial 1872-1889**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939.

TAVARES, Estela Lutero Alves et al. **A questão do café commodity e sua preciação**: o “C Market” e a classificação, remuneração e qualidade do café. 2002.

TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a missão artística francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. *Plural (São Paulo. On-line)*, v. 14, p. 9-32, 2007.

TUON, Liomar I. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1890-1920)**. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Unesp, Franca, 1997.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Da fazenda de café a centro de excelência em ensino e pesquisa**. 2018. Disponível em: < [http://ribeirao.usp.br/?page\\_id=3540](http://ribeirao.usp.br/?page_id=3540)>. Acesso em: 2 abr. 2018.

UOL TERRA. Francesco Matarazzo foi de mascate para o 5o homem mais rico do mundo. 6 ago. 2014. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/economia/vida-de-empresario/francesco-matarazzo-foi-de-mascate-a-5-mais-rico-do-mundo,883785290daa7410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

VALDERRAMA, Berna V. B.; OLIVEIRA, Melissa R.S. **A ferrovia e os processos de reestruturação urbana na cidade de Campinas, São Paulo**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/142.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

VERSIANI, Flavio Rabelo. Industrialização: a década de 20 e a depressão. **Pesq. Plan. Econ.**, Rio de Janeiro, 14(1), pp. 59 a 94, abr. 1984. Disponível em: <<http://www.ppe.ipea.gov.br/index.php/pppe/article/view/343>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

VICENTE, Fernanda. **Entrevista concedida por Nego Viana, em 1991, e reproduzida pela Folha da Região, em 2001.** Araçatuba, 7 out. 2001. Andradina. Disponível em: <<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/2001/10/07/cida04.php>>. Acesso em: 1o abr. 2018.

VICENTE, Lucas G. Entre espelho e fantasia: a aventura da modernidade de São Paulo a Ribeirão Preto (1920-1930). Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Unesp-Franca), 2014. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/140268/000866611.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

VICHNEWSKI, Henrique T. **Indústrias Matarazzo em Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2012. Coleção Identidades Culturais, n.2.

VIEIRA, Teddy e CARREIRINHO. **Rei do café.** Moda de viola composta por Teddy Vieira e Carreirinho, lançada em 1959.

VIRGÍLIO, Paulo. **Mostra no Rio exhibe parte do acervo arqueológico de Tereza Cristina.** Agência Brasil. 31 mar. 2016. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-03/mostra-inedita-exibe-parte-do-acervo-arqueologico-da-imperatriz-teresa> >. Acesso em: 17 fev. 2018.

WALKER, Thomas K.; BARBOSA, Agnaldo S. **Dos coronéis à metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no Século XX.** Tradução de Mariana Carla Magri. Ribeirão Preto,SP: Palavra Mágica, 2000.

ZAIDAN, Rubens. **Memórias de Monte Alegre: as histórias do *campus* da USP de Ribeirão Preto.** São Paulo: USP/CCS, 2006.

## Referências Fotográficas

Pag. 20 superior: INTERIOR OF A TURKISH CAFFINET WATERCOLOUR. In: VITORIA AND ALBERT COLLECTIONS. Londres. Inglaterra: Thomas Allom, 1838. Disponível em: <<http://collections.vam.ac.uk/item/O136488/interior-of-a-turkish-caffinet-watercolour-thomas-allom/>>. Acesso em: 18 de Abr. 2018.

Pag. 20 inferior: IN THE CAF. IN: Private art collection. Carl Friedrich H. Werner, 1871. Disponível em: <http://www.fineartlib.info/>. Acesso em: 27 de Abr. 2018.

Pag. 33: KUENSTLER IM CAFÉ GRECO IN ROM. In: HAMBURGUER KUNSTHALLE MUSEUM. Alemanha: Ludwig Passini, 1856. Disponível em: <<https://www.hamburger-kunsthalle.de/>>. Acesso em: 18 de Abr. 2018.

Pag. 54: TROPEIROS Pobres de São Paulo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61237/tropeiros-pobres-de-sao-paulo>>. Acesso em: 24 de Mar. 2018. Verbete da Enciclopédia.

Pag. 66 superior: A Redenção de Cam. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>>. Acesso em: 16 de Abr. 2018. Verbete da Enciclopédia.

Pag. 66 inferior esquerda: Negros Vendendo Galinhas e Peru. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61253/negros-vendendo-galinhas-e-peru>>. Acesso em: 24 de Mar. 2018. Verbete da Enciclopédia.

- Pag. 66 inferior direita: Habitação de negros. Rugendas, 1825.
- Pag. 89: CAFÉ . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35133/cafe>>. Acesso em: 26 de Abr. 2018. Verbete da Enciclopédia.
- Pag. 90 superior: Martinho Prado Jr na Fazenda Guatapara 1885 Martinho Prado In Memoriam pVI.
- Pag. 90 inferior: Tropas de mulas. Acervo do Museu do Café Francisco Schmidt.
- Pag. 98: Luiz Pereira Barreto. Revista Brazil Magazine, 1911.
- Pag. 105: Serraria de Gustavo Vielhaber. APHRP foto 026
- Pag. 116: Francisco Schmidt. Acervo do Museu do Café Francisco Schmidt.
- Pag. 118: Inauguração de 7 de junho de 1942. Acervo do Museu de Dumont.
- Pag. 130 superior: Edifício Diederichsen vista da cafeteria Única. APHRP foto 192.
- Pag. 130 inferior: Oficina da empresa de Diderichsen. APHRP foto 209
- Pag. 176 superior: Estação Guatapará. APHRP foto 159
- Pag. 176 inferior: BARRACÃO MOGIANA. Acervo do Museu do Café Francisco Schmidt.
- Pag. 187: Dama do café. Óleo sobre tela. Acervo do Museu do Café Francisco Schmidt.
- Pag. 188 superior: Choperia Pinguim, no Edifício Diederichsen. APHRP, foto 684
- Pag. 188 inferior: Geremia Lunardelli - “Coffee king of the world.” - “He has the biggest plantation in Brazil. North Paraná itself is the richest coffee-producing area in the world” Autor desconhecido. 1955. <Disponível em: <http://maringaparanabrasil.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 de Abr. 2018.
- Pag. 208 superior: Geremia Lunardelli, o Rei do Café, à frente de uma escultura em sua homenagem com Plínio Travassos dos Santos inauguração, em 1957. APHRP, foto 813.
- Pag. 208 inferior: Fazenda Monte Alegre, vista dos jardins, casa sede e edificações. APHRP foto 24.
- Pag. 217: Reunião na Fazenda. Acervo da Família de Quinzinho da Cunha.



João Franco de Moraes Octávio João Hoppmann João  
Miranda João Pereira da Silva João Rodrigues Guimarães  
Joaquim da Cunha Diniz Junqueira (Quinzinho da Cunha)  
Rugendas Johann Sebastian Bach John Huss John  
Castelo Branco José Antônio Saraiva José de Magalhães  
José Dias Nunes (Tião Carreiro) José Frauzino Junqueira  
Azevedo Marques José Mario Junqueira Netto José  
Prestes Júlio Verne Junot Junqueira Kahir Beg Kalcin  
Lord Byron Louis François Lecesne Lucy Luigia Miotto  
Luiz da Cunha Diniz Junqueira Luiz Pereira Barreto  
Schmidt Madame d'Orvilliers Madame de Roquefeau  
Manoel Ferraz de Campos Salles Manoel Octaviano Dantas  
Aguiar Valim Manuel de Deus (Mané de Deus) Manuel  
Marat Marcel Proust Marechal Arouche Maria Maria  
Silva Junqueira Mário Guides Marquês de Lavradio  
Teixeira Matheus Mendelssohn Menelik Menezes Menezes  
Mourgues Muhammad al-Dhabbani Napoleão Napoleão  
Nicolas-Antoine Taunay Nicolau Campos Vergueiro  
Paschoal Innechi Paulo da Silva Prado Pé de Anjo Pedro  
Pietro Baroni Pinheiro Pires do Rio Plínio Travassos  
dos Santos Prado Rainha de Sabá Ramos Reginaldo  
Robespierre Rochfeller Rodrigo Pereira Barreto Rodrigo  
de Almeida Seu João Seu Luiz Shakespeare Shirlene Siqueira  
Vieira Teodoro Teresa Cristina Theodoreto de Castro  
Junqueira) Theotônio Monteiro de Barros Thereza Pereira  
Victor Hugo Virgílio da Fonseca Nogueira Virginia  
Visconde de São Laurindo Voltaire Washington Luís

nesi João Niva João Palma Guião João Pedro da Veiga  
uim Camillo de Mattos Joaquim Candido Thevenar  
oaquim Firmino de Andrade Junqueira Johan Moritz  
ck Jorge Lobato Marcondes Machado José Alberto  
outo José de Oliveira Orlandi José Delfino Machado  
etto José Inácio Nogueira da Gama José Manuel de  
niano da Silva José Osório Siqueira Júlio César Júlio  
ontaine Laudelino de Abreu Leão X Leopoldina Liszt  
s XI Luís XVI Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão  
XIV Luiz XV Lunardelli Lutero Macedo Madalena  
ahommah G. Baquaqua Manoel de Souza Menezes  
unqueira Manoel Pereira de Souza Arouca Manuel de  
Manuel Maximiniano Junqueira Maomé Maquiavel  
erenciana Diniz Junqueira Maria Heloísa Mário da  
nho Melo e Castro Martinho Prado Júnior Martins  
gelo Miguel Pereira Barreto Modolo Monteiro Lobato  
o III Neca Necker Nego Viana Nenê Schmidt  
o Lunardelli Olinda Olympio Bondezan Omar Ozório  
Pedro Angotti Pereira Passos Pierre-Auguste Reinor  
ntos Prado Príncipe de Montbéliard Raimundo Alves  
omão Reis Araújo Renato Jardim Ricardo Lunardelli  
Alves Rossetti Rousseau Ruy Barbosa Salvador Carlos  
arvalho Silvio Penteado Sonia Ledo Stravinsky Teddy  
o Theolina Zemilda de Andrade Junqueira (Sinhá  
Thomas Edison Toscanini Van Delden Laërne Veloso  
ont Visconde de Aguiar Toledo Visconde de Ariró  
eslau Braz Yolanda Zaira Zanutin Zé da Seda Zuleica



Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-54168-00-1



9 788554 168001